Adelaide Petters Lessa

PRECOGNIÇÃO



Livraria Duas Cidades

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte,
Câmara Brasileira do Livro, SP)

Lessa, Adelaide Petters.
L222p Precognição. São Paulo, Duas Cidades, 1975.
392 p. ilust.

Originalmente, tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em 1972.

Bibliografia.

1. Precognição

75-0666 CDD-13386

Índice para catálogo sistemático:
1. Precognição: Parapsicologia 133.86

ADELAIDE PETTERS LESSA

PRECOGNIÇÃO

LIVRARIA DUAS CIDADES
1975

ADMIRAÇÃO E AGRADECIMENTO

Aos meus Amigos do Instituto de Parapsicologia, de Durham, Carolina do Norte, nos Estados Unidos,

dr. Joseph Banks Rhine
dra. Louisa E. Rhine
dr. Helmut Schmidt

por seu contínuo apoio moral e inestimável contribuição à Ciência.

Aos meus Professores do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo,

dr. Arrigo L. Angelini
dra. Maria José B. F. Aguirre
dr. Nelson Rosamilha

pela compreensão infalível e reiterado incentivo em área pouco explorada no Brasil.

Aos Professores

dr. Anibal Silveira
dr. Dante Moreira Leite

vinculados à defesa de tese, por seu espírito crítico vigoroso e sereno.

INTRODUÇÃO

MOTIVAÇÃO DO PRESENTE ESTUDO

Uma Precognição Espontânea

Universitária, ao término de meu curso de Psicologia, aos 21 anos, e infreqüente autora de versos simbólicos, acostumada a ter ao lado de meu leito sempre lápis e papel prontos, acordei, em meio à noite de 27 de outubro de 1947, em meu quarto em S. Paulo, em tal estado de poesia deslumbrada que a roupa sobre meu corpo parecia rio luminescente a escoar-se de mim. No escuro, sem acender a luz, estendi a mão para caderno e lápis, e automaticamente escrevi um poema de oito linhas, começando pelo título e datando-o em baixo, ao finalizar. De novo adormeci, como se tivesse despertado unicamente para aquele registro, sem refletir sobre o acontecido, sem análise alguma de seus símbolos e sentido.

Na manhã seguinte, reli o poema. Nunca foi preciso trocar uma só de suas palavras ou dar-lhe polimento. Nasceu perfeito. Belo, completo, lírico, satisfazia meu critério de obra de arte:

ENCONTREI A FÁBULA

Ontem, foi um touro sensível ao perfume
que me olhou nas pétalas e me disse "olé".
Incapaz de colher-me, agudamente lírico,
seguiu viagem para Santafé.

Hoje, foi um pássaro mais leve do que os outros.
Descobriu minha cauda além das nuvens
e me disse, beijando as asas tontas,
que a luz se veste atrás do sol!

Naquela época, interpretei o "ontem" e o "hoje" como referindo-se a encontros já ocorridos, o "ontem" com um jovem poeta, por correspondência, e o "hoje" com uma poetisa, querida companheira de Universidade. Para esta moça, atualmente professora de Literatura em São Paulo e autora de vários livros de poesia, copiei, na manhã seguinte, os oito versos, acrescentei uma explicação dedicando-lhe a segunda parte, e remeti-os pelo correio ao seu endereço em S. Paulo. Nem eu nem ela suspeitávamos que os versos vinham do futuro, pois seus verbos colocavam-se todos no passado. Minha amiga respondeu com uma carta, hoje perdida, e uma comunicação posterior, datada de 2 de novembro de 1947, onde mencionava a transcrição de meu poema em seu Diário. Anos mais tarde, ela devolveu-me o poema copiado por mim em 28 de outubro, dentro do mesmo envelope, carimbado em 29 de outubro pela agência postal de Vila Mariana, onde ainda reside. Estes dois documentos, guardo-os até hoje, ao longo de 28 anos, bem como duas folhas onde escrevi no escuro o poema original.

Dois meses mais tarde, logo após a colação de grau, um grupo de recém-licenciados pela Universidade de S. Paulo, voava para Santiago do Chile a fim de seguir Cursos de Verão naquela Universidade. Tendo a professora de Psicologia, dra. Noemy S. Rudolfer, desistido de acompanhar os alunos, tomei o lugar de sobra no avião. Colegas, duas das quais mais tarde doutoras e docentes da Universidade de S. Paulo, presenciariam o episódio referido no poema como o "ontem".

Em 12 de janeiro de 1948, na capital do Chile, conheci, no pensionato que abrigava os estudantes estrangeiros daquela Universidade, um jovem poeta, meu primeiro e não correspondido amor. Entre outros versos meus, traduzi a Fábula ao castelhano para que ele pudesse melhor sentir-lhe as imagens. Nenhum de nós dois relacionou, então, o poema com nossas vidas. Àquela altura, eu interpretava Santafé como o símbolo poético, místico ou metafísico, de um mundo superior, ideal cidade, algo como "A Cidade de Deus" de Santo Agostinho ou "A Cidade do Sol" de Campanella. Entretanto, Santafé era uma cidade objetiva, na Argentina, onde este poeta nascera, publicara seus primeiros versos, estudava e vivia. Fernando era seu nome e, só meses mais tarde, entendi as insinuações do poema precognitivo: um touro que me disse "olé" à espanhola, Fernando-Ferdinando, touro Ferdinando nas campinas da Espanha, Espanha-Argentina, a língua castelhana, a famosa estorieta de Munro

Leaf sobre o touro que se embriaga com o perfume das flores, e contudo não as colhe. Seria este touro, hoje, uma outra testemunha da veracidade e da confirmação da primeira parte do meu poema precognitivo, não houvesse o "noivado à distância" cumprido, à risca e à minha revelia, o destino marcado nos versos.

A solidão durou 23 anos. No extenso e, por vezes, angustiante decurso do tempo, mantinha-se irrevelada a segunda parte da profecia. Refletindo sobre minha espontânea Precognição, observei que só possuía os símbolos para me guiar. Não tivera um sonho propriamente, com datas fixas, e a visão de rostos ou lugares que eu pudesse identificar em hora aprazada. Não podia reconhecê-los materialmente. Um transporte se dera no tempo, ou uma anulação temporal? Eu só trouxera de volta o amor-essência de duas experiências líricas, como alfa e ômega de uma existência de sensitiva, flor de asas incubadas. Teria o sonho se apagado com o despertar consciente, deixando-me com a síntese artística de minha vida sentimental? Ou teria eu me dilatado num estado de super-consciência, intemporal, luminosíssimo, muito além do inconsciente mais profundo, devendo no regresso passar de novo pelo inconsciente e ali deixar as vestes materiais da visão, trazendo para a consciência apenas traços psicológicos de acontecimentos do porvir?

Forcei a segunda parte da profecia a acontecer, esporádica e inutilmente, até que a descrença se instalou em meu ânimo, a desconfiança de que o "ontem" fora "mera coincidência". nunca publicado, o poema foi afinal esquecido, outros objetivos e realizações preenchendo-me a vida.

Em época anterior à descrença, deparei com o fascinante livro da dra. Rhine, "Canais Ocultos do Espírito" e o li com avidez para constatar que uma ciência, a Parapsicologia, começava a dar atenção a intuições desabrochadas em gente como eu, que não tivera os lábios queimados pelos serafins, como Isaías. Quando, em 1970, de retorno à Universidade de minha juventude, me dispus a empreender estudos mais avançados, foi-me permitido explorar, sujeita à disciplina científica, essa área na fímbria do insólito.

Recorri, então, à autoridade — e devo acrescentar, à sabedoria — do dr. Rhine, no Instituto de Parapsicologia, em Durham, nos Estados Unidos para receber orientação bibliográfica e metodológica. Sua compreensão, sua generosidade, seu entusiasmo e seu conselho honram e cativam quem busca seu

reduto aberto, mestre de mineração que introduziu sua lanterna segura por túneis inescavados do ainda incógnito espírito humano. Por sugestão desse patriarca admirável, estagiei 40 dias em sua Fundação para a Pesquisa da Natureza do Homem, em 1971, a expensas minhas. Ao me receber pela primeira vez, em sua sala de trabalho, ele apontou para um quadro na parede à sua direita, uma fotoampliação de cumes de montanha cobertos de neve, varando nuvens — e me disse: "Difícil é a subida; mas, ao chegar ao alto, a visão que se descortina é vastíssima. Este é o rumo da Parapsicologia".

E lá, na cidadezinha que me recebeu com o véu de noiva de uma tempestade de neve, junto ao campus da Universidade de Duke, sob árvores revestidas de gelo de onde saltavam esquilos inquietos para as calçadas, numa biblioteca aquecida para o estudo e os relatos experimentais de seus pesquisadores, deu-se o encontro, recente, com o "pássaro mais leve". Ou reencontro. Nunca revelei os termos do poema a qualquer um naquela instituição, nem mesmo ao pesquisador com quem me casei, em tempo fulminante, tal a similitude de gostos, interesses e aspirações.

Menino criado no campo, com um amor visceral pela Natureza, ele reproduz com perfeição qualquer voz de pássaro e estes, enganados, lhe respondem, repetidamente, como se homem e ave se entendessem em idioma extra-terreno. Um poema seu, "Minha Senhora das Nuvens" e uma pintura sua, a mim dedicados, confirmam símbolos antevistos na Fábula. O quadro, em tinta acrílica, lembra uma composição de Chagall: um pássaro em azul e prata levanta vôo de um prado, levando atrás de si uma segunda cauda, de multicoloridas flores semelhantes a cristais de neve irisados, contra um poente rubro, em direção a uma estrela, a Vênus Vespertina. Símbolo da alma é o pássaro. Em Durham, pesados pássaros, nascidos sem canto, eram meus despertadores pela manhã aos gritos estridentes de Lee, Lee, Lee — nome do "pássaro mais leve" que significa abrigo, prado e luz. Na fotografia do aparelho eletrônico usado na pesquisa brasileira pode-se distinguir o símbolo do sol alquímico que ele desenha em tudo quanto usa. A frase final do poema foi dita por ele, numa tarde de 1971, contemplando o sol, de costas para o mar de S. Vicente, já no Brasil. Apesar da menção ao sol e à luz, seu sentido final ainda me é obscuro. Roupagem poética de tremendo choque emocional, de súbito e doloroso desapego, a Fábula parece apontar-me a derradeira transcendência, a da luz do homem pela luz de Deus.

Solicitada, como fui, pelo dr. Arrigo Angelini, diretor do Instituto de Psicologia da Universidade de S. Paulo, a desentranhar, do solo da arte, a raiz motivadora de meu estudo científico, publico, pela primeira vez, este poema precognitivo, invulgar na poesia e na ciência. Depoimento raro, porque nele há duas profecias, com longo prazo de tempo decorrido entre a primeira e a segunda confirmação; raro, porque envolve duas viagens ao estrangeiro, tendo havido outras de permeio sem que a segunda profecia nestas se concretizasse; raro, porque duas vezes se repete uma separação dilacerante; raro, porque a Precognição se manifestou em acabada forma artística, lírica e simbólica. Contribuição inédita ao estudo da Precognição espontânea, é mais um documento humano tinto de júbilo, amargura e deslumbramento, como tantos outros pregnósticos.

PROPÓSITOS DESTE TRABALHO

Dois propósitos, que se podem resumir num só — doação ao mundo — sustentaram seu esboço e cumprimento:

1.º Obra que trate exclusivamente da Pregnose nunca se escreveu no Brasil. Das estrangeiras, as antigas interpretaram sua época, e as recentes, para atender ao mercado consumidor, divulgam os aspectos mais sensacionais da Precognição, evitando os escolhos de sua pesquisa em laboratório. Em livros e revistas especializadas, estrangeiras (só obtidas por assinatura e inexistentes até mesmo em nossas bibliotecas universitárias), encontram-se, esparsas, referências e críticas ao trabalho sobre a Premonição desenvolvido por pesquisadores sérios, de mistura com casos espontâneos, relatos experimentais e teorias referentes a outros fenômenos de percepção extra-sensorial, telepáticos, clarividentes e psiconéticos. Nunca esse valioso material já acumulado sobre a Precognição, foi reunido em um só volume, de modo a abranger a casuística espontânea e sua análise, os experimentos-marcos que já delineiam uma "História de Precognição em laboratório" e as tacteantes hipóteses que se esforçam por vencer a perplexidade de todos diante do arredio e estonteante fenômeno precognitivo.

Na ausência de uma abordagem, em nível universitário, do problema da Precognição, propus-me a enfrentá-la, com impessoalidade, atualizando-a sobretudo em seus aspectos experimentais e teóricos, documentando-a cuidadosamente, registrando a cada passo as referências bibliográficas. Por falta de tempo e recursos, não esgotei a literatura especializada existente no estrangeiro. Para maior enriquecimento deste volume, seria preciso a consulta à bibliotecas de instituições especializadas fora do país. Mas, tal como se apresenta, é um livro didático, contribuição ao exame da Prognose; penso que contém suficiente material para estimular o universitário brasileiro a refletir e a inaugurar-se na pesquisa e, com boas intenções, a *inovar* em Parapsicologia.

Por impessoalidade significo que, excluído o relato de meu sonho-poema precognitivo, nenhuma atitude pessoal, doutrinária ou polêmica, vicia este trabalho. A Precognição não aparece aqui a serviço de igrejas, dogmas ou crenças.

2.º Obras de Rhine e Soal, dentre os pesquisadores estrangeiros, acham-se vertidas ao português, mas desconheço experimentos brasileiros sobre a Precognição, publicados, se é que alguma vez foram realizados em nosso meio. Dispondo, durante cinco meses, de um aparelho eletrônico emprestado pelo dr. Schmidt, iniciei um experimento por onde todos iniciam: averiguando a existência da Precognição em grupos e sujeitos brasileiros, com resultado francamente animador. Outros o dirão parco. Um "engano patético de princípios", afirmou Soal, matemático inglês, é "confundir o tamanho de uma amostra com o valor dos resultados". Em 11.378 tentativas de Precognição (+1) com Shackleton, o dr. Soal encontrou uma probabilidade astronômica, inferior a 10^{35}. Salientou ele: "O *número* de tentativas nada tem a ver com o *valor* do resultado".

Observou, certa vez, Rhine: "A Parapsicologia não convém a indivíduos apressados. Alguns corações menos fortes que se aventuram neste campo difícil desanimam ao verificarem que, após o que lhes parece longo período, ainda não conseguimos controlar estes fenômenos caprichosos, vendo-nos forçados a prendê-los na rede de arrasto da estatística".

Os testes com sujeitos brasileiros são, da planície, mais um pequenino passo experimental na ascensão ao pico nevado donde se descortina a esfericidade do cosmos e do homem.

PLANO

Sob o impulso de doação ao mundo, o plano do trabalho esboçou-se, lógica e cronologicamente, do Conceito de Precognição à análise dos Fenômenos Espontâneos, e destes aos Experimentais, com Teorias explanatórias por remate. Se a fenomenologia espontânea exerce enorme atração sobre o leitor com ou sem vivência precognitiva, os experimentos em laboratórios arredam-no, pelo que implicam de "precauções complicadas", de "atmosfera constrangida", de "tropeços", no dizer de *Rhine*; de paciência, de monotonia e de bocejo, de etapas obrigatórias minuciosas e de áridos cálculos estatísticos. A pérola que o experimentador traz de sua imersão em águas hostis tem um valor objetivo para a ciência, mas o subjetivo, o valor de devoção, persistência e triunfo, é, seu apenas, incomparável.

No capítulo das Teorias, em virtude do recente nascimento da Parapsicologia como ciência, será prematuro esperar por um consenso. Talvez a explicação se oculte onde só agora se principia a introduzir o controle experimental: nos fenômenos da mística, naqueles estados de superconsciência em que, na expressão de Eckhart, "se é transportado a uma luz que é a própria Divindade", resultando que "o meu olho e o olho de Deus são um só e o mesmo olho". Para atingir os supremos níveis de consciência crísticos e búdicos, o excomungado dominicano, fundador da mística germânica, predicava: "Metei-vos na liberdade da natureza humana indivisa" onde "não há tempo nem espaço, mas um esplendor indescritível".

São Paulo, 1975.

PARA ALÉM DO LIMBO

A Parapsicologia emergiu como ciência do limbo da superstição e do folclore. Desenvolveu compatibilidade de pesquisa com o corpo da ciência ortodoxa. Atribuiu-se esta mudança a três influências recentes maiores: 1.º — o advento de testes rigorosos em laboratório, particularmente o trabalho de Rhine; 2.º — a mudança no clima científico desde que o Princípio da Incerteza, de Heisenberg, a Mecânica dos Quanta e conceitos correlatos estremeceram os fundamentos do positivismo estreito; 3.º — o crescente número de relatórios de incidentes telepáticos e precognitivos na literatura psicanalítica e clínica.

Em 1969, avaliando a importantíssima contribuição experimental de Rhine, no Laboratório da Universidade de Duke, Thouless, professor emérito da Universidade de Cambridge, surpreendeu-se com o número de características dos fenômenos parapsicológicos, corretamente identificadas logo nos primeiros anos, tais como os efeitos de posição e de deslocamento, o erro sistemático significante, a inibição temporária pela presença de testemunhas, o declínio cronológico, etc. Desde então, jamais cessaram os experimentos, tanto para confirmar esses e outros aspectos da natureza inconsciente de psi, como para descobrir novos fatos a seu respeito. Certamente, ainda existem muitos enigmas a resolver, dependentes de maior avanço tecnológico.

Em 1962, T. S. Kuhn publicou a obra "A Estrutura das Revoluções Científicas" onde, embora não mencionasse a Parapsicologia, fez um luminoso relatório sobre a situação em que se encontra o desenvolvimento científico. Com grande conhecimento da História da Ciência, ele argumentou que resultados experimentais inesperados e inexplicáveis favorecem o avanço no campo teórico. Ele chamou de "revoluções" as "viradas" no desenvolvimento científico, de que são exemplos a passagem da cosmologia de Ptolomeu à de Copérnico, da teoria criacionista à evolucionista de Darwin, da dinâmica de Newton à de Einstein, etc. Kuhn chamou de "anomalias" às expectativas que malogram

perante um sistema de idéias aceito, como o fracasso do experimento de Michelson-Morley em detectar o movimento da Terra através do éter. Tendem os cientistas a não tomar conhecimento das "anomalias" até que a realidade delas, obtenha confirmação pela pesquisa de vanguarda; registra-se um estado de tensão que dá origem a uma revolução científica, ou seja, abandona-se o velho sistema explicativo e adota-se um novo; na terminologia de Kuhn, substitui-se o velho "paradigma".

Thouless tranpôs o quadro de Kuhn para a psicologia, onde surgem, como "anomalias" a Precognição, a psicocinese, a telepatia e a clarividência, fenômenos de percepção extra-sensorial. A violenta oposição aos resultados obtidos pelos parapsicólogos experimentais mostra quanto são estas "anomalias" inesperadas para o psicólogo comum enquadrado num sistema que não acomoda tais fenômenos.

"Não se infira", disse Thouless, "que a tarefa da Parapsicologia seja a busca imediata de um novo paradigma; antes, urge tornar mais exato o conhecimento destes fenômenos, o que possivelmente demandará ainda muito tempo, pois as dificuldades de pesquisa neste campo são maiores que nas ciências físicas. A forma do futuro paradigma espera por um indivíduo como Darwin, Newton ou Einstein, aquele que avance um novo sistema explicativo. Não sejamos tentados a acreditar que esse Einstein em potencial da Parapsicologia seja um de nós; apenas lhe preparamos o caminho......".

O caso espontâneo tem seu papel no desenvolvimento de qualquer ciência. O próprio Rhine sugeriu em 1948, que tais casos não fossem tomados nem como provas nem como meios de estabelecer teorias sobre a natureza do fenômeno parapsíquico. Milhares de casos espontâneos foram analisados pela dra. Rhine como sugestivos de hipóteses que viessem a ser úteis à área experimental. Em período mais recente, Stevenson fez uso frutífero do material espontâneo numa área em que era difícil imaginar-se a aplicação de métodos experimentais, ao estudar casos sugeridores de reencarnação.

Em 1940, Edgar Cayce profetizou o reaparecimento do perdido continente da Atlântida. Pouca publicidade se deu ao que parece a confirmação de sua profecia em 1960. Allen Spraggett remediou esta falta, relatando uma entrevista feita em 1972 com Manson Valentine. Curador honorário do Museu de Ciência de Miami, o dr. Valentine não só possui fotografias de um local nas Bahamas, tanto aéreas quanto subaquáticas, mostrando uma estrutura submersa, como também possui grandes amostras de pedras retiradas da área. Outras fontes parecem concordar em que existem, de fato, vestígios de uma antiga civilização, como disse Cayce — "sob o limo milenar das águas oceânicas — perto do que se conhece como Bimini".

O experimentador moderno não despreza o caso espontâneo, nem é incapaz de reconhecer sua utilidade como auxiliar da pesquisa parapsíquica; em vez de perguntar-se de saída — "Como explicar o fato alegado?" ou "Como ter certeza de que é verdade?", ele indaga — "Que experimentos este caso espontâneo sugere como meios de testar a explicação que parece indicar?".

Os primeiros experimentos em laboratório buscavam prova maciça da realidade de psi. A pesquisa dirigia-se à demonstração cada vez mais convincente de ocorrência precognitiva, clarividente, ou telepática. Gradualmente, encerrou-se o período de multiplicar provas de sua *existência*, para inaugurar o de concentrar-se em conhecer melhor sua *natureza* e *condições de ocorrência*.

"Repete-se muito que os *experimentos* em Parapsicologia *não são repetíveis* (e até se exagera o valor de semelhante afirmação). Despreza-se, porém, o fato de que os *achados* fundamentais em Parapsicologia estão sendo constantemente *confirmados pela repetição*. É mais convincente a repetição dos resultados no *conjunto* dos experimentos que a repetição do mesmo experimento", ensinou Thouless.

Kuhn, na obra citada, referiu-se à pesquisa como "atividade de resolver quebra-cabeças". A história dos últimos 40 anos de Parapsicologia mostra claramente que esta ciência é um tipo particularmente arreliante de quebra-cabeça, para cuja solução ainda se abre um extenso caminho a percorrer.

O percurso não é espetacular em todos os seus trechos. Há etapas em que, em vez de resultados sensacionais, amadurece o pensamento organizador e estimativo dos trechos já palmilhados. Multiplicam-se os centros de pesquisa: nas Universidades dos Estados Unidos (numerosas), do Canadá (Montreal), da Inglaterra (Londres, Oxford, Cambridge), da Escócia (Edimburgh), da França (Sorbonne), da Holanda (Utrecht), da Alemanha (Freiburg), da África do Sul (Johannesburg), da Índia (Andhra e Jaipur). Pesquisadores independentes trabalham na Austrália, Islândia, Noruega, Suécia, Suíça, Checoslováquia, Israel, Grécia, Turquia; e no Brasil, Argentina, Chile e Uruguai.

Nos Estados Unidos, instalam-se centros sob a direção de psiquiatras: Maimônides Hospital, em Brooklyn; Departamento de Psiquiatria da Universidade de Virgínia; e Instituto Neuropsiquiátrico da Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Outros, com orientação técnica ou física, situam-se na Faculdade de Engenharia, em Newark, Nova Jersey; Departamento de Biofísica da Universidade de Pittsburgh; Laboratório de Pesquisa da Boeing, em Seattle; Departamento de Biologia da Faculdade S. José, em Filadélfia. Na Rússia, um centro localiza-se no Departamento de Fisiologia, da Universidade de Leningrado; na França, no Departamento de Psicofisiologia, em Strasbourg; no Japão, na Academia Japonesa de Defesa.

Em 1893, a Universidade de Montpellier concedeu o primeiro doutoramento em medicina obtido com uma tese parapsicológica. No século 20, os primeiros doutoramentos em pesquisas parapsíquicas foram conferidos pela Universidade de Duke (E.U.), de Bonn (Alemanha) e de Utrecht (Holanda), em 1933. Depois, universidades americanas e européias aprovaram experimentos de Parapsicologia em teses de doutoramento.

Em 1937, fundou-se a primeira Revista especializada, *The Journal of Parapsychology*. O primeiro *Congresso Internacional* realizou-se na Holanda em 1953, sob o patrocínio da Universidade de Utrecht, da Fundação de Parapsicologia de Nova York, e do Ministério da Educação dos Países Baixos. A Fundação para a Pesquisa da Natureza do Homem, sucessora do Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke, foi organizada em 1962, sob a direção do dr. Rhine.

Uma das características atuais da pesquisa em Parapsicologia é o labor cooperativo de grupos que reúnem elementos de diferente formação científica, usando talento e conhecimento não exclusivamente psicológico. Alguns estão na área da fisiologia, trabalhando com animais e plantas; outros, vêm dos hospitais psiquiátricos, peritos na manipulação do eletroencefalógrafo e de drogas psicotrópicas; outros ainda, se deslocaram na área da estatística, trazendo novas fórmulas para a análise de dados; os físicos, ofertam a contribuição da eletrônica e dos computadores.

As escolas têm fornecido o maior número de sujeitos até agora testados em Parapsicologia. A atitude dos parapsicólogos, como classe, mudou em relação aos seus programas porque se renovou quanto aos níveis de aspiração — eles já não têm receio de "avançar muito longe", ou de tentar, corajosamente, o que

ainda ninguém tentou. Exemplo dessa atitude de vanguarda em Parapsicologia é a invenção de um aparelho eletrônico por um físico, o dr. Helmut Schmidt, para testar a PC de processos quânticos.

Entre 1900 e 1927, desenvolveram-se dois grandes sistemas teóricos em Física, explicativos de fenômenos detectados na invisibilidade do átomo e no infinito do espaço galáctico: a Teoria dos Quanta, que trata das unidades fundamentais de matéria e energia; e a Teoria da Relatividade, que trata do espaço, do tempo e da estrutura do universo em sua totalidade.

Continua a ser um grande mistério da natureza o mecanismo pelo qual o átomo irradia luz e pelo qual esta se propaga através do espaço. Igualmente, as leis que regem a radioatividade permitem que o cientista *preveja* qual o número de átomos que se desintegrarão numa certa quantidade de urânio, ao fim de determinado tempo, mas ainda não se sabe quais dentre os átomos se desintegrarão, nem como serão eles escolhidos pela natureza para se desintegrarem.

Para Einstein, como para Berkeley e Kant, espaço e tempo são meras formas de intuição. O espaço não tem realidade objetiva a não ser como ordem ou arranjo dos objetos que nele percebemos e *o tempo não tem existência própria*, fora da ordem dos eventos pelo qual o medimos.

A Teoria Quântica, lançada por Planck em 1900, fundamenta-se na idéia de que a energia radiante não é emitida em fluxo contínuo, mas em porções descontínuas que receberam o nome de quanta; em 1905, Einstein aplicou essa teoria ao domínio da luz, imaginando-a composta de partículas descontínuas que ele chamou de fótons, contradizendo a venerável teoria de que a luz é formada de ondas.

Em 1925, o físico francês Louis de Broglie, considerando os fenômenos de interação de matéria e radiação, concebeu os elétrons como um sistema de ondas; pouco depois, um físico vienense, Schroedinger, explicou os fenômenos dos quanta, atribuindo aos prótons e elétrons as funções específicas das ondas. Em 1927, dois físicos americanos, Davisson e Germer, provaram experimentalmente o sistema ondulatório de Schroedinger, recebendo por isso o Prêmio Nobel.

O átomo clássico, esférico, miniatura do sistema solar, e o elétron como esfera maciça e elástica, desapareceram. O átomo passou a ser encarado como um sistema de ondas superpostas, e o elétron, uma carga ondulatória de energia elétrica.

Entre as partículas ou fótons de Einstein e as ondas de De Broglie e Schroedinger, a Física se viu ante um paradoxo. A característica dúplice da luz não é mais que uma afirmação da *maya* hindu: aparência, ambigüidade, ilusão, o mundo material não existe. A matéria morreu, perdeu sua realidade para a energia cambiante.

O abismo entre ondas e fótons foi transposto por dois físicos alemães, Heisenberg e Born, que descreveram os fenômenos quânticos tanto em termos de ondas quanto de partículas. Ao físico, disseram eles, pouco importam as propriedades de um único elétron, pois no laboratório ele trabalha com feixes ou chuvas de elétrons, cada qual com bilhões de partículas individuais ou de ondas. O físico tem de ocupar-se com comportamentos em massa, com a estatística, com as leis do acaso e das probabilidades. Sejam ondas ou partículas, os elétrons, em massa, podem ser representados de um jeito ou de outro. Se o cientista realiza dois experimentos e um parece revelar que a luz é feita de fótons, enquanto o segundo experimento sugere que ela é feita de ondas, ele deve aceitar ambos os resultados, como complementares e não como contraditórios.

Em todos os fenômenos do universo existe uma indeterminação, que nem mesmo os maiores aperfeiçoamentos de medida e observação poderão dissipar. O elemento de capricho no comportamento eletrônico não pode ser atribuído à imperfeição dos instrumentos humanos; nasce da natureza das coisas, afirmou Heisenberg em 1927.

O elétron individual é uma sombra, tão indeterminado como o vento ou uma onda sonora na noite. Só poderia ser visível se iluminado pelos raios gama, do radium. Mas o microscópio-gama, se inventado, seria inútil porque o choque de um raio gama para iluminar um elétron a fim de torná-lo visível, resultaria desastroso, abalando-o com violência maior que os Raios-X. *Localizar um elétron será impossível.* O físico só pode representar a posição *provável* de um na massa de elétrons. Essa indeterminação não é sinal de imaturidade científica do homem, mas indica que este atingiu uma barreira extrema da natureza.

O Princípio da Incerteza afirma ser *absolutamente e para sempre impossível* determinar ao mesmo tempo a posição e a velocidade de um elétron. A Física Quântica derruba os dois pilares da velha ciência — a causalidade e o determinismo. Agindo em termos de probabilidade e estatística, ela abandona a idéia de que a natureza exiba uma seqüência inexorável de causa e efeito. Os acontecimentos físicos são indeterminados e *o futuro é*

imprevisível. As equações da Física Quântica definem rigorosamente fenômenos fundamentais que ficam *além dos limites da visão.*

A Teoria da Relatividade afirma que *não podemos predizer* os fenômenos que acompanham as grandes velocidades eletrônicas e siderais.

A Parapsicologia, através da Precognição, coloca para a Física Quântica um novo problema — se a emissão e posição de um elétron é incerteza e acaso, como se explica que a mente humana *preveja,* com significante margem de acerto um fenômeno que fica além dos limites da visão — elétrons emitidos do estrôncio-90 que penetram a superfície de um interruptor ou chegam a ela e voltam refletidos, a velocidades vertiginosas? Coloca ainda, para a Psicologia e a Ciência em geral, um problema de primaz importância — que poderes tem, exatamente, esse componente não corporal que *está* no corpo, e abandona o corpo, e *é* o homem?

Mais de uma vez, Einstein manifestou a esperança de que o método estatístico da Física Quântica não passe de recurso temporário na jornada que nos leva ao conhecimento último. "Não posso acreditar", disse ele, "que Deus jogue dados com o mundo".

"Prepare-se para uma dose do incrível", prevenia o dr. Rhine, antes de discorrer sobre as aplicações da Precognição, quando esta puder ser sujeita ao controle humano.

Supondo que alguns indivíduos fossem capazes de desenvolver controle consciente dessa aptidão, transformariam em breve o mundo das relações humanas. Assestariam um holofote sobre todos os segredos do homem e da natureza. Não haveria barreiras de distância e tempo, não se conheceriam, de imediato, medidas defensivas contra essa penetração parapsíquica. Se a mente, limitada como é hoje, pode avançar meses e anos à sua frente, o que a impediria de avançar séculos e obter conhecimento oculto em qualquer lugar e tempo do cosmos? Teria ciência de tudo: onisciência divina.

As conseqüências seriam fantásticas. Seria possível antever e revelar projetos insidiosos entre os homens e planos de guerra entre as nações. Qualquer arma secreta ou plano estratégico seria antevisto e não haveria ataques de surpresa.

Dificilmente poderiam existir o crime, o suborno, a injustiça, a explosão e o rapto, se as conspirações obscuras dos maus fossem patenteadas com antecedência à luz meridiana. Não seria possível o abuso de poder e a produção de inventos maléficos.

A ciência atingiria uma extensão da percepção, mais penetrante que todos os instrumentos até agora criados. Nenhuma doença oculta, nenhuma epidemia ameaçadora, nenhuma fonte obscura de perigo para a humanidade poderia esconder-se da Precognição. Seria possível prever a depressão econômica, os cataclismas, a fome, o suicídio, a morte por acidente ou doença.

Rhine anteviu o controle da Precognição como revolução ética para o mundo moralmente confuso. A crueldade do homem para o homem desapareceria e, em seu lugar, viveríamos em respeito mútuo, compreensão e harmonia fraternal.

1.ª Parte – CONCEITO DE PRECOGNIÇÃO

Tremeluzente janela introspectiva

J. B. Rhine

1. Significado. Termos Equivalentes

Precognição significa *conhecimento prévio*. Sinônimo usual na literatura parapsicológica, *premonição* tem o sentido de advertência, fato a tomar como aviso, prevenção. Termos equivalentes, conforme o caso, a substituem: *adivinhação, antevisão, palpite, paragnose, predição, prenúncio, presciência, presságio, pressentimento, previsão, profecia, prognóstico, vaticínio, dom divinatório, pregnose*. Neste trabalho, sua sigla é PC.

O termo que Myers empregou para caracterizar o pré-conhecimento é provocante — *Promnésia* ou *Memória Antecipada*.

2. Capacidade humana ou divina?

"Profecia natural", "instinto profético", "dom divinatório" eram expressões conhecidas de Platão e de Aristóteles. Todos os gregos consultavam oráculos para ouvir das pitonisas mensagens sobre o futuro e sabiam que os adivinhos exerciam sua função em estado anormal provocado durante cerimônias esotéricas.

Na clássica tragédia de Sófocles, ao nascer Édipo, filho de Laio e Jocasta, reis de Tebas, o oráculo prognosticou que ele mataria seu pai e casar-se-ia com sua própria mãe. Para impedir a desgraça, seu pai lhe ordenou a morte, fora da cidade, mas a criança foi salva por um pastor e adotada por Políbio, rei de Corinto, que o educou como príncipe. Crescido, Édipo consultou o oráculo e, ao saber que mataria o pai, abandonou Políbio e exilou-se voluntariamente. No percurso, discutiu com um envelhecido viajante e o acabou matando — era Laio, seu legítimo pai. Pouco depois, como prêmio por haver decifrado

o mistério da Esfinge, casou-se com Jocasta e teve filhos com sua própria mãe. O oráculo continuou a prever-lhe desgraças. Reconhecido pelo pastor de sua infância, Édipo conheceu toda a verdade. Jocasta suicidou-se e Édipo perfurou os olhos, porque fora incapaz de ver. E de Tebas se afastou, Rei cego conduzido por sua filha-irmã. Falharam todas as tentativas de abortar a fatídica predição de parricídio e de incesto.

"A alma tem o dom de profetizar" ensinava Platão a Fedro. "Obtemos grandes bens de uma loucura que seja inspirada pelos deuses. A profetisa de Delfos e as sacerdotisas de Dodona, em estado de delírio, prestam grandes serviços aos homens e aos estados da Grécia. Em seus momentos lúcidos praticam atos triviais, ou nada fazem. Seria supérfluo dizer que a Sibila e outros adivinhos, agindo sob inspiração divina e predizendo o futuro, corrigiram muitas coisas... Os antigos, inventores dos nomes das coisas, não consideravam a loucura como desprezível ou desonesta. Deram eles à arte de prever o futuro o nome de *manikè*, mania, considerando-a como uma dádiva dos deuses, um bem. Os contemporâneos, que não entendem a beleza das palavras, introduziram despropositadamente, nesta, um *t*, transformando-a em *mantikè*, a arte divinatória. Ao contrário, a investigação do futuro feita por homens não inspirados, os que observam o vôo dos pássaros e outros sinais, é a *oionoistike*... o dom da profecia (manikè) suplanta em perfeição e em dignidade a arte dos augurios (oionoistikè)... assim como o delírio que precede dos deuses é mais nobre que a sabedoria oriunda dos homens".

Aristóteles encarava o dom divinatório como capacidade inata da mente humana e não como produto da atividade divina.

Era crença entre os hebreus que Deus intervinha nos sonhos dos homens para dar-lhes a conhecer a Sua vontade.

"Então disse Faraó a José: Eis que em meu sonho estava eu de pé na praia do rio; subiam do rio sete vacas, de carne gorda e formosas à vista, e pastavam no prado. Outras sete subiam após, muito feias e magras; não vi em toda a terra do Egito outras iguais em fealdade. As magras e feias comiam as primeiras sete de carne gorda, mas não se conhecia que se houvessem nutrido dessas entranhas, porque a sua aparência era feia como de início. Então acordei". "Depois vi em sonho que de um mesmo pé subiam sete espigas cheias e boas; e sete secas, miúdas e queimadas pelo vento oriental, brotavam após elas. As sete miúdas devoravam as sete espigas boas". "Contei-o aos magos mas ninguém houve que o interpretasse".

José, prisioneiro hebreu, disse ao Faraó: "O que Deus há de fazer, notificou-o a Faraó". E passou a interpretar o sonho: vacas formosas e espigas cheias simbolizavam sete anos de fartura e, ao contrário, vacas magras e espigas miúdas, sete anos de seca e fome gravíssima, que o povo do Egito conheceria a seguir. "E que sonho foi duplicado duas vezes a Faraó, é porque esta coisa é determinada por Deus, e Deus se apressa em fazê-la". Cumpriu-se o recorrente sonho precognitivo.

Segundo Isaías, Deus assinalava o profeta: "Pus o meu espírito sobre ele". Para o exercício profético, Isaías se disse purificado durante uma visão do trono de Deus: "Um dos serafins voou para mim trazendo na sua mão uma brasa viva que tirara do altar com uma tenaz e com ela tocou a minha boca". Entre as suas muitas profecias, registrou-se uma, célebre, com antecedência de séculos: "O mesmo Senhor vos dará um sinal: eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho... "Ele foi oprimido, mas não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro e como a ovelha muda perante seus tosquiadores, ele não abriu a boca".

Ao profeta Daniel, "Deus deu entendimento em toda visão e sonho". Antes de interpretar um sonho precognitivo de Nabucodonosor, disse ele ao rei babilônico que então conquistara Jerusalém: "O mistério que o rei quer desvendar, nem sábios, nem astrólogos, nem magos, nem adivinhos o podem descobrir. Mas há um Deus no céu que o pode, o qual revela os segredos, e fez saber ao rei Nabucodonosor as coisas que devem acontecer por último".

Segundo Daniel, também ele recebera o dom profético ouvindo a voz de Deus "Como orasse de todo o coração... e me prosternasse diante de Deus, eis que (o arcanjo) Gabriel, que eu vira em visão desde o início, veio a mim, tocou-me na hora do sacrifício vespertino e dando-me inteligência, disse-me: Daniel, eu vim para tornar-vos acessível o conhecimento das coisas".

As profecias de Daniel também abrangeram séculos: "Haverá ainda (depois de Ciro, sob o qual isto ainda se passava), três reis da Pérsia (Cambises, Smerdis e Dario) e o quarto, que virá em seguida (Xerxes) será mais poderoso em riqueza e força e erguerá todos os seus povos contra os gregos. Mas surgirá um poderoso rei (Alexandre) cujo império terá enorme extensão... e o sucessor que reinar no sul (Egito, Ptolomeu) será poderoso; mas outro o dominará e seu Estado será grande (Seleuco, rei da Síria). E com o correr dos anos

aliar-se-ão: a filha do rei do sul (Berenice) virá ao rei do norte (Antíoco II, da Síria)... ela, seus filhos e amigos serão mortos (Berenice e seu filho foram assassinados por Seleuco Calínico)..." Combates, casamento, apostasias, assassinatos, tiranias, a finura de Cleópatra, as conquistas de Cipião, o Africano, o futuro, Daniel o descortinou até um prazo de "setenta semanas" hebráicas, "até o príncipe Messias", "depois de um tempo, de tempos e de metade de um tempo", equivalente a séculos na avaliação de Pascal.

O sonho de Calpurnia na noite que antecedeu ao assassinato de César é outro exemplo de experiência premonitória espontânea na Antigüidade: Calpurnia viu a estátua de seu marido jorrando sangue, um sonho precognitivo de significado tão óbvio que nenhuma interpretação exigia.

Em tempos e lugares diferentes, sob conceitos diferentes — de "profecia natural" ou "profecia sobrenatural" — o desvendar do futuro pelo homem ou através do homem, a PC registrou-se continuamente na História da espécie e de sua cultura.

Em fins da Idade Média, o editor parisiense Flamel (1330-1417) teve uma experiência precognitiva com visos de prodígio. Relata-a Burland, em "A Arte dos Alquimistas": "A introdução de Nicolas Flamel à alquimia deu-se através de um sonho arquetípico, que também se qualificou como avanço no tempo. A visão de um anjo segurando um livro estranho com caracteres irreconhecíveis, foi insinuação clara de crise iminente e de transformações. A promessa de que ele mais tarde compreenderia o livro pareceu-lhe estranha, uma vez que ele não tinha qualquer idéia do que fosse, e a visão simplesmente partiu, num clarão de luz, o qual, por si só, já constituiu uma rara experiência de avanço psicológico. Poucos dias depois, Flamel viu aquele mesmo livro oferecido à venda em Paris. Estava encadernado em folhas de cobre e as páginas eram de uma casca de árvore muito grossa (provavelmente papiro) com um desenho de sete em sete páginas. As letras tinham sido desenhadas com um estilete, em latim. Assim, em 1357 Flamel entrou na posse do "Livro de Abraão, o Judeu", do qual tivera recentemente uma antevisão". "Os comentários de Flamel levam a pensar que ele estivesse lidando com uma das obras da comunidade judaica em Alexandria no primeiro século depois de Cristo". "Flamel estava tão intrigado com o acontecimento que ficou doente. Sua esposa veio a saber do problema e, prática como sempre, persuadiu-o a buscar conselho".

"No século 13, São Tomás de Aquino, em sua discussão do instinto profético, observou que ele não era necessariamente miraculoso. Seu contemporâneo, Santo Alberto Magno, julgava-o mais comum a mulheres que a homens. 500 anos depois, Prospero Lambertini, ao escrever seu longo, culto e cuidadoso estudo "De Canonizatione" distinguiu entre o miraculoso e o parapsicológico e reconheceu o último como ocorrendo entre homens e animais (inclusive insetos e peixes). Afirmou que a profecia natural entre os homens parecia emergir mais freqüentemente durante o sono que em vigília, e que era rara entre pessoas instruídas, e mais comum entre os iletrados e aquelas mentes "não inteiramente absorvidas em paixões internas e ocupações externas", recorda-nos Renée Haynes, da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, inglesa.

O conceito de PC como capacidade natural da espécie humana "desenvolveu-se vagarosamente só depois que foi tomada como hipótese de pesquisa e tornou-se experimentalmente verificada nas décadas de 1930 e 40", observou a dra. Louisa Rhine.

Em fins da 2.ª Guerra Mundial, na cidade de Utrecht, ao sul de Amsterdã, na Holanda, Albert Plesman, diretor-fundador da Companhia de Aviação KLM e herói do ar em seu país, conversava com Gérard Croiset, um holandês dotado de percepção extra-sensorial (retrocognitiva, precognitiva, clarividente e psicocinética). A certa altura, Croiset disse com voz sombria e trêmula — Seu filho vai morrer ao cruzar a fronteira franco-belga.

— Não, é impossível! Desta vez, você deve estar enganado.

Alguns meses depois, Plesman recebeu a notícia de que seu filho, Jan Plesman, aviador da Real Força Aérea britânica, tombara exatamente onde o visionário Croiset o *vira*.

Cinco anos mais tarde, a 21 de junho de 1949, Croiset procurou o professor Tenhaeff, diretor do Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Utrecht, para lhe declarar, com estupefação e horror: — Acabo de ver uma coisa horrível! Vi que o segundo filho do sr. Plesman vai morrer num acidente de aviação!

Dois dias depois, o diretor da KLM recebia, siderado, a notícia de que um avião, pilotado por Hans Plesman, despenhara-se misteriosamente sobre uma campina em Bari, na Itália.

3. Predição racional e PC

Do artigo "O Enigma do Pré-conhecimento", do professor Chari, extraíram-se as considerações seguintes:

"A predição é uma medida de penetração nos fenômenos que uma ciência professa tratar, se não um absoluto controle sobre eles.

"O astrônomo prediz eclipses; o físico prediz como seus aparelhos maravilhosamente construídos operarão; o químico prediz as propriedades de elementos desconhecidos; e o biólogo prediz as mudanças rítmicas nas criaturas vivas. O psicólogo e o sociólogo, mais inseguros que os outros, tentam predizer periodicidades nas vidas dos indivíduos humanos e nos grupos sociais.

"O princípio geral implícito é quase sempre o mesmo. Nós prognosticamos ou predizemos eventos ao estabelecer alguma inferência dos dados fornecidos pelas nossas sensações atuais pelas introspecções e memórias combinadas com um conhecimento de certas regras de seqüência que acreditamos com razão ser até aqui operantes no universo. Às vezes, podemos aceitar dados ou regras ou inferências, ou tudo isso junto, daquelas pessoas que encaramos como autoridades competentes.

"Onde inferimos as futuras ações dos seres humanos a partir de propósitos e intenções presentes que eles alimentam, isto é onde entra a chamada 'determinação teleológica' ainda dependemos de um princípio geral estabelecido: os dados, neste caso, são volições e as regras da seqüência são psicológicas. Tem-se afirmado que C. G. Jung predisse em 1918 o surgimento da Alemanha Nazista. Diz-se que ele deduziu de sonhos de seus pacientes alemães a excitação de forças elementares e inconscientes prefigurando a emergência da 'Explosão Loura de Nietzsche'. O psicólogo, devido ao seu perito conhecimento dos países interiores da mente, pode interpretar tais presságios mais facilmente que o leigo.

"A pesquisa parapsicológica levanta problema de ordem diferente para a ideologia científica corrente. A precognição, para a qual Rhine, Tyrrell e Soal pretendem ter encontrado prova incontrovertível, foge radicalmente das predições e prognósticos nos quais tanto a ciência como o bom senso confiam."

4. Conceito científico de PC

Richet definiu a PC como "a indicação, pelo sujeito, de um fato que ainda não ocorreu e que, todavia, nenhuma sagacidade e nenhum acaso permitiam prever". Em seu "Tratado de Metapsíquica", com absoluta convicção, ele declarou: "Uma conclusão definitiva segue-se aos fatos. A PC é uma verdade demonstrada. É um fato estranho, paradoxal e aparentemente absurdo, mas um fato que somos compelidos a admitir... A explicação virá (ou não virá) mais tarde. Os fatos não são, por isso, menos autênticos e inegáveis. As premonições existem".

Em suas várias obras, Rhine repetidamente a definiu como "apreensão de eventos futuros extra-sensorial e extra-racionalmente". "Percepção extra-sensorial independente do tempo". "Percepção extra-sensorial de um evento futuro indeterminado, casual". "É simplesmente a percepção de um evento futuro por meios extra-sensoriais. Para qualificar-se como exemplo genuíno de PC, uma experiência deve referir-se a um acontecimento vindouro a ponto de não ser meramente acidental; deve identificar um acontecimento futuro que não poderia ser inferido, e finalmente deve referir-se a um evento que não poderia suceder como conseqüência da predição". "Conhecimento de um fato futuro que não poderia ser conhecido por inferência racional".

Assim também Tyrrell a definira em 1974: "Conhecimento não-inferencial de eventos futuros".

Para Dobbs, trata-se, não de um processo lógico, inferencial, mas de uma percepção intuitiva, subliminar, mediada pelo sistema nervoso central. Na PC, ou no *Pregnóstico,* como ele preferia chamá-la, há uma defasagem cerebral para a frente, um Modo Subjetivo de Progresso no Tempo, implicando em velocidades superiores à da luz. Reações inconscientes do organismo às probabilidades objetivas dos fatos produzem as modificações subjetivas relevantes que constituem a PC.

Le Shan assim a conceitua: "Fato estabelecido é que indivíduos fizeram afirmações num tempo T cujas referências condizem com eventos ocorrendo num tempo T + N, e este pareamento não pode razoavelmente ser explicado em termos de probabilidade, extrapolação de dados, ou conhecidas técnicas de obter informação. Este é o sentido da palavra PC" em seu trabalho de 1969.

Da Conferência Internacional sobre Metodologia da Pesquisa Parapsíquica, organizada em 1968 pela Fundação de Parapsicologia de Nova York, resultou um apelo básico à conceituação detalhada, anterior à experimentação. Ao comentá-lo, escreveu Thouless, presidente da Sociedade de Psicologia britânica e da Sociedade de Pesquisas Parapsíquicas: "Se este fosse o rumo de desenvolvimento em Parapsicologia, seria diferente do rumo evolutivo de todas as ciências. A regra tem sido a conceituação seguir-se ao estudo experimental; foram observações através de experimentos que levaram à teoria atômica e à teoria dos quanta. Coisa estranha seria se em Parapsicologia se desse o contrário".

5. Tipos de PC

A dra. Louisa Rhine, que estudou exaustivamente a PC espontânea, viu nela "uma experiência humana muito real", "uma aptidão para conhecer o futuro utilizando canais ocultos do espírito", "uma experiência enigmática", "pessoal, terrena", "realista, simbólica, intuitiva, compulsiva", de "aspecto inicial desconcertante" mas "forma normal, comum e familiar da vida mental", "inconsciente", "potencialidade inata", "incógnita", "fugidia, espontânea, evanescente, facilmente perturbada", "repentina e irracional", ora "trivial", ora "altamente crítica e importante", "prazenteira" ou "aterradora".

Além de espontânea, a PC pode ser provocada em laboratório. Em 1943, às voltas com testes que pudessem isolar a PC da clarividência e da telepatia, o dr. Rhine distinguiu entre possíveis tipos de PC experimental:

a. *clarividência precognitiva* — quando o sujeito conhecia antecipadamente a ordem das cartas de um baralho tal como se apresentaria ao ser embaralhado mais tarde, como sucedeu em testes de Rhine e seus companheiros da Universidade de Duke, de 1933 a 1943, ou no experimento de Tyrrell, com máquina elétrica, em 1938;

b. *telepatia precognitiva* — quando o sujeito conhecia antecipadamente a mensagem telepática que um agente lhe enviaria mais tarde. Os efeitos de deslocamento observados nos testes

de Soal com Shackleton e Stewart, de 1936 a 1943, são exemplos de PC telepática, embora não se possa excluir a contra-hipótese da clarividência.

Na época dos primeiros experimentos de Rhine, Carington, Tyrrell e Soal, os experimentadores usavam esta linguagem, estas duas denominações, sem muita confiança na evidência experimental de ambas as formas de PC. Rhine então distinguiu uma terceira forma de PC:

c. *percepção sensorial precognitiva* — ou a experiência antecipada de uma percepção sensorial futura — uma espécie de "memória ao revés". Ao prever a ordem das cartas de um maço a ser embaralhado mais tarde, o sujeito poderia, não avançar em direção às cartas, extra-sensorialmente, mas em direção à sua própria experiência visual futura.

A experiência comumente relatada do *déjà vu* sugere uma PC desse tipo: sensorial. Por exemplo, o homem que penetra em sua cabina para a primeira viagem transoceânica e imediatamente exclama "já tê-la visto", nos mesmos detalhes, sem nunca ter examinado fotografias dela, nem nunca ter pisado num navio, talvez tenha tido um sonho precognitivo, esquecido e, contudo, bastante resistente em sua memória latente para produzir uma experiência de reconhecimento. Assim, em 1943, a percepção sensorial precognitiva *(déjà vu)* era aventada como uma contra-hipótese para a percepção extra-sensorial precognitiva.

Para excluir o *déjà vu* da PC extra-sensorial, o procedimento nos testes foi simples — bastava pedir ao sujeito que previsse a ordem futura de um maço de cartas e, *antes* da verificação, o experimentador embaralhasse o maço, sem que a ordem das cartas ou seu registro pudesse ser (visual ou auditivamente) observado pelo sujeito. Impedia-se ao sujeito qualquer acesso sensorial aos símbolos em verificação.

Isto ocorreu nos testes de Hutchinson, em 1940 (PC no intervalo de 1 e de 10 dias); nos de Humphrey e Pratt em 1941; nos de Rhine em 1942 (PC no intervalo de 2 a 10 dias) e nos de Rhine e Humphrey em 1942; nos de Tyrrell, com o mecanismo elétrico, em 1938; nos de Carington, em 1940, com desenhos; nos de Soal e Goldney em 1943. Em outros testes, porém, os experimentadores da Universidade de Duke fizeram questão de que os sujeitos assistissem à verificação, como precaução contra o erro e para manter interesse ativo do sujeito nos testes.

Mas, afirmava Rhine, naquele tempo: "Ouso adiantar que provavelmente não existe PC sensorial. Se a PC sensorial fosse tão efetiva a ponto de a PC ser para a Psicologia um fenômeno diário, familiar, o problema precognitivo desapareceria para a Parapsicologia. A percepção sensorial não transcende o espaço e provavelmente a PC sensorial não transcenderia o tempo."

Raciocinava Rhine: "Se a PC é sensorial ou extra-sensorial, clarividente ou telepática, ou uma combinação de ambas, ainda é PC. Não se altera a evidência de seu existir."

Mas não seria a PC um resultado de outra capacidade extra-sensorial, a Psicocinesia ou PK, isto é, a ação direta da mente sobre a matéria? Para provar que não, Rhine teve de excluir, passo a passo, o embaralhamento das cartas à mão, à máquina, o corte do baralho baseado em dados de temperatura ou de flutuações do mercado, até que Mangan, em 1955, introduziu um processo racional tão complicado para a escolha dos alvos precognitivos que a hipótese de PK para explicar a PC ruiu por terra.

"Quem acompanhou os testes desde o início há 12 anos atrás, acha difícil ver qualquer via de escape lógico a um veredito favorável à PC", afirmou Rhine, já seu prisioneiro. E seu irreversível explorador: "Quanto mais difícil a explicação de um fenômeno, maior a soma de descobertas necessárias à sua compreensão última. Por este padrão, a própria incompreensibilidade da PC é uma medida da magnitude de sua importância científica. . . Deve ser ela, de fato — como aquelas estranhas, inexplicáveis faíscas de eletricidade no século 18 — a chave para uma grande esfera de realidades esperando em silêncio pela chegada do explorador."

6. Diferença entre percepção sensorial e PC

Como difere o conhecimento precognitivo do conhecimento obtido por via sensorial?

1. Na PC, não há estimulação física dos órgãos dos sentidos, como na percepção sensorial.

2. A PC não conhece limitações no espaço e no tempo, como sucede à percepção sensorial.

3. A PC é inconsciente. A percepção sensorial é consciente ou, pelo menos, o é na maioria das vezes.

Enquanto a percepção sensorial é uma característica da vida consciente, com modalidades distintivas e inconfundíveis (visual, auditiva, olfativa, etc), a PC não possui modalidade orgânica que a distinga, devendo recorrer a canais encontráveis em contextos não-paranormais, como o sonho, a intuição, a alucinação, a ação compulsiva.

Nem todo sonho é precognitivo e nem sempre, depois de um sonho precognitivo, o indivíduo sabe que ele se refere ao futuro. Nos testes de laboratório, com cartas de baralho ou dados, sem contadores mecânicos à vista, o indivíduo não sabe, conscientemente, distinguir um acerto precognitivo de um erro. Pode apenas indicar se experimentou confiança em si, se houve maior empenho em acertar, se acha que seu resultado foi bom antes de conhecê-lo, etc.

4. A percepção sensorial ocorre também em estados de distração; ou quando a atenção está dividida; ou restringida, como durante o sono leve e a hipnose; ou sob estimulação subliminar; ou sob intensa preocupação; ou em resultado de treino especial. Ocorre em diferentes graus de consciência. Já a PC, não tem registro consciente, em nenhum grau, a não ser sob formas convertidas ou dispositivos através dos quais a informação é comunicada e/ou traduzida. E não há indicação animadora de que será, em breve, consciente, sob forma distintiva. Para a PC, não há graus de inconsciência. É sempre totalmente inconsciente.

5. Num teste sensorial, o indivíduo é consciente de quando a visibilidade aumenta ou declina, a audição de sons se torna fraca ou forte, etc. Num teste de PC, o indivíduo, em circunstâncias que induzem esforço, pode declinar até o ponto de demonstrar sua capacidade ao revés, isto é, com significância estatística, igual ou maior que a positiva, e sem ter consciência desse efeito reverso. Tão pouco tem consciência dos efeitos de deslocamento, dos declínios recorrentes, etc.

Em que ambas se assemelham? O exercício da vontade é o mesmo, ambas são intencionais e voluntárias no sentido de que o indivíduo pode dirigir sua vontade, nos testes de laboratório, para determinado alvo a ser atingido. Nas experiências espontâneas, tanto sensoriais como extra-sensoriais, a percepção pode ocorrer sem a iniciativa da volição consciente. A PC espontânea é recebida intuitivamente, sem esforço deliberado, e a PC ex-

perimental brota do inconsciente, sem pesquisa lógica prolongada. Mas, em ambas as situações, está implícita uma atenção alerta, uma orientação latente, com objetivo.

Em suma, escreveu Rhine, enquanto a percepção sensorial baseia-se em estimulação física, receptores orgânicos conhecidos e modalidades distintivas de experiências associadas com centros cerebrais localizáveis e fornece, portanto, os elementos básicos aos quadros da consciência, a PC não é fisicamente explicável, não está associada com quaisquer receptores orgânicos ou centro cerebral conhecido e não tem aspecto distintivo na experiência consciente. Apesar do caráter não-físico da PC, ela é conversível em registro físico; seja qual for a maneira extra-sensorial de receber a informação, é indubitável que ela se converte em derivado da percepção sensorial (imaginação, sonho, alucinações, etc.).

7. Distinção entre PC e outros fenômenos parapsicológicos

A Parapsicologia investiga fenômenos antigos e perenes que a Psicologia deixou à margem. A Medicina, em seus setores de psiquiatria e de neurofisiologia, está seriamente retomando pelo menos um deles, a cura psicocinética das doenças, porque implica em enriquecimento técnico, avanço terapêutico e reparação do sofrimento.

Este poder ou ação direta da mente sobre a matéria, chamado *psicocinese* (sigla PK) é, hipoteticamente, para alguns autores, o meio que leva à confirmação da PC. *Fenômeno psi-kapa* vem a ser outra denominação para a PK.

Por referir-se ao futuro, a PC difere ainda da telestesia (termo cunhado por Myers), criptestesia (por Richet) ou *clarividência,* percepção extra-sensorial de objetos, no momento presente. Difere ainda da *telepatia* (termo cunhado por Myers), percepção extra-sensorial de pensamentos ou de estados mentais de outras pessoas, no momento presente.

Clarividência, telepatia e PC são fenômenos de *percepção extra-sensorial* (sigla PES) designados, por alguns autores, como fenômenos *psigama.*

PES é a experiência de um objeto-alvo, de um estado mental, de um evento, ou de uma influência, sem contato sensório. A expressão entrou em voga a partir de 1934, quando Rhine publicou o seu livro intitulado "Percepção Extra-Sensorial". O próprio Rhine descobriu posteriormente que Sir Richard Burton usara a mesma expressão desde 1870.

A sigla PESG, ou *percepção extra-sensorial geral* ou indiferenciada, indica que, num dado experimento, examina-se tão-só a PES, sem a preocupação de distinguir entre clarividência e telepatia, que podem estar atuando separada ou conjuntamente nos testes. É o caso do experimento em que o sujeito adivinha números em cartões que estão sendo contemplados por uma segunda pessoa sendo impossível dizer se o estímulo extra-sensorial é o próprio cartão como objeto físico ou a imagem do cartão numerado que está na mente da segunda pessoa.

Psi é um termo geral para identificar o intercâmbio extra-senso-motor com o ambiente. *Psi* inclui dois aspectos: o cognitivo ou PES e o cinético ou PK. Trata-se de um termo proposto por dois cientistas ingleses, os drs. Thouless, emérito professor de Psicologia da Universidade de Cambrigde, e Wiesner, para designar o processo parapsicológico básico e substituir com brevidade a expressão mais longa "percepção extra-sensorial". No 1.º Congresso Internacional de Parapsicologia, em 1953, na Holanda, adotou-se oficialmente a letra grega *psi* para abranger todos os fenômenos parapsicológicos, por ser um termo livre de intenção ou carga emotiva, e sem compromisso com hipóteses ou interpretações de grupos discordantes.

8. "A estranheza fantástica da PC"

A expressão é de Rhine que, em seus vários livros, qualificou a PC, em "nítida oposição à seqüência causal", como "meio superior de conhecimento", "processo delicado", "vislumbre introspectivo excepcional", "esquisitice", "fascinadora", "desafiadora", "caprichosa", "capacidade de caráter fugitivo", "aptidão incrivelmente esquiva", de "extrema esquivança", de "instabilidade inconsciente", de "leitura impressionante", de "impalpabilidade inerente à sua natureza psicológica", de "di-

fícil demonstração", "simultaneamente galardão científico e réprobo científico".

Soal também chamou à PC de "faculdade delicada".

Ehrenwald referiu-se à sua "natureza caprichosa" e à sua "natureza essencialmente anfíbia".

Considerando "o caráter metalógico, extra-temporal, extra-espacial e não causal" da função precognitiva, Ehrenwald escreveu: "Não se pode negar que os psifenômenos contradizem nossos conceitos costumeiros de espaço e tempo. Mas se isto é verdade, só existe uma conclusão prática a retirar deste estado de coisas: temos de tentar captar as ocorrências dentro de um novo quadro de referência científico de onde tenham sido removidas as placas de sinalização de tempo, espaço e causalidade". Schopenhauer, que tanto influiu sobre Jung, chegou à mesma conclusão e "sugeriu que os fenômenos sonambúlicos fossem mantidos fora das categorias kantianas de espaço, tempo e causalidade. As barreiras que separam pessoa de pessoa pertencem ao mundo da mera aparência e a interação não prejudicada por obstáculos espaço-temporais é um fato no reino da coisa-em-si".

1. Já em 1947, Rhine, o cientista que enfrentou sem amargura a oposição de numerosos de seus pares, convidava-os a uma atitude mais desapaixonada, mais humilde: "Se nos lembrarmos que ainda não compreendemos o que seja a memória, o alcance do espírito para trás, muito mais familiar e há mais tempo estudado, a idéia do alcance para a frente, ou PC, será menos chocante à nossa compostura intelectual. A própria estranheza fantástica da PC expõe repentinamente o estado fragmentário de nosso conhecimento do espírito, revelando como estamos mal preparados para receber um novo fato relativo à nossa natureza."

2. Mas o poeta, nele incipiente, revelava sua urgência: "Precisa-se um meio de conservar aberta por períodos mais longos esta bruxuleante janela introspectiva."

2.ª Parte – PRECOGNIÇÃO ESPONTÂNEA

A Crua Matriz

Gardner Murphy

1. Casos de PC espontânea

Casos de PC espontânea, em vigília e durante o sono, confirmados e documentados, de procedências diversas no espaço e no tempo, enriquecem a literatura parapsicológica. Constituem, na expressão de Gardner Murphy, a crua matriz que a Natureza nos lança em rosto.

Kant, em seu "Sonhos de um Vidente de Espíritos, explicados pelos Sonhos da Metafísica" (1766), já percebera as sutis implicações do assunto. Perguntou-se: "Deve ele (o filósofo) admitir sequer uma destas estórias? Que importante seria este reconhecimento, e que conseqüências veríamos diante de nós, se pudéssemos supor que uma só destas ocorrências fosse provada!" Cautelosamente, a Ciência está acumulando as provas exigidas por Kant e por investigadores de pensamento rigoroso.

1.º Caso — França, 1894 — Gallet, PC em vigília. Eleição presidencial.

"Devo o conhecimento deste caso ao meu bom colega, dr. Gallet, de Annecy, senador da Alta Savóia, o qual, num relâmpago de lucidez espontânea e inesperada, teve a seguinte notável premonição.

"Em 27 de junho de 1894, cerca de 9 horas da manhã, o dr. Gallet, então estudante de medicina em Lyon, trabalhava em seu quarto em companhia de um colega, hoje dr. Varay, também de Annecy.

"Absorto em seus estudos, Gallet preparava-se para um exame próximo. Por política, não se interessava. Olhando de longe os jornais, nem se referira à eleição do Presidente da

República para aquele mesmo dia. O Congresso Eleitoral deveria reunir-se depois das 12 horas. Bruscamente, Gallet sentiu-se distraído por um pensamento obssessivo. Impôs-se com tal força à sua mente que ele foi impelido a registrá-lo com rapidez num caderno de notas: 'O sr. Casimir Périer está eleito Presidente da República por 451 votos'.

Estupefato, Gallet interpelou seu companheiro Varay e mostrou-lhe a anotação que acabava de fazer. Varay leu-a e deu de ombros. Como Gallet insistisse, dizendo que acreditava na verdade do que escrevera, Varay respondeu-lhe, com certa descortesia, que o deixasse estudar em paz.

"Após o almoço, Gallet foi assistir uma conferência na faculdade. Em seu caminho, encontrou dois outros estudantes: Bouchet, depois médico na Alta Savóia, e Deborne, depois químico em Toulon. Informou-lhes que Périer seria eleito por 451 votos. Apesar das risadas e gracejos dos colegas, Gallet reafirmou sua convicção. Depois da conferência, foram a um café. Os jornais começavam a ser distribuídos, com o resultado das eleições. Gallet comprou um e aos amigos boquiabertos mostrou a notícia: 'O sr. Casimir Périer está eleito Presidente da República por 451 votos'.

Anos depois, em 1910, em perfeitas condições mnêmicas, Gallet ditou a passagem acima ao dr. Gustav Geley, diretor do Instituto Internacional de Metapsíquica da França, que obteve os testemunhos de Varay, Bouchet e Deborne. Confirmaram eles o pormenor do número de votos. Teria sido fácil atribuir à coincidência o nome do eleito, mas a PC de um número tão exato não pode ser casual. A PC, em vigília, impôs-se à mente de Gallet com absoluta certeza e ele foi o único a não se espantar com o resultado à tarde.

O dr. Charles Richet, da Faculdade de Medicina da Sorbonne, comentou: "A candidatura de Périer era duvidosa e inverossímil. Apostava-se em Brisson e Dupuy. A probabilidade da eleição de Périer era mínima; ainda que se atribuísse igual oportunidade para os 3 candidatos, a probabilidade de um deles obter 451 votos dentre 845 era de 1 para 845. Cálculos não satisfazem. O acaso pode ser invocado, é um meio de evitar a reflexão. Mas o que impeliu Gallet a escrever à margem de seu caderno de anatomia aquela frase? Este caso é, a meu ver, uma das provas mais decisivas de PC jamais registradas."

2.º Caso — Estados Unidos, 1865 — Lincoln, em sonho, PC de sua própria câmara ardente.

Lincoln e sua esposa entretinham alguns amigos na Mansão Executiva, pouco depois das 22 horas, quando os visitantes se despediram, com exceção de Ward Hill Lamon, do senador Harlan e sua filha, e do secretário do Interior, Usher. Para reinício de conversa, Mary Lincoln observou que a face de seu marido parecia solene. O Presidente replicou que tinha um peso na mente.

Diante dos rostos imediatamente sérios dos amigos, Lincoln pronunciou palavras lentas: "Parece que há 16 capítulos no Velho Testamento, e 4 ou 5 no Novo, referentes a sonhos. Existem numerosas outras passagens na Bíblia, onde se mencionam visões. Se acreditamos na Bíblia, devemos aceitar que, em tempos remotos, Deus e seus anjos vinham ter com os homens durante o sono e se faziam conhecer através de sonhos."

Com gestos medidos, Lincoln prosseguiu: "Hoje em dia os sonhos são considerados asneiras e, com exceção das velhas e das donzelas apaixonadas, ninguém os conta". Sua esposa, preocupada com o tom de Lincoln e ela própria vítima de pesadelos, perguntou-lhe: "Você acredita em sonhos?"

"Não posso dizer que sim", respondeu ele, "mas tive um, há noites atrás, que me persegue deste então. Depois que me aconteceu, pode parecer estranho, a primeira vez que abri a Bíblia foi no capítulo 28 do Livro da Gênese, que relata o maravilhoso sonho de Jacó. Folheei o velho livro e, onde quer que eu o abrisse, meus olhos tombavam sobre passagens que condiziam com meus pensamentos — visitas sobrenaturais, sonhos, visões, etc."

Mary comentou: "Você me assusta. Que acontece?" O Presidente tratou de desviar o assunto, mas Mary insistiu em conhecer o sonho do marido. Com melancolia, ele acedeu:

"Há 10 dias atrás, fui dormir muito tarde. Demorei-me à espera de importantes despachos. Assim que deitei, adormeci de cansado. Imediatamente comecei a sonhar. Parecia haver uma quietude de morte ao meu redor. Então ouvi soluços reprimidos como se diversas pessoas estivessem chorando. Pensei que havia deixado minha cama e que perambulava no andar inferior. Neste, o silêncio era quebrado pelo mesmo piedoso soluço de invisíveis pessoas enlutadas. Andei de sala em sala; havia luz em todas elas; todos os objetos me eram familiares;

nenhuma pessoa viva estava ali, mas os mesmos sons dolorosos me acolhiam ao prosseguir a caminhada. Onde estavam as pessoas que soluçavam? Eu me sentia intrigado e alarmado. Qual seria o significado daquilo tudo?... Cheguei à sala Oriental, onde entrei... Ali deparei com uma surpresa que me provocou mal-estar. Ante mim havia um catafalco no qual jazia um cadáver em roupas de funeral. À sua volta, estacionavam soldados montando guarda; e havia uma multidão de gente olhando lamentosamente para o cadáver, cuja face estava coberta, outras chorando de pena. 'Quem morreu na Casa Branca?' perguntei a um dos soldados. 'O Presidente... Um assassino o matou'. Levantou-se um rumor de pesar da multidão, que me acordou."

Segundo o depoimento de Ward Hill Lamon, Lincoln concluiu seu relato do sonho com estas palavras reveladoras: "Não mais dormi naquela noite, e o sonho me causa estranho aborrecimento desde então."

3.º Caso — Itália, 1883 — Os sonhos precognitivos de Dom Bosco. Brasília.

Este sonho-visão de 30 de agosto foi contado por Dom Bosco numa reunião do Capítulo Geral da Congregação Salesiana em 4 de setembro de 1883. O padre Lemoyne, que recolhia as memórias do Fundador da obra salesiana, transcreveu-o imediatamente, submetendo-o à correção de Dom Bosco, que o leu com atenção, alterando e introduzindo frases. Foi publicado nas páginas 385 a 394 do volume XVI de suas Memórias Biográficas, cuja primeira edição, única aliás, extra-comercial, veio a público em 1935.

"Na noite precedente à festa de Santa Rosa de Lima, tive um sonho. Percebi que estava dormindo e parecia-me, ao mesmo tempo, correr a toda velocidade, a ponto de me sentir cansado de correr, falar, escrever e esforçar-me no desempenho das ocupações costumeiras. Enquanto hesitava se se tratava de sonho ou de realidade, pareceu-me entrar em um salão, onde se achavam muitas pessoas, falando de assuntos vários". Nesse ínterim, aproximou-se de mim um jovem de seus 16 anos, amável e de beleza sobre-humana, todo radiante de viva luz, mais clara que a do sol. Este guia o acompanhou durante toda a viagem: apresentou-se como amigo de Dom Bosco e dos salesianos, em nome de Deus, para dar-lhe um pouco de trabalho. Dom Bosco indagou: "Que trabalho é esse?" Respondeu-lhe o guia: "Sente-se a esta mesa e puxe esta corda."

"Havia no meio daquele salão, uma mesa, sobre a qual estava enrolada uma corda. Vi que essa corda estava marcada com linhas e números, como se fosse uma fita métrica. Percebi, mais tarde, estar o salão situado na América do Sul, exatamente por sobre a linha do Equador, correspondendo os números impressos na corda aos graus geográficos de latitude". "Observei que então via tudo em conjunto, como que em miniatura. Depois, como direi, vi tudo em sua real grandeza e extensão. Foram os graus marcados na corda, correspondendo exatamente aos graus geográficos de latitude, que me permitiram gravar na memória os sucessivos pontos que visitei, viajando na segunda parte do sonho. Meu jovem amigo continuava: — Pois bem, estas montanhas são como balizas; são um limite. Entre elas e o mar está a messe oferecida aos Salesianos. São milhares, milhões de habitantes que esperam o seu auxílio, aguardam a fé. Aquelas montanhas eram as Cordilheiras da América do Sul e aquele mar o Oceano Atlântico". "Eu ia pensando: Mas, para se conseguir isto, vai ser preciso muito tempo. Enfim, exclamei em voz alta: — Não sei mais o que responder. — Mas o moço, lendo em meus pensamentos, ajuntou: — Isto acontecerá antes que passe a segunda geração. — E qual será a segunda geração? — A presente não se conta. Será uma outra, depois outra. — E a quantos anos corresponde cada geração dessas? — Sessenta anos. — Quer ver o que sucederá depois? Venha cá."

"E sem saber como, encontrei-me numa estação de estrada de ferro". Embarcaram Dom Bosco e seu guia, este retirando do bolso um mapa. "Enquanto olhava o mapa, o trem apitou e se pôs em movimento. Viajando, meu amigo falava muito, mas nem tudo eu podia entender bem, por causa do barulho do trem. Aprendi, no entanto, coisas belíssimas e inteiramente novas sobre astronomia, náutica, meteorologia, fauna, flora e topografia daqueles lugares, que ele me explicava com maravilhosa precisão. Ia olhando através das janelas do vagão e descortinava variadas e estupendas regiões. Bosques, montanhas, planícies, rios tão grandes e majestosos que não era capaz de os acreditar assim tão caudalosos, longe que estavam da foz. Por mais de mil milhas, costeamos uma floresta virgem, inexplorada ainda hoje. Meus olhos tinham uma potência visual maravilhosa, não encontrando obstáculos que os detivessem no estender-se por aquelas regiões. Enxergava as vísceras das montanhas e o sub-

solo das planícies. Tinha debaixo dos olhos as riquezas incomparáveis daqueles países, riquezas que um dia serão descobertas. Via numerosos filões de metais preciosos, minas inexauríveis de carvão, depósitos de petróleo tão abundantes como nunca se encontraram até então em outros lugares. Mas não era tudo. Entre o grau 15 e o 20, havia uma enseada bastante extensa, que partia de um ponto onde se formava um lago. Disse então uma voz repetidamente: — Quando se vierem cavar as minas escondidas em meio a estes montes, aparecerá aqui a terra prometida, que jorra leite e mel. Será uma riqueza inconcebível".

Ao fim da viagem, de regresso ao ponto de partida, "o jovem guia tirou do bolso uma carta geográfica de incrível beleza e me disse: — Quer ver a viagem que fez? As regiões percorridas? — Com muito prazer. — Desdobrou então o mapa, em que se desenhava com admirável exatidão toda a América do Sul. Ademais, já estava representado tudo o que existiu, que existe e haverá de existir naquelas regiões, sem confusão de espécie alguma, pelo contrário, com tal nitidez que, de um só relance, se abrangia tudo. Compreendi tudo por um momento, mas pela multiplicidade das circunstâncias durou pouco tal clareza, cedendo lugar à completa confusão que ora me ocupa a mente. Enquanto observava aquele mapa, esperando que o jovem acrescentasse alguma explicação mais, agitado como estava pela surpresa de tudo quanto vira, pareceu-me que soassem as Ave-Marias, ao alvorecer. Despertando, percebi que eram os sinos da paróquia de São Benigno. O sonho durara a noite inteira".

Se a primeira geração começou na data do sonho, 1883, a segunda, decorridos 60 anos, começou em 1943. Antes que se iniciassem os trabalhos de planejamento e construção de Brasília e antes mesmo que se escolhesse o nome da futura Capital, foi celebrada missa por um padre salesiano, na solidão do planalto, em 24 de fevereiro de 1956. Dom Bosco, em sonho, localizou a faixa compreendida entre os paralelos 15 e 20, entre os Andes e o Oceano Atlântico, e referiu-se a um lago nessa zona. Brasília foi construída entre os paralelos 15 e 16; represado junto aos palácios, seu lago é artificial.

Uma objeção imediatamente se levanta: conhecedores do sonho de Dom Bosco, tornado público com bastante antecedência, os dirigentes brasileiros, ou os padres salesianos, ou ambos os grupos de comum acordo, teriam tratado de localizar Brasília e seu lago na faixa indicada, de propósito, a fim de provar a autenticidade da PC. Mas a vida inteira de Dom Bosco foi a de

homem idôneo e veraz, trabalhada aos olhos do mundo, e caracterizada por invulgares dons parapsicológicos. Outros sonhos ele teve, de mortes previstas, que não se pode, com a mesma facilidade, taxar de execução proposital.

"Em março de 1854 contou aos alunos que em sonhos vira um deles, com um chapéu transparente e a cabeça iluminada a sustentar uma lua encimada pelo n.º 22; e que um dos personagens do sonho lhe dera a entender que esse menino morreria na 22.ª lua. Nada mais informou; à medida, porém, que iam passando as luas, Dom Bosco recomendava ao clérigo Cagliero que fiscalizasse bem, especialmente à noite, certo dormitório do Colégio. Depois, mandou que Cagliero se colocasse num ponto onde havia mais três ou quatro leitos, e cuidasse espiritualmente dos que ali dormiam. Correram os meses. Dom Bosco insistiu com Cagliero para que exercesse especial vigilância sobre o jovem Segundo Gurgo, de 19 anos, então em pleno vigor de sua saúde. Inesperadamente o jovem Gurgo adoeceu, morrendo no dia 24 de dezembro de 1855, na 22.ª lua. — Compreende por que eu fazia tanta questão de não perdê-lo de vista? — perguntou Dom Bosco a Cagliero. Foi o primeiro aluno a falecer no Oratório."

"Por volta de 1862, havendo anunciado que tantos meses depois faleceria outro aluno, os que souberam insistiram com Dom Bosco para que secretamente lhe registrasse o nome. A princípio, ele não quis; depois, acedeu. Escrito o nome e fechado num envelope, entregou-o a uma pessoa de confiança, Fernando Imoda. Morreram outros dois estudantes antes do tempo predeterminado. Não se abriu o envelope. Quando, porém, no prazo previsto, deu-se a terceira morte, abriu-se a carta, na presença, entre outros, do Padre Miguel Rua. Estava escrito: "Marchisio", nome precisamente do terceiro morto. A morte dos dois primeiros também fora profetizada. Dom Bosco confiara a dois clérigos, um dos quais era Cagliero, que dentro de dois meses morreriam os jovens Fernando e Maestro, recomendando que os assistissem. Os acólitos escreveram e selaram a previsão, entregando-a em confiança ao Padre Prefeito, de todo alheio ao assunto. E, com a alma dilacerada, foram de perto acompanhado os dois que, ingenuamente, passavam alegres os dias. Quando um, a 16 de abril, e o outro, a 25 do mesmo mês, morreram, foi aberto o envelope. Fácil é de supor a impressão do Prefeito e de quantos vieram a saber do fato."

"A mais célebre previsão de Dom Bosco foi a de novembro de 1854. Sonhou que uma pajem da Casa Real lhe apregoava

anunciar um grande funeral na Corte. Pela manhã, Dom Bosco tratou logo de escrever ao rei Vitor Manuel. Cinco noites depois, outro sonho quase idêntico; desta vez, a pajem não bradava mais "grande funeral" e sim "grandes funerais". Dom Bosco tornou a escrever ao rei. Este exasperou-se e mandou o Marquês Fassati a Dom Bosco para saber o que significava aquilo, que modos eram aqueles de perturbar o soberano. Dom Bosco respondeu: — Que culpa tenho eu, se o que escrevi é a pura verdade? — Nesse ínterim, a condessa Cravósio Anfossi assumira a incumbência de falar às duas rainhas sobre um auxílio ao Oratório. Passados alguns dias, ela voltou a Dom Bosco, dizendo que ainda não conseguira a audiência, mas que esperava obtê-la em breve. Dom Bosco meneou a cabeça em sinal de dúvida. Perguntando-lhe a condessa o motivo, Dom Bosco respondeu: — Vossa Excelência não verá mais as duas rainhas. — No início de janeiro de 1855, inesperadamente, faleceram Maria Tereza, com 54 anos, e Maria Adelaide, com 33 anos. Não pararam aí os "grandes funerais": um filho do rei Vitor Manuel e o Duque de Gênova, com diferença de poucos dias, foram também enterrados nas tumbas de Superga."

"No dia 31 de agosto de 1844, tendo a senhora do Ministro de Portugal ido se confessar com ele, disse-lhe Dom Bosco: "Recomende-se ao seu Anjo da Guarda para salvar-se do perigo que vai correr hoje". — A senhora quis, em vão, explicações, e retirou-se aflita para não dizer indignada. À tarde, passeando pelos arredores de Turim, a parelha de cavalos disparou, tombando a carruagem em profundo barranco. Mortal foi o risco, mas a senhora orou, como Dom Bosco lhe recomendara, e saiu ilesa."

"Em 1855, achando-se à mesa os clérigos Turchi, Reviglio, Cagliero, Francésia, Anfossi e Rua, repentinamente Dom Bosco saiu-se com esta: — Um de vós será Bispo; haverá ainda outros, porém não se encontram aqui. — Mais tarde, Cagliero escreveria: Nos primeiros anos de meu sacerdócio, uma vez encontrei Dom Bosco ao pé da escada, extenuado. Com amor filial, eu lhe disse: — Dom Bosco, dê-me o braço; verá que sirvo para alguma coisa. — Ele paternalmente consentiu: chegados que fomos ao último lance, percebo que ele se inclina para beijar-me a mão. Retirei-a logo, mas tardiamente. Perguntei-lhe então: — Assim procedendo, quis o senhor humilhar-se ou humilhar-me? Dom Bosco respondeu: — Nem uma coisa nem outra, dia virá em que você tudo compreenderá. — Em 1883 Dom Bosco foi ainda mais explícito; ao partir para a

França, feito o testamento e deixadas algumas lembranças aos membros do Capítulo, entregou a Cagliero um estojo lacrado, dizendo: — Isto é para você. — Dias depois, Cagliero levado pela curiosidade, abriu o invólucro, nele encontrando um anel precioso. Finalmente, em outubro de 1884, já eleito Bispo Auxiliar de Mágida, Cagliero pediu a Dom Bosco lhe relatasse minuciosamente a profecia feita havia 30 anos. No dia de sua sagração, a sós com Dom Bosco, este lhe perguntou: — Lembra-se da doença que você teve em menino, no início de seus estudos? — Respondeu Cagliero: — Lembro-me bem. Vossa Reverência ia me levar os sacramentos, porém desistiu, alegando que eu ficaria bom e, com o meu breviário, teria de ir muito longe a trabalhar — Dom Bosco passou a contar-lhe pormenorizadamente como desde então o previra chefe de seus missionários e seu primeiro bispo."

4.º Caso — França, 1879 — PC em vigília. Paragnose de breve existência através de médium.

Em 26 de dezembro de 1879, o sr. de Ch., encontrando-se em Paris, consultou, por curiosidade, uma renomada médium clarividente, Mme. Lenormand. Ela lhe disse: — Você perderá seu pai dentro de um ano a contar de hoje. Em breve será um soldado (ele estava com 19 anos) mas não por longo tempo. Casar-se-á jovem, terá duas crianças e morrerá aos 26 anos.

Seu pai morreu em 27 de dezembro de 1880. O jovem tornou-se soldado, por sete meses apenas. Casou-se e teve dois filhos. Ao aproximar-se o seu 26.º aniversário, alarmadíssimo, ele padecia crises de angústia, temendo dispor de alguns dias de vida. Consultou um psicólogo e hipnotizador, o dr. A. A. Liébeault, que registrou o caso em seu livro de notas, em 7 de janeiro de 1886. Liébeault, não conseguindo hipnotizá-lo mas decidido a livrá-lo da obsessão, apresentou-lhe um "profeta", um homem que predissera não só a cura de Liébeault, de um reumatismo de muitos anos, mas também obtivera a cura da filha de Liébeault, através da sugestão. Este homem, compreendendo a gravidade do caso, tratou de inspirar no jovem ameaçado a confiança em si mesmo, aparentemente com êxito, e disse-lhe, para romper a corrente de premonições, que ele ainda

teria mais 41 anos para viver. O efeito foi maravilhoso; o jovem recobrou ânimo, e quando o dia 4 de fevereiro passou, sentiu-se salvo. Psicologia aplicada curou o incrédulo moço de sua ilusão e impediu-o de morrer de medo. Apenas um fato deve ser acrescentado. Em 30 de setembro de 1886, ele morreu subitamente de peritonite, antes de completar 27 anos, confirmando-se assim a última predição da médium, apesar das precauções de Liébeault.

Esta série impressionante de cinco predições realizadas dificilmente se explica pela coincidência. O caso consta dos registros da Sociedade de Pesquisas Parapsíquicas, britânica.

5.º Caso — Estados Unidos, cerca de 1855 — Mark Twain, PC em sonho. Morte do irmão.

Paine, biógrafo de Mark Twain, relata esta PC:

". . . ele recebeu um aviso impressionante, de tipo raríssimo". Quando Mark Twain era um moço de uns 20 anos, ele e seu irmão Henry trabalhavam em um barco no rio Mississipi, navegando entre St. Louis e New Orleans. Uma noite, dormindo em casa de sua irmã em St. Louis, ele teve este vívido sonho: — viu Henry como um cadáver, deitado em um caixão de defunto, metálico, na sala de estar da irmã, apoiado sobre duas cadeiras. Em seu peito, um ramalhete de flores, com uma única rosa vermelha no centro.

"Ao despertar pela manhã, Mark Twain acreditava, tão vívido fora o sonho, que seu irmão morrera; ao vestir-se, pensou em ir à sala de estar da irmã para ver o cadáver. Mudou, porém, de idéia e saiu para uma caminhada. Havia andado até o meio do quarteirão quando repentinamente se deu conta de que apenas sonhara com a morte do irmão. Voltou para casa e contou o sonho à irmã. A seguir, deixou de pensar nele, esqueceu-se completamente do mau augúrio.

"Poucas semanas depois, Mark Twain e seu irmão separaram-se em New Orleans e regressavam a St. Louis em diferentes navios. Quatro caldeiras do Pennsilvania, o barco em que Henry viajava, explodiram e 115 pessoas perderam a vida. Henry sofreu queimaduras gravíssimas. Mark Twain o encontrou estendido no chão de um hospital improvisado. Após quatro dias de terrível sofrimento. Henry morreu em Memphis, Tennessee. Embora muitas vítimas da tragédia tivessem sido enterradas em caixões de madeira sem pintura, algumas senhoras de Memphis, comovidas com as condições de pobreza do jovem Henry Clemens, realizaram uma subscrição de 60 dólares para dar-lhe um caixão de metal. Quando Mark Twain foi ver o corpo do irmão, exposto entre outras vítimas, notou o caixão metálico exatamente como aparecera em seu sonho, sem estar apoiado em cadeiras (nem era em casa de sua irmã), mas o ramalhete de flores não estava presente. Enquanto Mark Twain permanecia ao lado do caixão, uma senhora entrou e depositou sobre o peito de Henry um grande bouquet de flores brancas com uma única rosa vermelha no centro."

6.º Caso — Inglaterra, 1895 — Sonho precognitivo de Lady Q. Morte do tio.

Centenas de casos passaram pela inquirição minuciosa, com o maior rigor e cautela, da Sociedade de Pesquisas Parapsíquicas, que colecionou imensa literatura relativa a sonhos de material paragnóstico. Com referência ao trabalho desta Sociedade, William James, mundialmente reputado doutor em filosofia e psicologia, escreveu em 1897: "Fosse eu requisitado a indicar uma revista científica onde a obstinácia, a sagacidade e uma nunca adormecida suspeita de fontes de erro podem ser encontrados em sua plenitude, penso que me reportaria aos *Proceedings of the Society of Psychical Research.*"

O sonho seguinte, relatado nos *Proceedings da S.P.R., xi, p. 577,* é um dos casos mencionados por Saltmarsh em seu estudo sobre a PC.

"Lady Q residia com seu tio, na verdade, para ela, um pai. Ela sonhou que se encontrava, juntamente com sua irmã, sentada na sala de visitas de seu tio. Era um esplêndido dia de primavera e muitas flores vicejavam no jardim, apesar de recoberto por fina camada de neve. Em seu sonho, ela sabia que seu tio fora encontrado morto ao lado de certa vereda a três milhas da casa, e ele vestia um terno escuro fiado em casa; seu cavalo permanecia ao seu lado. Ela também sabia que o corpo estava sendo trazido para casa numa carroça da fazenda pu-

xada por dois cavalos, com feno no fundo. Elas esperavam pela carroça que transportava o corpo. Então, no sonho, a carroça chegou à porta e dois homens, bem conhecidos dela, carregaram o corpo escada acima com considerável dificuldade, pois o tio era homem alto e pesado. Durante o transporte, a mão esquerda do morto pendia e batia contra o corrimão à medida que os homens subiam os degraus. Este detalhe provocou-lhe grande horror e ela despertou.

"De manhã, sentindo-se muito perturbada, ela contou o sonho ao tio e implorou-lhe que jamais cavalgasse sozinho por aquela vereda. Ele prometeu-lhe que sempre arranjaria um pretexto para ter um criado consigo quando transitasse por aquela senda no futuro.

"Gradualmente, a memória do sonho se desvaneceu, até que, dois anos depois, o sonho voltou a repetir-se em todos os pormenores. Lady Q acusou seu tio de haver quebrado a promessa e ele admitiu que o fizera algumas vezes. Quatro anos mais tarde, Lady Q, tendo se casado e deixado a casa do tio, vivia em Londres e esperava seu primeiro filho. Uma noite, antes de adoecer, ela novamente teve o mesmo sonho com a variante de que, desta vez, ela parecia estar em seu quarto em Londres e não na sala de visitas do tio. Percebeu, todavia, a cena inteira como das vezes anteriores. Um novo detalhe surgiu, o de um cavalheiro, todo vestido de preto, cuja face ela não pode ver; ele permanecia ao lado de sua cama e dizia-lhe que seu tio morrera. Lady Q despertou em grande sofrimento, mas, achando-se doente, deixou de pensar no sonho. Alguns dias depois, permitiram-lhe escrever ao tio um bilhete a lápis, que o alcançou dois dias antes de sua morte."

"Durante a convalescença, ela cismava sobre a falta de notícias do tio até que, certa manhã, disseram-lhe que seu padrasto desejava vê-la. Ele entrou no quarto, vestido de preto, e parou ao lado do leito. Lady Q gritou: "O coronel está morto. Sei de tudo. Sonhei com sua morte várias vezes."

"Investigação posterior mostrou que o sonho aconteceu em todas as minúcias, inclusive o da mão esquerda batendo contra o corrimão. Os homens que transportaram o corpo foram os mesmos que ela conhecia e vira em sonho. O único detalhe incorreto foi o das flores e neve, mas Lady Q descobriu que sonhos com flores e neve simbolizavam, em sua família, a morte.

Saltmarsh comenta: "Este me parece um sonho particularmente interessante. Não só os detalhes da PC são numerosos e

ricos, mas o fato da repetição o torna especialmente impressionante. Constitui também um exemplo de PC a longo prazo, o primeiro sonho tendo ocorrido 6 anos antes do acontecimento."

E Hadfield: "Em casos como este, onde há uma riqueza de detalhes verídicos, inclusive um item singular (o da mão esquerda do morto batendo contra o corrimão ao ser carregado escada acima) a hipótese alternativa de coincidência ou acaso torna-se muito forçada."

7.º Caso — Estados Unidos, 1902 — Prince, sonho precognitivo. Colisão de trens.

Historiador e clérigo inglês, o dr. Walter Franklin Prince, que veio a ser pesquisador profissional no campo da Parapsicologia, deixou um relato excepcionalmente vívido de seus próprios sonhos, fundamentado em duas indagações bastante antigas em sua vida: 1. existe uma qualidade que distinga os sonhos paranormais dos ordinários? 2. podem os sonhos predizer o futuro?

"Durante a noite que se seguiu ao dia 7 de janeiro de 1902, provavelmente de madrugada, sonhei que estava olhando para um trem, cuja extremidade posterior projetava-se para fora de um túnel ferroviário. De repente, para meu horror, outro trem arremessou-se violentamente contra o primeiro. Vi vagões amassados e empilhados, e dentre a massa de escombros, saíram gritos agudos agônicos, de gente ferida. Eu podia ver claramente algumas pessoas entre os destroços. Outras corriam e pareciam ocupadas em tentar livrar as presas. Foi então que nuvens de vapor e fumaça explodiram e mais gritos de agonia se fizeram ouvir. Neste momento, fui acordado por minha esposa, pois eu produzia ruídos de aflição. Meu cérebro parecia ecoar os pós-efeitos da colisão, do vapor sibilante e dos gritos de terror. Alguns minutos se passaram até voltar à calma. O sonho foi contado à minha esposa antes de eu dormir novamente.

"Naquela manhã, às 8.18, não mais que seis e provavelmente não menos que quatro horas depois do sonho, o trem expresso de Danbury, com sua extremidade posterior para fora do túnel de Park Avenue na cidade de Nova York (o sonho

ocorrera em New Haven, a 120 km de distância) foi apanhado pela locomotiva do trem local de White Plains, que atravessou os vagões da retaguarda do trem parado, amassando-o como papel, e matando ou ferindo um grande número de pessoas. A colisão, segundo os jornais, foi ouvida a uma distância de 800 m. E um dos jornais afirmou: — "Então, para horror de todos, o vapor escapou sibilante da locomotiva destroçada sobre os infelizes presos sob ela" e "o vapor ergueu-se em nuvens, da abertura do túnel". Segundo outro relato, foi depois que alguns homens começaram a cortar as ferragens que os tubos de vapor explodiram e o fogo se declarou, todos estes detalhes sucedendo-se na ordem exata do sonho.

"Naquela época, eu não tinha iniciado a pesquisa de modo científico, e o sonho não foi registrado, mas:

1. contei o sonho à minha esposa imediatamente ao acordar;
2. durante minha ausência naquela tarde, um vizinho descreveu-lhe a colisão que acabara de ler e ela imediatamente, recordando as semelhanças, disse: "O dr. Prince sonhou esta manhã exatamente o que acaba de ser descrito", e ela não é mulher de aceitar signos e prodígios;
3. quando vi os jornais no dia seguinte, fiquei chocado ao comparar os detalhes sonhados e os que realmente ocorreram;
4. não guardei um relato impresso do desastre e não li outros nos dias seguintes; sete anos mais tarde, entretanto, em resposta a um questionário do dr. Hyslop a seus leitores sobre experiências "parapsíquicas", descrevi-lhe o sonho acima e pedi-lhe que procurasse os jornais contando o acontecimento, convicto de que meu sonho, cujo delineamento ainda se encontrava gravado em minha memória à maneira de uma ocorrência real, coincidiria como uma réplica; provavelmente ele arquivou minha carta e esqueceu-se do que eu sugerira; só quando entrei para a Sociedade de Pesquisas Parapsíquicas, em 1907, fez-se a comparação, e justificou-se a minha memória;
5. a meu pedido, em 1917, minha esposa redigiu sua lembrança do sonho, sem recurso a qualquer documento impresso ou memorandum; sua memória guardou os aspectos principais de modo incomum, porque desde que sai de casa aquela manhã não mais voltei, até o dia seguinte e um recado escrito que lhe mandei não lhe foi entregue; ela passou a noite acordada, em grande ansiedade, pensando no sonho e temendo que algum acidente me tivesse acontecido.

"Todos os documentos relativos a este sonho foram publicados no *Journal of the Society of Psychical Research,* em fevereiro de 1919, acompanhados de uma discussão completa. Os detalhes coincidentes são:

1. uma colisão de trens;
2. na entrada do túnel;
3. trem apanhado pela retaguarda;
4. morte e ferimento de pessoas ao primeiro impacto;
5. horror aumentado pelo vapor e pelo fogo;
6. morte e ferimento por vapor e fogo;
7. homens correndo e cortando as ferragens antes do vapor explodir e das chamas se levantarem.

"O desastre ocorreu entre 6 e 4 horas depois do meu sonho. Em localidade que me era familiar, a 120 km de distância. Não pude descobrir, em nenhum de meus pensamentos ou experiências, quaisquer causas que favorecessem este sonho, e muito menos que favorecessem sua espantosa nitidez e intensidade de emoção."

8.º Caso — Áustria, 1904 — Dunne, sonho precognitivo. Perseguição por animal.

"Então houve um sonho que, de certo modo, simplificou a questão — pois eliminou definitivamente a insanidade, a clarividência, a perambulação astral, as mensagens de espíritos e a telepatia. Mas deixou-me face a face com algo ainda mais espantoso que tudo isso.

"Em 1904, alguns meses após o sonho do incêndio, eu me hospedava no Hotel Scholastika, nas margens do lago

Aachen, na Áustria. Sonhei certa noite que eu descia uma espécie de vereda entre dois campos, margeada por altas cercas de ferro, de 2 a 2.50 m de altura de cada lado, separando as duas propriedades. Um cavalo no campo à minha *esquerda* subitamente atraiu minha atenção. Ele evidentemente tinha enlouquecido e estava destruindo tudo, dando coices e arremessando-se do modo mais demente. Rápido, relanceei os olhos pelas cercas à minha frente e às minhas costas, para ver se descobria alguma abertura pela qual o animal pudesse fugir. Satisfeito, pois nenhuma encontrei, continuei pela trilha. Poucos minutos depois, ouvi cascos retumbando atrás de mim. Olhando para trás, constatei, para minha consternação, que o bruto havia, de algum modo, escapado e descia o atalho, o corpo em riste, como rajada, em minha direção. Um pesadelo dos piores; corri como lebre. À minha frente, o atalho terminava ao pé de um lance de degraus de madeira para subir. Eu tentava freneticamente alcançá-los quando acordei.

"No dia seguinte, fui pescar com meu irmão no pequeno rio que flui do lago. Usávamos vara de pescar e eu estava ativamente fustigando as águas quando meu irmão gritou: — Olhe o cavalo! — Do outro lado do rio, vi a cena de meu sonho. Mas, apesar de correta no essencial, era absolutamente incorreta nos detalhes. Os dois campos, com a vereda de elevadas cercas de cada lado, estavam ali. O cavalo ali estava, comportando-se exatamente como no sonho. Os degraus de madeira no fim da trilha estavam ali (conduziam a uma ponte que cruzava o rio). Mas as cercas eram de madeira e baixas, de um metro e pouco, e os campos eram comuns e pequenos, enquanto os do sonho pareciam parques de grande extensão. Além disso, o cavalo era um animal pequeno, e não o vandálico monstro do sonho, apesar de seu comportamento ser igualmente alarmante. Para terminar, ele encontrava-se no campo errado, naquele que em sonho estaria à minha *direita*, se eu estivesse descendo a trilha em direção à ponte.

"Comecei a contar o sonho a meu irmão, mas parei porque o animal estava se comportando tão excentricamente que desejei certificar-me de que ele não podia escapar. Como no sonho, passei os olhos, críticos, pelas cercas. Nelas, como no sonho, não vi abertura, ou falha. Satisfeito, eu disse: — Pelo menos, este cavalo não pode fugir, e recomecei a pescaria. Meu irmão, entretanto, gritou: — Olhe para ele! — Levantando os olhos, percebi que não havia escapatória. O cavalo tinha, inexplicavelmente, como no sonho, escapado (provavelmente saltou a cerca)

e, exatamente como no sonho, galopava pela vereda em direção aos degraus de madeira. Desviou-se deles e atirou-se no pequeno rio, vindo direto em nossa direção. Nós dois apanhamos pedras, corremos uns 30 metros para longe da margem e encaramos a situação. Um final inofensivo, pois ao emergir das águas, do nosso lado, o cavalo nos olhou simplesmente, relinchou e galopou por uma senda que descia, afastando-se."

"Eram sonhos comuns, bastante apropriados, esperáveis; mas estavam acontecendo nas noites erradas". "Não, nada havia de incomum nestes sonhos enquanto sonhos. Meramente estavam *deslocados no tempo*", observou Dunne, escrupulosamente.

9.º Caso — Inglaterra, 1912. PC em sonho. Naufrágio do Titanic.

G. N. M. Tyrrell, engenheiro formado pela Universidade de Londres, posteriormente devotado à pesquisa parapsicológica, presidente da Sociedade de Pesquisas Parapsíquicas em 1945 e falecido em 1952, autor, entre outros livros, do hoje clássico "The Personality of Man", narra nessa obra, a experiência precognitiva de um concidadão inglês:

"Em 19 de abril de 1912, John Connon Middleton, homem de negócios londrino, redigiu um testemunho para a Sociedade de Pesquisas Parapsíquicas, dizendo que em 23 de março ele reservara uma passagem para Nova York no transatlântico Titanic da Companhia White Star.

"Cerca de 10 dias antes da partida", escreveu ele, "sonhei que vi o navio flutuando no mar com a quilha para cima e, à sua volta, nadando, os passageiros e a tripulação."

O passageiro em perspectiva nada disse aos amigos, temendo assustá-los mas, na noite seguinte, o sonho se repetiu. Contudo, ainda ele nada deixou transparecer, à espera de um telegrama sobre seus negócios nos Estados Unidos. O telegrama chegou e sugeriu o adiamento da viagem. Por isso, ele cancelou a reserva. Isto ocorreu uma semana antes da partida. Ele, então, contou o sonho à sua esposa e a diversos amigos. Três destes amigos enviaram seu testemunho escrito à Sociedade de Pesquisas Parapsíquicas, afirmando que o sr. Middleton lhes con-

tara o seu sonho antes da partida do Titanic. A sra. Middleton acrescentou seu testemunho, numa entrevista pessoal. Ela afirmou: "Ele nunca sonha"; e deu enorme ênfase ao fato de que ele teve um sonho pela primeira vez. Ele escreveu que possuía a passagem, os telegramas, etc., em apoio de sua afirmação e ofereceu enviar cópias se necessário.

O Titanic partiu de Southampton em 10 de abril e naufragou entre 14 e 15 do mesmo mês, em 1912.

Tyrrell escreveu:

"Quanto ao problema da coincidência casual, deve-se notar que o sonho se repetiu, o que torna a hipótese da casualidade muito difícil."

10.º Caso — Inglaterra, 1.ª Grande Guerra. PC durante a vigília. Cicatriz em soldado.

Edith Lyttelton, presidente da Sociedade de Pesquisas Parapsíquicas em 1933-34, realizou naquela época uma palestra pelo rádio sobre casos de PC, seguida de correspondência com pessoas que alegavam ter tido tais experiências. Tratou cuidadosamente de selecionar e corroborar os casos pesquisados, antes de publicá-los em livro.

Enquanto eventos precognitivos durante o sono são mais freqüentemente mencionados, casos sucedidos durante a vigília são bem mais incomuns, como o deste inglês:

"Os meus não ocorrem em sonhos ou sessões; tenho visões que acontecem em plena luz e algumas enquanto eu trabalho.

"Vejo o futuro e as visões deixam-me um estranho sentimento, sei que vão acontecer. . .

"Durante a Grande Guerra, dois irmãos, Jack e Charlie Trench, da rua Faringdon, em Walsall, foram convocados para o exército, como artilheiros, metralhadores. Voltaram da França durante uma licença. (Tinham receio de nunca regressar à Inglaterra) Trench caminhava ao meu lado quando vi distintamente uma cicatriz sobre seu olho esquerdo. Experimentei um estranho sentimento a respeito. Imediatamente lhe ordenei que cortasse um botão da barra de minha túnica, e o colocasse junto

ao seu pescoço com seu disco de identificação; disse-lhe que ele voltaria, sim, da guerra, apenas com uma cicatriz sobre o olho esquerdo.

"Ao terminar a guerra, ele voltou e o único ferimento lhe deixara uma pequena cicatriz sobre o olho esquerdo, causado pelo inimigo.

"Agora ele é um sargento de polícia na estrada de ferro de Chester. Faz anos que não o vejo mas com certeza ele guarda e valoriza o botão."

Ao receber esta carta, de Joseph F. Burrell, a sra. Lyttelton escreveu a Trench, para pedir a versão dele, tendo o cuidado de não mencionar os detalhes da PC. Cortesmente, ela informava não duvidar da palavra de Burrell, mas necessitar da confirmação de Trench, visando a publicação do caso. Trench respondeu-lhe:

". . . o sr. Burrell deu-me um botão de sua farda de policial e pediu-me para usá-lo com meu disco de identificação militar, dizendo-me que eu voltaria da guerra, apenas com uma cicatriz. Isto realmente aconteceu, fui ferido na face imediatamente abaixo do olho direito, e possuo até hoje o estilhaço de granada."

A sra. Lyttelton acrescentou: "Se Burrell apenas tivesse dito ao amigo que este voltaria da guerra, poder-se-ia atribuir o fato ao acaso. Mas o detalhe da cicatriz dificilmente pode ser explicado por coincidência."

Quanto ao errôneo detalhe de localização da cicatriz, se o consciente erra e se o pré-consciente tem suas falhas, o inconsciente, em seu equilíbrio delicado e instável, na tentativa de comunicar-se pela memória, pelo lapso, pelo sonho, pelos sintomas neuróticos, pela mediunidade, e pela paranormalidade clarividente, telepática ou precognitiva, pela visão em vigília, também o faz, às vezes, com imperfeições.

11.º Caso — Inglaterra, 1920 — Sonho precognitivo de Priestley. Visão do Grand Canyon nos Estados Unidos.

"Este sonho pertence à década de 1920. Encontrei-me sentado na primeira fila de um balcão ou galeria em algum indefi-

nido teatro colossal. . . No que presumi ser o palco, igualmente vasto e sem o arco do proscênio, vi um espetáculo fantástico e de brilhante colorido, perfeitamente sem movimento, sem qualquer semelhança com qualquer coisa que eu tivesse visto até então. Foi um sonho invulgarmente impressionante, que me acompanhou como assombração durante muitas semanas depois.

"No início da década de 1930, fiz minha primeira visita ao Grand Canyon, chegando de manhã muito cedo quando uma forte neblina impedia totalmente a visão. Sentei-me por algum tempo junto ao parapeito da Borda Sul, em frente ao hotel, esperando que a neblina se tornasse menos espessa e se evaporasse. Aconteceu que ela sumiu de repente, e então vi, como se estivesse sentado na primeira fila de um balcão, aquele espetáculo fantástico e de brilhantes cores, sem movimento, que eu vira em meu teatro de sonho. Meu reconhecimento foi imediato e completo. Meu sonho de anos atrás mostrara-me uma "avant-première" de minha primeira visão do Grand Canyon."

Escritor e teatrólogo inglês, J. B. Priestley, movido por seus próprios sonhos precognitivos, assim respondeu, em seu livro "Homem e Tempo", aos críticos que argumentam contra a PC:

"Meu sonho aconteceu:

1. antes que eu lesse Dunne;
2. antes que eu me interessasse pelo problema do Tempo;
3. meu reconhecimento da situação foi instantâneo e completo;
4. houve um longo intervalo entre o sonho e o acontecimento;
5. não se pode encontrar neste caso ansiedade reprimida, emoções fortes;
6. no sonho do teatro imóvel eu não sabia que o espetáculo do palco fosse o Grand Canyon;
7. o tipo de fotografia colorida hoje familiar dificilmente existia nos primeiros anos da década de 1920;
8. se tivesse visto uma pintura do Grand Canyon, eu certamente não a teria esquecido;
9. tanto no espetáculo do sonho como na visão real do Grand Canyon havia uma riqueza comum, uma profundeza, uma intricácia, e uma magnificiência, que fazem a comparação com vagas memórias de velhas fotografias parecer ridícula;

10. coincidência? Eu não costumava sonhar que me sentava em vastos e indefinidos teatros, vendo algum espetáculo imóvel, multicolorido, brilhante e fantástico. Este sonho foi tão incomum e impressionante que facilmente me recordava dele. Colocou-me na primeira fila de um balcão de algum indefinido teatro, pois, mais tarde, quando tive a primeira visão do Grand Canyon, eu estava de fato sentado junto ao parapeito, uma circunstância que eu não poderia razoavelmente prever.

". . . na época em que tive este sonho, não tinha planos de visitar os Estados Unidos e nunca tive a idéia de ver o Grand Canyon. De fato, quando fui à América e cruzei-a por trem até o Oceano Pacífico, vi o Grand Canyon em resultado de uma decisão de última hora, de me beneficiar ali com uma parada conveniente em minha viagem. Mais tarde, fiz várias outras visitas ao Canyon, desci ao seu leito, e escrevi sobre ele em meu livro "Meia Noite no Deserto". Adquiriu grande fascinação sobre mim e, em minha opinião, isto explica por que eu tive este sonho precognitivo.

"Sabemos de coincidências. . . não são novidades em nossas vidas; e sabemos que estão destinadas a acontecer. Começamos a cismar e a fazer perguntas quando as coincidências não mais *parecem* coincidências, quando numerosos detalhes do sonho e do acontecimento concordam, quando as probabilidades contra o acaso se elevam muito alto, e quando todo o tom e o sentimento de nossa dupla experiência parecem muito diferentes de tudo o que conhecemos em nosso encontro ordinário com a coincidência. Existe um ponto além do qual as coincidências se transformam em algo mais, compelem-nos a buscar uma explanação, assim como há um ponto além do qual o desligamento científico pode transformar-se em preconceito obstinado."

12.º Caso — Estados Unidos, anterior a 1961.
PC em vigília. Visita de amigos.

"Vivemos numa cabana de madeira num pequeno bosque a uns 200 m da rua principal, enquanto se reforma a nossa casa.

Longa alameda conduz à entrada da cabana, de cujo pórtico nada obstrui a visão da rua.

"Recentemente, numa sexta-feira à tarde, eu estava só na cabana. Achava-me de pé, em frente a uma mesa, diante de uma janela aberta, quando olhei para fora ao ouvir o ruído de um carro que se aproximava. Ali estava um reluzente sedan preto no alto de uma pequena elevação da qual se desce e depois se sobe de novo para chegar à cabana. O carro estava muito perto da cabana. Eu sabia que havia uma pessoa no assento da frente, ao lado do motorista. Era uma mulher de blusa branca. Eu podia ver as mangas compridas e os punhos justos da blusa. Pela posição de seus braços, eu sabia que ela estava sentada de costas para o motorista, olhando atentamente para a cabana. Eu não lhe podia ver o rosto. O carro não me era conhecido. Eu não podia dizer quem eram os ocupantes. Cruzei rapidamente a única sala da cabana, em direção ao banheiro, cujas janelas estavam abertas, dando diretamente para a estrada. Olhei-me ao espelho e vi que era tarde demais para melhorar minha aparência, ou mesmo passar um pouco de baton. Corri para o pórtico — e nenhum carro era visível dali.

"Eu podia ver a longa extensão da alameda. Nenhum carro e nenhuma poeira, embora naquela época houvesse muito pó. Lembrei-me imediatamente que depois de ouvir o ruído das rodas, que me fizera levantar a cabeça, não ouvi qualquer outro barulho, nem mesmo dos freios. O carro não poderia ter ido embora no curto espaço de tempo em que fui ao banheiro, sem fazer muito barulho e sem afastar-se em alta velocidade. Seria necessário contornar uns pinheiros e, além disso, meu carro estava no caminho. Acredite-me — fiquei preocupada com o fantasmagórico sedan preto durante todo o fim de semana e contei o caso a todos que quisessem ouvi-lo — e até aos que não quisessem!

"Domingo à tarde eu estava novamente sozinha na cabana. No mesmo cenário, à mesma hora, dois dias depois, eu era a mesma pessoa, apenas um pouco mais nervosa. Qualquer ruído que ouvisse me fazia pular e olhar para trás sobre meu ombro. Finalmente eu o ouvi — um carro se aproximava. Olhei para fora e no mesmo lugar da estrada encontrava-se o mesmo carro de minha visão. As mesmas mangas brancas dependuradas para fora. A mulher de costas para o motorista. Sai na disparada, balbuciando: — Você é um fantasma? — para grande assombro de meus concretos amigos da cidade que haviam planejado durante vários meses visitar-nos em alguma tarde de domingo.

Nunca tinham estado em nossa cabana e por isso a mulher a examinava detidamente. Sua blusa era idêntica à da visão."

Pergunta a dra. Rhine a propósito deste caso por ela publicado em 1961, da coleção do Laboratório de Duke: "Poderia uma experiência como esta provir de um pensamento ou de uma coisa existente? Não, a idéia da visita poderia ter estado na mente dos hóspedes, é tudo o que se pode afirmar; mas ninguém saberia antes da hora a exata posição das pessoas no carro ou de que modo elas olhariam para a mulher na cabana. Essa situação não existia quando ela a viu. A experiência parece portanto reprodução de um evento que *não tinha acontecido.*"

13.º Caso — USA, anterior a 1961 — PC em sonho. Morte de paciente com câncer.

"Eu era uma estudante de enfermagem num hospital onde fazia meu treinamento. Na prática de pediatria, designaram-me um paciente, menino de seis anos de idade, submetido a uma operação exploratória devido a uma doença do estômago. Ao abrir-lhe o corpo, os cirurgiões encontraram um câncer de rápido crescimento e mandaram-no de volta ao quarto com um prazo de vida limitado. Seus pais estavam inconsoláveis e permaneciam com ele dia e noite, enchendo o quarto de brinquedos, alimentos e tudo o mais que pudesse fazê-lo feliz. Um dia, quando eu estava de folga, eles decidiram repentinamente levar o filho a um hospital em Nova York onde pensavam obter-lhe a cura. Eu havia terminado meu período diurno e tive este sonho cerca de um mês depois de iniciar meu estágio noturno.

"Nós tínhamos substitutas de 7 em 7 horas, e duas enfermeiras trabalhavam juntas — uma parava de 1 às 3 para dormir duas horas e, ao voltar, a outra ia para o repouso de 3 às 5. Naquela noite fui para meu quarto de 1 às 3 da madrugada e caí em profundo sono. Sonhei que, ao retornar ao meu trabalho, o telefone chamaria para que eu preparasse um quarto de certo número porque um paciente passando muito mal seria admitido. Eu devia ter tudo pronto e o telefone soaria novamente avisando-me para descer e receber o doente; e quando eu fosse para a entrada, ali encontraria meu paciente de seis anos em condições lastimáveis. Ele estaria usando um roupão de banho

azul e rosa, e um gorro, e insistiria para que eu o levasse pessoalmente até o seu quarto no andar superior. Ele estaria tão perto da morte que eu preferiria não carregá-lo, mas teria de fazê-lo, e todos se sentiriam muito tristes e emocionados pois seu estado era grave. Eu sabia que ele morreria antes de uma hora da tarde, no dia seguinte.

"Pois bem, vários detalhes neste sonho contradiziam a ética. Em primeiro lugar, uma estudante nunca deixava o andar onde servia e todos os pacientes eram admitidos por enfermeiras de emergência noturna ou de ambulância, e ninguém assim tão doente era trazido pela porta de entrada. Além disso, nunca me pediram que pessoalmente carregasse uma criança daquela idade e eu nunca vira um gorro escocês do tipo daquele usado pelo menino do sonho.

"O pesadelo me deixou enervada, pois era demasiado vívido e assustador. Voltei ao meu andar e contei o sonho inteiro à enfermeira, mas ambas o consideramos muito rebuscado, e estávamos certas de que o menino já havia morrido há tempo. Descrevi a cor e o xadrez do roupão e do gorro, o estilo deste, o número do quarto, tudo detalhadamente, e até a hora da morte.

"Poucos minutos após a enfermeira retirar-se para o seu repouso, o telefone tocou; ao respondê-lo, eu sabia de antemão o que seria — a supervisora da noite pediu-me que preparasse um quarto para um doente grave que chegaria de ambulância a qualquer minuto, mas ela não sabia quem ele era. Eu lhe disse quem ele seria — e contei-lhe toda a estória. Até mesmo quando lhe descrevi o roupão, a porta de entrada, e meu encontro pessoal com os recém-chegados, ela não me acreditou; respondeu que o enfermo seria admitido como sempre, pela porta de emergência, e pela enfermeira de costume, ou por ela própria, e que eu me permitia acreditar num sonho comum sem refletir.

"Cerca de 10 minutos depois, a telefonista chamou e me disse que eu devia deixar o andar onde estava e descer imediatamente, pois um doente muito grave acabava de chegar à porta de entrada, e que ele estava tão mal que ela receava uma comoção no vestíbulo principal. Os pais do doente haviam chegado de Nova York, de trem. A ambulância fora enviada a tempo, mas numerosos parentes, à espera do trem, pensaram trazer o menino ao hospital mais depressa do que a ambulância. A viagem fora demais para a criança.

"Eu desci, e deparei com tudo exatamente como em meu sonho. Os pais e os parentes chorando, a criança nas últimas. O menino demonstrou satisfação ao ver-me e estendeu os braços

para mim para que eu o levasse, de modo que o transportei para cima em meus braços. Na ocasião eu estava tão nervosa que me deixei dominar pelo medo. Eu não podia compreender aquilo, nem as outras podiam. Todas olhavam para mim como se eu fosse extravagante. A supervisora não podia explicar o que estava acontecendo, e quando a minha substituta chegou, expliquei-lhe que o menino morreria antes de uma hora da tarde, antes mesmo de um médico examiná-lo. Também isto se confirmou, o menino caiu em profundo sono e quando o médico chegou, os pais não consentiram que ele perturbasse a criança, e ela morreu sem que o doutor a examinasse.

"A enfermeira de emergência da noite e a supervisora tinham estado ambas empenhadas numa súbita operação de emergência e não puderam naquele momento acudir o menino que entrava, por isso a telefonista me chamara, do meu andar, para recebê-lo."

Este sonho foi relatado pela dra. Rhine em seu livro "PES na vida e no laboratório", publicação de 1967.

2. PC espontânea e prova científica

A crítica recente de que os casos espontâneos relatados em seus livros não foram documentados exaustivamente como o exige o rigor científico, Louisa Rhine já havia respondido desde o primeiro capítulo da obra acima mencionada: seu estudo não se baseou na idéia de *provar,* através do fenômeno espontâneo, fosse o que fosse. "Embora em Parapsicologia, como em qualquer outra ciência, nada de definitivo se possa provar pelo estudo de casos sem experimentação controlada, algo ainda se consegue observando-se como a lei estabelecida ou o fato se enquadra no processo do mundo natural". Foi possível à dra. Rhine "aceitar conjeturalmente a experiência espontânea pelo seu valor nominal, dispensando-se o esforço laborioso de autenticação ou de confirmação que se considerava indispensável anteriormente". "A prova (do fenômeno parapsicológico) não poderia jamais se basear nessa espécie de material (o espontâneo)". "Tinha-se em mira conseguir *sugestões sobre a maneira como ele ocorria*". "Sem dúvida estava presente o problema dos erros do testemunho humano mas era possível manuseá-lo sufi-

cientemente bem para o objetivo atual sem declaração juramentada".

A crítica de que o fenômeno espontâneo é único e irrepetível, não oferecendo, por isso, valor de prova científica, Chari, do Departamento de Filosofia e Psicologia do Madras Christian College, Tambaran, Índia, lembra que o fato acontecido *uma única vez* na História, uma guerra civil por exemplo, *registra-se irrepetivelmente.* Se lhe negarmos crédito, até a mais escrupulosa História torna-se estória divagante. "Mesmo que a prova do fenômeno parapsicológico consistisse apenas em registros de ocorrências irrepetidas ou irrepetíveis, deveríamos ser capazes de estimar seu valor. Se eliminarmos os casos espontâneos, transformamos o testemunho humano numa farsa".

Bergson formaria ao lado de Chari na atual disputa. Declarou ele a respeito de outro fenômeno parapsicológico, a telepatia: "Quando considero a quantidade enorme de fatos e, sobretudo, a semelhança entre eles, seu 'ar de família', a concordância de tantos testemunhos independentes uns dos outros, todos analisados, controlados, submetidos à crítica, sou levado a crer na telepatia, da mesma maneira que acredito, por exemplo, na derrota da 'Invencível Armada'. Se não se trata da certeza que proporciona a demonstração de um teorema de Pitágoras, ou a comprovação da lei de causalidade, trata-se, pelo menos, da certeza obtida em questões históricas ou judiciárias. A desconfiança que certos cientistas manifestam perante estes fatos metapsiquícos (parapsicológicos) provém de que tratamos de forma histórica ou judicial fatos que, se forem reais, devem obedecer às mesmas leis aplicadas aos fatos examinados pelos naturalistas".

Rhine é incisivo: "O valor dos casos espontâneos reside no impulso e na direção que dão à pesquisa experimental; mas esses casos em si não constituem prova adequada de qualquer forma de PES".

3. O estudo de milhares de casos de PC espontânea

Desde tempos remotos registram-se experiências espontâneas de PC. Sua coleta e análise sistemática, entretanto, data da

fundação da *Society for Psychical Research (S. P. R.),* britânica, em 1882. Um grande número de casos passou por seu severo exame e viu publicação em seus *Proceedings.* Seus pesquisadores empiricamente orientaram suas atividades mais para a descoberta e a investigação dos fatos que para generalizações perigosamente prematuras. Seus admiráveis esforços conduziram à certeza moral da autenticidade dos fenômenos metapsíquicos.

Dr. Henry Sidgwick, professor de Filosofia na Universidade de Cambridge, membro fundador e primeiro presidente da S. P. R., ao expor o programa da Sociedade, declarou: "É preciso colocar os incrédulos perante este dilema: admitir que os fenômenos são inexplicáveis, pelo menos para eles, ou acusar os investigadores de mentira e desonestidade, de cegueira ou de esquecimento, isto é, de diversos defeitos intelectuais e morais só compatíveis com a imbecilidade absoluta".

A extensa coleção de casos parapsíquicos espontâneos constituiu a base para dois volumes: *Gurney, Myers e Podmore — Phantasms of the Living — Londres, 1886* (um tomo de "Human Personality" de Myers) e *Prince, W. F. — "Human Experience", Boletins 14 e 20 da S. P. R.* O efeito total do exame, classificação e publicação de milhares dessas experiências foi impressionante em dar ênfase à generalidade de distribuição e à freqüência de tais eventos entre a população: de 1 para cada 4 indivíduos nas coleções menores, e de 1 para cada 10 indivíduos, nas maiores.

Sidgwick, Saltmarsh, Green e Nicol publicaram sumários e análises de alguns dos casos colecionados pela S. P. R., desde 1882. Seu método crítico tem sido aperfeiçoado sem cessar. West resumiu as principais condições e modalidades desse delicado trabalho. Sua congênere, a Sociedade Americana de Pesquisa Parapsíquica (A. S. P. R.), também tem oferecido ao mundo relatos bem documentados de PC.

Louisa E. Rhine, a partir de 1948 e durante mais de 10 anos, estudou milhares de casos de PC espontânea, oriundos de todos os estados norte-americanos e de países de língua inglesa, publicando sua primeira análise sob o título de "Canais Ocultos do Espírito", em 1961. No prefácio ao livro de sua esposa, Rhine ponderou:

"Desperdiçou-se durante séculos o acúmulo rico e pouco explorado de fenômenos naturais visto não se encontrar na Ciência lugar onde se os guardasse, processasse e utilizasse. É preciso não deixá-lo mais entregue aos registros inacessíveis da

memória individual, aos arquivos de família e a seleções literárias ocasionais. A espécie de coleção que a autora realizou no Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke contribuirá para assegurar renovado respeito por experiências dessa natureza, estimulando o registro de matéria-prima ainda mais preciosa para o estudo científico."

Sua coleção, por não excluir casos cuja corroboração exigiria exaustivo trabalho, constituiu uma amostra mais fiel que a inglesa:

"Durante a década de 1880, a *S. P. R.*, na Inglaterra, coligiu grande número de descrições de casos com o fito de provar a existência da telepatia. . . A fim de realizar experimentos que se relacionassem com a questão de maneira absolutamente fidedigna, levaram-se em conta apenas os relatos baseados em provas concretas de autenticidade quase tão rigorosas como em um tribunal. Às vezes, é claro, tornava-se impossível obter provas dessa natureza. Em conseqüência, muitas experiências e, conforme a natureza do caso, muitas *espécies* de experiência, tiveram de ser excluídas. As coleções resultantes compuseram-se, portanto, inadvertidamente, de material escolhido, fato que então escapou à observação."

Na década de 1930, tão logo se fizeram públicos os resultados dos primeiros experimentos no Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke, para ele afluíram milhares de cartas comunicando experiências pessoais enigmáticas. Os correspondentes, das mais diversas condições sócio-econômicas e culturais, queriam conselhos ou informações — perguntavam como e por que "aquilo" acontecia. Nessa coleção caótica de casos espontâneos, a dra. Rhine pôde discernir um motivo comum para a confidência — o de descobrir a verdade.

Não se exigiu dos correspondentes autenticação ou prova dos casos referidos. A prova científica da PC não poderia ser dada por aquele material, mas, sim, sugestões sobre a maneira como ocorria. Havia o problema dos erros de testemunho; o número elevado de casos, porém, fornecia uma sucessão de detalhes significativos, irreconhecíveis em poucas experiências isoladas. Cancelavam-se enganos de memória, interpretações exageradas, imaginação, coincidências, etc. Transparecia uma realidade quase não reconhecida pela Ciência, "resultado de canais de informação há muito suspeitados e ainda grandemente ocultos à observação".

4. Formas de PC espontânea

A dra. Rhine distinguiu três formas de PC na coleção de casos espontâneos: realista, não-realista e intuitiva:

1. *Realista.* A PC se manifesta na consciência de forma pictórica, sem disfarces, com detalhes verdadeiros que parecem uma fotografia impressionante do acontecimento quando este vem a se dar.
2. *Não-realista.* A PC assume forma misteriosa, críptica, simbólica, até mesmo lendária. A figura da Morte, ou de Cristo, por exemplo. Aos olhos da Ciência, esta forma de PC deixa de convencer como deixa de ficar provada. Sonhos deste tipo são menos freqüentes que os realistas, os prosáicos.

(Estas duas formas combinam-se, excepcionalmente, no mesmo sonho, semelhante à mistura de prosa e poesia.)

3. *Intuitiva.* A PC ocorre em vigília, como conhecimento repentino, convincente, de algo que vai acontecer, sem recurso aos sentidos ou ao raciocínio arguto, quando a observação não é possível e a ansiedade não serve de orientação. Esta forma de PC é menos freqüente que as duas primeiras.

Um Caso de PC realista:

Certo verão, diversos industriais foram às matas do Canadá em excursão de pesca. Entre eles, o gerente distrital de uma Companhia de Folhas de Flandres. Ficaram duas semanas no recesso das matas, isolados de qualquer fonte de informações.

Na véspera da viagem de retorno, o gerente teve um sonho tão claro, tão lúcido, que não pôde mais conciliar o sono. Escreveu ele: — "Neste sonho, um dos guindastes de locomotiva que descarregava um vagão de sucata de ferro, juntamente com o carro, estava nos trilhos perto da margem de um rio, ao lado da torre de abastecimento de água às locomotivas. Por um mo-

tivo qualquer, quando o enorme ímã girou com pesada carga de sucata, virou de repente sobre a margem do rio. O operador, a quem chamei pelo nome, pulou do guindaste e caiu por baixo dele quando este desceu aos trambolhões a margem do rio; desapareceu finalmente de vista quando o guindaste parou seis metros abaixo do nível da água. Observei particularmente o número do guindaste e o número e a posição dos vagões, e sou capaz de dizer como o operador estava vestido. Além disso, observei e avaliei aproximadamente o estrago causado ao guindaste. Não sabia, porém, o que afinal acontecera ao operador. Desaparecera sob ou por trás do guindaste depois que este parou. Em outras palavras, eu observava o acidente de algum ponto do rio ou da outra margem. Ao chegar à fábrica no dia seguinte, a primeira pessoa que vi foi o chefe das oficinas. Pediu-me que o acompanhasse até a oficina mecânica para examinar o guindaste de meu sonho, e falar com o operador que saíra do acidente sem um arranhão. O operador explicou-me como escapara: o guindaste tombara-lhe pela frente quando ele dera o último pulo. O relato coincidia em tudo com o meu sonho, com uma única exceção: o acidente acontecera duas horas *depois* do sonho".

Comentou a dra. Rhine ao apresentar este caso: "Ainda é cedo demais para formular qualquer conjectura quanto ao motivo por que estas experiências são tão fielmente pictóricas. Observa-se ao menos que esta forma realista não se rege inteiramente pelo interesse consciente da pessoa porque, se assim fosse, em um caso como esse, a pessoa "saberia" o que acontecera ao operador, tão exatamente como "sabia o número do guindaste". A forma realista não só é comum, mas fácil de reconhecer pelos detalhes precisos. Estes tornam pouco provável que se ponham de lado experiências dessa ordem como simples coincidências".

Um caso não-realista de PC espontânea

". . . . . . em certos casos, é possível vislumbrar nos sonhos de percepção parapsicológica de uma pessoa o desenvolvimento do que se viria a chamar de simbolismo 'personalizado'. Às vezes pode-se registrar a maneira pela qual certo símbolo, por exemplo, água lamacenta, ou um cavalo branco, ou uma alameda

com árvores, desenvolve-se até vir a ser um presságio de crise, em geral a da morte. Não é necessário que o primeiro sonho da série se baseie em PES. Pode ser sonho comum fantasioso; mas se acontecer em um momento crítico e significativo, poderá ficar "estampado" inconscientemente, de modo que mais tarde, quando ocorrer crise semelhante, mesmo só possível de se conhecer através de PES, a mesma fantasia virá a repetir-se, dando assim origem a sonho simbólico de PES.

"Na Carolina do Sul, em certa quente tarde de julho, a pajem de uma menina de 12 anos, mandou-a brincar fora de casa porque a mãe estava muito doente. A menina afastou-se para o pátio e adormeceu na rede. "Sonhei que vi minha mãe, (disse ela); andava em bela alameda, afastando-se. Corri o mais depressa possível mas compreendi que não seria capaz de alcançá-la; então, chamei-a. Ela voltou-se, fez um gesto com a mão e disse: — Volta, minha filha, teu pai está precisando de ti! — Voltei imediatamente e entrei em casa. Meu pai veio ao meu encontro no vestíbulo, abraçou-me e disse: — Filha, preciso de ti. Tua mãe nos deixou. — Quando eu lhe disse que a tinha visto andando rapidamente pela alameda que nunca antes conhecera, ele respondeu: — Deve ter-te dado o último adeus."

Este sonho, não precognitivo, mas clarividente, impressionou tanto a menina que, ao longo da vida, ela teve outros sonhos com a mesma alameda como símbolo de morte. O segundo sonho ocorreu 13 anos depois do primeiro, por ocasião da morte de seu irmão. O terceiro sonho, já casada, foi também presságio de morte, desta vez, de seu marido: — "Em janeiro de 1947, recebemos alguns amigos para um jogo de bridge. Ao se retirarem fomos dormir. Tive o mesmo sonho — desta vez era meu marido que caminhava tão depressa pela alameda. Corri e corri, gritei repetidas vezes para que ele parasse: mas também ele, como nos dois sonhos anteriores, ergueu a mão e me disse: — Volta, que nossos preciosos filhos precisam de ti.
— Assustada, agitando-me enquanto dormia, passei meus braços em torno de meu marido, que acordou. A primeira coisa que ele disse, foi: — Estou me sentindo mal, chama um médico.
— Morreu em poucos minutos".

O quarto foi sonho precognitivo e simbólico. "Mais uma vez, na sexta-feira santa de 1954, minhas filhas acompanhadas por uma amiga foram a um baile. Antes de seu regresso, sonhei que minha filha mais velha e sua amiga tinham sofrido um acidente fatal em frente à nossa casa, e a mesma alameda de árvores apareceu-me outra vez. Quando minhas filhas voltaram,

cerca de uma hora da madrugada, contei-lhes meu sonho, aliviada ao ver que as tinha em casa sãs e salvas. Na noite seguinte, minhas filhas deram um baile em casa. A amiga encontrou a morte a um quarteirão de nossa casa ao regressar à sua, e o acidente aconteceu exatamente como eu o vira em meu sonho". Meio suave de trazer más notícias, comentou a dra. Rhine.

Um Caso de PC intuitiva

Um senhor de Nova York enviou o relato seguinte ao Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke. Foi ele publicado pela dra. Rhine:

"Encontrava-me na França, em 1918, com o Sexto Regimento da Marinha, para ser específico, com a 74.º Companhia. Durante os meses de junho, julho e agosto, participei de combates muito sangrentos e ouvira muitas vezes companheiros afirmarem que tinham um palpite de que era chegada a sua vez. Infelizmente, em cada caso, esses pressentimentos deram certo. Senti-me inclinado a tomar a sério tais palpites.

"Em 12 de setembro de 1918, eu era um dos poucos que ainda sobrava na Companhia, dos que estavam nela desde o seu início. Achava-me completamente exausto e febril. Anteriormente eu participara de um ataque com bombas de gás, mas estava resolvido a continuar de pé. Em tal estado eu seria pouco útil e, para cúmulo, eu "sabia" que se não fossemos dispensados na manhã seguinte, eu seria "atingido na certa". Esforcei-me por afastar essa idéia mas não o conseguia. Quando na noite seguinte nos mandaram para a frente de combate, eu não estava resignado à minha sorte, mas como um rato encurralado, tentava livrar-me da idéia insistente, com toda a minha vontade. Afinal, não podendo livrar-me dela, comecei a desejar que o ferimento não me deixasse aleijado, um peso inútil (não me ocorreu que eu poderia morrer). Em minha mente, rejeitei ferimentos nesta e naquela parte do corpo até que, por fim, aceitei uma escoriação na pele, nas costas de meu ombro esquerdo.

"Na neblina da manhã de 14 de setembro de 1918, verificamos que a Companhia movera-se para uma saliência de pouca proteção natural. Os Alemães não estavam em melhor

situação que nós, mas tinham trincheiras, e portanto a sua posição lhes permitia infligir danos sem ficarem expostos. Estávamos praticamente face a face. Eu comandava uma 'Seção Suicida' e recebi instruções para ir ocupar um pequeno outeiro. Quando olhei para o lugar, eu "soube" que ali seria ferido! Tomamos posição. Uma metralhadora alemã começou a varrer a minha posição a ponto de ouvir as ondas do ar ressoarem em meu capacete. Enquanto eu me colava ao chão, uma granada resvalou por cima de meu corpo, pouco faltando para me atingir diretamente. Rebentou pouco além de meus pés, no rosto de vários de meus atiradores. Senti uma dor quente e cortante em meu ombro esquerdo. Arrastei-me para longe do outeiro e percebi que tinha um ferimento superficial nas costas, na altura do ombro esquerdo! Um estilhaço de metralha causara o ferimento e não um fragmento da granada, e eu não fora atingido por tiro de metralhadora. Estou convencido de que meu ferimento estava "nas cartas" e que não poderia ser evitado. Talvez fosse o jeito de Deus me dar um descanso quando meu pobre corpo e mente já atingiam o limite da resistência."

5. Freqüência das experiências precognitivas espontâneas

"Nenhum tipo de experiência extra-sensorial talvez pareça mais incrível que aquele que implica no futuro. . . . . Experiências precognitivas citam-se com mais freqüência que qualquer outro tipo de PES", declarou a dra. Rhine.

Em 1.000 casos espontâneos na Alemanha, em 1959, Sannwald encontrou 52% de PC.

Na Inglaterra, dos 300 casos analisados por Green em 1960, 34% eram precognitivos.

Nos Estados Unidos, em 1954, em 3.290 casos espontâneos de PES, a dra. Louisa Rhine encontrou 40% de PC.

No norte da Índia, 2.494 escolares responderam a um questionário sobre experiências extra-sensoriais; 594 das crianças afirmaram ter tido alguma experiência; destas, 40% relativas à PC, ou 358 crianças.

Seja qual for a incidência da PC nessas coleções de casos, é certo que grande número de pessoas na população em geral acredita ter tido experiências referentes a eventos futuros. Não se tem informação numérica segura dessa freqüência.

Estado de consciência do percipiente nas PCs espontâneas

Nos estudos de PC da britânica Sociedade de Pesquisas Parapsíquicas em 1888, 66% das experiências precognitivas ocorreram durante o sonho.

Na série de 1934, da mesma Sociedade, 68,1% foram relatados como acontecidos durante o sonho.

Na série de 1957, da mesma Sociedade, 68,8% durante o sonho.

Na série norte-americana de 1954, 68% durante o sonho.

Na série alemã de 1959, 60% durante o sonho.

A série hindu de 1968 constitui exceção, a PC ocorrendo igualmente em sonho e em vigília.

Louisa Rhine sugeriu que as atitudes prevalecentes na cultura ocidental tornam mais fáceis em vigília as experiências extra-sensoriais contemporâneas (clarividência, telepatia, psicocinese); as referentes ao futuro, que perturbam nosso conceito usual de tempo, ocorrem ao dormir, quando as barreiras entre consciência e inconsciência são enfraquecidas. Na cultura da Índia, a PES é mais aceita, e menos inibida, portanto, que na cultura do Ocidente.

6. Qualidades Sensoriais e Emocionais da PC espontânea

Na linguagem descritiva dos percipientes, os sonhos são relatados como "vívidos" (intensidade sensorial) e "realistas" (coerência, semelhança com as percepções da vigília), em oposição às imagens ilógicas, vagas e cambiantes dos outros sonhos.

Alguns ocorrem duas ou mais vezes com pequena ou nenhuma variação (14% de recorrência notada por Stevenson em 125 casos, dos quais 45% descritos como "vívidos" ou "realistas"). Dessa mesma série, 27% (34 percipientes) tentaram evitar o fato previsto por ser desfavorável, em virtude da *convicção* que acompanhou o sujeito: um teste da convicção é justamente tentar evitá-lo.

Em 1955, em 433 sonhos precognitivos, a dra. Rhine encontrou 162 (37%) em que o pré-conhecedor tentou evitar a sua realização.

Numa pequena série de sonhos precognitivos analisados por Lyttelton em 1937, 80% tinham "caráter insistente, compulsivo".

7. Simbolismo na PC espontânea

O simbolismo na PC espontânea não ocorre predominantemente. Dos 125 casos de Stevenson, 13,5% foram relatados como apresentando símbolos. Nos casos analisados por Saltmarsh, em 1934, de 5 a 6% continham símbolos.

Dommeyer e West obtiveram, em 1955 e 1958, alguns relatos onde se identificam símbolos como seguros indicadores de futuros eventos.

Segundo Stevenson, a pessoa que sonhou deve indicar o significado dos símbolos e das associações *antes* que os fatos aconteçam; do contrário, se fará atribuição retrospectiva de significação, talvez injustificável.

8. Relação entre Percipiente e Agente na PC espontânea

Geralmente entre ambos existe uma relação íntima, biológica ou de família. Em geral o percipiente participa do evento futuro, mas nem sempre sozinho.

Stevenson, dos 125 casos estudados por ele, separou 61 (ou 49%) em que o sonho se referia a um acontecimento a ser vivido pelo sonhador. Na série hindu encontram-se 18% de casos referentes a eventos futuros na vida do pré-conhecedor.

Quando o sonho precognitivo refere-se a acontecimento a suceder com outra pessoa, esta é geralmente muito íntima do percipiente. Nos 125 casos estudados por Stevenson, 31% referiam-se a parentes próximos, 11% a parentes distantes, amigos e conhecidos, 9% a estranhos. Na série hindu, 59% a membros da mesma família quando o percipiente era mulher.

A série alemã, estudada por Sannwald, sugere proporções similares.

Mais numerosas dentro do círculo familiar, estas PCs espontâneas apresentam curiosas exceções com referências ao naufrágio do Titanic no Atlântico, quando relativamente poucos percipientes tinham qualquer conexão com as pessoas envolvidas na catástrofe.

Barker verificou a mesma ausência de conexão ao analisar os casos de PC espontânea da calamidade de Aberfan, na Inglaterra, quando o deslisamento de um monte de carvão soterrou moradias e moradores dessa aldeia de mineiros, bem como uma escola com suas crianças em aula.

Segundo estudo de West em 1958, um desastre na França durante uma corrida de automóveis, no qual 70 pessoas foram mortas, parece ter sido acuradamente predito por uma senhora na Itália.

9. Tema das PCs espontâneas

Segundo Stevenson, poucas experiências precognitivas espontâneas referem-se a eventos agradáveis ou triviais. A morte é o tema mais comum e, a seguir, acidentes graves ou traumatizantes. Um choque emocional tende a gerar experiências precognitivas e outros tipos de PES. Acidentes aparecem em segundo lugar por serem mais inesperados que doenças. A preponderância de morte violenta não se deve à guerra; embora se possam esperar maior número de PCs relacionadas com mortes e acidentes durante a guerra.

Sannwald, na Alemanha, encontrou, numa série de casos espontâneos, 52% de PC em tempo de guerra, enquanto nas séries estudadas por outros autores as PCs aconteceram em tempo de paz.

Parece que raramente os percipientes pré-conhecem um ataque hostil às suas próprias pessoas, partindo de outras, embora haja exceções como o famoso sonho do Presidente Abraham Lincoln sobre o seu próprio assassinato pouco tempo antes da ocorrência.

Segundo a dra. Rhine, os sonhos precognitivos mais freqüentemente se referem a crises pessoais; a seguir, crises de parentes e amigos. Existem, porém, temas mais agradáveis, como a alegria de prisioneiros fugidos de um campo de concentração, a informação auspiciosa desejada, circunstâncias ameaçadoras que terminam bem, situações menos graves todavia importantes, algo que será familiar no futuro mas ainda é estranho, etc.

10. Intervalo de tempo entre PC e eventos confirmatórios

"As experiências precognitivas não compreendem grandes extensões de tempo — décadas ou séculos — conforme se dá com a profecia tradicional. Muitas se cumprem dentro de minutos, horas ou dias", escreveu a dra. Rhine.

Numa série holandesa de 193 sonhos precognitivos, pesquisada em 1962, a grande maioria ocorreu 24 horas após a previsão.

Em casos de desastres maiores, as experiências precognitivas espontâneas aumentam em freqüência à medida que o desastre se aproxima. 4 das 10 PCs sobre o naufrágio do Titanic, estudadas por Stevenson, ocorreram dentro dos 10 dias antes do afundamento, as outras 6 dispersando-se em períodos anteriores. No desastre de Aberfan, 18 das 34 PC ocorreram 4 dias antes, 8 ocorreram 2 semanas antes e as outras 8 nos meses e semanas precedentes.

De acordo com Stevenson, estes dados mostram que sua sugestão, relativa ao fato de o percipiente tirar subconscientemente inferências normais de informações obtidas *paranormalmente,* é correta. À medida que o evento se aproxima, os processos causais se tornam menos suscetíveis a modificações, o evento vem a ser mais inevitável.

PCs, mais raras, acontecem muitos anos antes dos fatos. Myers menciona o sonho de Lady Q, repetido três vezes durante os 6 anos anteriores à morte do tio.

Louisa Rhine cita vários casos de PC em prazos maiores:

a. Um senhor de Nova York sonhou que estava dirigindo um carro (na ocasião não possuía automóvel) pela rua em que o pai morava. Era de noite e via-se neve pelo chão (embora não fosse inverno quando teve o sonho). Chegou à casa dos pais e quando saía do carro viu o pai chegar à janela e sentar-se perto. "Entrei na casa e vi várias pessoas sentadas na sala de estar. Não reconheci nenhuma. Meu pai me disse 'Olá' e fez-me sinal para entrar no quarto, onde deparei com minha mãe morta. E ali acabou o sonho. *10 anos* mais tarde, recebi uma noite a comunicação de que minha mãe havia morrido subitamente. Tomei o carro que então possuía e dirigi-me para a casa de meus pais, à noite, quando nevava. Ao sair do carro, vi meu pai sentar-se perto da janela. Entrei na casa e vi vários parentes e amigos a quem reconheci. Meu pai disse 'Olá' e fez sinal para que entrasse no quarto. Lá estava minha mãe morta".

b. Certa moça do Texas sonhou que era empregada de um casal com filhos e ficou particularmente impressionada no sonho com a mobília da sala de jantar. "Vi um aparador alto de ébano, com acabamento parecendo cetim, com ramos de flores brancas de cada lado. A parte de cima era toda de vidro com as portas fechadas. Dentro, viam-se nas prateleiras pequenos bibelôs verdes parecendo de jade e estatuetas chinesas esquisitas parecendo ídolos ou imagens com aspecto de dragões. Passaram-se anos e no curso do tempo minha mãe faleceu e comecei a trabalhar fora, ora numa ocupação, ora noutra. Mudei-me finalmente para Houston, onde aceitei o emprego de criada em casa de um casal com dois filhos, isto a 16 de dezembro de 1952 — *17 anos* depois do sonho. Quando entrei na casa e virei-me para colocar minhas malas no vestíbulo, vi-me

diante do aparador chinês de meu sonho. Nas prateleiras de ébano vi figuras verdes, ídolos e dragões chineses colocados por trás das portas de vidro fechadas".

Bender cita o sonho de um percipiente que previu detalhes incomuns da morte de uma pessoa, então com dois anos de idade e que ocorreria *27 anos* depois. Estes casos, segundo Stevenson, não são facilmente explicáveis pela hipótese de PES contemporânea combinada com inferências normais subconscientes.

Raras vezes a PC se dá nas últimas horas da vida e se baseia na própria morte ou enterro da pessoa, sem que esta, obviamente, tenha a confirmação, restando aos assistentes de seus últimos momentos comprovarem-lhe as palavras. "Na Nova Zelândia, conta a dra. Rhine, uma mulher estava sentada ao lado do leito do marido, desenganado. Antes de sua morte, ele perguntou-lhe por que ela estava chorando. Ela negou que estivesse chorando e disse-lhe que ia preparar-lhe uma bebida. Ele a encarou com surpresa e viu que ela dizia a verdade. Ele comentou então que não compreendia o que estava acontecendo, porque 'aquelas pessoas' estavam andando de um lado para o outro, e perguntou quem havia morrido. A esposa garantiu-lhe que ninguém tinha morrido. Ele não se mostrou convencido e disse que seria melhor que se comunicassem com S—. Ela não pode distinguir a palavra, mas pensou que soava como 'Sims'. O marido continuou dizendo que essa pessoa tinha um negócio em New Market, um subúrbio próximo. Nada mais disse e logo depois morreu. A esposa chamou o médico que veio imediatamente com duas enfermeiras. A seguir chegou uma amiga, de modo que quatro mulheres e um médico estavam andando no quarto onde tão pouco tempo antes o marido tinha pensado ver gente andando. O agente funerário tinha o nome de Sibuns e veio de New Market. A esposa então lembrou-se das palavras do marido".

"Ainda mais raras são as experiências precognitivas que ultrapassam de muito a própria vida da pessoa para se realizarem. Uma destas provém da neta da pessoa que teve o sonho; ela enviou uma carta, de Iowa, ao Laboratório de Parapsicologia da Duke University, dizendo que, em 1918, quando tinha 13 anos, a avó mostrou-se muito transtornada de manhã, por causa de um sonho durante a noite. A avó em geral não acreditava em sonhos, mas este não fora confuso e indistinto como a maioria dos que costumava ter. Escreveu a neta: "Em sonho, a avó tinha visto um cavalo preto de cara branca atacar-me,

jogando-me ao chão. Eu estava no pomar do lado norte da casa da fazenda. Mas não tínhamos cavalos soltos e nem tão pouco um preto de cara branca. A avó morreu em 1934. Mudamos, voltamos, e em 1947 recebi animais para pastar durante o verão e entre eles vieram éguas pretas, sendo uma de cara branca. Pertenciam a um solteirão e não davam montaria para senhoras. Geralmente resfolegavam e corriam quando me aproximava. Mas nunca tive medo de cavalos e o sonho da avó estava completamente esquecido. Certa manhã, quando fui ao pomar, a égua de cara branca resfolegou, depois começou a dar voltas em torno de mim, com os olhos arregalados. Gritei, agitei os braços, agarrei um galho quebrado. Ela relinchou e lançou-se. Tirei uma galocha que lhe joguei na cara. Ela parou por uns momentos. Surrei-a com o galho que se quebrou em vários pedaços, mas deteve-a por algum tempo. Consegui chegar até o portão, cruzei-o e voltei para casa. Foi então que me lembrei. Nesta mesma cozinha a avó tinha, sentada, doente, agitada, descrito para nós o sonho que tivera e que só não se realizou integralmente por causa de uma galocha e de um galho quebrado. Talvez fosse simples coincidência, mas. . ." Este sonho é significativo porque mostra a possibilidade de pré-conhecer fatos que se realizarão após a própria morte. A avó previu um acontecimento que se daria 29 *anos* depois do sonho precognitivo e 13 anos após a sua morte. Permite também discutir a questão da intervenção: se um acontecimento previsto é evitável.

11. PC espontânea com informações incompletas

A dra. Rhine observou que nem sempre o sonho precognitivo traz todas as informações ou mostra a cena decisiva.

Certa mulher "sonhou que batiam à porta. Ao abri-la, deu com o proprietário da casa com um grande ramalhete de flores envolvido em papel de seda verde. Nada disse, apresentou-lhe simplesmente as flores. Ela estendeu os braços, ele depositou as flores, ela virou-se sem dizer palavra e foi levá-las para a mesa da cozinha — quando acordou. Durante todo o dia seguinte, o sonho perseguiu-a, sem que se lembrasse de flores para enterro.

No sonho, não tinha demonstrado admiração, parecendo compreender. Seu marido, trabalhador numa mina de cobre, morreu num acidente na mina naquela tarde, 27 de fevereiro de 1919. Depois do enterro, o dono da casa disse-lhe que tinha encomendado um bouquet de flores mas não lhe fora entregue a tempo para o enterro. Ele se mostrou tão pesaroso que ela manifestou desejo de ver as flores quando chegassem. Mais tarde, naquele mesmo dia, alguém bateu à porta. Ela foi abrir. Lá estava o proprietário com as flores nos braços. Ela ficou muda de espanto. Estendeu as mãos, recebeu as flores sem dar uma palavra e levou-as para a mesa da cozinha".

"Tais casos sugerem que o fautor inconsciente dos sonhos obedece as leis definidas de procedimento sem levar em conta os interesses e motivos diretos do indivíduo. Se certo elemento desejado de informação se incorpora ao sonho será somente tão claro quanto o permita a tessitura de imagens do sonho. Semelhantemente, a forma intuitiva da experiência pode ser ou não eficaz, conforme chegue ou não informação suficiente à consciência para fornecer idéia correta ou base para inferência ou suposição certa. E assim, especialmente por meio das imperfeições, é possível vislumbrar a espécie de processo através do qual a informação extra-sensorial aparece na consciência. Exatamente como sonhos e intuições ordinárias traem algo da matriz inconsciente de onde se originam, estas expressões psi assim também o fazem. Parecem indicar um amplo campo de informação no *inconsciente,* e se apenas fragmentos passam à consciência, talvez seja por outros motivos que falta de informações ao nível do inconsciente". Assim observou a dra. Rhine que o inconsciente é mais sonegador do que parece.

12. Confirmação da PC espontânea

A maioria das cartas enviadas ao Laboratório de Parapsicologia da Duke University incluía a confirmação da PC. Às vezes, o sonho precognitivo veio a realizar-se sem que a pessoa que o sonhou descobrisse a sua confirmação.

Uma senhora, cuja carta não assinada (e suas razões são compreensíveis) foi o único documento nessas condições a figurar no livro da dra. Rhine, "Canais Ocultos do Espírito", relatou

que, sendo ainda estudante, telefonou à mãe em um fim de semana para dizer-lhe que teria de ficar na universidade a fim de concluir um experimento, em vez de ir para casa.

"Depois, no sábado à tarde, quando voltava a meu dormitório, um moço que chamarei de Bill perguntou-me se eu queria ir com ele a um piquenique da fraternidade a que pertencia, a realizar-se no dia seguinte, perto de um lago a uns 90 km de distância. Eu tinha saído com Bill algumas vezes antes e respondi que sim. Não pensei mais no assunto até que, às dez horas da manhã seguinte, minha mãe telefonou. Ela estava perturbada, eu o percebi, e pediu-me que não me afastasse do dormitório naquele dia mas ficasse em meu próprio quarto, dizendo-me que me explicaria o motivo quando eu voltasse para casa no próximo fim de semana. Tranqüilizei-a, respondendo-lhe que eu assim o faria, e mal desliguei o telefone comecei a reunir o que precisava para o piquenique, inclusive minha roupa de banho. Eu estava, porém, um pouco preocupada com o telefonema, porque minha mãe não é mulher nervosa e nunca se preocupava muito comigo.

"Bill chegou em seu automóvel mais ou menos nesse momento e nos dirigimos para o lago. Fomos o único par que nadou e, como o dia estava quente, não trocamos de roupa imediatamente, mesmo porque as cabinas se encontravam na outra extremidade do parque, a uns cinco km de distância. Ao aproximar-se o pôr do sol, tomamos o carro em direção às cabinas. O caminho de regresso atravessava dois trechos de floresta onde não se via ninguém e foi aí que aconteceu. Para encurtar a estória — e não encontro palavra mais delicada — fui violentada. Devo dizer que Bill não era do tipo de farras. Pertencia a uma família abastada, era presidente da fraternidade de estudantes de sua faculdade e todos gostavam dele nos terrenos da universidade. Fiquei tão chocada e senti tal vergonha que não mencionei o fato a ninguém e até hoje ninguém o sabe, embora circulasse em nosso pequeno 'campus' que Bill e eu tivéramos uma divergência e não mais saíamos juntos.

"No fim da semana seguinte fui para casa e logo que ficamos a sós minha mãe perguntou se eu havia permanecido no dormitório naquele domingo. Recordando-me de seu telefonema, garanti-lhe que assim o fizera, não desejando rememorar o acontecido naquele dia. Perguntei-lhe por que ela fizera tal pedido; ela riu, respondendo que apenas desejara ter certeza de que eu estaria estudando de fato, mas depois de alguma insistência, contou-me a verdade. Ela tivera um sonho na

noite de sábado em que me vira no lago com um rapaz que correspondia exatamente ao tipo de Bill, e o resto de seu sonho era praticamente a reprodução, palavra por palavra, do que acontecera ao voltarmos para mudar de roupa. Minha mãe excusou-se dizendo que era uma tolice, mas que o sonho, por ter sido tão vívido, a deixara perturbada. Consegui ocultar de minha mãe o meu choque, assegurando-lhe que nada daquilo ocorrera.

"Hoje estou muito bem casada e tenho um filho, de modo que desejo permanecer anônima. Não me agrada recordar este incidente mas espero que lhe seja de algum modo útil."

13. PC espontânea em crianças

Crianças têm sonhos precognitivos, contudo é difícil saber se algo mais que um pesadelo está em causa. Os casos seguintes pertencem aos arquivos da dra. Rhine:

"Um menino de Michigan, de *quatro anos e meio,* sonhou várias vezes que uma serpente o havia apanhado e certo dia, encontrou, aterrorizado, uma no pátio. Os pais pensaram em simples coincidência, embora desde então não mais o acordassem pesadelos de serpentes depois de terem matado a que apareceu. Todavia, aos *seis anos* começou novamente a ter pesadelos: desta vez pensava cair em um buraco; durante três semanas acordou quase todas as noites, suando e gritando de terror. Um dia, o menino brincava no pátio do vizinho onde ainda se via neve no chão. Conta a mãe: ouvi gritos terríveis que pareciam vir de grande distância. Corri em direção ao porão do vizinho. Parecia que os gritos vinham do chão. Foi quando vi um buraco na tampa estragada de uma fossa e Steve com água até a cintura mergulhando rapidamente. Eu e o vizinho o retiramos quando a água já lhe chegava aos ombros. Parece que a realização dos sonhos nada mais era que tolice até que isto se deu."

"Em uma casa de New Jersey, em 18 de novembro de 1950, um menino de nome Craig, de *quatro anos,* acordou gritando. O pai foi vê-lo e, com dificuldade, conseguiu acalmá-lo. Então a criança contou o sonho que tivera: — Sonhei que você

tinha caído dentro d'água, papai. Estava cercado de plantas altas. Chamei-o muitas vezes e você procurava sair de dentro dágua. — Os pais esqueceram logo o episódio. O pai tinha combinado com o irmão ir caçar patos, partindo dois dias depois do sonho de Craig. Os dois se esconderam no meio da vegetação alta durante a maior parte do dia. Antes de se prepararem para voltar, atiraram em dois patos que caíram dentro dágua. Entraram no bote para buscá-los. Dentro em pouco, sobreveio terrível vendaval que os afastou para longe. As águas estavam muito agitadas e o bote virou. O irmão se afogou e o pai de Craig pensou que não poderia chegar à praia. Disse lembrar-se constantemente do sonho do filho."

Observa-se freqüentemente a recordação de experiências precognitivas da infância. Deixam impressão indelével, talvez por serem às vezes extraordinárias as ocorrências e, sobretudo, por serem emocionantes. Uma senhora do Maine teve uma dessas vivências aos *10 anos* de idade:

"Acordei naquela manhã muito assustada com um sonho em que vi um homem de pé à minha frente, no vestíbulo. Era moreno e as roupas estavam cobertas de lama. Acredito que o que mais me assustou foram os olhos — os mais maldosos que vira até então. Contei o sonho à minha mãe e ela me animou dizendo que era simplesmente um sonho e que eu fosse para a escola, esquecendo-me de tudo.

"Naquela noite, quando estávamos ceiando, bateram à porta da frente e meu pai foi abrir. Ouvia-o falar e dentro de alguns minutos ele voltou para a sala de jantar e perguntou à minha mãe se era possível dar pousada a um estranho coberto de lama. Não era nosso costume mas, como sabíamos que as estradas estavam intransitáveis, concordamos que o homem passasse a noite em nossa casa. Meu pai foi com o estranho à estrebaria para acomodar o fatigado cavalo e voltou para casa com o homem. Quando chegaram à sala de jantar para ceiar, quase desmaiei. Era o homem que eu tinha visto no sonho naquela madrugada — olhos maus e roupas sujas de lama. Nunca soubemos quem era: saiu de manhã cedo depois de ter-se tirado o trole de um buraco coberto de neve."

Em famílias numerosas, se qualquer dos filhos revela tendências para percepção extra-sensorial, em geral é somente um que o faz:

"Em uma família da Califórnia, Joan, a menor dentre os filhos do casal, ao atingir a idade de *três anos*, começou a distinguir-se dos irmãos porque revelava conhecimentos que a

mãe não sabia explicar. Sabia, por exemplo, quais os presentes que ia receber pelo Natal ("minha bolsinha azul", etc.). A mãe tinha certeza de que não se quebrara o segredo e que os presentes não eram os esperados. A menina começou a dizer à mãe (corretamente) quando certos parentes viriam visitá-los, mesmo quando a mãe julgasse impossível a vinda.

"Depois, tendo os pais se separado (o pai abandonou a família e a mãe posteriormente obteve o divórcio) Joan começou a dar notícias do pai, embora na realidade mal o conhecesse. De fato, uma das visitas inesperadas que predissera fora a do pai. Mais tarde ele adoeceu gravemente. Foi levado inconsciente para o hospital, com o nome na lista crítica, porque os médicos não acreditavam en. sua recuperação. Joan continuava a dizer que o pai ficaria bom, e apesar da opinião dos médicos, assim se deu. Ela disse à mãe exatamente quando cessaram as transfusões de sangue, quando lhe deram alimento pela primeira vez e quando começou a andar até a janela.

"A essa altura Joan estava com cinco anos e a mãe escreveu ao Laboratório de Parapsicologia da Duke University para aconselhar-se. Sugeriram-se algumas experiências de PES para decidir a importância da aptidão de Joan.

"Nas condições informais do lar e lançando mão de provas tão parecidas com um jogo quanto possível, a mãe de Joan conseguiu que ela "adivinhasse" algumas cartas do baralho Zener. Sendo 5 a probabilidade esperada, ela conseguiu atingir primeiramente 15 acertos, depois 11, em seguida 12, e por último 4. Era um número de acertos muito elevado, exceto o último, e dificilmente explicáveis pelo acaso. Quando chegou a 12, a mãe notou que Joan estava chupando despreocupadamente um pirulito. Quando atingiu 11, fazia desenhos com um pauzinho no pó. Quando completou 4, *não tinha querido fazer a experiência.* Compreende-se que, para uma criança, em breve se desvanece a novidade de dar os nomes das cartas do baralho. E a novidade, o interesse, o entusiasmo constituem condição psicológica necessária para acertos em experimentos de PES. Joan, porém, revelara, também por este meio mais formal, que possuía PES."

A mãe desistiu de continuar as experiências devido ao problema criado em família, como soe acontecer quando um filho se distingue dos outros. Antes de tudo, ela não desejava que julgassem a menina diferente, ou que ela mesma assim se julgasse. Joan fez nos anos seguintes outras predições que não se concretizaram, como a morte da irmã, a volta do pai ao lar, o seu próprio afogamento durante uma excursão. A PES que

possuía era evanescente. Aos cinco anos, as manifestações diminuíram. Ao entrar para a escola, não mais fazia predições.

Se o que as crianças contam é experiência precognitiva ou não, torna-se difícil dizer exatamente, levando-se em conta a facilidade imaginativa, e a incerta distinção entre real e fictício na infância.

14. PC espontânea e velhice

A PC ocorre em pessoas de idade avançada, com respeito a eventos de pouca importância, a tragédias da vida, ou à própria morte.

Em 1949, um homem da Flórida, então com *75 anos*, escreveu ao Laboratório de Parapsicologia da Duke University, para contar a mais recente de suas experiências precognitivas; tivera vários sonhos, em anos passados, que lhe serviram de aviso de afogamento, incêndio e outros acidentes.

"Em agosto de 1945, fui de carro com minha esposa a New Jersey, onde meus filhos então moravam. No dia 6, de manhã cedo, sentei-me na cama murmurando: Bay, Bayone, Bayone. Minha mulher perguntou: — Que é que você está murmurando? — Respondi: — Vai haver uma explosão de dois ou três milhões de galões de gasolina em Bayone daqui a três semanas ou três meses — não posso dizer ao certo. Muitas vidas ficarão em perigo, mas se tomarem precauções não se dará a explosão. Repeti o nome da cidade à minha esposa porque poderia esquecê-lo. Perguntei a meu filho se ouvira alguém falar de um lugar chamado Bayone. Respondeu-me ele: — É na margem do rio onde está Jersey e a Standard Oil tem lá uma refinaria. Por que quer saber? — Disse-lhe o motivo e ele, sabendo das minhas antigas premonições, encarou-a seriamente e mais tarde conseguiu que o comandante da base me fizesse contar-lhe o caso. Este agradeceu-me e disse que faria afixar avisos. O acidente deu-se mesmo, como sabe. Pode ver nos jornais cerca dos dias 7 e 8 de novembro. Conforme disse minha filha ao escrever-me a este respeito: — Muito bem, papai, você acertou mesmo na cabeça do prego no dia exato. — Tanto quanto posso lembrar-me, jamais ouvira o nome de Bayone

antes da manhã de 6 de agosto de 1945. O comandante preveniu a Standard Oil Company?"

Como o grande acontecimento que avulta para muitos nessa idade é a própria morte, pode-se esperar que este tema se apresente mais comumente nas experiências precognitivas espontâneas da velhice.

"No domingo, 24 de agosto de 1941, um senhor de *78 anos*, da Carolina do Norte, contou à mulher um sonho que tivera na noite anterior. Sonhou que se achava em Butler's Crossing, um cruzamento a uns cinco quilômetros de casa, quando viu um veículo que se aproximava em grande velocidade em direção a ele. A luz era tão brilhante que o cegava. Gritou para o filho: — David! É o dia do Juízo Final! — Nesse momento o veículo colidiu com ele, fazendo-o passar como disse ele, "à escuridão eterna". A esposa comentou que o sonho era terrível, mas não sabia então que era precognitivo. O marido sofria, na ocasião, de alergia, da qual o tratava duas vezes por semana um médico de cidade vizinha. Três dias depois, o homem foi à cidade para tomar sua injeção. Ao voltar, tomou uma condução para Butler's Crossing onde saltou, parou alguns instantes para acender o cachimbo e depois tratou de atravessar a estrada. Encontrava-se no meio da faixa branca quando apareceu o carro em grande velocidade na curva. O velho voltou para trás, o carro desviou-se para a esquerda, colidiu com ele, jogando-o a uns 20 metros de distância. Quinze minutos depois estava morto."

A PC, às vezes, se concretiza, algum tempo após a morte da pessoa que a teve.

"No verão de 1953, uma mulher da Dakota do Sul, recebeu chamado urgente da irmã para que fosse ver a mãe no Kansas, em idade avançada, com uma oclusão da coronária. Era a terceira vez que a filha ia vê-la e encontrou-a muito debilitada. A mãe reconheceu a filha mas não perguntou pela família. Depois de alguns dias passou ao estado de coma e souberam que o fim estava próximo. Mas a 5 de julho, ao entrar no quarto do hospital, a filha encontrou a mãe falando com a enfermeira, travando mesmo conversa, embora parecesse confusa. A velha dizia: — Tenho duas filhas e um rapaz também; chama-se Franklin. — Ela, porém, não tinha filho e, sim, um neto, de nome Franklin. Olhou para a filha, pareceu reconhecê-la e perguntou: — Onde está meu filho? Onde está Franklin? — A filha tomou-lhe a mão e disse que Franklin estava em casa com o pai. A velha perguntou: — Ele está bem? — Algum tempo antes a velha mãe tinha visitado o parque da cidade onde

a segunda filha morava e ficara encantada com a beleza rústica do local. Desde então sentia prazer em saber que algum membro da família ia lá a passeio e a filha, para agradá-la, disse-lhe que Franklin se preparava para ir lá. — Oh, não — gemeu a doente — não quero que Frankie vá lá agora. Não deve ir de modo algum. — E pôs-se a chorar. Procuraram acalmá-la e dentro em pouco ela dormiu ou passou à inconsciência, segurando a mão da filha. Talvez meia hora depois, abriu os olhos, encarou a filha com grande temor e perguntou: — Helena, Franklin também morreu? — A filha garantiu-lhe que Franklin estava perfeitamente são, e perguntou à mãe se tivera um pesadelo. A velha respondeu: — Tive, e bastante terrível a respeito de Franklin. — e as lágrimas começaram a correr-lhe pelas faces. Fechou os olhos e não disse mais palavras. Morreu no dia seguinte, 6 de julho, sem despertar. A 21 de julho, segundo dia em que Franklin fora ao parque, ele mergulhou no ribeirão e bateu num tronco debaixo da água, deslocando o pescoço de tal maneira que quebrou a coluna vertebral. Os médicos lhe deram pouca esperança de vida; durante semanas a luta foi árdua, mas ele sobreviveu, paraplégico."

15. PC espontânea e sexo

Quanto à suposição de que as mulheres sejam mais intuitivas e os homens mais lógicos, a dra. Rhine encontrou, na coleção do Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke, 10 casos de mulheres para 1 de homem, diferença resultante, talvez, de causas superficiais, por serem as mulheres mais comunicativas e os homens mais inibidos em relatos desta natureza. Os homens seriam menos prontos a reconhecer como extraordinária uma experiência precognitiva quando venha a ocorrer. Talvez se veja inibidos em admiti-la mesmo de si para si.

A PC não depende de sexo, mesmo quanto ao tema das experiências; não se verifica qualquer diferença particular entre homens e mulheres. Poder-se-ia considerar como exclusivamente feminino o tema da criança ainda por nascer, o da mãe que vê em sonho precognitivo o rosto de seu filho antes do parto. Mas a experiência de um homem do Missouri indica que o outro

sexo também sonha precognitivamente com filhos que suas mulheres darão à luz, embora seja muito mais freqüente mulheres relatarem experiências deste tipo; e os homens também têm intuições consistindo quase inteiramente de emoções.

"Depois de 17 anos de casado, quando esperávamos o primeiro filho para dentro de dois meses, sonhei que via a criança de olhos e cabelos pretos, sobre um fundo branco que me confundia. Era menina. Durante o almoço do dia seguinte contei o sonho à minha mulher. Ela e minha mãe achavam que não seria assim, tratava-se de um menino de cabelos ruivos. Nada mais se disse. No dia em que a criança nasceu, depois de ter estado alguns momentos com minha esposa, o médico perguntou-me se não queria ver o rebento. Fui ao berçário e vi muitos recém-nascidos até que o médico e a enfermeira trouxeram o nosso por uma porta lateral. Logo que o vi lembrei-me do sonho. A criança era a reprodução exata da que eu vira em sonho dois meses antes e o fundo branco que me confundira era o uniforme da enfermeira que a segurava."

Homens têm experiências extra-sensoriais comparáveis às das mulheres. Temas, circunstâncias e situações são semelhantes. A única diferença real foi encontrada no *número* de relatos. Homens e mulheres comovem-se em certas ocasiões por vislumbres de conhecimento que não lhes chegam pelos sentidos.

16. PC espontânea e doença mental

Psiquiatras estão dispensando crescente atenção aos fenômenos extra-sensoriais porque estes, não sendo sintomas de moléstias, tanto ocorrem em pessoas sãs, como em doentes mentais. A conexão entre fenômenos parapsicológicos e perturbações psíquicas se estabelece quando se desconhece um e outro campo. É verdade que certas pessoas, ao relatarem supostas experiências precognitivas, estão desequilibradas. Mas a prova final e decisiva da falta de relação entre fenômenos psi e enfermidades mentais resulta de experimentos realizados em hospícios. Doentes com síndrome de pseudo-telepatia "não revelaram aptidão especial para psi e os grupos que sofriam de outras formas de moléstias mentais não chegaram a demonstrar PES

fora do comum", informou a dra. Rhine. Isto não significa que a PC não suceda entre doentes mentais, mas que os resultados obtidos entre eles apontam na mesma direção que os obtidos entre universitários.

Os drs. Eisenbud, Ehrenwald, Ullman e Meerloo encontram-se entre os psiquiatras pioneiros no estudo das relações entre capacidades parapsíquicas e psicopatologia. Nenhum até agora sugeriu uma aplicação prática dos fenômenos psi no tratamento das desordens mentais ou emocionais, mas indicam importantes possibilidades nas duas áreas afins. Por exemplo: Os parapsicólogos concluíram que seus fenômenos operam — até agora, exclusivamente — no nível inconsciente (ou pelo menos em parte voluntário). Alguns dos fenômenos da psicopatologia, como alucinações visuais e auditivas, podem ser interpretadas, pelo menos em alguns casos, seja como manifestações extra-sensoriais, seja como aberrações psiquiátricas, ou possivelmente ambas. Alguns psiquiatras sentem que pacientes que têm (ou supõem que têm) experiências extra-sensoriais exibem tipos particulares de personalidades regressivas, o que significa que relatos de tais fenômenos podem ser valiosos para o diagnóstico. Há vários pontos de interesse mútuo entre as duas disciplinas, e portanto razões muito lógicas para que uma se interesse pelos fenômenos da outra.

17. Falsa PC espontânea ou déjà-vu

A falsa PC mais evidente é a originada por uma *paramnésia*, ou *ilusão mnênica*, uma alteração qualitativa da memória. O indivíduo acredita que ele próprio já teve, ou que já recebeu de alguém dotado de capacidade paranormal, informações exatas sobre o acontecimento que está vivendo. Entram nesta categoria numerosos casos de pretensa PC nos quais o aviso do acontecimento não foi registrado antes de sua realização.

Como se esquecem muitos sonhos, ou deles se tem apenas lembrança fugaz, o sonho precognitivo pode ser mais uma explicação para o *retro-vislumbre* ou *déjà-vu*, a impressão de já ter vivido a mesma situação. Os sonhos esquecidos podem deixar vestígio suficiente para produzir o sentimento de familiaridade quando se vive realmente o momento. Ocorre, também, às vezes, que no mesmo sonho, elementos de circunstâncias

vividas anteriormente se mesclem a elementos relativos ao futuro, e só mais tarde seja possível desembaraçá-los.

Pesquisador conhecido por suas contribuições originais à cibernética, o dr. Grey Walter já chamou a atenção dos parapsicólogos para a relação entre lobo temporal e PC:

"Um aspecto do estado de sono . . . . é sua influência na atividade do lobo temporal. O estudo da epilepsia temporal é incompleto sem estudos dos padrões eletroencefalográficos do sono, porque freqüentemente, durante o sono, descargas marcantes ocorrem no lobo temporal. Ninguém sabe exatamente por que. Conjectura-se que uma provisão inadequada de sangue fluindo para os lobos temporais tenha algo a ver com isso. Em todo caso, esta região do cérebro é especialmente sensibilizada durante o sono, mesmo em pessoas normais.

"Isto é particularmente interessante em relação aos fenômenos paranormais porque, por uma espécie de coincidência verbal, o lobo temporal está relacionado com o tempo. A palavra *tempo* (tempus, em latim) deriva, em verdade, da pulsação da artéria temporal e, por absoluta coincidência, o lobo temporal relaciona-se com nosso senso do tempo. Distúrbios no senso do tempo, e a bem conhecida sensação de *déjà-vu*, associam-se a lesões no lobo temporal. E um dos aspectos perturbadores dos psifenômenos é a PC, que imporia a necessidade de revolucionar nossas idéias de tempo e espaço. Por isso sugiro que, em futuros estudos de *psi* durante o sono, os pesquisadores dêem particular atenção à função do lobo temporal."

18. PC espontânea, ansiedade e agressão

Recordou o psiquiatra Jules Eisenbud, em 1955, ao considerar as coleções de casos espontâneos, que existem certas ansiedades experimentadas comumente em relação àqueles com os quais nos ligamos por laços mais estreitos. O exame psiquiátrico e psicanalítico demonstrou que sonhos e fantasias relativas à morte, ou a acidentes com pais, cônjuges, filhos ou amigos, as emoções de horror e pesar experimentadas em sonhos, em fantasias ou em lembranças, podem muito bem ser biombos para emoções contraditórias coexistentes, inaceitáveis para a consciência.

É quase um axioma da clínica psicanalítica (e este ainda encontra séria oposição) que as pessoas não se entregam a fantasias e sonhos sobre morte ou acidentes com seres de suas relações mais íntimas, apesar dos sentimentos de solicitude, tristeza ou sofrimento vividos ao prestar-lhes assistência, se não tiverem alguma razão para abrigar um ódio reprimido que chega ao cúmulo de desejar-lhes a morte. Inversamente, quando estes desejos subjacentes de morte são trazidos à consciência para a adequada liberação emocional, cessam os sonhos e as fantasias perturbadoras.

O psicanalista estaria inclinado a postular um desejo destrutivo represado em toda PC em que figura um evento catastrófico. Ele levantaria a hipótese de que, num sonho, visão ou fantasia, quando o indivíduo distorce uma realidade presente ou futura, para incluir um fim catastrófico que, de fato, não vem a ocorrer, esta alteração, longe de ser uma inferência racional prioritária que leva à intervenção, expressa um desejo oculto de que essa eventualidade realmente aconteça. E isto, a despeito do fato de que sentimentos benevolentes possam coexistir, numa atitude de ambivalência.

A possibilidade de que a agressão, os impulsos destrutivos comumente reprimidos e ocultos, desempenhem um grande papel na fenomenologia da PC espontânea foi reconhecida por Tanagra, entre os primeiros estudiosos do problema. Este investigador grego foi mais além — aventou a hipótese de que uma força mental ocasionaria o evento imaginado.

A teoria de que a própria pessoa, por psicobolia ou PK, ocasionaria uma catástrofe envolvendo seres amados é evidentemente chocante. Como freudiano, Eisenbud concordou, entretanto, com Tanagra, aceitando pelos menos a possibilidade de que faculdades extra-sensoriais fossem engenhosamente combinadas para cometer "crimes perfeitos": não o Tempo, mas o Homem seria o escuro vilão da história precognitiva.

A dra. Rhine, acolhendo esta, como outras sugestões, recordou, todavia, que toda hipótese aguarda a comprovação experimental que decidirá de seus méritos.

Investigador dos processos cerebrais, Grey Walter sugeriu o estudo das relações entre cérebro, ansiedade crônica e PC:

"O cérebro tem propriedades preditivas como tem as de armazenamento. Um sistema probabilístico como o cérebro está fadado a fazer certo número de predições falsas, e corretas também. Por isso, é apropriado estudar aqueles estados mentais dos pacientes com ansiedade crônica, os quais freqüentemente

sentem que algo de terrível está para acontecer. São estes estados da mente muito interessantes para o experimentador, mas terríveis para o paciente. Podem levar à destruição da personalidade, devido ao conflito ocasionado pela impossibilidade de avaliar as oportunidades verdadeiras contidas nas avaliações futuras. Os poderes preditivos do cérebro às vezes dão prova de ser precognitivos, no sentido de que algo imaginado realmente acontece."

19. PC espontânea e dúvida

Acontece, às vezes, que uma pessoa que tenha uma experiência precognitiva fique em dúvida sobre sua veracidade. A indecisão não lhe permite tomar uma atitude.

Uma senhora do Texas sonhou com um homem que era apenas um conhecido casual. No sonho ela pensava pedir-lhe que não se suicidasse, mas que encarasse a vida com realidade. Ele, porém, deixou-a de pé na sala de estar (que ela jamais vira), correu para o banheiro, tomou um pó branco e caiu sobre a banheira. Ela contou o sonho ao marido e telefonou ao pastor e às suas duas irmãs. Estava muito preocupada. O marido insistia para que chamasse o homem, ela, contudo, achou que ele a julgaria maluca, e recusou. Preocupada ainda, atendeu ao chamado telefônico de uma amiga que lhe disse: — Helena, ouviu o que aconteceu a Jim? Encontraram-no morto há poucos minutos no banheiro. — A mulher ficou abalada. O legista declarou morte por ataque cardíaco; o homem estivera tomando certo pó branco, talvez bicarbonato de sódio. Ao escrever ao Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke, ela declarou nunca ter esquecido o sonho, tê-lo sempre presente em sua consciência. "Possivelmente", dizia ela, "eu teria evitado a morte". A mulher nunca se conformou.

Ter certeza, portanto, não é suficiente para identificar uma experiência de PC. Se a convicção se manifesta em pessoa sadia, não dada a ansiedades absurdas e caprichos irracionais repentinos, ela pode e deve tomá-la como aviso. Mas até que se descubra meio seguro, científico, de identificar a PC, ninguém pode ser reprovado por não acreditar no próprio sonho ou intuição.

É natural que o indivíduo, ao ter a experiência precognitiva, desconhecendo a literatura a respeito, pergunte a si mesmo se é desequilibrado, se o processo é patológico; e, receando esta interpretação, no caso de seus parentes e amigos não possuírem experiência idêntica, ele mantém a sua em segredo.

Às vezes, o indivíduo já cristalizou suas idéias sobre os limites da mente e, ao ter uma experiência extra-sensorial, acha que "perdeu a cabeça". Uma senhora da Califórnia enquanto assava um bolo, teve um quadro mental (um dos raros sonhos realistas em vigília) do marido em acidente de automóvel. Descreveu-o em carta ao Laboratório de Parapsicologia de Duke. Ela o viu gravemente ferido, a cabeça escorrendo sangue, o corpo da cintura para baixo torcido de modo a jazer sobre o lado direito, e da cintura para cima, deitado de costas com os braços em arco sobre a cabeça. Ela sabia que ele estava inconsciente. Não viu qualquer carro, mas sabia que era um desastre de carro. A impressão foi tão forte e vívida que ela desatou em pranto. Depois, compreendendo que chorava pelo que era só imaginário, envergonhou-se, assustada, pensando que talvez o calor da cozinha a tivesse afetado. Sete dias depois deu-se o acidente. Seu marido estava de pé ao lado de um carro estacionado quando outro em alta velocidade raspou por ele, e literalmente o varreu. A situação do corpo ao jazer inconsciente na estrada era precisamente a que a esposa vira. Mas como poderia esperar que acreditassem, se ela própria considerou impossível aquela antevisão?

Outras pessoas, diante da PC, sentem grande confiança interior, levando-a a sério, apesar de desconcertante. As muito religiosas explicam-na pela fé, como revelação vinda de Deus a fim de prepará-las para o choque. Às vezes é de grande auxílio saber que outros já experimentaram PCs e a pessoa não está só, não é esquisita, anormal ou diferente.

20. PC de desastres com fatalidade múltipla

Cox investigou 28 acidentes ferroviários graves nos Estados Unidos, com 10 ou mais pessoas feridas; estudou o número de

passageiros nos trens nos sete dias anteriores ao acidente, nas duas, três e quatro semanas antes, bem como no dia do acidente. O número de passageiros era menor nos dias de acidentes e, em sua análise publicada em 1956, Cox interpretou o fato como indicativo de que prováveis passageiros teriam evitado o desastre iminente por impressões precognitivas subliminais e mudado de plano sem terem consciência do motivo. Isto ocorreu mais com passageiros de carro comum que com passageiros de carro dormitório porque os últimos fazem suas reservas com antecedência e não alteram seus planos por razões aparentemente superficiais.

Stevenson refere-se a 10 experiências de PC relativas ao naufrágio do Titanic, tanto mais inesperado quanto todos, capitão, tripulantes e passageiros, acreditavam ser o barco inafundável; o capitão não evitou os icebergs, abundantes na área do Atlântico em que navegava, nem os passageiros correram aos botes salva-vidas quando se deu o desastre, todos convictos de que o navio fora construído à prova de afundamento.

O naufrágio do Titanic causou 1.502 mortes. A sra. Jack Marshall foi uma das pessoas que preconheceram o afundamento. Observou o navio passar junto à ilha de Wight quando, com sua família, encontrava-se no mirante de sua casa. Ela gritou: "Ele vai afundar!" Soube o que aconteceria ao Titanic, jamais o barco atingiria o porto na América. "Vejo centenas de pessoas lutando nas águas geladas!" Ela instou o marido e os parentes para que fizessem algo: "Salve-os! Salve-os!" continuou gritando.

Em 21 de outubro de 1966, um maciço cume de carvão deslizou pela montanha abaixo e engolfou a aldeia de mineiros, Aberfan, na Escócia, matando 144 pessoas, muitas das quais crianças de uma escola. Um psiquiatra inglês, dr. J. C. Barker, interessado em premonições, pediu, uma semana depois, pelo jornal, relatos de pessoas que tivessem tido preconhecimento da catástrofe e, se possível, a corroboração. Das 76 respostas, 35 eram dignas de confiança, oriundas de pessoas distribuídas pela Inglaterra e pela Escócia; 24 tinham prova de terem falado da tragédia antes dela ocorrer; das 35 PCs, 25 eram sonhos, alguns vívidos, alguns simbólicos, alguns imóveis, alguns dinâmicos como filmes. A mãe da menina Eryl May recordou-se de que sua filha, de 9 anos de idade, mencionara naquela manhã, antes de seguir para a escola, um sonho. "Fui à escola mas não havia escola; algo preto descera sobre ela". Eryl acrescentou que não temia morrer, pois estaria com Peter e June, seus colegas. A menina foi enterrada entre Peter e June.

Se os 25 sonhos fossem analisados antes do acontecimento e cada um separadamente, talvez não pudessem ser relacionados com Aberfan, mas em grupo e depois do desastre, é difícil evitar a impressão de algum elo entre a tragédia e pelo menos algumas dessas experiências precognitivas.

Barker sugeriu a fundação de um instituto para receber o alerta de pessoas dotadas de PC e assim foi constituído o *British Premonitions Bureau*, em Londres. Nos Estados Unidos, o registro sistemático das PCs é função do *Central Premonitions Registry*, em Nova York. Esta segunda organização conserva uma carta do sensitivo americano Allan Vaughan, enviada da Alemanha em maio de 1968, predizendo o assassínio de Robert Kennedy, morto em 5 de junho de 1968. A carta é datada de 28 de maio de 1968 e endereçada ao dr. Krippner do Centro Médico Maimonides, em Nova York. O sensitivo inglês Malcolm Bessent foi um dos que enviaram certo número de PCs a este Registro, em dezembro de 1969 e, entre elas, a seguinte: "O general De Gaulle morrerá dentro de um ano". O líder francês morreu em 10 de novembro de 1970.

Antes que os acontecimentos ocorram, os parapsicólogos gostariam de tê-los por escrito. Futuramente, o trabalho destas organizações será o de um sistema de advertência, alertando pessoas ou comunidades ameaçadas a fim de tomarem medidas de precaução. Seria uma aplicação futura de poderes precognitivos.

21. PC espontânea e determinismo

As provas de PC espontânea favoreceriam o conceito de um rígido determinismo a governar os acontecimentos. Mas essa suposição é injustificada. PC e determinismo são duas questões inconfundíveis e separáveis. Ninguém acredita que certo evento é determinado meramente porque observou sua ocorrência numa porção do espaço. Igualmente, não é preciso acreditar que um evento seja determinado só porque se viu um fac-símile seu antes dele ocorrer. Parece que todos os eventos preconhecidos com *exatidão* são determinados, pois um requisito para uma PC inteiramente acurada pode ser que o evento preconhecido seja determinado, o que não implica na determinação de todos

os demais eventos. Exemplos têm sido apontados em que a pessoa que teve a PC (ou alguém mais), tomando-a como advertência, conseguiu evitar a realização exata dos fatos previstos.

Myers narra o caso da mulher que, no século 19, sonhou ter o seu cocheiro tombado da carruagem e batido a cabeça no pavimento. Ela viu nitidamente o chapéu dele ser esmagado sob a cabeça ao tocar o solo. No dia seguinte, ao atravessarem o centro de Londres, o cocheiro desfaleceu, tombando para trás em seu assento, devido a um distúrbio intestinal que o acometera na véspera. A mulher, recordando-se do sonho, fez o cocheiro parar, pulou da carruagem com seu filho pequenino e chamou um policial próximo em sua ajuda; este segurou o cocheiro antes que ele chegasse ao chão.

Neste caso, a pessoa não preconheceu exatamente eventos futuros, mas apenas previu certos desenvolvimentos possíveis com as várias opções oferecidas. Ou seria mais exato dizer que certos eventos são preconhecidos corretamente e que o percipiente, em seu sonho, visão ou clarividência, a eles acrescenta, por inferência, outros detalhes não preconhecidos e não confirmados posteriormente.

Em outros casos, o percipiente tenta por todos os meios evitar os acontecimentos previstos e falha. Um caso impressionante deste tipo foi a morte de Robert Morris, o pai do financiador da Revolução Americana. Young, biógrafo de Morris, contou-a para sempre:

"Naquele tempo, após a chegada de um navio a um porto estrangeiro, era costume o capitão oferecer um jantar e um espetáculo artístico ao agente marítimo e seus amigos, finalizando com uma salva de homenagem, quando eles se retirassem da embarcação. Como consignatário americano, Morris tinha de receber em Oxford um novo navio, o Liverpool. Conseqüentemente, ele convidara um grupo de amigos para acompanhá-lo ao barco e gozar da hospitalidade do capitão.

"Na noite anterior ao evento de gala, Morris sonhou que, depois de um dia agradável a bordo, ele recebera um ferimento mortal, da salva detonada em sua honra. Tentou, mas não conseguiu esquecer-se do sonho nas horas seguintes. Vívidos detalhes voltaram à sua mente. Durante toda a manhã cismou acerca do sonho e antes do meio dia decidiu não acompanhar o grupo.

"Chamou o capitão Mathews ao seu escritório e desculpou-se muito, relatando-lhe o sonho e a forte impressão que lhe deixara, razão pela qual não compareceria aos festejos da tarde.

"O capitão, indignado com a alteração de planos à última hora, censurou Morris por essa mostra de superstição. "Esta decisão não parecerá pouco hospitaleira aos seus convidados? O senhor certamente não permitirá que um sonho idiota interfira com sua obrigação."

"Incapaz de convencer Morris, por seduções ou ameaças, a abordar o navio, o capitão por fim prometeu que nenhuma salva seria disparada. Com relutância, Morris acabou por concordar em comparecer à festa. Num pequeno bote, tangido por remos e velas, com seus amigos, Morris navegou ao encontro do Liverpool, ancorado mais além, na baía. O dia era de sol brilhante, as águas ofuscavam, e seus companheiros, senhores e senhoras de Oxford, bem humorados. Logo Morris se esqueceu de sua estranha PC. O vinho e o peixe foram esplêndidos, a dança dos marinheiros, divertida. A comemoração, um sucesso.

"Após os festejos, quando os convidados se preparavam para o regresso, o capitão chamou Morris de lado. "A equipagem não aceita de bom grado o nosso arranjo. Eles insistem em disparar a salva de costume. O senhor sabe, um copo de álcool com limão é servido a cada marujo logo em seguida."

"Bem", Morris concordou, "mas não se dispare a salva antes que eu ou alguém mais dê o sinal."

"Acompanhá-lo-ei ao porto, senhor, e eu mesmo darei o sinal quando estivermos bem longe". E o capitão instruiu o artilheiro a só disparar quando ele, capitão, levantasse o braço.

"O alegre bando desceu ao bote e iniciou-se o regresso. O que aconteceu daí em diante nenhum dos espectadores soube dizer ao certo. Segundo uma testemunha, um lenço de senhora foi agitado no ar e o artilheiro tomou o movimento do braço como o sinal pré-combinado. Segundo o relato de Jeremias Banning, um jovem que "ouviu contar" o acontecido, uma mosca pousou no nariz do capitão enquanto o bote ainda se achava dentro da mira do canhão. Sem pensar, esquecido de sua responsabilidade, o capitão levantou o braço para afastar a mosca. A arma detonou. Morris sentiu dor aguda no antebraço. Solícitos, seus companheiros examinaram o ferimento. A bala atingiu-o acima do cotovelo, quebrando o osso e alojando-se na carne. Agora que o temido acontecimento realmente sucedera, Morris demonstrou notável fortaleza. Genial, incapaz de estragar a alegria da festa, ele menosprezou o ferimento. "Por favor, que este acidente não os perturbe", pediu aos amigos.

"Nenhum médico pôde estar à sua disposição naquela noite. Fora das grandes cidades, assistência e perícia cirúrgica não

eram de se encontrar. Uma operação teria salvo a vida de Morris, e até mesmo o seu braço. Poucos dias depois, a gangrena o matou."

Mesmo num caso destes não é preciso ver inevitabilidade nos fatos subseqüentes ao sonho. Robert Morris ainda tinha liberdade de recusar-se a abordar o navio, como, de fato, tentou de início. Middleton reservou passagem no Titanic e sonhou duas vezes que o navio flutuava de tombadilho para baixo, com os passageiros e a tripulação nadando em torno. Apesar disso, não cancelou a viagem até que uma mudança em seus planos de negócios justificaram a desistência em bases lógicas.

As PCs talvez derivem sua exatidão da inflexibilidade de certos seres humanos. Um estudo se faz necessário para saber se os sujeitos envolvidos em eventos preconhecidos são menos flexíveis — mais predizíveis, dir-se-ia — que outras pessoas.

22. PC espontânea evitada

Quem tem a visão de uma catástrofe pode agir para impedi-la? A dra. Rhine, em sua primeira abordagem dos casos espontâneos, verificou que:

a) a pessoa esquece o aviso; o desastre, e até a morte, ocorrem;
b) a pessoa faz tudo para evitar o perigo e, apesar de toda a sua atenção consciente e de medidas preventivas, a catástrofe acontece. Destino? Fatalismo? O futuro é fixo e imutável?
c) há casos de PC espontânea em que o perigo foi evitado por uma ação intuitiva, aparentemente ridícula ou compulsiva;
d) certas catástrofes não são evitadas porque a PC não forneceu dados completos sobre lugar, hora, etc., e a pessoa não tem informação bastante para tomar contramedidas inteligentes;
e) perigos previstos não são evitados por exigirem a colaboração de terceira pessoa, que não a presta. O controle da situação é, por isso, impossível;

f) moléstias e cataclismas naturais previstos (furacões, terremotos, etc.), embora não possam ser evitados, dão margem a que a pessoa que deles teve a PC proteja-se em tempo e assim escape a alguns de seus efeitos.

Exemplo de intervenção intuitiva, aparentemente ridícula ou compulsiva, é o caso da jovem senhora, no estado de Washington, tão assustada com um sonho aterrador que se viu obrigada a acordar o marido para contar-lhe. Sonhara que um grande candelabro ornamental, pendurado sobre o berço de um filhinho no quarto ao lado, caíra sobre a criancinha, esmagando-a e matando-a. Pôde ver no sonho a si própria e ao marido contemplando a tragédia. O relógio que estava sobre a cômoda no quarto da criança indicava 4.35. Ouvia à distância a chuva batendo na janela envidraçada e o vento soprando.

O marido, porém, riu do sonho. Disse que era tolice, que o esquecesse e fosse dormir novamente; alguns minutos depois, ele dormia mas ela não pôde conciliar o sono. Afinal, ainda assustada, levantou-se, foi ao quarto da criança e a trouxe para junto de si. Ao voltar, parou para olhar pela janela e viu a lua cheia, o tempo calmo e inteiramente diferente do sonho. A seguir, embora sentindo-se ridícula, voltou para a cama com a criança.

Duas horas depois acordaram com um barulho tremendo. Ela pulou da cama, seguida pelo marido, ambos correndo ao quarto vizinho. Lá estava o candelabro em cima do berço onde a criancinha estaria dormindo. Entreolharam-se e depois procuraram ver o relógio; eram 4.35. Ainda um pouco céticos, escutaram: era o ruído da chuva contra os vidros e o vento zumbindo lá fora.

Os casos espontâneos deixam vislumbrar a possibilidade de evitar o perigo preconhecido, dentro de certos limites. A idéia de inevitabilidade advém do impossível exercício de controle sobre todas as situações catastróficas previstas.

Em teoria, talvez o acontecimento previsto e evitado pela intervenção não fosse ocorrer. Se é destruído, antes de começar ou finalizar, que provas se têm de que iria fatalmente acontecer? Difícil realmente é realizar experimentos para provar ser possível evitar um fato preconhecido. Sabe-o a dra. Rhine: "Ninguém pode dizer se as predições revelam PC ou se são simplesmente palpites. Até agora não se descobriu meio de evitar este impasse na estruturação de um experimento conveniente para provar esta questão."

23. PC espontânea, intervenção e livre-arbítrio

Nenhum outro conceito parapsicológico choca-se tanto com a tradicional idéia de causalidade, e tanto a contradiz, como este. Nenhum outro desafia o conceito de liberdade voluntária, ou de livre-arbítrio, como este. Diante da PC parece que o futuro, se pode ser conhecido com antecedência, em algum sentido deve existir já agora. Deve estar fixo e determinado, como um rolo de filme, à espera apenas de ser desenrolado e experimentado. Se tal fosse o caso, a idéia de liberdade voluntária seria uma ilusão.

Gardner Murphy, Robert Thouless e J. B. Rhine expressaram suas razões para pensar que a ocorrência da PC não implica necessariamente em completa ausência de liberdade. Suas razões, diferentes em cada caso, baseiam-se na consideração e no esclarecimento de certos conceitos: a natureza do tempo; o significado da liberdade; a extensão e o caráter da PC. Louisa Rhine é de opinião que, antes de hipóteses e teorias, maior número de casos espontâneos e de experimentos devem ser estudados, "... como escoteiros em território estranho".

Na atualidade pelo menos, até que outras técnicas sejam inventadas, é difícil abordar experimentalmente o problema da intervenção. Se a intervenção ocorresse num teste, nenhum registro do alvo sobraria para ser confrontado com a adivinhação inicial. Não haveria meio de saber se a adivinhação foi realmente precognitiva. Por isso, os casos espontâneos são a fonte para o exame das tentativas feitas no sentido de evitar o acontecimento previsto; do tipo e freqüência dessas tentativas; do grau de sucesso ou de fracasso; da extensão do livre-arbítrio, etc.

Numa segunda abordagem deste problema, a dra. Rhine encontrou, na coleção do Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke, 1.324 casos de PC que ela dividiu em *casos de convicção* e *casos de não-convicção* de acordo com as impressões manifestadas pelos sujeitos, se levaram a PC a sério ou não. 471 casos mostraram convicção, aos quais se acrescentaram outros 103 de mais recente relato, num total de 574. Quando o acontecimento previsto era desejável, como prêmio na loteria, palpites certos em corrida de cavalos, etc., obviamente não havia impulso a evitá-lo; foram assim eliminados 141 casos, restando 433. Estes foram divididos em 2 Grupos:

Grupo I não se tentou intervir	Grupo II tentou-se a intervenção

Definiu-se intervenção, inicialmente, com bastante amplitude, como qualquer medida definida para impedir o evento previsto; ou, às vezes, como um aumento de alerta, um estado de prevenção ou de sobreaviso. A seguir foi preciso distinguir entre acontecimentos passíveis de alteração e os não-passíveis; houve sujeitos que tentaram modificar o inalterável, e outros que nada fizeram para modificar o alterável. Cataclismas naturais, como enchentes e tufões, são, obviamente, inevitáveis. Louisa Rhine só podia usar o bom senso para o seu julgamento. Considerou seu estudo como exploratório apenas, manancial de sugestões e hipóteses experimentais, orientadoras de pesquisas, e nunca como prova de qualquer conclusão.

TABELA 1. PRECOGNIÇÃO ESPONTÂNEA SEM INTERVENÇÃO

Grupo I. Não tentada a intervenção

	Tipo evitável	Tipo inevitável	Totais
A. Eventos impessoais		15	15
B. Eventos pessoais			256
1. aviso descurado	17		
2. informação muito vaga			
a. acidentes causadores de ferimentos, morte (funerais)	46		
b. mortes não-acidentais		9	
3. informação mais específica			
a. acidentes inevitáveis		42	
b. morte não-acidental		121	
c. doenças e outras condições de saúde		21	
T o t a i s	63	208	271

TABELA 2. PRECOGNIÇÃO ESPONTÂNEA COM INTERVENÇÃO

Grupo II. Intervenção tentada

	Tipo evitável	Tipo inevitável	Totais
A. Intervenção vã			60
1. informação vaga	20		
2. 3.ª pessoa não-cooperativa	28		
3. situação inevitável		12	
B. Intervenção Bem Sucedida			131
1. Inaceitável			
a. possíveis alternativas à PC	29		
b. vaga impressão precognitiva	51		
c. impressão PC específica mas limitada	18		
d. sem menção a indivíduo	17		
e. possível escape sem intervenção	7		
2. Aceitável	9		
T o t a i s	179	12	191
Totais do Grupo I	63	208	271
Grande Total			462

Louisa Rhine, 1955

Ela evitou deliberadamente a seleção estreita de casos e sua autenticação, a fim de não excluir certos tipos de experiências.

Grupo I. Intervenção não tentada: 271 casos

A. *Eventos impessoais inevitáveis*: 15 casos

— PC de cataclismas naturais: enchentes, furacões, guerras

— PC, por exemplo, em vigília, de que um aeroplano rasparia o Empire State Building no dia seguinte, confirmada.

B. *Eventos pessoais:* 256 casos

1. *Aviso não levado a sério e evitável:* 17 casos

— PC de que um bombeiro seria gravemente queimado e conduzido por ambulância, coberto de ataduras na face e braços. Bastaria tê-lo avisado para que não comparecesse ao serviço, mas a família talvez julgasse louca a advertência. . .

2. *Informação muito vaga:* 55 casos

a. acidentes com ferimentos, morte, funeral, evitáveis: 46 casos

— PC de que duas filhas seriam mortas num desastre de carro e assim aconteceu; a pessoa que sonhou estava no mesmo carro e ficou aleijada para o resto da vida.

b. mortes não-acidentais, inevitáveis: 9 casos

— PC, em vigília, da morte do pai, doente, por uma filha distante que ignorava o estado dele e que estava num baile.

3. *Informação mais específica, mas situação inevitável:* 184 casos

a. acidentes inevitáveis: 42 casos

Envolviam pessoas e circunstâncias complexas que escapavam ao controle individual.

— PC de um choque de locomotivas e vagões com ferimentos de grande número de indivíduos. Quem teve o pesadelo contou-o a outras pessoas, mas riram-se dela. Contudo, ela preparou seu estojo de pronto socorro e numerosas ataduras, sendo a primeira a correr para o lugar do choque.

b. mortes ou funerais não acidentais, inevitáveis: 121 casos

84 envolviam o sujeito ou alguém que lhe era próximo; 37 referiam-se a figuras afastadas, autoridades públicas ou personalidades muito conhecidas.

— PC em sonho, do funeral da mãe, quatro semanas antes, com detalhes confirmados no cemitério.
— PC da morte de um amigo de um farmacêutico, por um ataque do coração, três semanas antes.

c. doenças e várias condições de saúde inevitáveis: 21 casos

— PC do parto prematuro de um sobrinho, por uma tia que morava longe. Sonho um dia antes, tão convincente, que a tia partiu ao encontro do casal residente numa fazenda isolada.

Grupo II. Intervenção tentada: 191 casos

A. *Intervenção vã:* 60 casos

1. *Informação muito vaga:* 20 casos

— PC em vigília, da morte de uma criança de 5 a 6 anos, apanhada por um caminhão, jazendo no solo com uma coberta por cima. Não sabendo quem era era a criança, a mulher preveniu os vizinhos e dois filhos com crianças pequenas. Não preveniu o terceiro filho porque ele morava em casa de campo com cerca ao redor. Foi sua neta, filha deste terceiro filho, a criança morta.

— PC em sonho, de sua própria morte. Residente junto aos lagos da Escócia, viu-se retirado da água por amigos. Tratou de enganar o destino, nunca se aproximando de um lago. Em certa ocasião, com amigos, concordou em tomar um bote. Riram de sua "superstição" enquanto, em dia calmo, atravessavam um lago para encontrá-lo. O promontório, minado pelas águas, ruiu aos pés do percipiente, que se afogou.

2. *3.ª pessoa não-cooperativa,* eventos evitáveis: 28 casos

— PC em sonho, de acidente com o marido, tombo de um monte de feno, quebra do pescoço, morte. A

mulher tentou impedi-lo de ir para o trabalho no campo, mas ele riu.

3. *Situação inevitável,* escapando ao controle individual: 12 casos

— PC em sonho, de que a esposa não estaria na estação esperando pelo marido em serviço militar distante da pátria. Os dois tomaram todas as precauções para que o desencontro não se desse, trocando cartas e telegramas, com um ataque de disenteria no meio, um ataque de submarino inimigo, perda de telegrama por um sargento, etc: o homem achou-se na estação, sozinho.

B. *Intervenção Parcial ou Totalmente Bem Sucedida:* 131 casos
A situação inteira não foi evitada, pois seria impossível determinar se a impressão original fora deveras precognitiva. O acontecimento previsto foi evitado em parte.

— PC em sonho, de que o hotel, em que estava com o marido, explodiria, dele restando ruínas incendiadas. O marido, sonolento, protestou, mas a mulher conseguiu retirá-lo do hotel. No dia seguinte, leram no jornal a notícia de que um caminhão carregado de dinamite chocara-se com o hotel, levando-o em fogo pelos ares.

— PC em vigília, de que não devia tomar um trem para o qual já tinha passagens adquiridas com o marido. Este protestou, mas voltaram para casa. Na próxima estação, o vagão em que viajariam virou, o trem descarrilhou e matou todos os passageiros.

Critério para julgar do Sucesso na Intervenção

A esta altura de sua análise, a dra. Rhine fixou um critério para julgar da aceitabilidade, ou não, dessa intervenção bem sucedida. Para aceitar o êxito das medidas preventivas, os casos deveriam preencher estas condições:

1.º — trata-se de caso inequívoco de PC, e não de qualquer outro processo extra-sensorial;

2.º — as impressões do fato previsto deveriam ser nítidas para se ter certeza do que foi realmente preconhecido;

3.º — incluir o próprio percipiente;

4.º — nenhuma dúvida de que as ações empreendidas evitaram a confirmação total da PC e de que não teriam sido empreendidas, exceto como resultado do aviso.

1. *Casos de intervenção equívoca*

122 casos não preencheram estas condições, devido a certas fraquezas em relação ao critério adotado:

a. *Possíveis alternativas à PC*: 29 casos

— Clarividência também poderia explicar este caso: um policial sonhou que, numa luta com delinqüentes, sua arma falhou no terceiro tiro. Em sua ronda, aterrorizado com o sonho, despertou um amigo e pediu-lhe o revólver. Foi assaltado à mão armada, matou dois desordeiros e feriu um terceiro, sendo também ferido. Com a arma do amigo, ele deu cinco tiros; a sua própria, detonada mais tarde, deu dois apenas. Ele poderia ter tido algum indício clarividente de defeito na arma que sempre carregava consigo, e o sonho teria tecido o resto.

— Telepatia, captação do pensamento de um ladrão, poderia explicar este outro caso. Enquanto a família passava as férias no campo, a casa em Oslo permanecia vazia. Devendo ir a Oslo por um dia, a negócios, a moça relutou porque no sonho da noite anterior ela era despertada, no quarto da mãe, em Oslo, por um ladrão que, com as mãos, lhe apertava o pescoço. A mãe a convenceu de que devia ir à cidade, mas a moça abandonou o trem antes de chegar à estação de destino e voltou ao campo. No dia seguinte, a polícia de Oslo telefonou sobre o roubo na casa. A janela arrombada fora a do quarto da mãe.

b. *Vaga impressão precognitiva:* 51 casos

O percipiente nada experimentou de específico, tão-só uma generalizada impressão de perigo. A relação entre impressão extra-sensorial e evento posterior poderia ter sido uma coincidência.

— Certa esposa impediu o marido de seguir para o serviço sem nenhuma razão concreta, movida por uma vaga impressão que a fazia chorar sem controle. Uma explosão no túnel, durante o período da turma do marido, vitimou diversos companheiros.

c. *Impressão precognitiva específica, mas limitada*: 18 casos
O relato referia-se a perigo sem incluir a calamidade subseqüente. O indivíduo tomou medidas preventivas mas o relato não cobriu a confirmação da intervenção.

— Pressentimento de que se encontraria, à alta velocidade, numa curva da estrada, frente à frente com um caminhão amarelo, que, tentando ultrapassar em curva, cortaria o seu caminho. Na premonição, o motorista pensou em desviar para o acostamento à direita. O fato se deu, no dia seguinte, numa curva, sem colisão, ambos os motoristas, frente à frente, freando seus veículos. O caminhão amarelo voltou à sua rota, de modo que não se pode falar de intervenção.

d. *Sem menção a um indivíduo específico:* 17 casos

— Certa esposa sonhou, 14 dias consecutivos, com a viagem aérea do marido, oficial da Marinha, de regresso ao lar. No sonho, o avião caiu, matando todos os passageiros. Ela passou a escrever-lhe, solicitando que não viajasse de avião para casa. Meses depois, ele desembarcou num aeroporto, já em seu país, e telefonou para avisá-la. Ela pediu-lhe encarecidamente que não viesse de avião. Ele cancelou a viagem e foi dormir. Ao acordar, soube que o avião caíra dez minutos depois de levantar vôo, matando todos os que estavam a bordo. Neste sonho, a esposa não viu claramente seu marido morto e, por este detalhe, a dra. Rhine excluiu-o como caso de intervenção aceitável.

e. *Possível escape sem intervenção:* 7 casos

Mesmo sem a experiência precognitiva, o indivíduo poderia ter evitado a catástrofe.

— Um motorista, em sonho, vê um caminhão parado, com a retaguarda cruzando a estrada, na saída de uma passagem subterrânea. No dia seguinte encontra, de fato, nessa mesma passagem, o caminhão com a retaguarda a impedir-lhe o rumo e modera sua velocidade instintivamente. Ele poderia ter feito o mesmo, sem qualquer sonho, e este não constitui, por isso, um caso aceitável de intervenção.

2. *Casos aceitáveis de intervenção:* 9 casos

Trata-se de uma seleção arbitrária e relativa. Os relatos poderiam ter sido imperfeitos, e o julgamento da dra. Rhine também, ela o admitiu ao apresentá-los:

1.º Caso aceitável:

Certa mãe sonhou que acampava com seus filhos menores e amigos, em lindo lugar sob árvores, junto a um regato. Armaram-se as tendas de lona e a mãe lembrou-se de que tinha alguma roupa para lavar; carregou seu filho menor e a roupa, e escolheu um lugar favorável junto ao regato. Esquecera-se do sabão, porém; enquanto o menino atirava pedrinhas nas águas, ela voltou ao acampamento. De retorno ao regato, encontrou seu filho afogado, com a face voltada para baixo, nas águas. A mãe acordou soluçando e chorando. O sonho a preocupou durante vários dias. No verão, foi acampar com amigos, esquecida do sonho. Mas, quando ia voltar ao acampamento à procura do sabão, no exato lugar de seu sonho, viu seu filho com as mesmas roupas, sob o mesmo sol, atirando pedrinhas na água, e o sonho lhe voltou à memória, de golpe. Agarrou a criança e voltou com ela para o acampamento. Os amigos riram da sua "imaginação". Comentou ela em carta ao Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke: "Tão fácil sair-se com essa resposta quando não se pode dar uma boa explicação!".

2.º Caso aceitável:

Certa mãe, caminhando no campo com sua irmã e um filho de cinco anos, perdeu o caminho e seguiu uma rota no bosque supôs daria numa casa. Via a criança correndo alguns metros adiante, quando a irmã lhe disse: — "Chame o pe-

queno. Sonhei, na noite passada, com um lugar como este; havia um precipício além, e me vi segurando pelos dedos uma criança que para ele deslizara. Talvez nada signifique, mas chame o menino. A mãe assim procedeu e adiante viram que o caminho terminava num mirante, sobranceiro a um precipício de onde se contemplava uma cascata do outro lado. No sonho, a tia salvou o menino por meios físicos, com as mãos, e na realidade, com um esforço mental do qual talvez o sonho fosse um símbolo.

3.º Caso aceitável:

Certa mãe nova-iorquina teve um sonho. Ouviu um grito e, ao voltar-se, viu seu filho de dois anos cair da janela. Ouviu sirenes de ambulância parando em frente à casa. Ao despertar, procurou seu filho e examinou as janelas. Tudo bem. Alguns dias depois, ela colocou o colchãozinho dele no peitoril da janela para arejar, mas teve o cuidado de descer a vidraça apertadamente sobre o colchão. Ocupada no quarto próximo, lembrou-se repentinamente do sonho e correu para a janela. A criança dera um jeito de abri-la e estava de pé sobre o peitoril. A mãe a agarrou no momento em que ia cair. O colchão já estava na rua.

4.º Caso aceitável:

Aos 19 anos, um jovem conseguiu o emprego que procurava há tempos. Na noite anterior ao início de seu trabalho como bombeiro numa fábrica, sonhou três vezes que uma explosão de vapor o atirava para fora do edifício e que morria no hospital. Lia, inclusive, a notícia no jornal. Não aceitou o emprego. Uma semana depois, o sonho se confirmou: O homem que o substituíra foi atirado para fora do edifício e morreu. Um segundo homem morreu, um terceiro foi gravemente ferido, e o quarto ficou desaparecido bastante tempo sob um monte de carvão. O percipiente ajudou nos reparos da caldeira.

5.º Caso aceitável:

Mencionado por Myers. Mulher, em Londres, com rápida decisão, evitou um desastre com sua carruagem, já previsto

em sonho, bem como a queda do cocheiro que perdera os sentidos.

6.º Caso aceitável:

Recorrência, durante duas semanas, do mesmo sonho precognitivo. A esposa se viu na pequena cozinha de uma casa branca, com o marido e o pai construindo alguma coisa a seu lado, os dois em estado de tensão. O pai estava perdendo a paciência e o marido, cada vez mais zangado. Atirando as ferramentas ao chão, o pai saiu. O marido desapareceu. O trabalho de carpintaria não foi concluído no sonho. Na realidade, este casal vivia há onze anos com os pais dela. A casinha branca foi alugada logo depois dos sonhos, descoberta por um irmão. O marido e o pai iniciaram um trabalho na casinha e a esposa via em tudo a reprodução de seus sonhos, mas sem nenhuma discussão. No fim de cinco ou seis dias, os dois homens começaram a se desentender. Impaciência de um, raiva do outro. A esposa, ao lado, lembrou-se subitamente do remate infeliz do sonho. Decidiu que a realidade não seria idêntica. Perguntou ao pai se ele aceitaria um sorvete e uma xícara de chá. Ele aceitou, ela afastou-se por uns vinte minutos e, ao voltar, encontrou a situação ainda tensa. Pôs-se a rir sem parar, histericamente. Os homens ficaram zangados com a atitude da mulher e esqueceram a discussão entre eles. Mais tarde, tanto o marido como o pai lhe disseram que estavam a ponto de abandonar qualquer entendimento.

7.º Caso: intervenção bem sucedida

Em vigília, certa mãe teve uma visão de seu filho mais velho, morto na banheira. A visão a perseguia, de modo que ela se extremava para que tudo corresse bem. Não contou ao filho mais velho, mas informou o mais novo. Dois anos depois, voltando o mais velho de uma viagem, estava assobiando e cantando no banheiro. A mãe, vestida para sair, não conseguia deixar a casa. Após algum tempo, não mais ouvindo o filho cantar, abriu a porta do banheiro e o viu, exatamente na situação preconhecida. O gás estava aberto, a janela fechada, e ele fora evidentemente asfixiado. Imediatamente ela abriu portas e janelas, chamou o médico e o filho reviveu.

8.º Caso: intervenção bem sucedida

O maquinista de um trem de carga viu em sonho a colisão de outro trem de carga com um expresso, as máquinas arruinadas, muitos passageiros mortos e outros feridos. Preocupou-se o dia inteiro, mas nada aconteceu. No dia seguinte, quando o acidente se delineava, ele recordou o sonho num relance, em todo o seu horror e, sem esperanças, agarrou uma bandeira vermelha, correu para os trilhos e com os seus sinais parou o expresso a poucos metros do trem de carga. Havia nove vagões, todos repletos de passageiros, inclusive nas plataformas de entrada e saída. "Eu praticamente sabia 24 horas antes de acontecer, tinha em meu poder salvá-los e o fiz com alegria."

9.º Caso: intervenção bem sucedida

O motorista de um ônibus em Los Angeles sonhou que seu carro colidia com um caminhão pintado de vermelho, um quarteirão depois de uma avenida onde alguns automobilistas costumavam fazer uma conversão proibida. O choque foi terrível. Os passageiros do ônibus voaram de seus assentos e o caminhão capotou. Nele iam dois homens e uma mulher, esta de olhos muito azuis. Os dois homens foram atirados para fora, achatados contra o chão, mortos. A mulher gritava em pânico e dizia ao motorista: — O sr. poderia ter evitado isto, poderia ter evitado. — O motorista despertou, alagado em suor. Era hora de ir para o trabalho, de modo que se levantou, ainda chocado com o sonho. Deram-lhe a linha que cruzava a avenida de seu sonho, mas este já se desvanecera de sua consciência. Na segunda viagem, o motorista esperava pelo sinal verde no cruzamento com a avenida quando, de súbito, sentiu-se doente, nauseado. O sinal abriu, ele moveu o veículo em direção sul na rua de duas mãos e observou um outro ônibus que se movia na direção norte, do outro lado da rua e que também vira no sonho. Aí sentiu-se completamente mal. Tudo parecia ter acontecido antes e a mente lhe parecia gritar alguma coisa. Ele fez o mesmo sinal com a mão ao motorista do ônibus do outro lado da rua e foi então que o sonho voltou à sua consciência. Imediatamente desligou o motor e pisou os freios. Um caminhão com letras vermelhas pintadas de um lado surgiu-lhe de trás do outro ônibus, à frente do seu, para

entrar ilegalmente na direção sul. Se não tivesse aplicado os freios, sofreriam um choque terrível. No caminhão viajavam dois homens e uma mulher, esta de olhos muito azuis. Ela estendeu a mão para fora, fez ao motorista do ônibus o sinal de O.K. Ele estava tão transtornado que teve de ser substituído.

Existe uma explanação alternativa para estes casos — se a parte confirmada foi precognitiva, a parte não confirmada em virtude da intervenção talvez não fosse precognitiva, mas uma inferência racional derivada da informação precognitiva. O resto da experiência poderia ter sido inconscientemente acrescentada: o afogamento da criança no regato enquanto a mãe procurava o sabão, o resvalar da criança para o precipício abaixo do mirante de onde se descortinava a cascata, a queda da criança em seguida à queda do colchão pela janela — poderiam ter sido inferências rápidas e inconscientes baseadas nas situações genuinamente preconhecidas e originar-se de ansiedades naturais. Talvez em casos em que a calamidade não foi totalmente prevista, o indivíduo tenha acordado antes do fator emocional tecer o bordado inferencial subseqüente.

Alguns desses desastres poderiam ter sido evitados mesmo sem a advertência do sonho ou do pressentimento. Por isso, só os três últimos casos parecem, à dra. Rhine, casos ideais de intervenção bem sucedida. Não são *provas* de intervenção, mas exemplos de experiências em que medidas preventivas abortaram um final infeliz.

De acordo com a escola de Rhine, se a PC é um meio de conhecer um futuro destinado a ocorrer, então por definição, esse futuro é inevitável; se, ao contrário, o evento previsto pode ser evitado, então não estava destinado a acontecer. A redefinição da PC necessitaria a alteração dos conceitos estabelecidos de causalidade e tempo, e talvez seja este o coração da presente dificuldade. A mente racional atinge um impasse e há várias vias de fuga: uma, é esperar por provas experimentais da intervenção; outra, é atacar o problema da adequação das provas, as interpretações, as limitações; e outra ainda, é reexaminar as pressuposições fundamentais da causalidade, a natureza da realidade e da experiência. Um punhado de casos deve ser útil para estimular o avanço em direção a novos vislumbres e inspirações.

24. O controle da PC espontânea

A PC chega de surpresa, recebida quando se apresenta e não produzida à vontade. Se fosse possível utilizá-la quando nos interessa, controlá-la como processo consciente e voluntário de saber, isto seria de vantagem inaudita. Mas ela se origina nas profundezas do inconsciente, segundo a escola de Rhine. Esquiva ao domínio da consciência, nesta ela aporta de súbito, vencendo não se sabe que riscos ou quebrando não se sabe que amarras.

Atualmente a produção de PC à vontade não é possível, pelo menos para a maioria dos homens. A pesquisa científica ainda precisa descobrir o elo entre a necessidade consciente de saber e a experiência precognitiva. Experimentos têm sido feitos neste sentido; no laboratório, porém, a tensão, os esforços, a criação de estados artificiais, nem sempre favorecem a PC. Parece que, evitando-se o raciocínio e as distrações sensoriais do ambiente circundante, ficam removidas as obstruções à corrente do conhecimento parapsicológico.

25. O valor da PC espontânea para a ciência

"Quando um pesquisador científico — psicólogo ou outro estudioso — quer descobrir se o espírito humano pode chegar, às vezes, ao conhecimento de modo parapsíquico ou extra-sensorial, deve abandonar os casos espontâneos de fenômenos *psi*, apesar de seu caráter apaixonante e dramático, e entregar-se a experimentos definidos e sistemáticos", escreveu Rhine. "Deve procurar descobrir por meio de provas, de testes repetidos, de escrupulosos métodos de laboratório, se existe algo por trás dos fatos relatados. Em resumo, esse problema deve afastar-se do plano anedótico e situar-se no campo da experimentação, antes que se possa classificá-lo de científico.

"Entretanto, ao passar do terreno da observação dos fatos curiosos ou assombrosos para o campo da experimentação, é

justo reconhecer quanto devemos a essas estórias. Elas despertaram o interesse de muitos espíritos, produziram forte impressão, suscitando a necessidade de saber se traziam em seu bojo algum significado. Impuseram a evidência de um problema a resolver.

"Não há, certamente, inconveniente algum em efetuar-se um estudo desses casos espontâneos e de seu significado, ou falta de significado. Todo estudo da experiência é necessariamente frutífero, ainda que dê resultados negativos. Se, neste particular, a pesquisa revelasse um princípio importante da natureza, que se manifestasse nos fatos parapsicológicos, e ainda não houvesse sido catalogado pela Ciência, sem dúvida teria valido a pena empreendê-la. E se, pelo contrário, a investigação mostrasse que esses episódios são exemplos de tipos de ilusões inerentes à natureza humana, isto também constituiria verdadeira contribuição à Ciência, e salutar serviço de saneamento."

Cientista puro, Rhine ousou prever, sem outros fundamentos que sua cultura e sua reflexão crítica: "A pedra, que uma ciência apressada rejeitou, tornou-se, muitas vezes, a pedra angular de sua estrutura posterior."

3.ª Parte – PRECOGNIÇÃO EXPERIMENTAL

O caprichoso na rede de arrasto da estatística

J. B. Rhine

1. Antecedentes da pesquisa

Desde o século passado, grande número de experiências extra-sensoriais foram examinadas ou provocadas por sociedades de pesquisa na França, Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos, sem ganhar apoio substancial no mundo científico. Dentre elas, destacou-se a britânica *Society for Psychical Research* (S.P.R.). "O que esta Sociedade fez, fora dos recintos universitários, foi carregar a tocha das experiências desde os primeiros tempos, anteriores à sua fundação (em 1882), até o presente, quando se começa a acreditar que as Universidades aceitarão carregá-la daqui por diante", escreveu Rhine em 1937.

Nos recintos universitários, o professor Charles Richet, docente de fisiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris e Prêmio Nobel, autor do *Tratado de Metapsíquica*, fez experiências de clarividência com doentes hipnotizados (1884-1888). O físico inglês Sir Oliver Lodge, da Universidade de Liverpool, iniciou experimentos sobre a telepatia (1884-1913). Os professores Henry Sidgwick, da Universidade de Cambridge (1889-1897) e William James, da Universidade de Harvard, acompanharam de perto os trabalhos da S.P.R. inglesa e lhe prestaram a homenagem de sua esclarecida defesa.

O psicólogo dr. Edward B. Titchner, da Universidade de Cornell, relatou algumas experiências de telepatia, concluindo sobre a impossibilidade da transmissão de pensamento (1898). O professor dr. John E. Coover, da Universidade de Stanford, na Califórnia, dirigiu pesquisas sobre a telepatia, mas não pôde provar sua existência (1917).

Em 1920, chegou da Universidade de Oxford para a Universidade de Harvard, o dr. William McDougall que fora presidente da S.P.R. inglesa; nos Estados Unidos, ele iniciou os doutores Gardner Murphy e G. H. Estabrooks em pesquisas de PES. Gardner Murphy não obteve resultados concludentes de suas primeiras investigações, mas passou a inveterado pesquisador destes problemas. Estabrooks obteve resultados em seus experimentos telepáticos, mas nenhum relatório foi publicado então,

em qualquer revista de psicologia, "um dos feitos mais revolucionário da História da Psicologia, se não da História da Ciência", segundo Rhine. Em 1927, um Boletim da S.P.R. de Boston o divulgou.

Os professores Henri Brugmans e Gerardus Heymans, da Universidade de Groningen, dirigiram pesquisas sobre a telepatia e alcançaram resultados extraordinários, mas seu trabalho, sem o menor deslise técnico, não foi considerado seriamente pelos psicólogos, e nunca viu publicação, a não ser nos Anais de um Congresso Internacional em 1921.

O escritor Upton Sinclair e esposa fizeram experiências sobre telepatia, descritas em seu livro *Mental Radio* (1930).

Em 1930, nenhuma universidade no mundo estava investigando sistematicamente a PES. Nesse ano, quatro cientistas, os doutores William McDougall, Joseph Banks Rhine, Helge Lundholm e Karl Zener, da Universidade de Duke, Carolina do Norte, decidiram empreender a pesquisa dos fenômenos extra-sensoriais, formando o primeiro grupo de docentes universitários "a introduzir problemas não convencionais nos laboratórios das Universidades". E foi essa a primeira Universidade, por seu Departamento de Psicologia, a começar um trabalho experimental, rigoroso e exaustivo, até hoje a mais importante contribuição científica ao estudo das capacidades extra-sensoriais do homem.

2. A motivação de Rhine

"Foi com o nítido propósito de empreender investigações sobre uma possível capacidade desconhecida da mente — aquilo que se denominou poderes parapsíquicos — que primeiramente entrei em contato com o professor McDougall. Em princípios da década de 1920, ele estava em Harvard e eu era bacharel em Biologia, pela Universidade de Chicago. Meu interesse pelas pesquisas parapsíquicas originou-se do desejo, penso, comum a milhares de pessoas, de descobrir uma satisfatória filosofia de vida, uma filosofia que pudesse ser considerada cientificamente sólida e, sobretudo, que pudesse apresentar solução a urgentes questões sobre a natureza do homem e seu lugar no mundo da natureza. Não julgando satisfatória a crença religiosa ortodoxa

que, em certa ocasião, me impeliu para o sacerdócio, e insatisfeito — salvo em último recurso — com uma filosofia materialista, achava-me, obviamente, disposto a investigar qualquer fato que pudesse encerrar possibilidades para nova compreensão da pessoa humana e de seu relacionamento com o universo."

A oportunidade de estudar sob a direção do professor McDougall e, a seguir, o convite para tornar-se seu assistente na Universidade de Duke, vieram em 1927, subentendida a abordagem, "ampla e tolerante", "por métodos estritamente experimentais", de "fenômenos mentais inusitados".

E os primeiros grandes resultados, de extraordinária significância estatística, alguns atingindo probabilidades astronômicas, não demoraram. "Jamais tal galáxia de talento extra-sensorial foi reunida por um único pesquisador em tão pouco tempo", declarou Soal. Com seu primeiro livro, *Percepção extra-sensorial*, em 1934, Rhine forneceu ao mundo as primeiras provas científicas da clarividência e da telepatia.

3. Primeira abordagem experimental da PC - Rhine, 1933

O primeiro ataque sistemático ao problema do conhecimento extra-sensorial de eventos futuros começou no Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke, em fins de 1933. O experimento consistiu um *predizer* a ordem das 25 cartas do baralho padrão, tal como se disporiam depois de embaralhadas. Esse baralho-padrão, já usado nos testes de clarividência e de telepatia, compreendia cinco conjuntos de cinco símbolos, escolhidos pelo dr. Zener e aperfeiçoados pelo dr. Rhine — formas diferentes, mesmo em suas partes, facilmente distinguíveis, e em pequeno número, para que pudessem ser conservadas na mente do indivíduo em prova: círculo, ondas, cruz, quadrado e estrela.

Todavia, o primeiro experimento deixou margem a dúvidas quanto à possibilidade de pareamento bem sucedido entre dois baralhos, prévia ou simultaneamente embaralhados *por mãos humanas*. A prova desta hipótese foi obtida em testes subse-

qüentes, por Rhine, Smith e Woodruff. Esta descoberta apresentou-se como uma possível contra-hipótese, ou seja, as predições do sujeito no primeiro experimento foram consideradas ambíguas: talvez devidas à PC, talvez devidas ao uso não-intencional de PES pelo experimentador ao embaralhar as cartas. O fato retardou a divulgação do experimento até se acumularem novas provas de PC por meio de cartas embaralhadas *mecanicamente*.

Nesse ínterim, relatos sobre o mesmo tema, em 1935 e 1938 respectivamente, foram publicados por Carington e Tyrrell na Inglaterra.

Rhine e seus auxiliares no Laboratório de Duke divulgaram milhares de predições experimentais, a partir de 1938, principiando com uma série de quatro artigos no *Journal of Parapsychology* — as dúvidas já se haviam desvanecido.

4. Experimento de predição com dados, Carington, 1935

Whately Carington, graduado pela Universidade de Cambridge, aviador na 1.ª Guerra Mundial e autor de pesquisas para o Ministério da Guerra inglês, sentira-se, desde seus tempos de estudante, irresistivelmente atraído por aspectos menos ortodoxos da ciência, como o problema da sobrevivência humana, do transe e da telepatia.

Em 1935, convenceu 40 pessoas a participarem de uma predição com dados. Deviam adivinhar, com antecedência naturalmente, a face de um dado comum que seria lançado depois de sacudido dentro de um copo. Hoje, a interpretação desse experimento seria ambígua, devido à possibilidade de um poder extra-sensorial influir no lance de dados. Mas, naquele tempo, mal se desconfiava da psicocinese (PK), o poder da mente sobre a matéria.

Segundo Rhine, Carington registrou 52.440 jogadas e o número de predições corretas excedeu de 202 a esperança casual, correspondente a uma *Razão Crítica de 2.36*.

5. Experimento de PC com desenhos, Carington, 1938-1944

Em 1938, Carington pretendeu efetuar rigorosos experimentos de PES com o baralho-padrão usado por Rhine, mas sua esposa o convenceu a abandonar esse processo. Decidiu, então, usar desenhos à mão livre, de objetos comuns, em vez de 25 cartas simbólicas, numa prova que podia ser de clarividência, ou de telepatia, e que por fim revelou ser também uma prova de PC.

A maioria dos adivinhadores morava na Inglaterra, Holanda e Estados Unidos. Ao todo, 741 pessoas, muitas delas pertencentes a Departamentos de Psicologia de universidades americanas e britânicas.

Foi assistido em seu trabalho por professores da Universidade de Cambridge, dr. C. D. Broad (Filosofia), dr. Robert H. Thouless (Psicologia) e dr. Irving (Estatística).

Cada experimento compreendia 10 desenhos, expostos durante 10 noites consecutivas, um em cada noite. No dia de cada teste, Carington selecionava ao acaso um número de três ou quatro algarismos de alguma tábua matemática, para decidir qual a página do Dicionário Webster que deveria ser aberta. De cada página assim determinada, Carington escolhia o primeiro objeto concreto que pudesse ser desenhado razoavelmente. A sra. Carington fazia um desenho cuidadoso do objeto, e esse desenho era pendurado no estúdio do marido, onde permanecia das 7 hs. da noite até às 9.30 da manhã seguinte. A janela do aposento tinha cortinas espessas e a porta ficava trancada para que ninguém, exceto o casal, pudesse ter conhecimento do desenho. Este era removido às 9.30 hs. e fechado numa caixa.

Cada um dos 741 adivinhadores munia-se de um caderno de desenho contendo 10 páginas, para traçarem os desenhos das 10 noites sucessivas. Deviam reproduzir o que se achava no estúdio de Carington e dar-lhe um título. No fim dos 10 dias, os cadernos foram devolvidos a Carington que os passou ao dr. Thouless; este, para identificação futura, atribuía a cada desenho um número em código.

Depois de um intervalo de alguns dias, Carington iniciou novo teste de 10 dias; ao todo, fez isto cinco vezes.

Os 50 desenhos de cada sujeito foram destacados dos cadernos, removidos as datas, e misturados aos 37.000 dos outros adivinhadores-desenhistas. A seguir, com os 50 desenhos originais, foram todos despachados pelo coreio a um juiz, o sr. M. T. Hindson.

Avaliação

Hindson tinha meios normais de descobrir em quais das cinco séries qualquer desenho particular havia sido feito. Sua tarefa consistiu em emparelhar cada desenho com o original. Se achasse que certo desenho se parecia com o original, devia dar-lhe a marcação "1"; se houvesse semelhança duvidosa, a marcação "1/2"; nenhuma semelhança, "zero".

Para avaliar os resultados desse pareamento em grande escala, Carington recorreu a uma fórmula estatística devida a W. L. Stevens.

Supondo-se que "navio" fosse um dos originais em uma das cinco séries, e que esse desenho aparecesse 30 vezes nas quatro séries restantes; e que na primeira série o total de êxitos (qualquer desenho) fosse 400, e nas outras quatro, 2.000 (qualquer desenho), a fórmula

$$\frac{30}{2.000} \times 400 = 6 \text{ daria a esperança casual.}$$

Se nada mais atuasse além do acaso, 6 "navios" eram esperáveis. Se maior número de "navios" aparecesse, o fato levava a supor que o número fora do comum desenhado durante os 10 dias em que o "navio" original estivera exposto, teria de ser explicado como "extra-chance", não casual.

Resultados

Carington percebeu muito cedo em sua investigação o *efeito de deslocamento:* ao ser escolhido um "navio" para certa noite, o número de "navios" desenhados naquela noite não era significante, ou seja, acima da expectativa, mas a proporção de "navios" durante os 10 dias de exposição em que este desenho

fora um dos originais, excedia em muito a proporção obtida em qualquer das outras quatro séries. Em outras palavras, se "navio" era o original da noite da 4.ª feira, os adivinhadores estariam apresentando "navios" não só naquela noite, mas também uma ou duas noites *antes* e *depois* de 4.ª feira. O fato de haver uma tendência clara e desenhá-los na 3.ª feira, *antes* de Carington escolher o objeto no Dicionário, parecia mostrar que os sujeitos possuíam a faculdade de PC. As descobertas estatísticas confirmaram as observações de Carington. As probabilidades finais contra os resultados serem meramente casuais foram cerca de *1.000 para 1* nas cinco séries.

Carington informou que seus 12 sujeitos da Universidade de Duke tiveram resultados mais significantes que seus 105 sujeitos na Inglaterra e na Holanda.

Como Carington selecionara seus sujeitos mais ou menos ao acaso, teve a certeza de que descobrira uma técnica com possibilidades notáveis e que outro pesquisador obteria o mesmo êxito se a empregasse. As repetições do método, entretanto, deram resultados incertos. Em 1944-45, a Sociedade Americana de Pesquisas Parapsíquicas realizou quatro séries de experimentos com desenhos, nas linhas gerais da pesquisa de Carington mas, salvo no caso da primeira noite, os resultados não tiveram significância. Carington objetou que os pesquisadores não seguiram sua técnica com rigor.

Em 1946-48, a dra. Gertrude Schmeidler e a sra. Lydia Allison, de N. York, efetuaram mais quatro experimentos em que 99 sujeitos apresentaram cerca de 10 desenhos cada um. Usaram o método de avaliação de Carington, com resultados relativamente insignificantes.

Objeções à pesquisa de Carington

Ao experimento de Carington, Rhine apresentou em 1943, as seguintes objeções:

1.ª — Os resultados dependeram de um só juiz sobre a semelhança entre o original e a reprodução. Seu julgamento dos acertos implicava numa delicada discriminação e poderia ter sofrido influência de sua própria capacidade de PES. Se isto aconteceu, ele sozinho introduziu os mais altos resultados no *efeito de deslocamento* positivo.

2.ª — Carington selecionou seus desenhos abrindo uma página de dicionário indicada por números extraídos de uma tabela matemática casual. Talvez a capacidade de PES de Carington tivesse desempenhado um papel na escolha dessa página, conhecendo, por telepatia ou clarividência, na 4.ª feira, o desenho que o sujeito fizera na 3.ª feira. Ele poderia selecionar um objeto que concordasse com a produção do sujeito no dia anterior, ou nos dias anteriores. Seria, certamente, um ato complicado de PES: combinar os números de uma tabela matemática com a página do Webster e relacioná-los com as tendências prevalescentes ou tipos de desenhos já feitos pelos desenhistas. Seria pedir muito considerar-se esta contra-hipótese, se a alternativa não fosse a hipótese incrível de PC. Se Carington tivesse selecionado os números mecanicamente, teria excluído esta contra-hipótese? Até a seleção mecânica pode ser influenciada por PK, e esta contra-hipótese é ainda mais difícil de *não* provar.

Examinando o sistema de avaliação de Carington, o dr. Soal, da Universidade de Londres, apresentou em 1953 as objeções seguintes:

1.ª — O avaliador não levou em conta a relativa freqüência com que as pessoas tendem a adivinhar objetos diversos: árvore, com muito maior freqüência que machado quebra-gelo, por exemplo.

2.ª — Um juiz menos competente poderia deixar passar muitos pontos de semelhança entre os desenhos dos sujeitos e o original; as probabilidades contra o acaso variariam consideravelmente segundo as idéias de diferentes juízes.

3.ª — O desenho do sujeito precisaria conformar-se exatamente com o original do experimentador — quando Carington expôs o desenho de "gravata borboleta" e um sujeito traçou uma "ampulheta", não foi considerado. Estariam no mesmo caso, jumento ou mula, em vez de cavalo.

4.ª — Quanto se poderá confiar nos números que dão a freqüência com que as pessoas podem pensar em objetos diferentes? Este o ponto fraco, o calcanhar de Aquiles, do processo de Carington — um grupo de 500 pessoas pode desenhar 6 elefantes; outras 500 pessoas, 10 elefantes ou 1 só. O número extra de elefantes poderia ser devido à passagem de um circo pela cidade, etc.

5.ª — Altos resultados podem ser atribuídos, não à PES, mas a alguma influência fortuita que aconteça operar na época

da escolha do original; narcisos na primavera, peru no Natal, etc.

"Requer-se uma investigação intensiva das preferências coletivas de diferentes grupos da população por objetos comuns, e até que isso seja feito, deve existir considerável dúvida sobre a exatidão dos resultados obtidos pelo uso de tais processos."

6. Experimento de PC, por Tyrrel, 1936

Tyrrell, engenheiro eletricista e pesquisador de fenômenos parapsíquicos, sobre os quais escreveu livros e artigos, havia notado, em 1935, que a srta. G. Johnson, uma de suas servidoras domésticas, tinha muita facilidade em encontrar objetos perdidos e decidiu submetê-la a experimentos de PES.

Depois de construir uma peça muito simples, consistindo de um biombo que ocultava cinco caixas de madeira, abertas numa extremidade e fechadas na outra por uma tampa com dobradiça, Tyrrell introduzia um ponteiro numa delas para verificar se a moça adivinhava, do outro lado, onde o ponteiro estava. Diante do êxito da srta. Johnson nestes testes preliminares de clarividência, Tyrrell animou-se a construir um aparelho mais complexo, com uma lâmpada elétrica no interior de cada uma das cinco caixas.

As lâmpadas ligavam-se por fios a cinco chaves que o pesquisador manobrava de uma mesa a certa distância. Ao usar uma chave, a lâmpada correspondente acendia-se e a moça, por trás do biombo, usava uma campainha elétrica para levantar a tampa da caixa onde pensava estar a lâmpada. A abertura de qualquer caixa riscava automaticamente um traço numa fita de papel; o sucesso era registrado por dois traços.

Tyrrell introduziu um comutador no circuito para trocar as ligações entre chaves e lâmpadas, de modo a não saber, ele próprio, qual das lâmpadas iria acender quando manobrava certa chave. As cinco chaves podiam ser dispensadas, e um interruptor rotativo (seletor mecânico), acionado por um eletromagneto e uma roda dentada, entrava em ação. Quando parava, ao acaso, fazia contato e acendia uma das cinco lâmpadas.

O inventor adicionou ao aparelho um relé de ação retardada para evitar que a moça tivesse o menor indício da caixa correta através da luz ou calor que escapasse; a lâmpada só acendia quando a srta. Johnson fechava o circuito ao levantar a tampa.

O que diferenciava os cinco circuitos era o contato feito pelas chaves do pesquisador e era necessário um ato de clarividência muito complicado, da parte da moça, para saber quais as conexões dentro do comutador que lhe indicariam qual das caixas abrir. O uso do comutador quebrava qualquer seqüência de hábitos do pesquisador que acontecessem coincidir com os da adivinhadora.

Todas as lâmpadas eram simultaneamente carregadas por um fio comum e nenhuma ficava com potencial mais alto que as outras ao ser ligada a chave. Todas as chaves foram tornadas silenciosas por meio de contatos de mercúrio.

Como o aparelho só registrava acerto ou erro, e não o número de lâmpadas, seria impossível avançar mentalmente no tempo até o momento em que a fita fosse examinada por Tyrrell e obter da mente dele, por telepatia precognitiva, o número da lâmpada.

O aparelho foi engenhosamente construído à prova de fraude ou desarranjo de toda espécie. Se a moça abrisse duas caixas simultaneamente, o marcador de acertos ficava bloqueado e somente um traço aparecia na fita, marcando o fracasso. Nem podia a adivinhadora espiar na caixa antes de abrir a tampa, pois quando esta era levantada por uma fração de polegada, registrava-se o lance.

Sendo o trabalho feito à razão de 60-70 tentativas por minuto, teria sido impossível à adivinhadora deixar sua mesa e olhar sobre o biombo para a mesa do pesquisador, sem provocar uma pausa.

Para adaptar psicologicamente a moça ao trabalho com o aparelho, Tyrrell teve de usar incrível paciência. Demorou muito para que ela obtivesse resultados não-aleatórios, sem o comutador, isto é, não excluída a telepatia do experimentador. Muitas vezes, Tyrrell precisou voltar ao ponteiro. Mas quando veio o sucesso com as lâmpadas, valeu o sacrifício. Em 1.271 tentativas, a moça escolheu a caixa correta 373 vezes, o que dá um desvio positivo de 118,8 acima da média e probabilidade de 10^{15} para 1 contra a média.

Introduzindo o comutador, os resultados caíram ao nível da média. Tyrrell começou a misturar experimentos em que o comutador se alterava com a conexão direta entre chaves e lâmpadas. Quase parecia que a moça podia ler o pensamento de Tyrrell para saber qual o tipo de experimento que ele estava fazendo. Com o comutador, seus resultados eram casuais: desvio positivo de 1 em 500 tentativas. Com o contato direto: 225 acertos contra a média casual de 115,2 em 576 tentativas (probabilidade: 10^{25} para 1). Ao voltar de umas férias, em setembro de 1935 Tyrrell descobriu que a moça se ajustara às tentativas com o comutador, em que o pesquisador não sabia qual das lâmpadas estava acendendo quando acionava uma chave, excluindo-se a telepatia. Em 4.200 tentativas, ela obteve um desvio positivo de 178 êxitos (probabilidade: 10^{11} para 1 contra o acaso).

Tyrrell usou uma lista de dígitos, de 1 a 5, escolhidos ao acaso, para determinar a ordem em que acionaria as chaves. Em 7.809 tentativas, a moça teve um desvio positivo de 279.2 acertos (probabilidade: 10^{14} para 1 contra a casualidade). Este foi o mais convincente de todos os processos usados por Tyrrell para provar a capacidade clarividente da moça.

De fevereiro a outubro de 1935-36, Tyrrell experimentou uma variante. Em certas séries de tentativas com o comutador, a srta. Johnson abria a caixa cerca de meio segundo *antes* que o pesquisador acionasse a chave. Em 2.255 tentativas houve 539 sucessos, com um desvio positivo de 88 acima da média casual (probabilidade: 270.000 para 1). Um exame da fita mostrou que, em cada acerto, a caixa estava realmente aberta *antes* que a chave fosse acionada por uma fração de segundo correspondente à quantidade de traços de "tentativa" e "acerto" sobrepostas. O uso do comutador excluía o conhecimento de Tyrrell sobre qual das lâmpadas iria acender-se e excluía, portanto, a telepatia.

A explicação mais simples: PC.

A explicação mais complicada: Tyrrell possuiria dons de telepatia e de clarividência de que, até então, não dera o menor sinal. Primeiro, ele teria de usar de telepatia para conhecer, no pensamento da moça, qual a caixa que ela abriria. Segundo, ele deveria usar de clarividência para descobrir, através do comutador, a conexão entre lâmpada e chave a fim de acender a lâmpada da caixa já aberta. Se Tyrrell possuísse tais poderes, rivalizando com os da moça, por que sempre falharia em suas tentativas de acertar acima da média quando a substituía?

7. – 1.º Experimento de PC realizado por Rhine, 1933-1938

A. Desenvolvimento preliminar

Em dezembro de 1933, após o notável sucesso dos testes Pearce-Pratt, de clarividência à distância, Rhine pediu a Hubert Pearce, o mesmo sujeito, que predissesse, *antes* do embaralhamento de um maço de cartas, a ordem em que elas se encontrariam depois de embaralhadas.

Numa coluna para o registro de 25 símbolos das cartas, Pearce escreveu os correspondentes à ordem que o maço à sua frente apresentaria depois de cortado por ele próprio cinco vezes casualmente. Os cinco cortes pretendiam representar um estágio muito preliminar de embaralhamento, introduzindo assim um novo arranjo casual entre a predição e a avaliação.

Pearce fez 106 séries, trabalhando sozinho, com um acerto médio por série de 7.1 em 25 cartas, a esperança casual sendo de 5 em 25. (Nos testes à distância, ele realizara 7.5 acertos em 25 tentativas, sem qualquer contato sensorial com as cartas).

Outros cinco sujeitos foram animados a submeterem-se a estes testes, sob as mesmas condições, exceto que deviam embaralhar duas vezes o maço *depois* de registrarem os símbolos da série toda e antes da avaliação.

Três dos seis sujeitos eram assistentes graduados do Departamento de Psicologia da Universidade de Duke. Seus testes não testemunhados totalizaram 1.026 séries e tiveram em média 5.8 acertos em 25, com uma RC igual a 12. Os seis sujeitos totalizaram 1.452 séries, com um acerto médio de 6 em 25 (RC = 19.1).

O passo seguinte foi introduzir um observador na situação do teste. Isto deu-se primeiramente com Pearce, Rhine observando todo o processo e examinando todos os registros. Rhine apresentava o maço de cartas e o cortava, e Pearce registrava seus 25 símbolos preditos para a ordem do maço. Pearce então tomava o maço invertido, sempre a vista do observador, e fazia os cinco cortes casuais. As cartas eram viradas para cima imediatamente à vista de Rhine. A dupla examinava o registro das predições e a ordem das cartas; o número de coincidências ou acertos era registrado por Rhine.

TABELA 3. PRECOGNIÇÃO SEM TESTEMUNHO E SOB TESTEMUNHO

Sem testemunho: Trabalho sozinho				Com testemunho: Embaralhamento pelo sujeito				Com testemunho: Embaralhamento pelo experimentador			
Experimentador	Séries	Acerto Médio	RC	Experimentador	Séries	Acerto Médio	RC	Experimentador	Séries	Acerto Médio	RC
H. Pearce	223	7.1	15.4	Rhine, Pratt e outro	212	6.3	9.7	Rhine, Pratt e outro	482	5.2	1.9
G. Zirkle	124	5.2	0.9	2	31	6.1	2.9	1	654	5.3	4.0
S.O.	260	7.1	16.7	2	142	5.7	3.8	2	59	5.3	1.1
M.H.P.	642	5.4	4.4	—	—	—	—	1	66	4.9	0.4
T.C.C.	113	6.0	5.4	Rhine	40	6.1	3.7	Rhine, Zirkle e outro	228	4.9	0.4
L.H.G.	90	6.2	5.7	—	—	—	—	1	114	5.4	2.0
Total	1452	6.0	19.1		425	6.1	11.0		1603	5.2	4.2

Rhine, 1938

Em 110 séries deste tipo, Pearce fez 6.1 acertos médios por série (RC = 5.7). O fato era claramente de natureza não-casual.

Pearce fez outras 25 séries de predições, embaralhando de duas a cinco vezes o maço antes da avaliação. Teve 6.2 acertos médios por série (RC = 2.9).

Em seguida, em vez de um número determinado de embaralhamentos, procedeu-se ao embaralhamento por um período definido de tempo (15 segundos) sob contínua observação de Rhine. Em 16 séries, a média foi de 7.7 por série (RC = 5.4).

Este trabalho deixou evidente que não tinha importância se o maço era cortado ou embaralhado, ou por quanto tempo se misturavam as cartas.

Dois outros assistentes graduados e mais um indivíduo foram introduzidos na etapa preliminar desta pesquisa, sempre observados e sempre baralhando o maço de cartas, com alta significância estatística.

Tal como se realizaram, estes testes podiam garantir o interesse da crítica científica pelo problema precognitivo, mas Rhine não os considerou provas de PC, porque melhores condições seriam introduzidas nos subseqüentes. Todos os testes em que o sujeito tocou as cartas, Rhine, mais tarde, colocou inteiramente de lado, embora nada se tivesse a objectar sobre a honestidade dos sujeitos e dos observadores.

B. *A série principal do experimento*

Começando com Hubert Pearce, em 1934, esta grande coleção de dados estendeu-se ao longo de quatro anos, até dezembro de 1937. Além das 46.925 tentativas preliminares, registraram-se outras 113.075.

A pesquisa iniciou-se no laboratório de Rhine, sob sua observação, mas o assunto logo atraiu o interesse e o auxílio de outros experimentadores que o levaram adiante: três engenheiros, quatro assistentes do Departamento de Psicologia da Universidade de Duke e dois de seus auxiliares, um estudante de Psicologia e um superintendente de sistema escolar municipal.

A condição primeira nesta etapa da pesquisa foi a de não haver contato manual do sujeito com o maço de cartas antes de sua predição. Só o experimentador podia tocá-las. Esta cautela eliminava quaisquer erros que pudessem ser introduzidos pelo sujeito.

Este, ou enunciava seus símbolos oralmente para que o experimentador os registrasse, ou ele próprio os anotava. O embaralhamento dava-se ao menos duas vezes. A avaliação se fazia imediatamente, em presença do sujeito. Mais tarde, procedia-se, primeiro, ao registro da ordem das cartas no maço e, a seguir, à comparação com o registro das predições do sujeito, de modo que pudesse haver posterior exame das duas colunas de símbolos.

Exceções neste processo visaram adaptar algumas técnicas de simples pareamento já usadas nos testes de clarividência. Havia dois baralhos, e o sujeito ia colocando as cartas do seu, de cabeça para baixo, diante de cinco espaços vazios. Ao terminar, o experimentador baralhava o segundo maço, e colocava as cartas nos espaços vazios. Outra exceção foi separar sujeito e experimentador por um anteparo sobre a mesa; o sujeito indicava uma das cinco caixas onde a próxima carta seria posta, antes que, nas mãos do experimentador e no alto do maço, ela fosse virada. Exceto uma vez, o experimentador sempre fez a avaliação à vista do sujeito.

Nas últimas séries, duas testemunhas presenciavam o embaralhamento, o registro das cartas, e o exame das correspondências entre predições do sujeito e registro das cartas.

Todos os 49 sujeitos eram pessoas normais: 14 deles, estudantes da Universidade de Duke, selecionados por terem previamente demonstrado capacidade extra-sensorial; 39 crianças de escola pública, selecionadas pelo mesmo motivo; 3 donas de casa, 1 engenheiro municipal e 1 médium profissional.

Parte das séries realizadas pelo médium o foi com o sujeito em transe, sem diferença nos resultados.

Uma série representou uma comparação breve, incompleta e inconclusiva, entre resultados em estado normal de vigília e resultados em período pós-hipnótico, tendo os sujeitos recebido sugestão favorável durante a hipnose.

Num total de 113.075 tentativas ou 15 séries, os 49 sujeitos tiveram um acerto médio de 5.14 em 25. A RC de 4.5, representando uma probabilidade superior a 1:400.000, excluía a explicação casual.

TABELA 4. PC — EMBARALHAMENTO E AVALIAÇÃO PELO EXPERIMENTADOR

Período	Sujeitos	Experimentadores	Séries de 25 cartas	Total de tentativas	D	RC
1934-35	1. Hubert Pearce	Rhine, Pratt e outro	482		85	1.9
1934-35	2. George Zirkle	Sra. Zirkle e outro	654		211	4.0
1934-35	3. um	Zirkle e outro	59		18	1.1
1935	4. um	Sra. Zirkle	98		17	0.8
1935	5. Pratt e outro	Pratt	45		12	0.9
1935	6. um	Rhine	45		20	1.5
1935	7. Zirkle e outro	Zirkle e Sra.	89	pré-hipnótico	7	0.4
			93	pós-hipnótico	56	2.8
1935	8. um	Sra. Zirkle	66		—6	— 0.4
1935	9. um	Rhine e casal Zirkle	228		—12	— 0.4
1935	10. um	Rhine	948		—59	— 0.9
1935	11. um	dois	35		30	2.5
1935-36	12. dois	um	154		49	1.9
1936	13. um	Pratt	1146		41	0.6
1937	14. 32 crianças escolares	três	335		165	4.4
1934-37	15. três	—	46		—20	— 1.4
1934-37	49	11	4523	113.075	614	4.5

Rhine, 1938

O número de experimentadores participantes e, portanto, o montante da repetição confirmatória, foi suficientemente grande para garantir o valor dos resultados experimentais nestas provas de PC.

Quanto maiores as precauções introduzidas pelos experimentadores, menor o número de acertos pelo sujeito. Poucos sujeitos melhoraram com a presença de testemunhas.

Alguns, como Pearce, preferiam o contato manual com as cartas embora sua realização melhor tenha sido a de clarividência à distância, sem nenhum contato. Seus acertos declinavam com o experimentador baralhando as cartas. Outros, não queriam qualquer contato com o baralho. Quando as séries se tornaram longas o número de acertos declinou.

O embaralhamento entre a predição e o exame dos acertos excluía a hipótese de inferência racional ou de memória mas levantava outras dúvidas. Supondo que o experimentador, por telepatia ou por clarividência, conhecesse os símbolos registrados pelo sujeito e, por clarividência ou por psicocinese, pudesse parar o embaralhamento das cartas no momento em que a ordem do baralho coincidisse mais favoravelmente com as predições já feitas, não se trataria de PC. Para evitar a dificuldade, seria possível recorrer ao embaralhamento mecânico. Por outro lado, se a hipótese de C ou da PK pela pessoa que embaralhava as cartas fosse verdadeira, como se explicaria que o mesmo experimentador alcançasse resultados casuais com alguns sujeitos e não-casuais com outros? Além disso, como se explicariam alguns efeitos de declínio, marcantes em alguns sujeitos, testados sempre pelo mesmo experimentador, e os declínios devidos a diferentes técnicas?

Este experimento serviu também à comparação de acertos dos mesmos sujeitos em dois tipos de testes extra-sensoriais — o de PC, quando as predições eram feitas, da 1.ª à 25.ª carta, com o baralho imóvel, *antes* do seu embaralhamento (RC = 5.5), e o de clarividência, quando os símbolos eram indicados, da 1.ª à 25.ª carta, com o baralho imóvel, *depois* de seu embaralhamento (RC = 5.3). Resultados tão próximos, revelando sucesso em ambos os testes, indicaram que o tempo não restringiu exercício da capacidade extra-sensorial.

8. – 2.º Experimento sobre a hipótese da PC, Rhine, 1934-1938

Para que o experimento anterior constituísse um teste crucial da hipótese de PC, o embaralhamento das cartas teria de ser uma re-disposição verdadeiramente casual. Se o experimentador possuísse clarividência ou psicocinesia, o embaralhamento poderia ser intencional e não aleatório, para coincidir com as predições já feitas pelo sujeito. Seria possível usar de PES para dispor cartas num maço por técnicas comuns de embaralhamento?

Era preciso proceder a testes nos quais o sujeito embaralhasse um maço de cartas invertido, com o intento deliberado de fazê-lo concordar com outro maço.

O primeiro método geral consistiu simplesmente em pedir ao sujeito que embaralhasse o segundo maço para concordar com o primeiro, a ordem das cartas em ambos sendo-lhe desconhecida. O experimentador embaralhava o primeiro maço, o seu, e colocava-o virado para baixo sobre a mesa, tomando cuidado para que o sujeito não visse quaisquer das cartas. A seguir, o sujeito embaralhava o segundo maço, até que pensasse tê-lo feito coincidir com o primeiro.

Nas últimas séries, o embaralhamento pelo experimentador e o seu maço invertido sobre a mesa ficavam ocultos do sujeito por um anteparo opaco. Em algumas séries curtas, o maço do experimentador permanecia selado numa caixa e os resultados eram averiguados somente por ele mesmo, usando um código, na ausência do sujeito.

Este podia fazer o embaralhamento do tipo que preferisse, desde que não virasse as cartas para cima; nenhuma restrição de tempo e nenhum número fixo de embaralhamento foram-lhe impostos. Embora estas condições diferissem das estabelecidas para o primeiro experimento, neste, procurou-se dar à hipótese do embaralhamento por clarividência ou psicocinesia as condições mais favoráveis.

A avaliação se fazia com o experimentador e o sujeito colocando suas cartas lado a lado, na ordem de sua ocorrência, e registrando acertos e erros. Quando os sujeitos eram crianças, o experimentador e um observador procediam à avaliação.

Quando o experimentador usava um código, os símbolos do baralho do sujeito eram registrados num impresso-padrão, e as concordâncias examinadas na forma comum.

A maior parte dos dados foi recalculada por investigadores independentes. Dois sempre estiveram presentes a todos os testes.

Crianças de dois orfanatos e 14 escolares cegos alcançaram excelentes resultados. Número considerável de sujeitos compreendeu estudantes universitários e diversos leigos. Um psicólogo, dr. R. W. George, teve resultados muito significantes. O número total de sujeitos foi 203.

A pesquisa, iniciada em outubro de 1934, incluiu 13 experimentadores, a maioria do Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke. Dois professores universitários pesquisaram em sua própria Faculdade, e três engenheiros, um municipal e dois industriais, realizaram a investigação em suas sedes de trabalho, nos Estados de Michigan e Nova York.

Foram comparadas 211.520 cartas, de 8.462 baralhos, com um desvio positivo de 1.959 ou uma RC de 10.4. Estes números não deixam margem a qualquer dúvida sobre a distribuição não-casual dos resultados.

Os testes em que os baralhos não ficaram ocultos aos sujeitos deram uma RC de 9.3; os baralhos ocultos, uma RC de 4.63, correspondente a uma probabilidade de 1:500.000. As séries com baralho selado numa caixa alcançaram uma RC de 4.94.

Parte dos testes foi realizado com o sujeito desejando errar a disposição das cartas no seu baralho. Propositalmente, o seu objetivo era um resultado negativo. Verificou-se um desvio negativo da mesma magnitude do positivo.

A magnitude das RCs obtidas claramente indicou não serem estes resultados devidos ao acaso. As condições, com baralhos inteiramente longe do contato sensorial, excluíram a hipótese do acerto por percepção através dos sentidos. O número de investigadores e a prática de dupla testemunha e de duplo exame dos dados eliminaram a explicação pelo erro persistente. Todos os dados obtidos foram incluídos nos cálculos, nenhum evitado. Sujeitos e experimentadores não sabiam se a PES desempenharia algum papel e não tinham interesse em demonstrar essa hipótese.

Evidentemente, a PES (clarividência ou/e psicocinese) teve seu lugar no embaralhamento das cartas. Estes resultados aparentemente enfraqueciam a hipótese de PC exercida no pri-

TABELA 5. PRECOGNIÇÃO COM EMBARALHAMENTO IRRESTRITO DE CARTAS

Embaralhamento	Experimentadores	Sujeitos	Séries	Desvio	Acerto médio em 25	RC
Não oculto	9	129	5451	1405	5.25	9.3
Oculto	9	92	2728	494	5.18	4.63
Selado	4	24	282	60	5.21	1.75
T o t a l	13	203	8461	1959	5.23	10.40
Total oculto e selado	11	104	3010	554	5.18	4.94
Total duplamente testemunhado, oculto e selado	10	50	2061	424	5.20	4.57

Rhine, 1938

meiro experimento. Descobrira-se que um experimentador podia, sem querer, dar ao embaralhamento de seu maço de cartas, uma ordem não-casual, de modo a conformá-la com as predições feitas pelo sujeito.

Outra questão foi levantada, quanto ao número de embaralhamentos efetuados pelo sujeito, e alguns testes subseqüentes verificaram que, determinando-se e restringindo-se esse número, impedia-se a operação da PES; outros testes, porém, com RCs significantes, permitiam supor que sua influência ignorava esse obstáculo.

9. – 3.º Experimento sobre PC realizado, por Rhine, 1938-1941

Cartas mecanicamente selecionadas

Não contando com a prova da PC no embaralhamento manual das cartas, Rhine transferiu-o para inventos mecânicos, desde 1934, na tentativa de eliminar a possibilidade de clarividência e de psicocinesia. De início, encontrou dificuldades em desenvolver embaralhadores mecânicos apropriados e achar cartas adaptáveis a eles.

O método de testar a PC continuou a ser o mesmo, isto é, o sujeito fazia as suas predições antes do embaralhamento. A seguir, o baralho era posto no aparelho, esperava-se pelo número prescrito de revoluções, e removiam-se as cartas para o registro e o exame das correspondências.

Em outra série longa utilizou-se o método denominado "Pareamento Precognitivo" (Precognitive Matching). O sujeito colocava as cartas de seu maço diante de cinco espaços em branco sobre a mesa, onde mais tarde seriam dispostas cinco cartas-chaves selecionadas, obtidas por meio do embaralhamento mecânico. O sujeito estava tentando predizer quais seriam as cartas-chaves.

Em vez do embaralhador mecânico usaram-se também dados lançados de um copo para determinar casualmente o ponto em que o baralho seria cortado. Às vezes, a soma das faces de

vários dados indicava casualmente um envelope dentre um grupo, contendo um conjunto de cartas-chaves cada um. Em outras séries, um aparelho lançava os dados, ou recorria-se aos jornais de um dia previamente determinado para obter as temperaturas máximas e mínimas, ou os cinco últimos dígitos à direita de um total de venda de ações numa determinada Bolsa de Valores. Maiores precauções para garantir a casualidade foram sendo introduzidas à medida que os testes se desenvolviam.

A. Testes Introdutórios

O programa de pesquisas teve seu início com 80 séries do tipo "pareamento precognitivo", nas quais as cartas-chaves foram selecionadas pelo lance de seis dados, manualmente jogados. A soma das faces indicou o número do envelope contendo as cartas-chaves para cada série. O resultado foi um desvio negativo insignificante, e pensou-se na influência de algum fator depressivo. As 400 séries seguintes deram, de novo, um desvio negativo insignificante.

Introduziu-se a novidade de oferecer recompensas aos sujeitos, como entradas de cinema, para a obtenção de um resultado previamente especificado. Esta prática tornou a pesquisa mais interessante para os sujeitos.

B. Experimentos com Seleção Mecânica das Cartas

Rhine distinguiu entre Divisão Adulta e Divisão Infantil nos testes seguintes.

As 4 séries com a Divisão Adulta nasceram do interesse em investigar a hipótese do fator depressivo. Esperava-se um desvio negativo. Sabia-se, por experimentos anteriores, que o controle voluntário podia produzir tanto desvios positivos quanto negativos.

A Divisão Infantil, com 3 séries devido ao número menor de sujeitos, operaria como grupo de controle. Não se esperava

fator depressivo nem desvio negativo em virtude de pesquisas anteriores, e de uma série incompleta e não publicada, realizada pela dra. Rhine, com oferta de pequenas recompensas às crianças e desvio positivo.

Os testes das duas Divisões foram conduzidos paralelamente.

Experimentadores

Rhine sempre esteve presente a todas as séries, com rápidas ausências por chamado telefônico, quando sua secretária, também ampla conhecedora dos métodos, o substituía. Além de Rhine, dois experimentadores operaram em todas as ocasiões, e um terceiro observador foi introduzido quando necessário. Estas pessoas eram seus auxiliares diretos, chefes da Biblioteca e da Secretaria do Laboratório, com diferentes responsabilidades atribuídas a cada um durante as sessões experimentais.

O programa prévio

De acordo com as regras do Laboratório, um esboço da pesquisa foi organizado antecipadamente, sendo uma cópia entregue ao Bibliotecário e outra ao experimentador. Estabeleceram-se a extensão das séries, o procedimento e as condições a serem obedecidas, e assinalaram-se as precauções que mereceriam maior destaque.

Sujeitos

A maioria dos 19 sujeitos da Divisão Adulta já havia participado dos testes introdutórios; era fácil entrar em comunicação com eles devido às suas relações com o pessoal do Laboratório. Outros se agregaram após uma palestra demonstrativa a um grupo de visitantes. Quatro crianças eram filhos do pessoal do Laboratório e já haviam demonstrado prontidão para testes repetidos; a quinta criança já participara dos testes com a dra. Rhine.

Material dos testes

O baralho-padrão, de 25 símbolos, foi usado ao longo de toda a pesquisa. Assim que os maços mostravam sinais de uso, eram substituídos. Tratando-se de testes de PC e de embaralhamento mecânico, não havia necessidade de ocultá-los da vista do sujeito. Todos os maços foram mecanicamente embaralhados e o lance de dados efetuado à máquina.

Disposição de salas no Laboratório

Duas salas contíguas, separadas por parede de tijolos, sem porta entre elas, a porta de cada uma dando para um longo vestíbulo de entrada ao Laboratório, foram denominadas Sala de Aparelhos e Sala Experimental. Na primeira, encontravam-se as máquinas para o embaralhamento de cartas ou dados, e nela se procedia à seleção das cartas para a verificação das predições feitas na outra. Na segunda sala, a experimental, ficavam os sujeitos para os testes. Uma campainha ligava as duas salas, permitindo o primeiro experimentador, na sala experimental, avisar o segundo experimentador, na sala dos aparelhos, sobre o término de cada série. As correspondências entre os dois baralhos faziam-se sobre uma longa mesa na sala experimental, coberta com um tecido preto grosseiro, ao qual estavam pregados conjuntos de cartas em branco. Oito sujeitos podiam trabalhar ali simultaneamente.

Procedimento

No início de cada sessão experimental, a máquina para a mistura de 50 cartas, a 4 revoluções por minuto, e a máquina para o lance de 6 dados, a 6 revoluções por minuto, eram postas em funcionamento, e não paravam até o soar da campainha.

Na sala experimental, os sujeitos eram informados da natureza do teste e de sua tarefa. Deviam combinar as cartas do seu baralho, invertidas, com os cinco espaços em branco sobre a mesa. Não sabiam se as cartas a serem colocadas depois nos espaços em branco seriam selecionadas pelo embaralhador mecânico ou pela máquina de lançar os dados, mas sabiam que a seleção seria mecânica. Uma recompensa lhes era prometida por altos resultados.

Os experimentadores não precisavam vigiar os sujeitos. Se algum virasse uma carta de seu baralho para olhá-la, não tinha importância, uma vez que as cartas-chaves ainda não se achavam dispostas sobre a mesa, e seriam mecanicamente selecionadas. Tão pouco era importante quantas vezes o sujeito embaralhava o seu maço. Após os testes, porém, as cartas eram erguidas da mesa e embaralhadas longamente, antes de voltarem aos sujeitos para nova série.

Assim que os sujeitos terminavam a distribuição de suas cartas, Rhine, na sala experimental, tocava a campainha para avisar o segundo experimentador na sala contígua e as máquinas paravam imediatamente. Com o auxílio dos sujeitos, Rhine virava todas as cartas invertidas sobre a mesa, para serem facilmente identificadas. Em impressos feitos especialmente para estas provas, com o timbre do Laboratório e numerados, Rhine anotava, à tinta, a ordem de predições dos sujeitos. Só então abria-se a porta da sala para admitir o segundo experimentador com as cartas-chaves. Estas eram dispostas sobre os espaços em branco na mesa, e nos mesmos impressos de registro das predições, lado a lado, Rhine anotava-lhes a ordem. Os dois experimentadores, imediata e separadamente, executavam suas tarefas de contagem e avaliação. Os sujeitos faziam invariavelmente sua contagem independente. Em caso de discrepância, consultavam-se cartas e registros imediatamente.

Rhine tinha o cuidado de copiar o registro completo em seu livro pessoal antes de entregar o original ao segundo experimentador que era também, bibliotecário e arquivista. No caso de discrepância ou erro verificado posteriormente, a regra seguida era a de escolher o resultado mais próximo do acaso. Durante todo o período de avaliação, ninguém podia tocar a mesa com as mãos.

Um observador foi introduzido para algumas séries, cabendo-lhe a contagem só dos acertos, e essa terceira contagem auxiliava no imediato confronto com os resultados dos dois experimentadores regulares.

Atmosfera experimental

A ninguém se disse e ninguém descobriu, na Divisão Adulta, que se procurava um desvio negativo, isto é, que um hipotético fator depressivo estava sendo testado. O desvio negativo podia ser devido a uma atitude crítica ou cética do sujeito a

respeito da PC e nenhum esforço se fez para tornar plausível a PC. Pouco se fez a fim de tornar os testes interessantes aos adultos, como aconteceu com as crianças. Por outro lado, nada se fez deliberamente para aborrecer ou perturbar os sujeitos nem para incrementar seu ceticismo sobre a PC.

Efeitos de grupo

Nenhuma regra rígida foi estabelecida quanto ao número de sujeitos que participariam de cada sessão. A princípio, um sujeito trabalhava sozinho. Depois formaram-se pares e, mais tarde, grupos. Os sujeitos preferiam a atmosfera mais social e, ao observarem o efeito, os experimentadores também se acostumaram.

Séries com e sem recompensa

A mesma sessão experimental dividia-se em 4 séries com recompensa e 4 sem. Sobre a mesa dispunham-se sinais para lembrar aos sujeitos quais as séries não recompensadas. Obedeceu-se a este critério na maioria das séries mas não em todas.

Controles sem recompensa

Em virtude da ambigüidade de resultados na comparação das séries com e sem recompensa, instituíram-se séries de controle, explicando-se aos sujeitos que nenhuma recompensa receberiam fosse qual fosse o resultado.

Natureza das recompensas oferecidas

No início do experimento, as recompensas eram pequenas, consistindo em doces ou balas, e entradas de cinema. Recompensas em dinheiro foram depois oferecidas segundo este esquema:

Resultado	Recompensa
10 acertos	1/2 dólar
11-12 acertos	1 dólar
13-14 "	5 dólares
15-17 "	10 dólares
18-22 "	25 dólares
23-25 "	100 dólares

Pequenas recompensas, artigos de confeitaria, eram oferecidas por 8 e 9 acertos. Informava-se o sujeito quanto ao esquema de recompensas, antes dos testes, e prontamente eram pagas à medida que ele as merecia.

Métodos de avaliação

Para a computação das probabilidades de ocorrência dos desvios obtidos, Rhine usou o método da Razão Crítica, baseada no Desvio Padrão da distribuição binomial. Razões críticas da diferença entre a Divisão de Adultos e a de Crianças foram calculadas, bem como os valores de qui-ao-quadrado e, quando oportunas, avaliações cruzadas e correções.

Resultados experimentais

Realizaram-se 1.608 séries, num total de 40.200 tentativas. Os Adultos concluíram 1.108 séries e as Crianças, 500. As RCs significantes indicaram que um fator extra-sensorial operou nas duas Divisões.

TABELA 6. PRECOGNIÇÃO EM ADULTOS E CRIANÇAS

	Séries	Desvio	RC teórica	RC empírica	P
Divisão Adulta	1.108	—239	—3.59	—3.44	.00035
Divisão Infantil	500	+246	+2.75	+2.63	.012
Diferença			4.29	4.10	
Totais	1.608				.0107

Rhine, 1941

Uma vez que estes resultados não podiam ser atribuídos

- — ao acaso
- — à percepção sensorial
- — a defeitos no material
- — ao baralhamento inadequado
- — a erros de registro ou incompetência dos experimentadores.
- — à exclusão ou perda de dados para favorecer altos resultados,

Rhine considerou outras hipóteses alternativas para explicar o fenômeno, em vez da PC.

As duas alternativas mais naturais à hipótese da PC são as de inferência racional e a de exercício de controle sobre os eventos preconhecidos, forçando-os a ocorrerem segundo a predição.

Segundo a hipótese racional, ou causal, existiria uma relação de causa e efeito entre a realização do sujeito e seus resultados; de algum modo o sujeito se comportaria como se fosse capaz de discernir entre duas situações, uma das quais (a ordem das cartas-chaves) não existia no momento de sua predição. Ele estaria respondendo a uma situação puramente futura, reagindo com realidade a uma irrealidade. Pelo menos superficialmente, isto pareceria impossível, talvez completamente absurdo ante as concepções usuais do tempo.

Para admitir essa primeira hipótese, de inferência racional, seria necessário supor que o sujeito combinaria suas impressões extra-sensoriais das cartas com um conjunto racional mas subconsciente de inferências quanto às probabilidades de ocorrência do padrão de cartas-chaves a ser apresentado pelo aparelho. Seria necessário raciocinar com antecipação sobre o re-arranjo provável das cartas no embaralhador mecânico, ou a mais provável queda das seis faces do dado. "Por este caminho, não haveria como escapar à hipótese da PC!", declarou Rhine.

A outra alternativa exigiria que o sujeito, ou alguém interessado, determinasse os supostos eventos casuais — neste caso, a seleção de determinado conjunto de cartas-chaves. A pessoa mais interessada nisso seria, sem dúvida, o experimentador na sala de aparelhos. Ele teria de captar extra-sensorialmente (e inconscientemente) a ordem das cartas dispostas pelo sujeito na sala contígua, e usar essa mesma habilidade extra-sensorial inconsciente para conhecer o conteúdo da máquina no momento em que a ordem dela coincidisse com a exterior na

outra sala. Contudo, ele teria de conhecer tudo isso, controlar tudo isso, no momento exato em que a campainha soasse a fim de parar a máquina! E mais, teria de conhecer de antemão (PC) o momento do toque da campainha ou atuar sobre ela psicocineticamente (PK). Que extraordinária combinação de PC e PK! E ainda assim não se teria fugido à hipótese precognitiva. . .

Escrevia Rhine naquela época: "Não há necessidade de chegar a uma conclusão final pelas evidências aqui relatadas. Outras se seguirão, partidas de outros experimentadores".

Algumas descobertas incidentais

1.ª O efeito das recompensas

TABELA 7. PRECOGNIÇÃO E RECOMPENSAS

Subdivisão	Condição	Séries	Desvio	Desvio Médio
	Divisão Adulta			
série 1	com recompensa	100	—27	
	sem "	100	—10	
série 2	com recompensa	100	—32	
	sem "	100	—45	
série 3	com recompensa	90	— 7	
	sem "	90	—40	
Totais				
série 1-3	com recompensa	290	—66	—0.23
	sem "	290	—95	—0.33
Totais com rec. *vs.* sem rec.		580	—161	—0.15
série 4	controle sem rec.	528	— 78	—0.15
	Divisão Infantil			
série 1	com recompensa	100	+41	
	sem "	100	+26	
série 2	com recompensa	50	+24	
	sem "	50	+ 7	
séries 1-2 Totais	com recompensa	150	+65	+0.43
	sem "	150	+33	+0.22
Totais com rec. *vs.* sem rec.		300	+98	+0.33
série 4	controle sem rec.	200	+25	+0.13

Rhine, 1941

Os resultados não apresentaram grande diferença entre Adultos e Crianças. As Crianças, porém, mostraram-se mais interessadas nas recompensas e eram francas em suas expressões deplorantes quando obtinham altos resultados nas séries sem recompensa. Não manifestaram qualquer desejo de apresentar resultados negativos. Compreenderam que o experimentador sempre desejava altos resultados, e dispunham-se com boa vontade a obtê-los. Só queriam que os altos resultados acontecessem nas séries com recompensa...

Com os Adultos deu-se o reverso quanto aos resultados e atitudes. Não havia dúvida de que a maioria dos sujeitos desejava obter a recompensa, mas, uma vez que eram amigos pessoais dos membros do Laboratório, eles avaliavam a importância de altos resultados também nas séries sem recompensa. Conscientemente notava-se mais esforço por parte do Adulto para obter resultados elevados nas séries não recompensadas. As séries de controle, sem recompensa, não foram mal recebidas por nenhuma das duas Divisões, mas nas Crianças evidenciava-se preferência pelas recompensas, e suas séries de controle foram afetadas pela reduzida motivação. E talvez também, sendo as últimas, sofreram pela extensão do período experimental. De qualquer modo, recompensas tornaram os testes mais interessantes, e os desvios, maiores.

2.ª O efeito de grupo no trabalho dos Adultos

Cinco crianças apenas participando do experimento, não foi possível compará-las com grupos maiores. Mas quando um grupo de Adultos trabalhou simultaneamente, o interesse pareceu aumentar e refletiu-se nos resultados elevados na direção desejada, a negativa.

De 1 a 4 Adultos trabalhando juntos em 656 séries resultou uma RC negativa de 2.03; e de 8 sujeitos em 452 séries, uma RC negativa de 3.22. Todos eram bem conhecidos uns dos outros, estavam reunidos para um objetivo comum e participando do teste com um espírito social comparável ao de um jogo

de clube. A situação de trabalhar sozinho, dispondo de 8 baralhos sobre a mesa na mesma sessão, ofereceu relativamente menor atrativo.

3.ª A questão da tendência ao desvio negativo

Anteriormente a este experimento, Rhine procedera a testes de PES por correspondência, com cartas de baralho ocultas em envelopes opacos, obtendo desvios negativos significantes. Sendo por correspondência, havia grande demora em informar o sujeito de seus resultados, e Rhine atribuiu o significante desvio negativo ao aborrecimento e à frustração do sujeito por não conhecer logo o que havia nos envelopes opacos. Esta era a hipótese negativista. Mas talvez o fato de trabalhar isolado, concentrando-se intensamente nas cartas ocultas para remeter os registros ao Laboratório, exigisse do sujeito um esforço adicional e em sua inconsciência sobre o processo mental a adotar ele errasse o alvo; sistematicamente ele invertia o processo comum de operação extra-sensorial.

Neste experimento também, o sujeito, sendo essencialmente cooperativo, e talvez superestimando o significado da hipótese precognitiva, deu o melhor de seus esforços instrospectivamente para agarrar-se a um meio realmente superior de exercer sua PES latente. Talvez se agarrasse inconscientemente a uma técnica perversa e quanto mais se agarrava a ela, mais forte sua motivação (estimulado por recompensa), mais ele combinava as cartas do modo como *não* deveria combiná-las. Ou talvez um ceticismo natural a respeito da PC fosse responsável pela motivação negativa.

10. Pesquisas simultâneas sobre PC

No Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke, outros investigadores dedicaram-se concomitantemente à

PC experimental, todos usando o embaralhamento mecânico de cartas e de dados:

A pesquisadora Lois Hutchinson estudou as variações nos intervalos de tempo em testes com cartas previamente embaralhadas, publicando seus resultados em 1940.

C. E. Stuart apresentou em 1941 uma análise para determinar um teste preditivo de marcação extra-casual usando baralhos.

Rhine e Humphrey publicaram, no ano seguinte, um estudo confirmando a saliência nos testes de PC.

Os resultados destes experimentos foram significantes. Reafirmaram-se as alegações a favor da PC em base muito mais ampla, desta vez sem a possibilidade de ser o baralhamento produzido por outra forma de PES. Instituiu-se em cada experimento uma série complicada de precauções que compreendia a presença de dois experimentadores, responsáveis pela exatidão dos cálculos.

11. – 4.º Experimento de Rhine sobre a PC, 1941-1942

A fim de eliminar a contra-hipótese do exercício de PK no baralhamento mecânico das cartas, Rhine decidiu fundamentar a ordem e seleção delas em um fenômeno da natureza obviamente incontrolável, que nem mesmo a mais audaciosa imaginação poderia conceber como influenciável por atitudes propositais do sujeito ou do experimentador — a temperatura diária, as máximas e mínimas de um dia previamente especificado.

Em testes anteriores, Rhine notara o efeito da saliência inicial e terminal, isto é, ao longo das 25 predições, o maior número de acertos localizava-se no início e no fim da série. A distribuição dava uma curva-em-U. Em caso de desvio negativo, uma curva-em-U negativa. Este padrão revelava-se também ao dividir a série de 25 predições em cinco segmentos: cinco outras curvas-em-U resultavam para cada conjunto de

cinco símbolos dentro do baralho, numa relação significante com a curva-em-U das 25 cartas. Este efeito sugeria uma reação do sujeito à estrutura da série como um todo.

Plano do experimento

Rhine dirigiu um conjunto de 1169 séries de predições no mês de abril de 1941; as predições foram feitas para 2 dias mais tarde, quando então ele procedeu à verificação e aos cálculos. No mês de maio, Rhine encerrou outro total de 1.133 séries de predições para dentro de 10 dias.

Sujeitos

Foram novamente separados em Divisões: Adultos, com 29 elementos (pessoal do Laboratório e seu círculo de amigos), acima de 20 anos, e Infantil, com 22 crianças da localidade, entre 6 e 13 anos.

Procedimento

A cada indivíduo foi entregue um impresso para registro de 25 símbolos que mais tarde seriam colocados nos 25 espaços à direita de cada coluna. Os sujeitos preenchiam com suas predições a coluna à esquerda e podiam fazer quantas quisessem. Os impressos eram recolhidos e guardados até o dia da avaliação. Se as predições feitas para dois dias depois incluíssem um domingo, as avaliações realizavam-se na 2.ª-feira. Nenhuma folha de registro foi aceita sem ter sido preenchida antes do dia da avaliação.

Recolhidos todos os impressos por Rhine, sua secretária recebia instruções definidas para preparar a coluna de avaliação. Rhine determinava o jornal (o "Herald" de Durham), edição da manhã, onde ela deveria procurar as temperaturas extremas do dia anterior à data da avaliação. O dígito menor nesses dois números (menos o zero) daria o número de revoluções para cada baralho no embaralhador mecânico. A soma de todos os dígitos das temperaturas extremas daria um número que decidiria o corte em todos os baralhos. Se fosse um número su-

perior a 25, subtrair-se-iam 25 do total, e o resto seria o número procurado para decidir onde cortar o maço. A coluna de cartas assim obtida era impressa ao lado da coluna de predições de cada sujeito e seguia-se a contagem dos acertos. Os sujeitos, porém, tinham idéia muito geral de como se procedia à avaliação.

Rhine e sua secretária efetuavam a contagem independentemente, mas em presença um do outro. O primeiro experimentador anotava os resultados na folha do sujeito e o segundo experimentador em folha separada. As duas avaliações eram então confrontadas, e se um erro aparecia, os dois avaliadores, juntos, recomeçavam a contagem. Sua secretária, a seguir, contava os acertos para cada cinco símbolos da coluna e confrontava com o total. Uma terceira avaliação, pela pesquisadora dra. Betty M. Humphrey, do Departamento de Psicologia, refez os cálculos de mais de 100 séries computadas pela secretária de Rhine, sem encontrar o menor erro.

Condições Gerais

Os Adultos trabalhavam individualmente preenchendo as colunas impressas. As Crianças foram testadas em grupo: recebiam um convite para uma "festinha de percepção extra-sensorial", durante a qual serviam-se refrescos ou refrigerantes.

Tanto Adultos como Crianças ganhavam recompensas em dinheiro ou sob forma equivalente, em geral entradas de cinema. Obviamente aos Adultos a oferta era paga em tom de brincadeira:

Acertos	Recompensa
8	10 cents
9	15 "
10 ou +	25 "

As Crianças se impacientavam muito mais quando as predições eram feitas para um prazo de 10 dias porque tinham de esperar mais longamente pelas recompensas. A hipótese de PC não lhes interessava. Os Adultos, sim, tinham interesse nela, e os elementos do Laboratório, participando como sujeitos, certamente, um interesse profissional.

Avaliação

O dr. J. A. Greenwood, matemático, consultor do Laboratório, contribuiu com seus conhecimentos durante toda a análise dos dados.

Os acertos foram computados horizontal e verticalmente. A contagem horizontal dava a distribuição de acertos por série, e a vertical sua distribuição por segmentos:

1	6	11	16	21	=	0
2	7	12C	17C	22	=	2
3	8C	13C	18C	23C	=	4
4C	9	14	19	24C	=	2
5	10	15	20C	25	=	1
1	1	2	3	2	=	9

Depois de calcular a RC da distribuição vertical e a RC da horizontal, o passo seguinte era obter o qui-ao-quadrado com um grau de liberdade para cada uma das cinco posições verticais e horizontais. Calculava-se a seguir a Razão da Saliência, RS (um valor não estatístico, apenas um termo descritivo), somando-se os 2 qui-quadrados do começo e do fim (1.ª e 5.ª posições) e dividindo-se pelos 3 qui-quadrados das posições intermediárias (2.ª, 3.ª, 4.ª). Duas RS, a da série e a dos segmentos, foram comparadas para estudo da covariação.

Resultados

Calculadas as RCs e encontrados valores insignificantes,

RC = 0.76 para a Divisão Adulta
RC = 0.70 para a Divisão Infantil
RC = 0.11 para Ambas

a totalidade do experimento poderia ser encarado como uma negação, ou ausência, de capacidade precognitiva nos sujeitos.

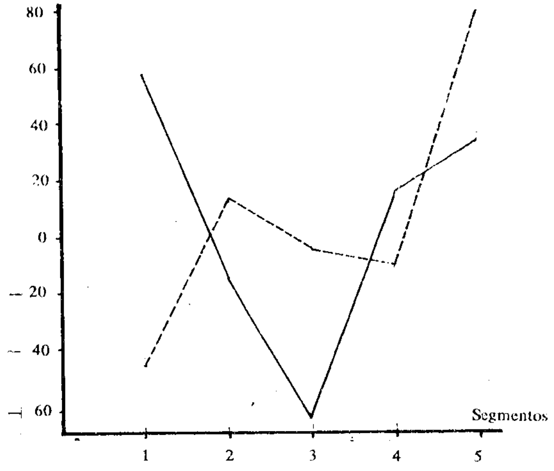
Computando-se, entretanto, a probabilidade das RS, verificou-se que nem sempre os acertos eram atribuíveis ao acaso:

Covariação de RS entre Divisões de Adultos e de Crianças		
	RC	2p
Total	—3.27	.006
(séries de abril e maio)	—2.19	.03

Covariação entre as RS das séries e dos segmentos		
	RC	p
Divisões Adulta e Infantil	—3.05	.0047
(séries de abril e maio)	—2.91	.0044

A PC ocorreu, embora o fizesse de modo tão obscuro, extraordinariamente difícil de se detectar.

Quando a distribuição dos acertos na série de 5 segmentos foi concluída para as 2.302 séries, encontrou-se uma curva-em-U (mais especificamente em V) com a ponta inferior muito além do lado negativo da média. A linha pontilhada não se estendeu caracteristicamente em U, apesar da similaridade entre as posições 2 e 5:



Linha sólida: soma dos desvios para os 5 segmentos da série.
Linha pontilhada: desvios para as 5 tentativas de cada segmento.
Distribuição dos Desvios

(Rhine, J. B., 1942)

Como não se fez estudo individual dos padrões de saliência de cada indivíduo, Rhine, examinando as tabelas de Covariação de Saliências para cada Divisão, Secção e Série do experimento, sugeriu que a relação entre a RS da série e a RS dos segmentos não era predominantemente individual, isto é, talvez *não* ocorresse consistentemente no registro individual, mas fosse evidente apenas nos dados totais.

O experimento favoreceu a hipótese da PC, devido à exclusão de todas as condições que permitiram explicações alternativas. A operação do embaralhamento mecânico e o corte final do baralho baseados em temperaturas máximas e mínimas a ocorrerem dentro de 2 ou 10 dias mais tarde, envolveram um efeito de casualidade muito além do que os poderes humanos poderiam inferir ou regular. Rhine concluiu, por isso, ser altamente provável a posse pelos sujeitos de um *conhecimento significante de eventos futuros casuais*. Se este conhecimento foi pequeno (e o foi!) ou grande, não tinha importância. Se foi ou não consciente, ou voluntariamente controlado, ou invariavelmente repetível, ou psicologicamente compreensível, ou dependente de estatísticas para o seu discernimento, também não constituía um problema. Suficiente para Rhine, como primeiro passo, foi *determinar a ocorrência da PC*, fosse qual fosse o seu grau em qualquer circunstância.

12. O prazo de tempo entre a PC e sua confirmação

A pesquisadora srta. Lois Hutchinson, pouco antes de Rhine, em 1940, não encontrara resultado significante em seus testes de PC com intervalo de 10 dias, mas, sim, de um dia. Como os sujeitos fizeram as duas predições na mesma sessão, Rhine considerou que teriam preferido acertar as predições para o dia seguinte porque mais depressa conheceriam e obteriam suas recompensas. Os testes daquela pesquisadora, segundo Rhine, não mostraram que a PC com intervalo de 10 dias era *impossível*.

Os resultados de Rhine indicaram que era *possível*. Ele não pediu aos sujeitos que fizessem duas predições com inter-

valos diferentes na mesma sessão. Em seu experimento as predições com 10 dias de intervalo tiveram uma RC da covariação das RS igual a 2.26, enquanto as predições com intervalo de 1 dia acusaram uma RC dessa covariação equivalente a 1.37. Não pareceu a Rhine que a capacidade precognitiva fosse afetada pelo espaço.

A PES não parecia a Rhine mais ou menos difícil de compreender que a PS. Todas as luzes da ciência moderna não lhe podiam esclarecer porque meios o homem experimenta o vermelho quando uma onda de certo comprimento lhe fere os olhos, "ou como o cérebro pensa". O enigma, ou mistério, ou infamiliaridade, da PC com intervalo de 10 dias, 1 dia ou decênios, era só mais um enigma a tomar o seu lugar no fim da fila dos Desconhecidos Psicológicos — a tornar-se menos difícil à medida que a fila se adiantasse.

13. PC com intervalo de tempo de 1 a 33 dias - Osis, 1955

Anteriormente, como foi mencionado, Hutchinson comparara a PC com resultados avaliados 1 e 10 dias depois. Na série em que os sujeitos conheceram seus resultados assim que a avaliação foi feita, ela obteve marcação positiva significante com intervalo de um dia, e negativa, mas insignificante, com intervalo de 10 dias. As outras séries, em que o conhecimento das marcações não foi comunicado aos sujeitos até o fim do experimento, deram resultados casuais com ambos os intervalos.

Em 1942, Humphrey e Rhine planejaram outro experimento de PC e obtiveram uma RC de 1.49 para o curto intervalo de três dias e uma de 2.89 para o período de 10 dias. Novamente o intervalo mais longo não foi barreira maior à PC.

O experimento de Osis permitiu comparar a PC com intervalo de uma semana e de um mês, mas as condições experimentais não foram planejadas para verificar essa diferença e, sim, para detectar a existência da PC.

O autor pensava que testes de PC com indivíduos dariam melhores resultados que testes com grupos. Um sujeito que tivesse experiências precognitivas espontâneas poderia estar mais motivado para tomar parte num teste que o sujeito comum. A mulher que participou deste teste, a sra. L. Loughborough, ex-cantora de ópera de Nova York, escrevera ao Laboratório de Parapsicologia de Durham, relatando várias experiências precognitivas espontâneas. Ela tornara-se membro da A.S.P.R. e lia muito sobre o assunto. Desejava também participar de experimentos, ainda que fosse para comprovar a casualidade.

De agosto de 1954 a outubro de 1955, ela efetuou os testes em Nova York, sem obedecer estritamente ao planejamento feito, talvez por incompreensão. Preencheu os impressos padronizados e remeteu-os ao Laboratório em Durham, às vezes queixando-se de dor de cabeça. Só depois de chegados, foi que o experimentador escolheu a lista de números ao acaso para fazer a avaliação, segundo o processo introduzido por Mangan. O sujeito pedira para não conhecer seus resultados até o fim do experimento, de modo que, não tendo preestabelecido um intervalo para a avaliação, o experimentador procedeu a esta conforme a sua conveniência. Próximo ao final do experimento, porém, ele informou a sra. L. L. de seus resultados, na esperança de que ela obtivesse marcações mais significantes. Os resultados gerais são:

TABELA 8. PRECOGNIÇÃO E INTERVALO DE TEMPO (DIAS)

Intervalos de tempo	Séries	Acertos	Desvios	RC	P
1 a 7 dias	171,24	791	—65.2	2.49	.013
30 a 33 dias	68,68	304	—39.4	2.38	.017
Totais	239,92	1095	—104.6	3.38	.0007

Osis,1955

O desvio total, negativo, foi altamente significante, mas a diferença entre as RCs correspondentes aos dois intervalos de tempo pode ser atribuída à variação do acaso.

Dos 27 impressos preenchidos, num total de 239,92 séries, 21 deram desvios negativos, 4 positivos, e 2 casuais. Nenhuma evidência de deslocamento se verificou.

Todos os dados sofreram uma segunda computação. Foi sugerido que altos resultados negativos, não tributáveis ao acaso, seriam explicados por negativismo inconsciente ou conflitos motivacionais. Na verdade, ainda não se conhecem inteiramente os fatores psicológicos envolvidos neste problema.

14. PC com intervalo de poucos dias e de 1 ano – Anderson, 1959

Após o experimento de Osis, o dr. Carlos Marchesi, em Zagreb, na Iugoslávia, em 1948, predisse a ordem dos alvos como seriam determinados um dia e depois um ano mais tarde no Laboratório de Parapsicologia de Durham. Nenhuma das séries foi independentemente significante, mas as duas combinadas deram um desvio positivo significativo.

Uma estudante da Universidade de Duke, a srta. Rose Hynes, visitou o Laboratório e pediu para ser testada, com uma RC de 2.90 nos resultados combinados de clarividência e PC. Experimentadora e sujeito discutiam juntas, durante horas, o problema da PC, de forma que estavam fortemente motivadas para o experimento seguinte, realizado quando a estudante seguiu um curso de um ano em Paris, de setembro de 1956 a maio de 1957.

Não se usou qualquer carta de baralho e todo o projeto foi conduzido através do correio. A estudante levou para Paris um pacote de impressos e podia preenchê-los em qualquer dia do mês. desde que completasse dois impressos mensais, isto é, um total de 90 séries de 25 tentativas durante os 9 meses. A moça só vinha a conhecer a metade de seus resultados mensais, a outra metade permanecendo-lhe oculta até o fim do experimento.

Um membro do Laboratório determinava, pelo jogo de dados e com máquina de calcular, segundo o processo de Mangan, a lista de números casuais para verificar as adivinhações logo após a chegada dos impressos. Os resultados eram enviados

à estudante com palavras de encorajamento e comentários. Terminado o experimento, uma terceira pessoa do Laboratório verificou novamente todos os cálculos. A estudante, após um ano, de volta à sua Universidade, assistiu, em parte, a essa nova computação.

Resultados gerais obtidos para o total de 2.250 tentativas:

TABELA 9. PRECOGNIÇÃO E INTERVALO DE TEMPO (ANO)

Intervalo de tempo	Séries	Acertos	Desvio	RC	P
5 dias	45	230	+ 5	—	—
1 ano	45	266	+41	3.06	.002
Total	90	496	+46	2.42	.014

Anderson, 1959

A RC para a totalidade das tentativas foi quase significante. Nas séries avaliadas cinco dias após a sua realização, os resultados foram insignificantes, enquanto as avaliadas um ano depois evidenciaram a PC com uma RC de 3.06. Os resultados dos primeiros 4 1/2 meses foram insignificantes, mas no resto do período experimental verificaram-se acertos correspondentes a uma RC de 2.83, e uma probabilidade de .004. Dos 9 meses de testes, três deram desvios negativos, e seis, positivos. A metade das tentativas mensais cujos resultados eram fornecidos à estudante deram uma RC pouco acima da média casual, enquanto a outra metade, cujos resultados ela só veio a conhecer no fim do experimento, deram uma RC de 2.68 (P = .006).

Embora a estudante sustentasse profundo interesse filosófico pela precognição houve marcante flutuação de interesse percebido em suas cartas, especialmente durante os últimos quatro meses do experimento. Durante a primeira parte, ela se defrontou com múltiplas experiências novas. Ao se aclimatar à sua nova situação, seus resultados começaram a melhorar. Em dezembro ela mencionou seu interesse por um jovem francês, e as cartas subseqüentes indicavam seu alvoroço e felici-

dade com o romance em desenvolvimento. Não se pode afirmar que este fator explicasse o desvio maior da última parte do experimento, mas pareceu à experimentadora uma possibilidade razoável. O estado psicológico do sujeito seria fator importante na PC, como, aliás, em todos os testes de PES.

15. Experimentos de PC, por Soal, 1936

1.º *O encontro com Basil Shackleton*

Soal, matemático inglês, reagira com ceticismo à leitura do primeiro livro de Rhine, *Extra-sensory Perception* em fins de 1934. Anteriormente submetera a provas de clarividência e telepatia um adivinhador profissional, sem o menor sucesso. Usara um baralho comum mas, decidido a prosseguir em seus experimentos de PES, passou a usar as cartas do baralho-padrão. Durante 15 meses, em Londres, testou ora universitários, ora médiuns, ora pessoas que alegavam ter tido experiências parapsíquicas em resposta a circulares enviadas pelo correio. Pusera anúncios em jornais, prometendo prêmios em dinheiro a resultados altos.

Estava, numa tarde de fevereiro de 1936, em seu escritório, fazendo experimentos de rotina, quando a porta se abriu e Basil Shackleton entrou. Alto, bem vestido, com uns 36 anos, era fotógrafo em Londres, havia telefonado a Soal anunciando uma visita, mas não marcara o dia. Apareceu quando não era esperado e explicou que lera um artigo no jornal sobre os experimentos. Disse que não lhe interessavam os prêmios. "Vim, não para ser testado, mas para dar uma prova de telepatia". Continuou dizendo que freqüentemente surpreendia os amigos "adivinhando um maço inteiro de cartas" e acertando quase sempre.

Presentes estavam o sr. Aldred, velho amigo de Soal, e a sra. Crane que tomara parte em anteriores testes à distância. Viera a chamado, mas cedeu seu lugar a Shackleton que precisava retirar-se cedo. Nem Soal nem seus amigos conheciam o fotógrafo.

Seu primeiro teste começou, com as cartas do baralho-padrão: teve 10 acertos; no segundo, 7 acertos. Todos acharam este um começo positivo, promissor, mas Shackleton parecia desapontado e disse que os resultados foram ruins. Fez outras séries de adivinhações; teve 7, 6, 6 e 3 acertos. Depois disto, declarou que era inútil continuar. Acrescentou que atuava melhor à noite, depois de um ou dois "drinks".

Soal apenas o viu um mês depois, quando ele reapareceu para novos testes. Nessa, e principalmente na segunda visita, Shackleton produziu resultados desapontadores. Declarou que preferia ser testado em seu estúdio.

Aldred e Soal, com todo o material para os testes, foram visitá-lo em 25 de junho; após os sugeridos "drinks" num bar, voltaram ao estúdio do fotógrafo para armar um biombo com grandes folhas de papelão, atrás do qual Shackleton se colocou. Aldred atuou como testemunha e como agente (emissor) das mensagens telepáticas para Shackleton. O experimento mais uma vez foi um fracasso: 41 acertos em 10 baralhos. Shackleton culpou o barulho do tráfego na rua que, de fato, era irritante. Ao todo, fez 800 tentativas de telepatia e obteve 165 acertos, um escore casual. *Ninguém, na ocasião, sonhava com a significação oculta nesse resultado comum.*

Apesar do insucesso, Soal percebeu que Shackleton não era um adivinhador comum. Tinha confiança em si, muita segurança em seus poderes, e parecia uma questão de tempo a sua produção de algo surpreendente.

Soal e Shackleton só voltaram a encontrar-se quatro anos depois, durante um ataque aéreo dos alemães a Londres.

2.º *O encontro com Glória Stewart*

Naquele mesmo ano — 1936 — Soal conheceu outro percipiente que, como Shackleton, marcaria época.

Em maio, foi-lhe apresentado o sr. Stewart, jovem engenheiro, para submeter-se a testes de telepatia. Em 1.000 tentativas, Stewart conseguiu resultados aleatórios, mas sugeriu que sua esposa fosse testada em sua própria casa, à noite, por não poder vir no horário da tarde ao "laboratório" de Soal. Em junho, Soal os visitou, servindo de testemunha a srta. Johnstone.

Um biombo espesso, formado por mesa e cobertor, separou Glória Stewart dos demais. A srta. Johnstone serviu de emissor no processo telepático. Soal, a seu lado, fechava os olhos, levantava uma carta do baralho contra o biombo, virando-a de frente para a srta. Johnstone, e dizia em voz alta: "primeira adivinhação". Era o sinal para avisar Glória de que a srta. Johnstone começara a olhar para a carta. A seguir, Soal abria os olhos, anotava o símbolo da carta em sua folha de registro, por meio de um carimbo especial, depois que Glória do outro lado do biombo, anotava sua adivinhação na coluna de seu registro, sem dizer nada em voz alta, e batia duas vezes com o lápis na mesa para avisar que havia terminado. Soal novamente fechava os olhos, levantava a segunda carta do baralho, sem saber que símbolo erguia, e dava o sinal: "seguinte". Não sabendo qual era o símbolo, não podia transmitir qualquer indicação por inflexões da voz e nenhuma palavra mais era dita. Ficou proibida toda conversa durante o experimento. As cartas adivinhadas dispunham-se em fila, viradas para baixo, com cuidado para não modificar a ordem. Completada a coluna de 25 símbolos, Glória, sem deixar seu lugar atrás do biombo, passava seu registro a Soal. Este, com a testemunha a vigiá-lo atentamente, copiava a lista de Glória em sua folha, e transcrevia na dela a seqüência de símbolos do baralho. Comparavam-se as duas folhas, adivinhação por adivinhação. Testemunha e pesquisador assinavam ambas. Os acertos recebiam marcas ao lado e o total era anotado no final da coluna. Glória permanecia atrás do biombo durante toda a verificação; ao término desta, era informada de seus resultados.

Devido à hora tardia, Glória adivinhou as cartas de 4 baralhos, marcando 7, 8, 7 e 8 acertos (5 sendo a média casual), levando cerca de 4 minutos para 25 cartas.

Em outras 6 sessões, Glória fez 1.000 tentativas, com 238 acertos, um desvio positivo de 38 e probabilidade de 370 para 1 contra o acaso.

Nessa época, outras 18 pessoas haviam completado séries de 1.000 adivinhações e os resultados de Glória, quando comparados àqueles, nada tinham de excepcional. Depois das férias de verão, em novos testes, ela só obteve resultados casuais. Soal achou que não justificavam sua ida à zona distante onde ela morava. Algumas tentativas, espaçadas no tempo, ainda foram feitas com Glória, mas seus resultados aleatórios levaram Soal a desistir.

Até fins de 1939, Soal ainda considerava praticamente *impossível* — pelo menos na Inglaterra — encontrar pessoas que pudessem demonstrar PES por adivinhação das cartas do baralho-padrão. Em artigos de jornal e em conferências feitas na Sociedade Britânica de Psicologia, em Londres e em Glasgow, e na Sociedade de Pesquisas Parapsíquicas (S.P.R.), Soal chamou a atenção para esse "malogro persistente".

3.º *O "efeito de deslocamento"*

Em novembro de 1939, o crescente ceticismo de Soal recebeu um choque. Whately Carington levara ao seu conhecimento os notáveis resultados obtidos nos testes com desenhos; descobrira que seus percipientes nem sempre captavam a imagem de um desenho na noite em que fora exposto, mas, às vezes, traçavam o desenho correto uma ou duas noites *antes* ou depois.

Carington insistiu em que Soal reexaminasse os dados experimentais acumulados em seu arquivo. Sugeriu comparar cada adivinhação, não com a carta segura por Soal contra o biombo, mas com a carta precedente e com a *seguinte,* e contar os acertos. Como um atirador pode ter a tendência de sempre acertar num ponto à direita ou à esquerda do alvo, também o adivinhador poderia indicar corretamente, não a carta visualizada pelo emissor, mas outra, colocada um ou dois lugares antes ou *depois* na seqüência.

Carington sugeriu que esse tipo *dispersivo* de PES poderia provar eventualmente ser mais difundido que o tipo exato de percepção que tantos pesquisadores haviam procurado em vão.

4.º *O "efeito de deslocamento" nos resultados de Glória Stewart*

"Sem muitas esperanças", Soal começou a verificação do deslocamento nos registros de Glória:

Carta do baralho	Adivinhação	Tipo de PES
cruz ← (seta de "cruz") / ondas	estrela / cruz	*pós-cognição* a adivinhação "cruz" está errada para "ondas"; mas está certa para a carta anterior.
cruz / estrela ← (seta de "estrela")	estrela / ondas	precognição a adivinhação "estrela" está errada para "cruz"; mas está certa para a carta *seguinte*, ainda não contemplada pelo emissor telepático.

Na avaliação do deslocamento, os valores passam a ser:

Acertos				
2 cartas antes	na carta anterior	na carta-alvo	na carta seguinte	2 cartas depois
-2	-1	0	+1	+2

Antes de Soal terminar o exame das primeiras 1.000 adivinhações de Glória viu que fizera *uma descoberta extraordinária*, e para sua surpresa, o "efeito de deslocamento" pós-cognitivo e precognitivo continuava no segundo milheiro. Num total de 2.000 tentativas, Glória fizera:

TABELA 10. PRECOGNIÇÃO
E PÓS-COGNIÇÃO POR STEWART

	Acertos	Desvio	RC
na carta-alvo (0)	447	+47	+2.63
pós-cognitivo (—1)	442	+58	+3.31
precognitivo (+1)	457	+73	+4.16
	1346		

Soal, 1940

Na avaliação do deslocamento precognitivo, como o número máximo de acertos é 24 porque a última adivinhação não dá margem a um êxito, a esperança casual é 4.8 e não 5. Após estudo do método estatístico de Bartlett, da Universidade de Manchester, para avaliação da nova descoberta, Soal encontrou nos resultados de Glória ainda maior significância, com uma RC de 6.0, ou probabilidade contra o acaso superior a 10^8 para 1.

5.º *O "efeito de deslocamento" nos resultados de Shackleton*

Verificando os registros de Shackleton, Soal encontrou:

TABELA 11. PRECOGNIÇÃO
E PÓS-COGNIÇÃO POR SHACKLETON

Tentativas	Acertos	RC
800	pós-cognitivo (—1)	—3.7
	precognitivo (+1)	—3.6
2336	combinadas(—1,0,+1)	—4.74

Soal, 1940

6.º *Clarividência, telepatia ou PC?*

Em ambos os casos, o de Glória e o de Shackleton, as cartas do baralho, viradas para baixo na mesa, estavam presentes. Ambos, exercendo apenas clarividência, *no presente*, podiam saber o próximo cartão da seqüência, *sem* vasculhar o futuro.

Se, porém, buscavam a informação extra-sensorial na mente do emissor telepático, estariam *predizendo* um *futuro* estado mental desse agente, por telepatia *precognitiva* (ou PC telepática).

16. Novos experimentos de PC: Soal-Goldney, 1940-Shackleton

Durante a guerra, em dezembro de 1940, tendo publicado suas descobertas de deslocamento, Soal procurou Shackleton, já desligado do Exército, para proceder a novos experimentos em seu estúdio.

Depois de usar durante 5 anos as cartas do baralho-padrão, Soal "estava cansado daqueles diagramas áridos" e substituiu os

símbolos geométricos por cinco animais diferentes, mas manteve a casualidade de um acerto em cinco. Modificou também a técnica experimental, de modo a precisar apenas de cinco cartões com figuras de animais em vez de 40 baralhos como anteriormente.

Pediu à dra. K. M. Goldney, médica, testemunha de seus primeiros experimentos com o telepata profissional, e há 26 anos membro da S.P.R. e consultora daquela Sociedade, perita na investigação de fraudes e de médiuns, administradora assistente de um quartel-general de voluntárias em Londres durante a guerra, possuidora de condecoração militar, que o auxiliasse no experimento.

Shackleton era um artista brilhante e original em sua profissão. Aos 23 anos percebeu seus dons parapsíquicos e predizia, com lucro, quais os cavalos de corrida que ganhariam. Não se interessava por espiritismo, nem praticava qualquer espécie de ocultismo. Dizia conhecer o caráter de uma pessoa por simples intuição e delas desenhava esboços exatos e engraçados. Na ocasião dos novos testes, não gozava de boa saúde. Sofria de úlcera no duodeno e perdera um rim. Mais tarde emigrou, com mulher e filhos, para a África do Sul onde já passara parte da vida com parentes, e radicou-se numa fazenda de árvores frutíferas. Melhorou de saúde e não mais desejou regressar à Inglaterra, escrevendo a Soal e Goldney ocasionalmente.

Seu estúdio fotográfico ficava abaixo do nível da rua e não tinha janelas. Sobre a mesa, fechados numa caixa, ficavam os cartões com cinco imagens de animais, coloridos:

elefante	E
girafa	G
leão	L
pelicano	P
zebra	Z

Quatro pessoas participavam da prova:

1.º — o adivinhador ou percipiente: Basil Shackleton
2.º — o emissor ou agente; srta. Rita Elliot
3.º — o 1.º experimentador, que controlava o emissor: Soal, depois Goldney
4.º — o 2.º experimentador, que controlava o adivinhador: Goldney, depois Soal

1.º *Técnica do Experimento*

Soal levava para cada sessão as folhas de registro, com duas colunas: a da esquerda para as adivinhações de Shackleton, a da direita para os cartões com números ao acaso; esta última, antes de cada sessão, era preenchida por Soal com uma lista de números ao acaso, de 1 a 5, extraídos dos últimos dígitos de logaritmos escolhidos com intervalos de 100 nas tabelas de Chambers, ou retirados das tabelas de números aleatórios de Tippett. Soal preparava a coluna em Cambridge, a sós, e a guardava à chave; transportando-a para Londres, numa pasta, até a hora do experimento. Essa lista de números casuais preparada com antecipação determinava a ordem dos cartões a serem olhados pelo emissor telepático.

Shackleton não tinha oportunidade de ver essa lista nem os cartões, e não podia entrar no estúdio até o fim do experimento, permanecendo na sala de espera, junto a uma lareira. Recebia uma folha em branco semelhante à de Soal, para anotar suas próprias adivinhações na 1.ª coluna. Ao seu lado, para controlá-lo, permanecia a dra. Goldney.

No estúdio, Soal controlava o emissor, a srta. Rita Elliot, que embaralhava os 5 cartões com figuras de animais e os colocava virados para baixo, em fila, no fundo da caixa. Soal e Goldney não podiam fazê-lo, nem assistir ao embaralhamento.

Shackleton não podia ver o biombo que separava, na outra sala, Soal de Rita. Por uma abertura nesse biombo, Soal mostrava a Rita, de cada vez, com uma pausa de meio segundo, um cartão com um número impresso, por exemplo, o "4", obedecendo à lista de números casuais previamente preparada. Para começar, Soal apenas dizia "um". Rita, vendo o "4" na abertura, desvirava o 4.º cartão da fila de "animais" no fundo da caixa, olhava-o rapidamente e virava-o de novo, de cabeça para baixo, no mesmo lugar. Shackleton, ouvindo Soal dizer "um", anotava sua adivinhação na coluna de registro correspondente (a inicial do nome de um dos animais). Em síntese, Rita e a dra. Goldney, emissor e observador, as duas únicas pessoas que conheciam a ordem dos cartões, não diziam palavra. O único a falar era Soal, que não conhecia a ordem dos cartões com figuras de animais impressos. Ficava excluída a possibilidade de se estabelecer um código por meio da voz.

Reproduzida essa conduta para todos os 25 números da coluna, Soal anunciando "dois", "três", "quatro", etc., e con-

cluída uma coluna, havia uma breve pausa de 6 ou 7 segundos e Soal avisava "coluna seguinte", ao que Shackleton respondia "certo", e tudo recomeçava. Cerca de 1 minuto era o tempo necessário ao preenchimento de uma coluna, "velocidade normal" das adivinhações.

A cada 50 lances ou 2 colunas de adivinhações, Soal e Rita interrompiam a tarefa para registrar o código, sem que a dra. Goldney e Shackleton deixassem seus lugares na sala de espera. No fim da folha de registro, marcavam o código dos lances passados:

G	Z	E	P	L
1	2	3	4	5

e os cinco cartões com imagens de animais eram embaralhados novamente por Rita, fora da vista de Soal.

2.º *Avaliação*

Em presença de Shackleton, os demais procediam à decifração dos registros por meio de código e à contagem dos acertos, usando tinta e vigiando-se reciprocamente. No alto de cada página escreviam os resultados:

acerto direto:
acerto pós-cognitivo:
acerto precognitivo:

Três pessoas verificavam a contagem e assinavam os registros. Shackleton só assistiu às primeiras verificações; nas outras, ia dar uma volta e aparecia mais tarde. Nunca desanimava com maus resultados nem vibrava com os bons. Sua atitude era de nenhuma ansiedade, e até de certa indiferença.

Poucas vezes, Shackleton pediu que os cartões com animais, embaralhados fora de suas vistas, fossem dispostos à sua frente na mesa, naturalmente virados para baixo. Em vez de preencher as colunas, ele apontava com um lápis o cartão, em fração de segundo, para que Soal, então ao seu lado, registrasse o lance. Shackleton declarou que esse automatismo o fazia dispender menos esforço consciente.

Devido à crítica de que os mesmos pesquisadores, efetuando a contagem, estariam em conluio para falsificar os registros, observadores e verificadores independentes foram convidados a participar das avaliações: o professor H. H. Price, o professor

C. A. Mace, Sir Ernest Burnett, o dr. Donald J. West (da S.P.R.), K. Richmond, redator da Revista da S.P.R.; duas vezes as listas de números ao acaso foram preparados pelo Sr. C. U. Blescheck e o matemático dr. G. D. Wasserman da Universidade de Cambridge e remetida à dra. Goldney no estúdio de Shackleton.

De todos os registros fizeram-se duplicatas. As experiências efetuaram-se em tempo de guerra, e resolveu-se que o risco de serem os documentos destruídos seria diminuído se duplicatas fossem guardadas em cidades diferentes. Depois de assinados pelos presentes, os registros de cada sessão eram remetidos pelo correio ao professor dr. C. D. Broad (Filosofia) da Universidade de Cambridge, guardados por ele durante o período de guerra e depois devolvidos por ele a S.P.R. Além disso, cópias dos registros originais eram enviadas a cinco membros da S.P.R. e ao redator da Revista dessa Sociedade. O professor Broad enviava a essas mesmas pessoas outras tantas cópias dos registros em seu poder, para que novas contagens fossem efetuadas. Ao terminarem, elas devolviam os documentos recebidos a Soal e a Broad. A extrema escassez de erros, chegando em média a 1 em 1.000 tentativas, testemunha a exatidão de Soal, da dra. Goldney e dos demais participantes.

3.º *Resultados de PC — Shackleton, 1940-43*

Neste segundo período de experimento com Shackleton, usando-se a técnica de números casuais e a velocidade normal, com Rita como agente, a dupla verificação deu:

TABELA 12. PRECOGNIÇÃO E PSICOGNIÇÃO POR SHACKLETON

Tentativas	Média Casual	Acertos	Desvio	DP	RC	p	tipo de PES
3946	789	direto(0):829	+ 40	25	—	—	clarivid. ou telepatia
3789	776	precognitivo(+1):1101	+305	25	+13.2	$10^{35}:1$	precognição

Soal, 1943

Da terceira sessão em diante, assistido por visitantes interessados em suas predições, Shackleton parece que se concentrou para o resto do ano, nas altas marcações precognitivas. Quando Soal alternou testes de clarividência e de PC, na mesma noite, informando ou não Shackleton do tipo de PES que estaria sendo investigada a seguir, Shackleton falhou invariavelmente nos testes de clarividência, estivesse ou não informado da natureza de experiência.

Seu fracasso nas provas de clarividência não se deveu à falta de confiança. Não antecipava nem temia o insucesso. Não percebia diferença de sensações quando fazia um ou outro teste. Essa diferença nos resultados deveria dar o que pensar aos críticos que alegaram adulteração dos registros pelos experimentadores ou erros estatísticos.

Shackleton seria considerado, segundo Soal, um tipo "expansivo". Conversador, sociável, nem tímido nem inibido, pouco influenciável pelas pessoas à sua volta, sensível à atmosfera mental alheia sem nela ficar emocionalmente envolvido.

4.º *Experimentos de PC em ritmos diferentes*

Pesquisadores: Soal-Goldney, 1941-43

Percipiente: Basil Shackleton

TABELA 13. PC EM RITMOS DIFERENTES

emissor	tentativas precognitivas	média casual	acertos precognitivos	RC	P	ritmo em segundos
Rita	(+1) 1.578	321	(+1) 439	7.4	10^{11}	normal: 2.8 segs.
Elliot	(+1) 280	56.4	(+1) 57	—	—	rápido: 1.4 segs.
	(+2) 265	53.6	(+2) 84	4.67	50.000	
	(+2) 794	159.4	(+2) 236	signif.	100 milhões	
	(+1) 768	151.7	(+1) 157	—	—	lento: 5 segs. Sujeito muito irritado, "fora de si", "inútil continuar", lápis largado
J. Aldred	(+1) 720		(+1) 203	5.4	2 combinadas: 3×10^{11} (astronômica)	normal
	(−1) 720		(−1) 207	5.8		
	(+1) 552	111	(+1) 126	—	—	rápido:
	(−1) 552	110	(−1) 112	—	—	1.3 a
	(+2) 529	106.5	(+2) 149	4.62		1.4 segs.
	(−2) 529	103	(−2) 151	5.21		
	(−2) 184			6.23		

Soal, 1943

Estes dados permitem afirmar que Shackleton, após dois anos de experimentos, mantinha toda a força de sua capacidade parapsíquica. Não se tratava de clarividência, pois nos testes desse tipo, só atingia resultados casuais. Para que fosse pura telepatia, seria necessário que ele captasse na mente de Soal o número casual do cartão, o que é possível, e na mente do emissor a ordem dos cartões com imagens, o que também é possível. Entretanto, se ele captasse informações na mente do emissor, deveria ter mais acertos depois das primeiras tentativas ou já na segunda coluna, quando o emissor conhecesse bem a ordem das figuras de animais. Por isso, Soal tratou de comparar a primeira coluna de acertos com a segunda, mas não encontrou diferença significante.

Houve oito emissores ao longo dos experimentos com Shackleton. Ele obteve mais êxitos com Rita, Aldred e a sra. Albert; entre os emissores sem êxito estiveram a sra. Shackleton, a dra. Goldney e Soal.

5.º *Âmbito da PC*

Soal observou que Shackleton possuía um limite de PC telepática abrangendo de 2 a 4 segundos no futuro. Sua discussão sobre os deslocamentos (+1) e (+2) de Shackleton pode ser assim resumida:

cartão-alvo

O Presente

O Futuro 1 seg 2 seg 3 seg 4 seg 5 seg

Objeto muito próximo do instante presente para ser percebido.

objeto seguinte percebido por estar dentro do limite da PC. Âmbito de PC do Sujeito. Limite superior: 4 segs.

objeto não percebido; irritação do sujeito com o ritmo lento.

Os deslocamentos para trás, (—1) e (—2), ou Telepatia pós-cognitiva, seriam inteligíveis neste esquema:

5 seg 4 seg 3 seg 2 seg 1 seg Cartão-alvo O Presente O Passado

↕

tempo necessário para a imagem do penúltimo cartão dentre os já visualizados esmaecer-se e aprofundar-se na mente subconsciente do emissor telepático, onde o sujeito-telepata vai buscá-la.

Limite inferior: 3 segs.

No caso da Pós-cognição, o tempo em segundos e o deslocamento para (—1) e (—2) depende do emissor-telepata.

A hipótese da existência de um âmbito ideal de percepção conduziu Soal a conjecturar que Shackleton teria desenvolvido um *hábito* de tempo precognitivo, engendrado inicialmente pelo ritmo normal de lances a que se acostumara nos experimentos anteriores.

Os deslocamentos negativos deram-se quando Aldred serviu como emissor e jamais com Rita e a sra. Albert. Soal supôs que a média de esmaecimento variaria com o emissor; prova-

velmente com algumas pessoas esse aprofundamento da imagem no subconsciente fosse muito menos rápido do que com outras — poderiam ser precisos 30 segs em vez de 3.

Mas essa teoria dificilmente explica a PC. O emissor poderia, é verdade, ficar sabendo inconscientemente da futura imagem alguns segundos antes dela se tornar claramente focalizada no nível consciente; a imagem precisaria de tempo para passar através dos vários níveis do subconsciente a caminho consciente e, em algum estágio, achar-se no ponto de ser transferido para a mente do sujeito-telepata. A dificuldade fundamental desta hipótese é compreender como a mente do emissor pode registrar um acontecimento antes que este realmente se verifique. Estaríamos supondo que o emissor, e não o sujeito, fosse a pessoa a exercer a PC. Mas trocados os papéis nos testes, o emissor teria os mesmos resultados de Shackleton? Soal lembra que sua tentativa de explanação se aproxima da teoria do "tempo especioso" de Saltmarsh, que também não soube explicar como sabemos de um acontecimento que ainda não aconteceu.

6.º *Descobertas Secundárias nos Experimentos de PC com Shackleton*

1. Substituídos os cartões com figuras, em algumas séries, por cartões onde foram impressas em letras de forma as iniciais dos nomes dos animais, sem que Shackleton fosse informado da mudança, ele continuou sua seqüência de êxitos, com RCs de 3.18 e 3.88.

2. Substituídos os cartões com figuras por outros com palavras escritas, referentes a cada animal — bico, juba, pescoço, listas, tromba — cartões que Shackleton nunca viu, e informado de uma mudança, mas ignorando sua natureza, Shackleton também não pareceu afetado.

3. Quando o emissor olhava os cartões com imagens durante as adivinhações da primeira coluna, e só os tocava com a mão, recordando a imagem, durante as investigações da segunda coluna, a diferença entre as provas de percepção sensorial e de memória dos cartões foi insignificante.

4. Em vez dos números casuais, usaram-se números propositados, não-casuais, sugeridos pelo prof. dr. C. A. Mace (Psicologia) da Universidade de Londres, isto é, uma lista em

que os primeiros 12 números seguidos eram todos o mesmo dígito e os últimos 13 diferentes, sem que Shackleton fosse informado; a repetição do mesmo símbolo muitas vezes, pelo emissor, fazia que Shackleton adivinhasse esse símbolo com muita freqüência.

5. Quando o cartão-alvo apareceu casualmente entre dois cartões iguais entre si, houve alto grau de reforço nos acertos, isto é, houve maior proporção de acertos (+1) e (—1) nos padrões do tipo

zebra
pelicano
zebra do que nos padrões zebra
pelicano
leão; e esse reforço foi altamente significante no caso dos deslocamentos (+2) e (—2), em padrões como, por exemplo:

elefante (+2)

leão

zebra: cartão-alvo; ponto em que o sujeito fez a adivinhação

pelicano

elefante (—2)

Esta descoberta veio sugerir que a PES tem relação com padrões e configurações na seqüência de alvos, e não visa apenas alvos isolados.

6. Quando, sem que Shackleton soubesse, dois emissores (Rita e a sra. Albert) atuaram simultaneamente olhando para duas imagens diferentes, isto é, com códigos mutuamente exclusivos, Shackleton acertou mais com a sra. Albert, e Rita falhou em influenciá-lo. Shackleton estabeleceu contato com a sra. Albert talvez porque lhe disseram que ela seria o emissor e tudo aconteceu como se Rita não estivesse presente.

7. O efeito de declínio (a curva-em-U) esteve ausente em todo o trabalho com Shackleton.

8. O efeito de erro persistente, quando os resultados caem para o nível do acaso ou passam a ser negativos, surgiu nas últimas nove sessões com Shackleton, talvez prenunciando o esmorecimento de sua força que se manifestou em fins de 1943.

7.º *Prejulgamento do Sujeito quanto ao seu Sucesso ou Fracasso*

A natureza inconsciente da PES não permite ao sujeito um exame de como chega às suas informações. Shackleton podia apenas expressar sua opinião de que algumas adivinhações pareciam melhores que outras. Às vezes, entre janeiro e agosto de 1941, marcou trechos da coluna ou colunas inteiras assinalando "boa", "muito boa", "ruim", "melhor que as outras". Depois dessa data, deixou de manifestar-se.

Devido ao ritmo rápido dos lances, era impraticável impor-lhe um exame de suas impressões, a análise consciente provavelmente prejudicaria o experimento. O estudo estatístico das folhas anotadas por ele não revelou diferença significante entre êxitos marcados e não-marcados. Como os demais sujeitos dotados de PES, Shackleton não tinha conhecimento consciente de que suas adivinhações estivessem certas ou erradas.

8.º *Relações entre a PC e o estado de saúde*

Uma vez, Shackleton declarou sentir-se excepcionalmente mal e uma anotação nesse sentido se fez em seu registro. No decurso do longo experimento, não houve observações sistemáticas de suas condições de saúde. Algumas informações ocasionais, porém, foram relacionadas com seus resultados:

TABELA 14. PC E ESTADO DE SAÚDE

Data	Observações de Shackleton	% de cognição não casual:
7 fev 41	ressaca depois de uma festa	8.85%
14 mar 41	queixa de indisposição física	17.53
18 abr 41	cansaço após bombardeio aéreo	8.51 (ritmo normal) 10.98 (ritmo rápido)
23 mai 41	mau funcionamento dos rins e dores	15.34 (com Rita) 24.48 (com sra. Albert)
10 out 41	mau humor, irritação, trabalho árduo	resultados casuais
14 nov 41	fortes dores nos rins	10.16
16 jan 42	mau humor, frio e doença	resultados casuais
15 mai 42	agitação: "meus nervos estão péssimos, fazer isto é uma tortura, sinto-me completamente esgotado, vou viajar por uns dias"	(+1) 6.25 (−1) 12.20
5 jun 42	muito irritado e perturbado	(+2) 13.72 (−2) resultados casuais

Soal, 1942

Soal concluiu que, apesar das queixas de Shackleton, sendo essas porcentagens correspondentes a bons resultados, não havia motivo para atribuir o insucesso à saúde.

Soal, professor de Matemática Pura em Cambridge e depois na Universidade de Londres, hoje aposentado e doente, e presidente da S.P.R. de 1950 a 1951, recebeu o grau de Doutor em Ciências pela Universidade de Londres em 1945, por sua tese denominada "Experimentos em Telepatia Precognitiva".

17. O deslocamento precognitivo (+1) negativo

Séries Martin-Stribic, *1937*-39

Análise Pratt-Foster, 1949-50

Séries Soal-Bateman, 1945-*1953*

Duas pesquisadoras da Universidade de Colorado, Dorothy R. Martin e Frances P. Stribic, nos anos de 1937-39, realizaram testes de clarividência com 322 sujeitos, num total de 311.750 tentativas. 13 sujeitos foram testados individualmente empregando-se o método de adivinhação de um maço inteiro de cartas embaralhadas, posto atrás de um anteparo de madeira, sem que nenhuma carta fosse desvirada, deslocada ou verificada antes de o sujeito registrar sua última adivinhação.

O melhor dos 13 adivinhadores foi o sr. Jencks, com um desvio positivo de 1.893 acertos em 25.000 tentativas, correspondente a uma RC de 29. 10 maços eram simultaneamente colocados atrás do anteparo com um deles empurrado para fora da fileira a fim de destacar-se dos outros nove, como alvo; o sujeito devia anotar a ordem das cartas nesse baralho. Quando este maço voltava à fileira, outro o substituía. Com 110 maços escolhidos dessa maneira, Jencks teve um desvio positivo de 349, correspondente à RC de 16. Jencks e a srta. D. W. obtiveram, respectivamente, as médias de 7.3 e 7.5 acertos para um baralho de 25 cartas.

Pratt e Foster descobriram depois um efeito que permanecera oculto durante 12 anos. Descobriram que esses dois sujeitos realizaram deslocamentos precognitivos (+1) muito significantes, de espécie *negativa,* isto é, cada um tendia a *não-acertar* a carta seguinte à carta-alvo para a qual estava dirigindo sua atenção.

No caso de D. W., o total de desvios precognitivos (+1) negativos alcançou uma RC de 3.36, e com Jencks o elevado número de 9.1 desvios-padrões. O registro de Jencks constitui o caso mais extraordinário de deslocamento encontrado depois dos experimentos com Shackleton.

A descoberta fascinante de Pratt e Foster revelou a tendência a evitar o acerto na carta seguinte também nos casos onde não houve acerto direto na carta-alvo. Enquanto, no caso de Jencks, o número de êxitos diretos na carta-alvo (clarividentes) aumentava dentro da seqüência, o deslocamento precognitivo (+1) negativo médio em dois fracassos consecutivos tammém aumentava, em correlação significante.

Cinco anos antes, Soal recomeçara os testes com Glória Stewart e convidara Bateman, seu ex-aluno de Matemática, e matemático competente e meticuloso, a participar do trabalho. Salvo 7 sessões, 123 realizaram-se em casa de Glória, compreendendo invariavelmente 400 tentativas. Às vezes, Glória terminava as 25 adivinhações quando o emissor ainda estava no 10.º, 15.º, 21.º ou 18.º lance.

O processo psi, no caso de Glória, apresentou uma rede tremendamente complicada de tendências a operarem freqüentemente em sentidos cruzados. A tendência negativa era ainda mais forte no caso de seqüências de alvos do mesmo símbolo, e confinada às *regiões* da folha de registro onde predominavam os acertos diretos clarividentes, enquanto nas *áreas* de fracasso clarividente surgiam resultados significantes precognitivos. Entretanto, em nenhuma das *sessões,* os resultados de deslocamento precognitivo (+1) ou (+2) alcançaram significância estatística positiva. Em 35.616 tentativas (+1), Glória obteve 6.775 êxitos, quando 7.123,2 eram esperados por acaso. O desvio negativo de 348,2 equivale a uma RC de (—4.61). Em geral, a deficiência de acertos precognitivos foi contrabalançada por resultados extremamente significantes de clarividência e de telepatia.

18. Outra evidência de deslocamento num teste de PC – Mangan, 1955

Após estudo dos experimentos de Carington, Tyrrell, Rhine, Humphrey, Pratt, Stuart, Hutchinson e Soal-Goldney, o dr. Mangan considerou, antes de realizar o seu experimento, a técnica aperfeiçoada nos testes transoceânicos de PC, efetuados entre Zagreb na Iugoslávia e Durham nos Estados Unidos, de 1947 a 1954, por Rhine e Humphrey. O sujeito foi o médico iugoslavo Marchesi. Com diferença de 1 dia, e de 1 ano, entre a predição e sua verificação, os desvios, nos dois prazos, somados, foram apenas marginalmente significantes. A análise da covariância das Razões de Saliência entre o segmento e a série deu uma probabilidade de .00014, sugerindo que o espaço e o tempo não exerceram influência sobre o exercício da PES.

A técnica variou nos dois experimentos. Nos testes com 1 dia de intervalo, embaralharam-se à mão os maços de cartas. No experimento com 1 ano de intervalo, para evitar o exclusivo embaralhamento manual, usaram-se 6 dados e a tabela de números casuais de Tippett.

Alguns anos depois, no Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke, o dr. Mangan já modificara essa técnica, a fim de introduzir um procedimento que não pudesse ser predito, nem produzido por outro qualquer meio a não ser a PC: um exercício que a mente humana não fosse capaz de realizar sem auxílio.

Ele determinava o ponto de entrada numa tabela de números casuais, recorrendo a uma máquina de calcular, da seguinte maneira: Obtinha quatro números com três algarismos (lançando dados com 10 faces) e multiplicando um pelo outro. O produto podia atingir a casa dos bilhões. Era então multiplicado pelos seus algarismos na ordem inversa. O novo produto era dividido por um número de quatro algarismos extraído dos dígitos médios dos quatro números originais de três algarismos. Somava um a um os algarismos do quociente. O resultado servia como índice para selecionar um lugar específico na tabela de números equiprováveis.

A tabela compreendia 30 páginas, cada uma com 70 colunas de 50 números casuais. Três maços de cartões, numerados

de 1 a 30, de 1 a 70 e de 1 a 50, correspondiam a todas as páginas, colunas e entradas da tabela. O número-índice, já calculado à máquina, determinava a página, coluna e entrada. Por exemplo, se o número 14 fosse o índice, o número da página estaria no 14.º cartão do primeiro maço, o número da coluna no 14.º cartão do segundo maço e o número do ponto de entrada do 14.º cartão do terceiro maço. Os dígitos encontrados na tabela eram traduzidos para símbolos do baralho-padrão: 1 e 6 equivalendo a quadrado, 2 e 7 a círculo, etc. A complexidade dos cálculos parecia colocar além do alcance humano a determinação do ponto de entrada na tabela.

O sujeito do experimento, uma mulher, V. W., já participara de testes curtos de PES. Mangan colocava um baralho sobre a mesa de seu escritório em Durham (costa leste, Atlântico) durante 10 manhãs consecutivas. O sujeito em San Diego na Califórnia (costa oeste, Pacífico) anotava suas impressões de 1 a 25, num teste de clarividência.

Na avaliação descobriu-se que os acertos no alvo-direto (clarividência) situavam-se acima da esperança casual. Mas a característica mais notável era o deslocamento para a frente, significante (+16 em 10 séries) e o deslocamento para trás, sugestivo (—7 em 10 séries).

Essa mulher estava muitíssimo interessada em PC e já tivera experiências precognitivas espontâneas. Por esse motivo, Mangan planejou 100 séries de PC e enviou a V. W., os impressos padronizados com as colunas para os 25 símbolos, onde ela deveria anotar suas predições na Califórnia. Nada mais se disse sobre a seleção dos símbolos-alvos em Durham.

Durante cinco dias consecutivos, de 2.ª a 6.ª-feira, ela completava 5 séries, ou seja, 25 por semana. No fim de quatro semanas, 100 séries. Em cada 6.ª-feira, os registros eram enviados a Durham. Ao recebê-los, Mangan determinava o ponto de entrada na tabela e a ordem casual para as 25 séries.

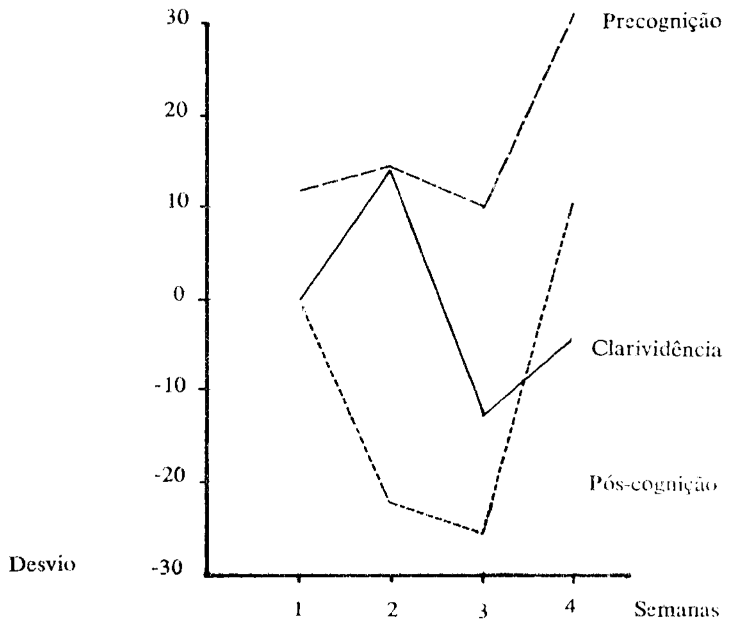
A significância da totalidade das séries atingiu uma probabilidade superior a .001. Os acertos clarividentes foram casuais. No deslocamento precognitivo (+1) houve um desvio positivo de 67, RC = 3.42, P = .0006. No deslocamento para trás, uma RC de 1.84. A diferença entre ambos foi significante.

TABELA 15. DESLOCAMENTO EM TESTES DE PC

Alvo		Séries	Acertos	Desvio	RC	P	diferença
Alvo direto	(0)	100	501	+ 1	—	—	—
Deslocamento Precognitivo	(+1)	100	547	+67	3.42	.0006	3.71
Deslocamento Pós-cognitivo	(−1)	100	444	−36	1.84	.7	P = .0002

Mangan, 1955

Estes resultados são graficamente representados a seguir:



Mangan, 1955

Um cientista, Abbot, observou o efeito de deslocamento pela primeira vez, em 1938, ao realizar testes consigo mesmo. Foi Carington quem deu nome ao efeito. Como Abbot predeterminou a ordem dos alvos, não se tem meio de julgar se o deslocamento foi precognitivo ou clarividente.

19. "O teste da cadeira" – PC experimental – Croiset-Tenhaeff, 1947

O mais famoso experimento precognitivo do holandês Croiset é "o teste da cadeira", projetado para ele em 1947 pelo

professor Tenhaeff, da Universidade de Utrecht, e realizado com sucesso mais de 400 vezes, sob rigoroso controle de cientistas na Holanda, Alemanha, Áustria, Itália e Suíça. É contado por Pollack.

Escolhe-se ao acaso o número de uma cadeira, de um esquema de assentos, para uma reunião pública prevista. Diz-se a Croiset qual é o número escolhido. Ele então descreve com notável exatidão a aparência, a personalidade e as principais características do homem ou da mulher que sentará nessa cadeira — *às vezes até antes da pessoa ter decidido comparecer à reunião!*

Eis um exemplo típico, com as precauções habituais do cauteloso Tenhaeff: em 6 de janeiro de 1957, às 2 horas da tarde, Gerard Croiset encontrava-se no Instituto de Parapsicologia com o professor Tenhaeff, a srta. Louwerens, e dois professores da Universidade de Utrecht, L. H. Bretschneider, biólogo, e J. A. Smit, físico. Mostrou-se ao clarividente precognitivo um plano de disposição das cadeiras para uma reunião a realizar-se 26 dias depois na casa da sra. C. V. T., uma mulher de Haia, a quem nem Croiset nem Tenhaeff conheciam. A lista de convidados para as 30 cadeiras ainda não fora feita. Croiset escolheu a cadeira n.º 9.

Tenhaeff perguntou-lhe: "Pode dizer-nos algo sobre a pessoa que ocupará a cadeira n.º 9?"

Croiset colocou o dedo sobre o esquema das cadeiras por um momento e começou a falar ao microfone de um gravador:

"1. Na 6.ª-feira, 1.º de fevereiro de 1957, na casa de uma senhora em Haia, uma alegre mulherzinha, ativa e de meia idade, sentará na cadeira n.º 9. Ela tem grande interesse em cuidar de crianças.

"2. Entre 1928 e 1930, vejo que muitos de seus passos foram dados junto da Kurhaus e do Circo Strassburger, na cidade de Scheveningen.

"3. Quando menina, ela teve muitas experiências num distrito onde se fabricavam lotes de queijos. Vejo uma fazenda em fogo, onde alguns animais recebem queimaduras de morte.

"4. Vejo também três rapazes. Um se parece fisicamente comigo. Tem um emprego em alguma região além do oceano. Parece-me que se trata de um território inglês.

"5. Tem ela contemplado o retrato de um marajá? Vejo alguém da Índia... ele veste um traje de habitante daquele país... um turbante com uma jóia grande.

"6. Quando menina, ela deixou cair um lenço na jaula de animais selvagens? Vejo um pedaço de pano caindo. Estes animais parecem leões e rasgam o tecido em pedaços.

"7. Vejo um bloco de notas com o n.º 6 no alto. Antes ela escrevera 5, mas alterou para 6. Isto aconteceu nestes dias e ela teve muitas discussões a respeito.

"8. Ela sujou as mãos recentemente numa antiga caixa de tintas? Vejo uma caixa com pequenos tabletes de tinta... Ela se machucou de leve ao fazer isto? O dedo médio de sua mão direita.

"9. Foi ela visitada recentemente por uma amiga de cerca de 44 anos, não muito alta, bem constituída, robusta, de cabelo escuro, e que usa um vestido com várias pregas largas na frente? Esta mulher lhe falou de problemas sexuais e a senhora do nº 9 aconselhou-a a visitar um psiquiatra?

"10. Ela experimentou forte emoção com a ópera Falstaff? Esta é a primeira ópera a que ela assiste?

"11. Seu pai recebeu uma medalha de ouro por serviços prestados?

"12. Levou uma menina ao dentista? A visita produziu muita comoção? Vejo que isto vai acontecer na 6.ª-feira, 1.º de fevereiro de 1957."

A gravação foi ouvida pelo clarividente e perguntou-se a ele se queria referir-se a impressões adicionais. Croiset disse mais:

Item 2. "Aqui, vejo a figura de um homem de cerca de 45 anos, muito emotivo e sensível... sua mulher não o compreende. Eles estão separados... Este homem tem relações com outra mulher. E sua esposa, relações com outro homem."

Item 4. "Recebo a impressão de que um desses moços está morto. Sua morte tem algo a ver com a ocupação alemã de nosso país."

Item 5. Admitindo que esta imagem de leão fosse simbólica, Croiset disse: "Certa vez comparei um mesmerista a um domador de leões, e o público aos leões. Quando o domador se aproxima demais dos leões, estes o devoram."

Item 6. "De repente vi minha filha adulta como menina. Quando ela tinha cinco anos, levei-a ao dentista. Ela se recusou a abrir a boca e permaneceu no consultório por várias horas."

No dia seguinte, conforme haviam precombinado, Tenhaeff telefonou ao dr. A. Tuyter em Utrecht, declarando: "O Sr. Croiset já gravou suas impressões para o teste da cadeira, a realizar-se em 1.º de fevereiro." Naturalmente, ele nada revelou sobre as informações do clarividente. O dr. Tuyter telefonou à sra. C. V. T. dizendo-lhe: "A senhora pode mandar os 30 convites agora".

As primeiras impressões de Croiset foram transcritas da fita gravada e 40 cópias mimeografadas. Mas as notas suplementares não o foram, porque não seriam discutidas com a pessoa-alvo antes de se confirmarem as primeiras.

A fim de garantir a escolha acidental das cadeiras, dois grupos de cartões (cada um numerado de 1 a 30) foram preparados no Instituto de Parapsicologia em 31 de janeiro. Cortou-se um dos conjuntos, cientificamente, recorrendo-se a um dado da previsão meteorológica, depois embaralhou-se bem e selou-se. O outro conjunto não foi selado.

Na noite seguinte, em 1.º de fevereiro, Tenhaeff, as senhoritas Nicky e Annet Louwerens, o dr. Tuyter e um parapsicólogo visitante (o finlandês J. Fahler), chegaram à casa da sra. C. V. T. em Haia às 7 horas. Colocaram-se os cartões não selados nas 30 cadeiras numeradas (6 fileiras de 5 cadeiras) no amplo salão de chá no primeiro andar.

Enquanto isso, no andar inferior, os 30 convidados, desconhecidos participantes, recebiam do professor Tenhaeff uma explicação da técnica a ser usada no teste da cadeira. Todos os 30 receberam uma cópia mimeografada das informações fornecidas por Croiset e foi-lhes dito: "Leia cuidadosamente. Se algum desses itens se aplica a você, assinale-o no espaço à direita de cada item".

O envelope selado, guardando os 30 cartões numerados, foi aberto enquanto os convidados subiam ao primeiro andar. A cada convidado, Nicky Louwerens entregou um cartão. A porta do salão, sua irmã Annet conferia se cada pessoa sentava-se no lugar correto. O dr. Tenhaeff, cauteloso, avisava: "Por favor, não toque em nenhuma cadeira que não tenha o seu número, porque isto pode afetar os resultados."

Depois que cada convidado sentou-se no lugar que lhe coube, Croiset tocou a campainha da porta e foi dramaticamente acolhido no salão do teste. Ele guiara os 58 quilômetros de Utrecht a Haia com ordens de só aparecer depois das 8.15; isto impedia qualquer possibilidade de que sua presença influísse na escolha das cadeiras.

Leu-se a forma mimeografada em voz alta, item por item. De cada vez, perguntava-se à sra. M. J. D., a mulher com o cartão n.º 9 (e portanto na cadeira n.º 9) se as impressões de Croiset, gravadas há 26 dias atrás, se aplicavam a ela. "Sim, muitas se aplicam", admitiu ela. Porque virtualmente nenhuma das informações de Croiset se aplicava aos outros 29 indivíduos, ela foi considerada a pessoa-alvo.

A confirmação pública na noite de 1.º de fevereiro; e, mais tarde, em 18 de maio, uma entrevista particular com a sra. M. J. D. em Amsterdam, e uma sessão gravada com ela e seu marido no Instituto de Parapsicologia, revelaram o seguinte:

Item 1. A sra. M. J. D. tinha 42 anos, era uma alegre mulher, ativa, vivaz, que admitiu possuir um tremendo interesse em cuidar de crianças. Em menina, ela costumava dizer que desejava ter um castelo com uma centena de bebês!

Item 2. Seus pais eram divorciados. Seu pai, um homem sensível, emotivo, trabalhava nas Índias Orientais Holandesas. Quando periodicamente regressava à Holanda em licença, costumava levá-la ao circo em Scheveningen. Ambos os pais da sra. D. mantinham relações íntimas com outra mulher e outro homem, respectivamente.

Item 3. Em menina, a sra. D. freqüentemente visitava fazendas. O produto principal era manteiga, não queijo. A fazenda que se incendiou com animais, "vista" por Croiset, poderia ser explicada por uma experiência do filho mais velho da sra. D.: o moço trabalhara numa fazenda onde assistira um cavalo ser carbonizado por um relâmpago; ele ficara profundamente impressionado por longos anos.

Item 4. Apesar da sra. D. não poder ligar os dados de Croiset com nenhum acontecimento de sua vida, seu marido afirmou que ele tinha dois irmãos. Um se oferecera como combatente voluntário na Indonésia em 1945, treinado na Inglaterra, mas só chegara até Singapura. O outro irmão, morto num campo de concentração na Alemanha, parecia-se fisicamente com Croiset.

Item 5. Alguns dias antes do encontro de 1.º de fevereiro, a sra. D. admitiu ter contemplado o retrato de um iogue num livro. Ela teve, a seguir, uma conversa com seu filho sobre o iogue e os magos indus. O sr. D acrescentou que sua esposa lhe dissera ter estado consciente, em sucessivas noites, da presença de um "auxiliar invisível" ou de um "espírito protetor" que ela imaginava ser um iogue.

Item 6. A sra. D. insistiu em que não podia "localizar" esta imagem. Croiset respondeu-lhe que se tornaria clara quando se discutisse o item 9.

Item 7. Entre 26 de janeiro e 1.º de fevereiro, quando a sra. D. fazia o balanço de suas despesas domésticas, ela descobrira que escrevera um 5 na soma, onde deveria colocar um 6. Porque o livro de despesas não conferia, isto provocou uma discussão com o marido.

Item 8. Cedo em janeiro, as crianças da sra. D. andavam-se "sujando" com uma velha caixa de tintas, como as que se apresentam com tabletes de aquarela. Ela tratou de jogar fora a caixa de pintar e, ao fazê-lo, sujou as mãos e uma toalha na tinta. Na mesma ocasião, cortou o dedo médio da mão direita numa lata de vegetais — o que indica que Croiset combinou duas imagens.

Item 9. A sra. D. admitiu que uma amiga, com quem recentemente discutira problemas sexuais, era de estatura baixa, bem constituída, robusta, de cabelo escuro e usava muito um vestido de largas pregas. Ela aconselhara esta amiga a visitar um mesmerista. Quando a sra. D. declarou isto, na reunião de 1.º de fevereiro, Croiset mencionou que ela fizera mal ao enviar a amiga ao mesmerista. Ao ouvir o nome do mesmerista, em 20 de junho no Instituto de Parapsicologia, Croiset disse: "Este homem não merece confiança em questões sexuais. Um mesmerista ou psiquiatra deve saber manter-se à distância de seus pacientes. Ou os leões o devorarão".

Perguntado o que tinha isto a ver com um lenço, Croiset respondeu que o lenço se referia a um jogo de sua infância: "Lenço escondido, contar proibido". Ninguém deveria saber o que ocorre entre uma mulher e seu psiquiatra ou mesmerista.

Item 10. A sra. D., cantora de ópera profissional, admitiu que a primeira ópera cantada por ela fora Falstaff. Ademais, ela se apaixonara pelo tenor da ópera.

Item 11. Quando seu pai se aposentou, presentearam-no com uma cigarreira de ouro gravada.

Item 12. A filhinha da sra. D. tinha uma cárie num dente da frente. Em 1.º de fevereiro, a mãe levara a filha ao dentista — 3 semanas depois da predição de Croiset. A criança se amendrontara com a dor e sofrera muito durante a consulta.

Este caso ilustra a correspondência indubitável entre as impressões de Croiset, 26 dias antes da reunião, e os fatos da vida da Mulher da Cadeira 9 — fatos não só de seu passado, mas inclusive outros, que ocorreriam em dias posteriores à PC

(item 5, retrato do iogue; item 7, soma errada de contas domésticas e discussão com o marido; item 9, amiga enviada ao psiquiatra indigno de confiança; item 12, filha em consultório dentário).

Croiset caracterizou a Mulher da Cadeira 9, 26 dias antes da sessão confirmatória.

20. PC em indivíduo altamente motivado – Nielsen, 1956

A descoberta mais importante neste experimento foi um desvio positivo significante em acertos diretos, um resultado incomum em testes de PC, nos quais é mais freqüente o desvio negativo, ou um efeito de deslocamento, ou ambos.

O sujeito, S. W., amigo pessoal da experimentadora, foi selecionado devido ao seu forte interesse em percepção extra-sensorial. Dois anos antes dos testes, ele tivera uma experiência espontânea "mística". O efeito foi suficientemente profundo para que ele fizesse todos os esforços a fim de obter compreensão dessa experiência, a ponto de considerar isto o seu principal objetivo na vida. Estava interessadíssimo no resultado final de seus testes. Vivia, então, em Nova York, e o experimento efetuou-se por correspondência.

Consistiu em 80 séries de 25 tentativas, número prefixado. O sujeito devia preencher os impressos padronizados, sabendo que suas adivinhações seriam mais tarde confrontadas com listas de números casuais, determinados pelo processo de lançamento de dados com o fito de obter os números básicos para as multiplicações que dariam a entrada nas Tabelas Aleatórias. Três membros do Laboratório de Parapsicologia da Duke University fizeram verificações independentes desses cálculos e da análise dos resultados.

O sujeito realizou 50 tentativas diárias, e datou-as, de 26 de outubro de 1954 a 30 de dezembro, ao longo de 65 dias. Obteve 452 acertos diretos em 2.000 tentativas. O desvio positivo de 52 equivale a uma RC de 2.91 (P = .001).

O deslocamento, negativo, não foi significante e não houve declínio cronológico.

21. Estados mentais associados com sucesso em PC – Nielsen, 1956

Este experimento teve por objetivo estudar as condições experimentais mais favoráveis ao sucesso da PC. Como parte do ambiente psicológico imediato, os estados de ânimo do sujeito participam de todas as sessões de uma pesquisa e abrangem fatores fisiológicos e emocionais, deles resultando um estado mental complexo. Pesquisadores observaram que as melhores condições subjetivas são o bem-estar, a felicidade, etc., mas poucos experimentos foram conduzidos para tratar o problema quantitativamente.

Neste, realizado pela dra. Nielsen, permitiu-se bastante liberdade e espontaneidade, de modo a apreender o fenômeno precognitivo, tanto quanto possível nas condições em que ele espontaneamente se manifesta na vida diária de cada sujeito. Preparou-se uma escala por meio da qual o sujeito podia classificar seus estados de ânimo, a fim de coletar dados para compará-los com os resultados da PC experimental. Como a maioria das pesquisas sobre PC, até 1956, data deste experimento, mostraram resultados negativos ou efeitos de deslocamento, era interessante conhecer as condições em que resultados positivos poderiam ocorrer.

A escala usou termos descritivos familiares aos sujeitos e linguagem não técnica, inclusive nas instruções. Não foi preparada beneficiando-se de experiência prévia, de conselho ou de orientação de peritos. Compreendeu 3 divisões: Vitalidade Física, Vitalidade Emocional e Vitalidade Mental:

Vitalidade Física:

Neste momento, eu me sinto:

1. maravilhoso
2. muito bem
3. não especialmente consciente de meu corpo, a não ser que eu pense nele
4. cansado
5. esgotado
6. desagradavelmente excitado e nervoso
7. doente

Vitalidade Emocional:

(A) Hoje, eu sinto que:

1. posso sobrepujar qualquer coisa
2. a vida é boa
3. posso dar conta do recado
4. darei um jeito, se for preciso
5. pouco me importa
6. gostaria que as coisas fossem diferentes
7. nada presta, tudo é inútil

(B) Agora eu me sinto:

1. muito feliz
2. otimista
3. nada me aborrece
4. um pouco preocupado
5. irritável ou zangado
6. realmente temeroso de algo
7. profundamente só

(C) Neste momento, meus sentimentos em relação às outras pessoas em minha vida são:

1. amor sem reservas, sem pensar em mim
2. vontade de dar mais do que a minha obrigação
3. vontade de fazer a minha parte
4. pouco me importa
5. cansaço por não receber apreciação ou compreensão
6. não adianta: não engrenamos
7. como se eu não gostasse delas; desgosta-me sentir isto

Vitalidade Mental: .

Neste momento, minha mente se encontra:

1. elevada pela prece ou por outra grande experiência emocional
2. altamente estimulada por intuições criativas
3. alerta e simpática a novas idéias
4. ocupada com questões quotidianas
5. distraída
6. cansada
7. aborrecida

Foram sujeitos 6 elementos pertencentes ao Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke (4, inclusive a experimentadora, empenhados em pesquisa), 1 morador de Durham

e visitante do Laboratório, e 1 correspondente, sério estudioso da Parapsicologia. O experimento realizou-se no verão e outono de 1955.

Cada um dos 8 sujeitos concordou em completar 100 séries de símbolos do baralhão-padrão, num total de 800 tentativas para cada um, as primeiras 50 servindo para verificar o valor prático da escala.

O sujeito preenchia os impressos padronizados em dia e local de sua escolha, e a seguir classificava seus estados de ânimo por meio da escala. Fazia, de cada vez, 5 séries. Depois da 50.º série, tendo a experimentadora verificado a inutilidade das duas primeiras subdivisões da Escala Emocional, o sujeito usava apenas a terceira, juntamente com as outras duas Escalas, a Física e a Mental.

Após o preenchimento dos impressos, a fim de obter os símbolos-alvos casualmente, a experimentadora jogava 10 vezes um dado de 10 faces para compor um número de 10 algarismos a ser multiplicado ao revés em máquina de calcular elétrica. Do produto, pares de dígitos em posições preespecificadas davam o ponto de entrada casual numa tabela de números aleatórios. Todos os resultados foram recalculados por outro elemento do Laboratório, independentemente.

O experimento alcançou resultados significantes. As primeiras 50 séries deram um desvio positivo de 114 (RC = 2.85) e as últimas 50, um desvio positivo de 97 (RC = 2.42), com uma RC total de 3.73.

TABELA 16. PRECOGNIÇÃO

Séries		Colunas de símbolos	Acertos	Desvio	RC
primeiras	50	400	2114	+114	2.85
últimas	50	400	2097	+ 97	2.42
total	100	800	4211	+211	3.73
					P = .00019
					3P = .00057

Nielsen, 1956

Houve uma tendência ao deslocamento positivo (+1), associado ao cansaço físico (RC = 2.72), e à ocupação mental com questões quotidianas (RC = 2.44).

Ao examinar a relação entre os resultados precognitivos e os estados de ânimo, notou-se a associação dos desvios positivos com os itens de 1 a 3 nas Escalas de Vitalidade Física e Mental, ao passo que os itens 4 e 5 associaram-se a resultados casuais. Nesta análise, cada uma das três divisões da Escala foi considerada independentemente das outras.

TABELA 17. ESTADOS DE ÂNIMO E SUCESSO EM PRECOGNIÇÃO

Itens da Escala	Escola Física RC	Escola Emocional RC	Escola Mental RC
1	2.59	1.92	1.56
2	1.35	2.21	2.72
3	3.58	casual	2.19
4	casual	1.00	casual
5	casual	casual	1.40
6	2.17	1.12	0.97
7	casual	3.10	casual

Nielsen, 1956

Ou seja:

RC 3.58 — sem especial consciência do corpo
3.10 — desgostoso por não gostar de outras pessoas
2.72 — altamente estimulado por intuições criativas
2.59 — maravilhosa vitalidade física
2.21 — vontade de dar mais do que a minha conta
2.19 — alerta e simpático a novas idéias
2.17 — desagradavelmente excitado e nervoso
1.92 — amor sem reservas, sem pensar em mim

Ainda restava a análise dos resultados precognitivos em relação ao estado de ânimo como um todo completo. Cada divisão da Escala proporcionou uma gradação de "agradável" a "desagradável", de modo que foi possível distinguir quatro categorias de estados de ânimo:

"completamente agradável" (3 classificações agradáveis)

"predominantemente agradável" (2 agradáveis e 1 desagradável)

"predominantemente desagradável" (1 agradável e 2 desagradáveis)

"completamente desagradável" (3 desagradáveis)

O dr. Gordon Mangan, não participante do experimento, estabeleceu as seguintes divisões:

agradável: Vitalidade Física — itens de 1 a 3
Vitalidade Emocional — itens de 1 a 4
Vitalidade Mental — itens de 1 a 4
desagradável: os demais itens

A experimentadora procedeu, então, à verificação. Nas primeiras 50 séries, os estados de ânimo completamente agradáveis deram um desvio positivo de 112 (RC = 3.91), os desagradáveis, resultados casuais. Nas últimas 50 séries, os estados de ânimo desagradáveis associaram-se a significantes resultados precognitivos. No total, os estados de ânimo agradáveis proporcionaram uma RC positiva de 3.91 e os desagradáveis uma RC positiva de 2.54. Os estados de ânimo mistos, simultaneamente agradáveis e desagradáveis, deram apenas resultados casuais.

Correlacionando os resultados precognitivos e o estado de ânimo como um todo completo, a avaliação deu um quiquadrado de 4.41 (P = .03) o que indica terem os resultados permanecido abaixo do nível de significância quanto à consistência.

TABELA 18. PRECOGNIÇÃO E ESTADOS DE ÂNIMO AGRADÁVEIS E DESAGRADÁVEIS

Séries	estado de ânimo completamente agradáveis		estados de ânimo completamente desagradáveis		agradáveis e desagradáveis simultâneos
	D	RC	D	RC	RC
primeiras 50	+ 112	3.91	— 5	casual	casual
últimas 50	+ 50	casual	+49	significante	casual
total 100	+ 162	3.91	+44	2.54	casual

Nielsen, 1956

A maioria dos testes foram realizados quando os sujeitos se encontravam em estados de ânimo *agradáveis* e talvez seja esta a razão do grande resultado *positivo*.

22. Clarividência precognitiva, criatividade e sucesso – Schmeidler, 1964

Cada um dos 75 sujeitos deste experimento previu 150 alvos a serem selecionados e avaliados por computador. Embora os sujeitos não fossem informados, 50 dos alvos lhes seriam mostrados posteriormente, em confronto com suas adivinhações; 50 seriam vistos apenas pela experimentadora; 50 nunca seriam impressos, de maneira que ninguém jamais saberia que alvos eram. A experimentadora não sabia, durante os testes, que adivinhações seriam classificadas numa dessas três condições.

Compararam-se os resultados com os de um experimento prévio, semelhante no procedimento, exceto que a experimentadora sabia sob que condição cada alvo seria classificado. As marcações de clarividência precognitiva foram significantemente mais baixas neste segundo experimento ($P = .005$), assim como os resultados gerais ($P = .001$).

A dra. Schmeidler concluiu que a PC clarividente não só ocorrera como estava a sugerir que, ao ser sonegada informação interessante ao sujeito ou ao experimentador, erros ou marcações negativas são esperáveis.

Os 75 sujeitos deste experimento submeteram-se a um teste para mostrar suas preferências quanto a três modos de encarar o tempo: dinâmico-apressado, naturalista-passivo, ou humanista. Experimento anterior indicara que os sujeitos com preferências quanto ao modo dinâmico-apressado de encarar o tempo, seriam mais competitivos que os outros sujeitos. Quando fizeram suas adivinhações, nenhum sujeito sabia que alvos seriam vistos mais tarde, quais os nunca vistos, e quais os que só a dra. Schmeidler veria. A análise dos resultados precognitivos mostrou uma relação entre as preferências no modo de encarar o tempo e a maneira pela qual os alvos seriam tratados. Os dados portanto deixaram implícito que os sujeitos estavam respondendo precognitivamente tanto ao conteúdo do alvo quanto à maneira de tratar o alvo.

Sujeitos mais competitivos tiveram escores de PC mais altos naqueles testes em que conheceriam mais tarde os alvos e seus resultados com pormenores; mas sujeitos com preferência naturalista-passiva de encarar o tempo tiveram escores de PC mais baixos nesses testes. Schmeidler concluiu que os escores ofereciam significado psicológico.

Os últimos 48 sujeitos no teste de PC avaliado por computador submeteram-se a dois curtos testes psicológicos na tentativa de medir sua criatividade. Os dois testes de criatividade foram correlacionados com as três diferentes maneiras de tratar os alvos precognitivos (impressos e mostrados aos sujeitos; só vistos da experimentadora; nunca impressos). Encontrou-se uma correlação significante ao nível de .01.

Pediu-se aos 75 sujeitos que marcassem as adivinhações quando sentissem confiança de estarem acertando; e ao terminarem, perguntou-se que escore final cada um esperava para si. Classificaram-se os sujeitos segundo o número de adivinhações que eles consideraram ter acertado.

Com base em trabalho anterior de Schmeidler, foi predito que os sujeitos que considerassem em média ter um acerto para cada baralho de Rhine, alcançariam resultados mais altos na adivinhação das cartas consideradas por eles como acertos.

O resultado só trouxe apoio parcial à hipótese, mas mostrou que estes sujeitos tiveram marcação significantemente mais alta nos testes de clarividência precognitiva, que os sujeitos que jamais marcaram uma adivinhação com a convicção de tê-la acertado. Sujeitos cujas estimativas de sucesso e fracasso variaram de uma para outra série de 25 cartas mostraram exatidão mais significante em suas estimativas.

Sujeitos que fizeram apenas uma estimativa geral não alcançaram precisão. Nenhuma diferença foi encontrada entre resultados de sujeitos que relataram ou não relataram ter tido PCs espontâneas, nem entre mulheres e homens, nem entre crentes e descrentes em PC.

23. Percepção de acertos precognitivos sob hipnose – Fahler e Osis, 1966

A PC é um tipo de PES que, em condições provocadas, não dá facilmente resultados significantes.

Jarl Fahler, pesquisador finlandês que obtivera bons resultados com sujeitos sob hipnose em testes de clarividência, durante um estágio de seis meses na Fundação Parapsicológica em 1958, em testes de PC só encontrou resultados casuais.

Todavia, ele observara que dois de seus sujeitos, quando hipnotizados, pareciam ter alguma consciência dos acertos nas tentativas feitas. Planejou, por isso, um pequeno experimento no qual se propôs testar a hipótese de que eles teriam resultados mais elevados nas tentativas percebidas como corretas de que nas outras.

Humphrey e Nicol, em 1955, relataram um experimento de PES no qual os sujeitos deviam colocar marcas nas tentativas em que sentissem ter acertado; houve mais sucesso nas tentativas marcadas que nas não-marcadas, o mesmo acontecendo com Nash e Nash em 1958. Schmeidler descreveu um experimento de PC envolvendo a marcação das tentativas em que o sujeito sentia a confiança de haver acertado, confirmando, em parte, os resultados precedentes.

Desenvolveram-se esforços para intensificar a PES por meio de hipnose, sem que os resultados tenham sido sempre consistentes. Fahler já obtivera resultados espetaculares com um sujeito da Finlândia, a sra. Sinisalo, em 1957, com a qual ele desenvolvera uma forte relação de terapeuta-paciente.

Neste experimento, ele selecionou dois sujeitos que acreditavam ter, pelo menos às vezes, consciência de quando suas adivinhações eram corretas. Ambos tinham recebido auxílio de Fahler, através da hipnose, por seus problemas de excesso de fumo.

Os sujeitos reclinavam-se numa poltrona confortável durante o experimento e eram hipnotizados por Fahler usando o método da sugestão verbal. A profundidade da hipnose não foi medida. Números de 1 a 10 foram os alvos. Fahler pediu aos sujeitos que adivinhassem os números a serem posteriormente escritos nas colunas impressas, paralelamente às suas adivinhações. Durante a hipnose, Fahler sugeriu aos sujeitos que poderiam ter impressões de acerto ou o sentimento de que algumas de suas tentativas seriam "diferentes" das outras; neste caso, deviam dizer "marque" ao hipnotizador imeditamente após a adivinhação, mas não com extrema freqüência, porque então o teste não seria sensível ao efeito real. Fahler registrava as adivinhações e as marcas.

Um dia após a sessão experimental, um pesquisador assistente no Laboratório da Fundação de Parapsicologia organizou

as listas de números casuais para a verificação usando o método de Mangan e Osis que consistiu basicamente em lançar um dado de 10 faces, para obter três números de 4 algarismos, manipulados a seguir numa pequena máquina de calcular, a fim de obter-se o ponto de entrada casual na tabela. Fahler nunca estava presente durante o preparo dessas listas. Uma vez prontas, Fahler dava uma cópia da sua lista de adivinhações ao assistente e este lhe passava um cópia da sua lista de números casuais, de modo que, independentemente, ambos procediam à verificação. Esta concluída, uma cópia dos cálculos era entregue aos arquivos de Osis e todos os dados recalculados.

Um dos sujeitos mudou-se da cidade após três sessões experimentais, mas o outro completou as 10 planejadas, preenchendo 6 colunas de 25 símbolos (150 ao todo) em cada sessão, num total de 1.500 adivinhações.

O desvio total foi negativo e insignificante. Mas comparando-se as 360 adivinhações em que os sujeitos disseram "marque" com as 1.590 em que não manifestaram confiança em ter acertado, observou-se que nestas eles acertaram apenas 7,2%, abaixo da esperança casual de 10%, e erraram significativamente.

A hipótese principal de que haveria mais acertos nas tentativas em que o sujeito indicasse "marque" do que nas outras foi verificada por um teste de quiquadrado;

TABELA 19. PRECOGNIÇÃO SOB HIPNOSE

Adivinhações	Erros	Acertos	Total	RC	P
marcadas	300	60	360	+3.75	.00018
não-marcadas	1475	115	1590	-3.96	.000075
total	1775	175	1950		

$X^2 = 3.98$ (1 d. lib.) ou $P = .000\,000\,02$

Fahler e Osis, 1966

A probabilidade foi impressionantemente baixa, excluindo a coincidência como explicação. Para as tentativas marcadas, a RC foi positiva e significante; para as não-marcadas, negativa e significante. Assim, forte acerto precognitivo (PC-hitting) registrou-se nas tentativas marcadas e forte acerto precognitivo *às*

avessas (PC-missing) nas não-marcadas, ambas as tendências sendo significantes do ponto de vista estatístico. A probabilidade de 1 em 50 milhões atingida foi invulgarmente baixa para um experimento de PC.

Comentando este experimento, a dra. Schmeidler lembrou que "para alguns sujeitos, a idéia da PC parece muito bizarra para ser aceita. Isto provavelmente seria falso para um físico conhecedor das modernas teorias do movimento avante e retrógrado no tempo, bem como para o sujeito que tivesse familiaridade com os conceitos do Oriente sobre as relações temporais".

24. PC e teste do desenho da figura humana – Buzby, 1968

No St. Joseph's College, de Filadélfia, nos anos de 1962 a 1965, Buzby dividiu seus sujeitos em grupo de interesse vital e grupo de interesse ocasional, de acordo com o interesse revelado pela PES. Testou ambos em clarividência e PC, sem encontrar qualquer diferença significante. Usando o método da análise da variância, porém, descobriu que o grupo de interesse vital dera evidência significante de PC.

Esta diferença de atitude (vital e acidental) para com a PES significaria também uma diferença de atributos de personalidade? Buzby decidiu usar medidas padronizadas de personalidade a fim de classificar seus sujeitos:

1.º — o Teste das Figuras Embutidas que permite distinguir entre os que contemplam o mundo "globalmente" e os que o encaram "analiticamente". Buzby descobriu que os sujeitos vitalmente interessados na PES demonstraram ser do tipo de percepção global e mostraram maior evidência de PC.

2.º — o Teste do Desenho da Figura Humana, no qual os sujeitos expressam seu conceito do corpo. Alguns revelam "baixa sofisticação corporal" e outros "alta sofisticação corporal". Buzby descobriu que os sujeitos de percepção global e que também mostraram "alta sofisticação corporal" tiveram melhores resultados em PC, embora não significantes.

Os sujeitos, alunos universitários, responderam ao questionário de interesse pela PC, realizaram os dois testes psicológicos mencionados e completaram 5 séries de adivinhações de cartas do baralho-padrão.

No estudo exploratório de 1964-66, 26 sujeitos completaram 130 séries de PC com um desvio negativo de 8. No estudo confirmatório de 1966-67, 14 sujeitos realizaram 70 séries de PC com um desvio negativo de 34. Os testes de PC foram sempre apresentados antes dos de clarividência e é possível que os sujeitos com baixa sofisticação corporal sentissem inibição nos primeiros testes e necessidade de "esquentar" antes de oferecer melhores marcações. Pode ser também que eles considerassem a PC mais implausível que a clarividência. Nos testes de PC em 1967-68, o autor continuou a encontrar um desvio negativo.

25. Testes de PC em massa – Rhine, 1961 e Brier, 1968

Muitas vezes realizaram-se testes de PC através do rádio, da tv, do correio e da imprensa, coligindo-se grande número de dados de uma só vez entre a população. De grupos de sujeitos não selecionados, os desvios obtidos são invariavelmente casuais. Os testes por correspondência, desprovidos da motivação e do estímulo introduzidos pelo contato pessoal, raramente deram evidência de PES.

Num teste de PC, os sujeitos preenchem seus registros e só depois os experimentadores determinam a lista de alvos, de modo que a pesquisa com grandes grupos torna-se muito mais exeqüível.

O primeiro teste em massa através do correio foi feito em 1961 pelo Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke em cooperação com a Canadian Broadcasting Company e a revista Maclean. Rhine testou 29.706 sujeitos. Cada um preencheu 10 tentativas em cartões IBM destacáveis da revista e remetidos pelo correio à Estação de Rádio, onde um computador forneceu um conjunto diferente de alvos para cada sujeito e avaliou os resultados individuais. O resultado do grupo foi um *desvio negativo significante*: RC = 2.53.

Em 1.º de janeiro de 1968, Robert Brier publicou um artigo na revista Read, muito popular entre estudantes secundários. Informava-os sobre a Parapsicologia e os tipos de fenômenos estudados pelos parapsicólogos, e incluía um convite para preencherem seus registros de acordo com as instruções fornecidas no artigo. Mais de 100.000 alunos devolveram ao Instituto de Parapsicologia os formulários impressos na revista.

Tão larga repercussão não era esperada e criou problemas especiais. Tratando-se de um teste de PC, a cada sujeito teria de ser atribuída uma lista diferente de alvos e isto cada vez que um formulário chegava ao Instituto, consumindo um tempo enorme. Outro problema era a informação fornecida através da revista de que cada resposta seria avaliada e cada sujeito conheceria seu resultado, de modo que cabia ao experimentador remeter as informações a cada escola antes do fim do ano letivo. O plano de tratamento de dados teve, assim, de ser reformulado.

O impresso na revista, para o teste de PC, compreendia 5 colunas de 20 tentativas. Cada coluna vinha dividida verticalmente em secções de 5 símbolos do baralho-padrão, 5 palavras, 5 outros símbolos e outras 5 palavras, a fim de possibilitar o maior número possível de comparações. Após o espaço para nome, sexo e idade dos sujeitos, liam-se as instruções: "Em cada uma das linhas seguintes um dos 5 símbolos ou palavras será mais tarde selecionado como alvo. Você deve usar sua PES para adivinhar qual será. Trace um círculo ao redor daquele que você supõe vai ser o correto para aquela linha".

Em suplemento especial da revista instruíram-se os professores para aplicar o teste às suas classes, remeter os impressos ao Instituto de Parapsicologia para avaliação e aguardar informações sobre os resultados de seus alunos.

A fim de proceder à avaliação, calculou-se primeiro o ponto de entrada numa tabela de números equiprováveis, segundo o método habitual no Instituto de Parapsicologia. Em cada um dos impressos, copiaram-se os números aleatórios, diferentes para cada indivíduo: este número designava um dos cinco símbolos ou palavras escritas em cada linha, contando-se da esquerda para a direita, ou seja, o alvo correto para aquela linha.

Um mês após a publicação do artigo, o Instituto de Parapsicologia recebera um número de testes superior a 30.000 e mais estavam chegando à razão de 1.000 por dia. O número enorme de registros tornava impraticável colocá-los em ordem alfabética; por isso, e para dar a conhecer os resultados antes do fim do ano letivo, o grande grupo foi dividido em porções menores.

Envelopes provenientes de vários professores foram colocados juntos num envelope maior, contendo de 3.000 a 12.000 registros de estudantes, e efetuou-se a ordenação alfabética, por estado, cidade, escola, professor e classe. Verificou-se o número de classes, o número de estudantes em cada uma, e o número total de testes em cada envelope.

Esperava-se, após a análise estatística, encontrar apenas tendências leves devido ao grande número de sujeitos não selecionados e ao fato de não terem os testes sido realizados em condições ideais. O teste de quiquadrado era o ideal para avaliar qualquer diferença porventura existente entre moços e moças. Cada envelope foi analisado independentemente para verificar se havia efeitos significantes e se eram confirmáveis pelo restante dos envelopes.

A essa altura já havia 12.000 testes no grupo a ser analisado pelo Instituto de Parapsicologia e 8.000 testes a serem examinados em laboratório diferente.

Como se aguardava, os resultados gerais de todos os testes foram casuais. O teste do quiquadrado, aplicado ao grupo de 12.059 estudantes analisados pelo Instituto de Parapsicologia, não revelou significância para os moços, mas para as moças deu um $X^2 = 29.20$ (10 g. lib.), $P < .001$ fortemente significante.

Quando se examinou o segundo grupo de 7.632 testes também se descobriu que o resultado dos moços não foi significante, mas, sim, o das moças: $X^2 = 32.50$ (10 g. lib.), $P < .001$.

Um dos resultados específicos mais interessantes referiu-se à diferença entre PC de símbolos e PC de palavras. Não se encontrou significância, mas a curva de resultados das moças diferiu muito da casual, apontando na direção de evidência de PC.

Moços variaram mais do que moças quanto à análise de variância dos segmentos, com maiores flutuações acima e abaixo da média. Moços em classes predominantemente femininas tiveram resultados diferentes de moços em classes predominantemente masculinas. Não se efetuaram análises mais detalhadas porque demandariam muitos meses.

As melhores informações provenientes de um teste com o mais elevado número de sujeitos até então reunido, e com resultados individuais tão bem assegurados referiram-se a indícios significantes de PC. Ao longo dos anos, indagou-se se grandes divisões da espécie humana, como grupos étnicos ou nacionais, mostrariam tendências diferentes. Essas diferenças não foram encontradas, até o momento em que se passou à análise dos resultados nos dois sexos, a mais pronunciada de todas neste

teste em massa. Não se trata de uma diferença na quantidade de PC, mas na maneira de responder à estrutura do teste, talvez dependente da idade dos jovens testados. O fato é que se ignora a causa da diferença.

26. PC com cartões IBM e hipnose – Ryzl e Balounova, 1968

Número reduzido de pesquisas realizou-se empregando cartões IBM para registrar tentativas precognitivas. Entretanto, o processo apresenta vantagens definidas pois permite o cálculo imediato por computador e facilita a subseqüente análise estatística.

Oportunidade de usar os cartões IBM apresentou-se a Milan Ryzl e Marie Balounova, em 1968, quando viajaram da Checoslováquia aos Estados Unidos, trazendo alguns dados de experimentos prévios que desejavam analisar por computador. A operação de transferir os dados dos registros comuns para os cartões IBM colocou os autores em contato direto com a técnica do computador pela primeira vez.

Delineou-se o problema: Seria possível demonstrar a PC, furando cartões IBM na máquina IBM de modo que os furos feitos pelos sujeitos coincidiriam mais tarde com os furos dos alvos?

Os autores decidiram usar este método para testar a clarividência e a PC, a fim de ver se alguma diferença se observava entre elas. O objetivo secundário foi verificar a influência da hipnose sobre a realização do sujeito.

O cartão IBM padrão compõe-se de 80 colunas de números, de 0 a 9. O cartão-alvo foi preparado, com 80 furos, um em cada coluna, e os autores, como sujeitos, furavam cartões IBM de modo a fazerem corresponder os seus ao cartão-alvo.

Robert Brier preparou o cartão-alvo para clarividência; furou-o depois de calcular a lista de números casuais e serviu como testemunha. Guardou também uma cópia deste cartão, como precaução contra futuras alterações. O cartão original, que serviria de alvo ao sujeito, foi selado em envelope opaco.

O cartão para PC foi colocado por Ryzl em envelope com janela transparente de modo a permanecer visível. Naturalmente, ainda não recebera os furos casuais. Os sujeitos prediziam quais os furos que mais tarde seriam feitos no cartão. Após o teste pelos sujeitos, a testemunha calcularia a lista dos 80 números aleatórios para furar o cartão-alvo.

Cada coluna no cartão IBM equivalia a uma tentativa, com a probabilidade de acerto de 1/10. Cada cartão compreendia 80 tentativas e, estas, uma série.

Nas sessões ímpares, 1, 3, 5, 7 e 9, Marie furava 10 cartões para testar sua clarividência e era então hipnotizada por Ryzl que lhe dava meras sugestões de acertar. Sob hipnose, Marie furava 10 cartões para clarividência e 10 para PC. Acordada, furava outros 10 para PC. Ao todo, ela furava 40 cartões. A seguir, Ryzl furava 10 para clarividência e 10 para PC — fazia a metade de Marie por não ter sido hipnotizado.

Nas sessões pares, 2, 4, 6, 8 e 10, invertia-se a ordem. Ryzl era o primeiro e furava 10 cartões para PC e 10 para clarividência. Marie, 10 para PC. Hipnotizada, 10 para PC e 10 para clarividência, de modo que os testes de clarividência não precederiam sempre os de PC, nem Marie seria sempre a primeira a começar a sessão. Seis diferentes condições foram definidas assim:

Marie: hipnose-PC; hipnose-Clariv.; vigília-PC; vigília-Clariv.

Ryzl: vigília-PC; vigília-Clariv.

Em cada condição, furaram-se 100 cartões, num total de 8.000 tentativas. Por fim, os autores duplicaram todos os cartões automaticamente na máquina IBM. Guardaram os originais e entregaram as cópias a Brier, com o cartão-alvo de clarividência. Assim, nem a testemunha nem os sujeitos poderiam criar fraudulentamente um alvo diferente para coincidir com as tentativas.

Antes que a testemunha tivesse tempo de examinar os cartões, ela calculou a lista de números casuais em presença dos autores e guardou uma cópia. Os autores então furavam aqueles números no cartão-alvo de PC, entregaram o original a Brier e guardaram uma cópia.

Tanto os sujeitos como a testemunha estavam de posse de todos os dados do experimento. As duas avaliações foram feitas

em separado, por computador. Os originais e as cópias deram, como era de se esperar, idênticos resultados.

Estes não foram significantes quando combinados os de ambos os sujeitos. Marie, porém, teve 184 acertos acima da média (P = 1.000 em 1). Em estado hipnótico, teve mais acertos que em vigília, e mais em PC que em clarividência, mas a diferença não foi significante. Pareceu aos autores que Marie podia demonstrar capacidade extra-sensorial, de PC ou de clarividência, em qualquer condição, acordada ou sob hipnose.

27. PC em ratos – Duval e Montredon, 1968

Pierre Duval e Evelyn Montredon são pseudônimos de dois cientistas franceses que, por razões profissionais, preferem conservar-se anônimos. O segredo, porém, é bem conhecido de todos os parapsicólogos. Indagado pelo dr. Rhine se ainda achava necessário manter o anonimato para escrever sobre Parapsicologia, durante um almoço no Instituto de Parapsicologia de Durham, em janeiro de 1971, o dr. Rémy Chauvin, professor de Sociologia Animal na Sorbonne, em Paris, respondeu: "Na França ainda precisamos escudos protetores como pseudônimos. Ninguém mais pode prejudicar-me nesta altura da vida, mas é fácil prejudicar a carreira universitária de meus alunos para punir seu professor".

Na ausência do dr. Chauvin e de seu colaborador, este experimento de Parapsicologia Animal foi apresentado no Instituto de Parapsicologia de Durham em dezembro de 1967.

Existem, ao longo do tempo, persistentes relatos de animais que viajam enormes distâncias em território desconhecido para encontrar seus donos ou lares. Pesquisadores fizeram estudos sobre a capacidade extra-sensorial do animal, como Elberfeld com cavalos, Bechterev com cães, Richmond com paramécios, Osis e Foster com gatos, Lindenlaub com gatos e ratos, Eisentraut com morcegos, Pratt com pombos e Heuser com sapos. Os dois cientistas franceses resolveram usar ratos por serem pequenos e fáceis de lidar. O estímulo necessário consistiu em um débil choque elétrico, e um aparelho foi construído para testar a possibilidade de o animal evitar o choque por "adivinhação" (PC) da área não eletrificada.

O equipamento experimental compreendia uma gaiola dividida ao meio por uma cerca baixa sobre a qual o rato podia saltar. O fundo da gaiola, nas duas metades, era formado por fios de cobre através dos quais passava a corrente elétrica. Dois fios permanentemente sob alta voltagem ligavam-se à cerca central. Um sistema de células fotoelétricas, projetores e espelhos foi disposto de modo a se conhecer a posição do animal em todos os momentos, conforme os raios luminosos fossem ou não interrompidos. Esta gaiola foi colocada sozinha em um aposento muito quieto, em temperatura adequada ao rato. Para diminuir a possibilidade de que o animal, por qualquer motivo, preferisse um lado particular, a gaiola foi colocada numa caixa à prova de som e de luz. Abriram-se, entretanto, alguns orifícios, nas paredes da gaiola e da caixa para a ventilação. Colocou-se o resto do equipamento em outra sala, separada da primeira por um amplo vestíbulo, duas portas e uma parede de 50 cm de espessura. Este equipamento compreendeu um seletor casual, um gerador elétrico de voltagem e duração ajustáveis, alguns aparelhos de gravação e dispositivos de segurança.

O seletor eletrônico era um multivibrador que escolhia, ao acaso, qual dos dois lados da gaiola receberia a corrente elétrica. Por meio de um segundo mecanismo, composto de relés e de contadores, o animal recebia uma corrente elétrica se estivesse na metade da gaiola escolhida pelo seletor; e não a recebia, se ali não estivesse. Cada metade da gaiola era varrida por raios de luz excitantes das células fotoelétricas, criando uma corrente que, amplificada, punha em funcionamento um relé. O relé e o seletor formavam um par — quando o seletor escolhia um lado da gaiola para o choque, tornava operante o relé desse lado. Este relé era ativado só quando o animal não se encontrava na metade escolhida, a corrente sendo então enviada a um dos contadores de emissão elétrica.

O uso de tal equipamento exigia naturalmente precauções experimentais. A exatidão dos resultados dependia da correta operação do sistema de projetores luminosos e de células fotoelétricas. Devia-se, por isso, ter certeza de que o animal não estaria em qualquer "ponto morto" da gaiola, isto é, em posição onde não interrompesse pelo menos um raio de luz. Isto tornou-se possível pelo uso de um espelho que duplicava cada raio de luz. Obviamente, assim que o animal recebia o choque num lado da gaiola, ele tendia a saltar para o outro lado a fim de escapar ao estímulo doloroso que durava, neste experimento, 5 segundos. Ao saltar, o animal restabelecia a passagem livre dos raios lumi-

nosos na metade abandonada da gaiola. O relé correspondente seria ativado e uma emissão elétrica seria registrada pelo contador de "ausência de choque" se não se tomasse cuidado. Se o animal subitamente saltasse para a parte eletrificada da gaiola produziria outra vibração registrada no contador de choques daquele lado. Nos dois casos, duas vibrações teriam sido registradas indicando que o rato recebera o choque e não o recebera! Para evitar isto, os experimentadores usaram relés ligados aos contadores de vibrações. Quando um contador funcionava, indicando que o animal estava ou não, naquele momento, na parte escolhida pelo seletor, era impossível ao outro contador funcionar.

O choque ou ausência de choque decidia-se em 1/100 de segundo, estivesse ou não o animal, nesse período de tempo, na parte eletrificada da gaiola. Se o rato nela estivesse, recebia o choque por 5 segundos no máximo, e o evento era registrado no contador correspondente. Se lá não estivesse, o contador de ausência de choque registrava-o, mesmo se no intervalo de 5 segundos ele saltasse para o lado eletrificado e recebesse o choque. O tempo de 1/100 de segundo, sendo curtíssimo quando comparado à rapidez de reflexos dos ratos, foi considerado o "tempo matemático"; e a probabilidade de choque em cada tentativa era de 1/2.

No fim de cada série de 100 tentativas, os contadores indicavam por exemplo, que o rato recebera o choque 28 vezes no lado esquerdo da gaiola, 20 vezes do lado direito; e não recebera choque 25 vezes no esquerdo e 27 no direito. Mas não indicavam as variações no comportamento do animal e do seletor de choque; por isso, um outro sistema registrador foi ligado aos contadores para conhecer a casualidade de escolha pelo seletor e se o animal, em cada tentativa, recebera ou não o choque. Um quinto contador marcava a totalidade das tentativas.

Numa janela do aparelho colocou-se uma lâmpada que se acendia quando o seletor casual era ativado, mas antes da corrente eletrificar a metade da gaiola. Sabia-se, assim, qual o lado que iria receber o choque. Evidentemente, o animal, na outra sala, não podia vê-la. Existia, porém a possibilidade (talvez remota) de o animal conhecê-lo por clarividência, ou por telepatia (comunicação extra-sensorial do rato com o experimentador).

Cada série compreendeu de 100 a 140 tentativas. Quatro estiletes inscreviam uma linha num papel de parafina cada vez que recebiam um impulso elétrico. O primeiro estilete mostrava

se o seletor havia escolhido o lado esquerdo. O segundo estilete, se o rato estava lá no momento da tentativa. O terceiro, se o rato estava no lado direito quando este era eletrificado. O quarto, se o seletor escolhera o lado direito.

Estatisticamente o número de choques e de não-choques devia ser igual, já que a probabilidade era de 1/2. Na maioria dos casos, o animal comportou-se de forma puramente mecânica: permanecia no lado da gaiola até receber o choque, quando saltava para o outro lado até que novo choque o levasse a pular. Pela mera comparação do número de choques e não-choques, nenhum efeito significante de PC pôde ser detectado.

Tornava-se, pois, necessário, isolar dos pulos mecânicos, as respostas que não podiam ser puramente mecânicas nem facilmente explicáveis pelas leis convencionais da fisiologia. A análise dos registros mostrou 3 diferentes espécies de respostas: mecânicas, estáticas e casuais.

O *comportamento mecânico* resumiu-se em escapar do choque, pulando para o outro lado, quando aquele em que o rato estava era eletrificado.

No *comportamento estático*, o animal permaneceu no mesmo lado da gaiola, ou porque não sentiu a corrente elétrica, ou porque estava muito assustado ou muito cansado para pular.

Na área do *comportamento casual* é que se puderam verificar padrões de percepção precognitiva. Ocorreram em uma das duas seguintes condições:

a. O animal não recebeu o choque no lado direito porque lá não estava. Recebeu o segundo choque porque lá estava. Voltou ao lado esquerdo devido ao choque recebido no direito e pulou novamente para o direito a fim de receber outro choque.

Lado direito 4 choques sucessivos	Lado esquerdo Posição do animal
1.º choque	rato à esquerda
rato pula para a direita ←	
2.º choque →	rato foge para a esquerda
rato pula para a direita ←	
3.º choque	

Comportamento casual negativo
— procura o choque em vez de evitá-lo —

Estando à esquerda, sem receber choque, não havia motivo para saltar a fim de receber o choque na direita duas vezes. Foi devido a um susto por ouvir barulho? Sentiu necessidade de exercício? Qualquer que seja a resposta, seu comportamento não foi mecânico, nem estático. Foi chamado de "comportamento casual negativo" — o de quem procura o choque em vez de evitá-lo.

b. O animal não foi apanhado pelo choque nas duas primeiras tentativas. Entretanto, saltou e evitou assim o choque da terceira tentativa. Mesmo sem receber choque, saltou mais uma vez e evitou o quarto choque.

Lado direito 3 choques	Lado esquerdo Situação do animal
1.º choque	rato à esquerda
2.º choque	rato à esquerda
ausência de choque rato salta para a direita ←	
	→ rato pula para a esquerda
3.º choque	

Comportamento casual positivo.

PC — o animal prevê e evita o 3.º choque.

Foram testados 3 ratos selvagens e 1 doméstico. Cada animal realizou 25 séries, cada uma compreendendo de 100 a 140 tentativas.

No cálculo dos resultados só o comportamento casual foi considerado. De 612 tentativas, esperavam-se 306 com recepção de choque, média casual. Entretanto, o cômputo final acusou:

TABELA 20. PRECOGNIÇÃO E CHOQUE ELÉTRICO EM RATOS

Rato	N.º de respostas casuais	Acertos (evitou o choque)	Acertos acima da média
Selvagem n.º 1	222	122	11
Selvagem n.º 2	167	99	15,5
Selvagem n.º 3	131	86	20,5
Doméstico	92	52	6
	612	359	53.0

Duval e Montredon, 1968

Quando as RCs individuais para cada rato foram elevadas ao quadrado e somadas, deram um $X^2 = 22.45$ (4 graus de liberdade) e uma probabilidade inferior a .001. Este resultado significante pode ser atribuído a PC pois os animais devem tê-la usado (ou clarividência) para fazer as escolhas corretas.

Em cada série, o aparelho com o rato permanecia em sala fechada, operando automaticamente, sem a presença do experimentador, a influência deste tendo sido excluída. Nada, no aparelho, permitiu explicar o número maior de respostas positivas. O resultado só pode ser atribuído à PES do rato. Tarefa muito difícil, porém, será estudar a natureza da PC animal concluíram os autores, em 1968, ao redigir o relato de sua investigação para a Revista de Parapsicologia, de Durham.

Três anos mais tarde, no almoço em Durham, já mencionado, o dr. Rémy Chauvin declarou: "Se pudermos realmente estabelecer que só o animal está implicado na PES (e não o experimentador), penso que um enorme progresso será possível. Se for apenas uma questão de trabalho de rotina — por exemplo, determinar que área do cérebro está envolvida na recepção ou emissão extra-sensorial — poder-se-á facilmente descobri-la, por cauterizações seletivas. E, uma vez que o próprio homem é um mamífero, a parte homóloga de seu cérebro é provavelmente o receptor e transmissor de psi. Mas isto terá de ser feito primeiramente em ratos".

O experimento de Chauvin ganhou o prêmio McDougall como importante contribuição científica. Foi a primeira pesquisa de PC realizada com uma espécie animal, ainda não submetida a estes testes. Foi a primeira a ocorrer em completa automação, a eliminar a PES da parte do experimentador. Foi a primeira a introduzir uma técnica capaz de selecionar o comportamento casual, excluindo as tentativas em que a PC obviamente não estaria operando.

Ainda PC em ratos
Montredon e Robinson, 1969

Testados individualmente em sua capacidade precognitiva de evitar o eletrochoque, 10 ratos obtiveram resultados não-casuais, significantes. Cada um foi testado 100 vezes perfazendo, de cada vez, 150 tentativas.

Em 8.314 tentativas não-mecânicas e não-estáticas, os animais tiveram um desvio positivo de 235 acertos ($P < .001$).

Notou-se um declínio, insignificante, sinal de que os ratos não estavam demonstrando um efeito de aprendizagem em suas séries diárias.

28. PC e sexo - Freeman, 1970

Em testes anteriores de PC, o autor estudara a diferença de resultados entre os sexos, descobrindo que as meninas obtinham marcações acima da média com certos tipos de alvos e os meninos, com os mesmos alvos, marcações abaixo da média. Estes resultados se invertiam ao mudar o tipo de alvos.

O 1.º caderno de testes usado pelo autor apresentava 30 tentativas em cada uma de suas 6 páginas e destinava-se a crianças de jardim de infância e a classes do primário. Chamava-se "Adivinhe qual deles". Os alvos eram 5 figuras em cada linha, às vezes todas diferentes e, outras vezes, a mesma em 5 repetições. A diferença entre os sexos surgiu quando se verificou que as meninas tinham resultados mais altos nas escolhas com a mesma figura, e os meninos, ao escolherem entre figuras diferentes.

O 2.º caderno continha 6 páginas num total de 60 tentativas, com símbolos em algumas páginas e palavras em outras, repetidas ou não. As meninas foram melhor nas carreiras de símbolos "diferentes" e palavras "iguais"; os meninos fizeram o contrário.

O 3.º caderno, de 10 páginas, semelhante ao anterior, deu os mesmos resultados gerais. Mas, além do teste, dois subtestes — um, de Raciocínio Verbal e outro de Relações Espaciais — foram aplicados. Como as meninas tendem a ser melhores em itens verbais dos testes de inteligência, e os meninos em itens espaciais, o autor usou a média para cada sexo como divisor para classificar os sujeitos em Espacial Alto ou Espacial Baixo, e Verbal Alto ou Verbal Baixo. As meninas do grupo Espacial Alto tiveram resultados equiparáveis aos do grupo masculino, enquanto os meninos do grupo Espacial Baixo alcançaram marcações comparáveis ao grupo feminino, confirmando as expectativas.

O 4.º caderno, de 12 páginas e 60 tentativas, chamou-se Teste Freeman de Formas Geométricas e de Figuras. Destinou-se

a investigar se os símbolos extra-sensoriais eram substituíveis por figuras geométricas, e se as palavras eram substituíveis por figuras de objetos familiares. O caderno tinha 3 páginas com 5 diferentes formas geométricas em cada carreira, 3 com a mesma forma repetida 5 vezes, 3 com 5 diferentes figuras de objetos em cada linha, e 3 com a mesma figura repetida em cada carreira. Cada linha ou carreira representava uma tentativa.

Freeman esperava que as meninas tivessem resultados de PC acima da média em páginas de diferentes formas geométricas e de figuras idênticas, ao passo que os meninos fariam o inverso.

Em 1969, uma professora de ginásio convidou o autor para uma palestra de meia hora aos seus alunos, sobre PES, e lhe deu liberdade para aplicar os testes a seguir. Entre a palestra e os testes, o autor permitiu aos estudantes formularem perguntas de resposta imediata. Ao fim dos testes, a professora solicitou mais impressos a fim de prosseguir a pesquisa com uma segunda classe que teria mais tarde naquele dia. A avaliação foi feita em separado, determinando-se para cada aluno uma ordem diferente de alvos.

Na primeira classe havia 13 meninas e 12 meninos; na segunda, 15 meninas e 13 meninos. Conforme as predições do autor, os dois sexos nas duas classes apresentaram as marcações esperadas:

1. Resultados positivos de PC foram encontrados entre Meninas (formas geométricas diferentes e figuras idênticas) e Meninos (o reverso).
2. Resultados negativos de PC foram obtidos por Meninas (formas geométricas iguais e figuras diferentes) e por Meninos (o inverso).
3. A análise da RC diferencial entre os dois tipos de testes, para saber se os sujeitos individualmente distinguiam entre os dois tipos de alvos, deu um quiquadrado igual a 51.14 (28 g. l.) e P = .005, indicativos de que a distinção se fez significativamente.
4. Enquanto na primeira classe, a diferença entre resultados preditos de PC, positivos e negativos, alcançou uma P = .045, na segunda a diferença não foi significante.
5. Meninas de alta classificação no Teste de Relações Espaciais tiveram resultados de PC semelhantes ao do grupo masculino.
6. Meninos classificados como Baixos no mesmo teste tiveram marcações de PC semelhantes às do grupo feminino.

7. Enquanto na primeira classe, a diferença entre os dois sexos nos testes de PC e de Relações Espaciais foi significante ($P = .041$), na segunda foi insignificante.
8. Nas duas classes, meninas com Q.I. Espacial mais alto que o Verbal tiveram resultados de PC semelhantes aos dos meninos; e meninos com Q.I. Verbal mais alto que o Espacial marcaram como as meninas. A diferença entre os sexos deu uma $P = .005$ na primeira classe e $P = .017$ na segunda.

QUADRO 21. PRECOGNIÇÃO E DIFERENÇA ENTRE OS SEXOS

PC acima da média (+)	PC abaixo da média (−)
Meninas	**Meninas**
formas geométricas $\neq s$	formas geométrica $= s$
e figuras $= s$	e figuras $\neq s$
←—— Meninos ——→	
Relações Espaciais: baixo	
Raciocínio : baixo	
Q. I. Verbal : alto	
Meninos	**Meninos**
formas geométricas $= s$	formas geométricas $\neq s$
e figuras $\neq s$	e figuras $= s$
←—— Meninas ——→	
Relações Espaciais: alto	
Raciocínio : alto	
Q. I. Verbal : baixo	

Freeman, 1970

29. PC, atitude para com a PC, estados de ânimo e introversão-extroversão — Nielsen, 1970

Vários autores estudaram as relações entre estados de ânimo e fenômenos parapsicológicos. A dra. Nielsen iniciou o presente estudo dez anos antes de publicá-lo; era então estudante de psicologia e pouco se fizera neste particular, sendo-lhe por isso, necessário, criar uma escala de testes antes de começar a pesquisa.

A autora raciocinou que os estados de ânimo se expressavam melhor pelos sentimentos relativos ao bem-estar físico, à estimulação mental e à qualidade e intensidade da vida emocional. Combinando as classificações dos indivíduos nas 3 escalas, achou uma estimativa sensível e de confiança para os estados de ânimo. Conservando-as separadas, sempre podia observar com qual das 3 o fenômeno precognitivo melhor se relacionava.

Solicitou a cada sujeito que completasse um bloco de 100 séries de adivinhações do baralho-padrão, em diferentes dias, de modo a medir uma amplitude maior de estados de ânimo. Os resultados precognitivos gerais tendiam a aumentar quando as auto-classificações dos estados de ânimo moviam-se para os extremos das 3 escalas. Esta descoberta, sugeria uma relação positiva entre o resultado em PC e a intensidade dos estados de ânimo.

Uma análise mais detalhada revelou, porém, que alguns indivíduos realizavam testes de PC com elevados marcações quando se auto-classificavam nos extremos das 3 escalas, fossem estados prazenteiros ou desagradáveis, enquanto outros o faziam quando se encontravam em estados moderadamente agradáveis. Pareceu, assim, à autora que o relacionamento entre PC e estados de ânimo era diferente para diferentes pessoas, e que a tentativa de definir essa relação teria de levar em conta essas diferenças.

Diversos Testes de Personalidade foram aplicados àqueles sujeitos do primeiro experimento com os quais ainda era possível trabalhar, e o teste que melhor pareceu satisfazer os padrões em estudo foi o B31-s, isto é, uma forma abreviada da Escala de Introversão do Inventário de Personalidade de Bernreuter. Este teste mostrou que os sujeitos auto-classificados em estados de ânimo não-extremos e que tiveram elevados resultados de PC foram claramente os mais extrovertidos em termos da Escala de Bernreuter.

Em testes exploratórios posteriores, não-publicados, com 19 outras pessoas, quase todas universitários de Duke, a Escala de Bernreuter e as Escalas de Estado de Ânimo foram aplicadas, procurando aperfeiçoar a redação destas. Cada sujeito realizou 10 sessões de testes de PC nos momentos de sua própria escolha, assinalando seus estados de ânimo. Cada sessão compreendia 5 séries de 25 cartas do baralho-padrão.

Acolhendo uma sugestão do dr. G. L. Mangan, os sujeitos cujos resultados na Escala de Bernreuter colocaram-nos entre os 30% mais altos e mais baixos, foram designados, respectivamente, de introvertidos e extrovertidos, e os 40% restantes considerados intermediários.

Analisados os resultados dos testes de PC em correspondência com os grupos de personalidade e os estados de ânimo, os introvertidos e os intermediários assinalaram estados de ânimo extremos e resultados altos de PC. Os extrovertidos, em estados extremamente agradáveis, tiveram resultados negativos; e positivos, em estados extremamente desagradáveis.

Assim, todos os três grupos de personalidade marcaram resultados positivos de PC quando em estados extremamente desagradáveis, sendo o desvio dos três, significante.

As duas hipóteses testadas no estudo de 1970 foram:

1.º introvertidos e intermediários
estados de ânimo extremos
resultados de PC mais altos

2.º todos os grupos de personalidade
estados de ânimo extremamente desagradáveis
resultados positivos de PC

Os sujeitos teriam de ser classificados antes, segundo sua crença e interesse na PC, e as hipóteses acima seriam testadas somente com as "ovelhas" interessadas.

No primeiro estudo, os estados de ânimo mais agradáveis foram fator importante para os extrovertidos; no segundo, os extrovertidos tiveram marcações negativas em estados extremamente agradáveis, e positivas em estados extremamente desagradáveis. Essa contradição não levava a ter muita confiança na auto-classificação dos extrovertidos, talvez porque estes dão menos atenção a estados subjetivos e não sabem avaliá-los, ou por seu preconceito contra emoções extremadas, ou ambos os motivos.

Decidiu a autora, por isso, que cada sujeito realizaria pelo menos uma sessão em cada tipo de estado de ânimo extremo, e se não o fizesse, a marcação composta mais próxima seria selecionada como a daquele sujeito naquelas condições de ânimo. O Inventário de Personalidade de Bernreuter seria aplicado na íntegra a cada sujeito.

Nielsen pediu a estudantes veteranos da Universidade da Flórida que participassem da pesquisa e que levassem o material necessário para completar todos os testes em casa, inclusive material extra para oferecer a parentes ou amigos desejosos de cooperar.

Num grande envelope, para cada sujeito, a experimentadora reuniu: 24 impressos padronizados para os testes de PC e uma folha de carbono; uma cópia das 3 escalas de Estados de ânimo; 1 cópia do Inventário de Personalidade de Bernreuter; a Escala de Introversão na forma abreviada; 1 questionário de atitudes; instruções para uso de todo o material; 1 texto breve sobre a importância da pesquisa precognitiva; e, para devolução dos dados, dois grandes envelopes pré-endereçados à sua supervisora.

Em 3 semanas, os sujeitos deviam completar 12 sessões de testes, de aproximadamente cinco minutos cada. Não deviam fazer os testes de PC quando estivessem doentes, mas de preferência quando sentissem alterações em seus estados de ânimo.

Eis a redação final das 3 Escalas de Estados de Ânimo:

A. Escala Física

1. Extremamente bem -- muita energia
2. Agradável sensação de bem-estar
3. Nenhum sentimento desagradável ou agradável
4. Cansado
5. Exausto
6. Desagradavelmente excitado e nervoso

B. Escala Emocional

1. Invulgarmente feliz — animação
2. Invulgarmente feliz — calma, paz
3. Moderadamente feliz
4. Nem feliz nem infeliz
5. Moderadamente infeliz — pequenas preocupações e irritações
6. Invulgarmente ansioso
7. Zangado com tudo e com todos
8. Invulgarmente triste e deprimido

C. Escala Mental

1. Animação, alegria — muitas idéias
2. Mais alerta que o comum
3. Nível costumeiro de eficiência
4. Menos alerta que o comum
5. Incapaz de concentrar-se — aborrecido e cansado
6. Incapaz de concentrar-se — excitado, nervoso

As 3 Escalas de Estados de Ânimo davam um resultado composto que era então situado em uma das 4 categorias: Extremamente Desagradável, Moderadamente Desagradável, Moderadamente Agradável, Extremamente Agradável. Bastava uma auto-classificação Extrema em qualquer das 3 Escalas para definir essa categoria.

Quanto aos testes de PC, as instruções sugeriam que o impulso, e não o raciocínio, devia guiar os sujeitos; que a PC, processo delicado, ocorre no inconsciente, e não devia ser forçado; nem os sujeitos deviam adotar qualquer padrão ou sistema de adivinhação.

Antes de remeter os dados de PC, os sujeitos deviam preencher os questionários de atitude e os inventários de personalidade, para que a dra. Nielsen os classificasse antes de conhecer-lhes a capacidade precognitiva.

Os números ao acaso para avaliação dos testes de PC foram determinados pelo processo usual do Laboratório de Parapsicologia de Durham; e a avaliação, sempre feita abrindo-se pela primeira vez os envelopes devolvidos em presença da supervisora. Todos os cálculos foram refeitos pelo dr. Pratt, estatístico do mesmo Laboratório.

Apesar de 33 sujeitos terem-se candidatado aos testes, só 18 devolveram os questionários e só 14 completaram os testes de PC. Destes 14, 12 eram universitários, a maior parte estudantes de psicologia. Entre eles verificaram-se 10 "ovelhas" e 4 "receptivos não comprometidos". Só 13 estavam interessados em PC, de modo que o 14.º, secretária de um departamento, foi excluída da análise. No total, portanto, 9 "ovelhas" incluíam 2 introvertidos, 2 intermediários e 5 extrovertidos; e os 4 receptivos, 1 introvertido e 3 extrovertidos. Devido ao pequeno número de intermediários, 2 apenas, o sujeito intermediário com o mais alto resultado foi situado no grupo dos introvertidos, e aquele com o mais baixo no grupo dos extrovertidos.

Os resultados gerais, após a complicada análise de todas as variáveis, revelaram que:

1. Os Introvertidos selecionam auto-classificações nas Escolas de Ânimo com maior discernimento e coerência que os Extrovertidos.

2. As "ovelhas" introvertidas obtiveram resultados de PC positivos nos estados de ânimo extremos, e negativos em moderados (resultado esperado). A diferença foi significante: RC = 2.65, $P < .005$.

3. As "ovelhas", como grupo, tiveram marcações positivas nos estados de ânimo extremamente desagradáveis (resultado esperado). RC = 2.60.

4. As "ovelhas" extrovertidas, resultados positivos em todos os estados de ânimo, exceto em moderadamente desagradáveis, onde marcaram casualmente.

5. As "ovelhas", como grupo, tiveram resultados mais altos nos estados extremos que nos moderados.

6. Introvertidos tiveram resultados mais altos (não significantes) que Extrovertidos em estados de ânimo extremos.

7. Extrovertidos, resultados mais altos (não significantes) que Introvertidos em estados moderados.

8. A diferença entre Introvertidos e Extrovertidos foi insignificante.

9. Receptivos não comprometidos marcaram negativamente nos estados extremos e casualmente nos moderados. A diferença entre receptivos e "ovelhas" foi significante (RC = 2.90, $P < .005$).

10. Estados de ânimo extremos parecem relacionar-se significantemente com a PC.

QUADRO 22. PRECOGNIÇÃO, ATITUDE, ESTADOS DE ÂNIMO E INTROVERSÃO-EXTROVERSÃO

Resultados de PC	Estados de Ânimo: Desagradável — Extremo	Desagradável — Moderado	Agradável — Moderado	Agradável — Extremo
positivos negativos casuais	ovelhas Extro (PC+) ovelhas Intro (PC+) receptivos (PC−)	ovelhas Extro (PC casual)	ovelhas Extro (PC+) ovelhas Intro (PC casual) receptivos (PC casual)	ovelhas Extro (PC+) ovelhas Intro (PC−) receptivos (PC−)
mais altos	Intro		Extro	Intro
significantes RC = 2.60 RC_d = 2.65 (ext-mod)	ovelhas ovelhas Intro			ovelhas ovelhas Intro

Nielsen, 1970

Por seus estudos da Teoria da Personalidade, de Eysenck, especialmente quanto à relação por ele postulada entre introversão-extroversão de um lado, e sintomas neuróticos de outro, a dra. Nielsen procurou explicar os resultados diferenciais obtidos. Devido a diferenças de base biológica em potencial inibitório, introvertidos e extrovertidos diferem em suas reações em caso de mau ajustamento. O introvertido neurótico é tipicamente sensível a sentimentos de ansiedade e agudamente cônscio deles, enquanto o extrovertido neurótico tende à progressiva repressão da ansiedade.

Concluiu a experimentadora que estados de alta ativação emocional são condições favoráveis à PC para os introvertidos ansiosos ou não, e para os extrovertidos bem ajustados, os que não inibem a sua ansiedade.

30. PC, estados de ânimo e neurose – Nielsen, 1970

Os sujeitos deste estudo de PC pertenciam a uma classe universitária de Psicologia Social.

Utilizou-se um método que permitia a todos os sujeitos do grupo fazer adivinhações de um alvo coletivo para confrontá-las com os resultados dos mesmos sujeitos em seqüências de alvos individuais (casuais para cada sujeito em separado, na forma usual). Além de 75 tentativas de PC, cada sujeito respondeu ao Inventário de Personalidade de Eysenck e a uma Escala de Estado de Ânimo no momento do teste, cujas respostas foram levadas em consideração ao analisar as diferenças entre os resultados precognitivos referentes ao alvo coletivo e os referentes aos alvos individuais. Seguem-se os resultados:

1.º Os sujeitos acima da média em traços neuróticos tiveram resultados precognitivos positivos totais (coletivo mais individual) quando em estados de ânimo extremos; e marcações negativas totais em estados de ânimo moderados, com uma diferença significante entre os dois (P = .014). Para os sujeitos abaixo da média em traços neuróticos, o reverso sucedeu (P = .017). A avaliação desta interação pela soma dos qui-quadrados deu P ≅ .005.

2.º Em estados de ânimo extremos, o resultado diferencial significante dos grupos abaixo e acima da média em traços neuróticos recaiu no alvo coletivo ($P < .002$); enquanto em estados moderados, recaiu nos alvos individuais ($P < .008$). Assim o efeito de interação notado acima foi produzido por resultados no alvo coletivo e em estados de ânimo extremo, e pelos resultados em alvos individuais em estados de ânimo moderados.

Os introvertidos contribuíram mais marcantemente para os resultados que os extrovertidos.

QUADRO 23. PRECOGNIÇÃO, ESTADOS DE ÂNIMO E NEUROSE

Traços de Personalidade (Eysenck)	Estados de Ânimo (escala)	PC (grupo e indiv.)	P
+ neuróticos	extremos	+	≠ .014
	moderados		
− neuróticos	extremos		≠ .017
	moderados	+	

Nielsen, 1970

interação $P \cong .005$			
	extremos	+ neuróticos − neuróticos	≠ alvo coletivo $p = .002$
	moderados	ambos os grupos	≠ alvos individuais $P = .008$

31. PC e criatividade – Nielsen, 1970

Em estudo da dra. Nielsen para explorar a relação entre PC e criatividade, esta foi definida pela Revisão da Escala de Arte, de Welsh.

Os sujeitos, 40 estudantes secundários bem-dotados, revelaram se gostavam ou não das 60 figuras do teste, marcando "gosto" ou "não-gosto" em impressos especiais onde havia 5

espaços em cada linha para a colocação de cada resposta; outros impressos traziam só 2 espaços.

As respostas de apreciação, "gosto" e "não-gosto" deram a classificação de cada aluno em criatividade; e a escolha do espaço correto para essa resposta foi a tarefa de PC.

A metade dos alunos recebeu as folhas com 5 espaços ($p = 1/5$) e a outra metade as folhas com 2 espaços ($p = 1/2$). A experimentadora aplicou também a Escola de Estados de Ânimo e o Inventário de Personalidade de Eysenck.

Nielsen não encontrou relação clara entre criatividade e PC. Houve, entretanto, marcação diferencial significante em relação ao alvo precognitivo e ao tipo de resposta apreciativa: quando a resposta do sujeito era criativa ("gosto", concordando com a Escala de Arte), a tentativa de PC correspondente era um acerto se o valor probabilístico era de 1/5; e um erro se de 1/2; o contrário se deu com as respostas não-criativas.

Combinando as RCs da diferença entre as respostas criativas e não-criativas para os dois valores probabilísticos, o quiquadrado atingiu significância ($P < .01$).

Quando se considerou o estado de ânimo e a introversão-extroversão, o quiquadrado também atingiu significância ($P = .001$), as maiores contribuições provindo das tarefas com 5 escolhas; e para ambas as taferas, de sujeitos em estados de ânimo mais fortes que o comum.

Os resultados sugeriram que a tarefa de 1 entre 5 escolhas pode produzir efeitos diferenciais mais significantes que a de 1 entre 2 escolhas.

32. PC e liderança – Mihalasky, 1970

Sob a direção de Mihalasky, da Faculdade de Engenharia de Newark, testes de PC foram realizados por 15 grupos mistos, de homens e mulheres. Designaram-se alguns desses grupos como dominados por homens (uma reunião do Instituto de Engenharia), outros como dominados por mulheres (um encontro da Associação de Pais e Mestres), ou livres de dominância (um grupo de conselheiros em tarefa de orientação). Estas designações basearam-se na liderança do grupo, e não no número ou sexo dos componentes.

Os sujeitos nesses grupos foram classificados como "lebres" (personalidades dinâmicas) ou "tartarugas" (não-dinâmicas), segundo as suas respostas a um questionário simples.

Com base em trabalho anterior, Mihalasky predisse que entre os sujeitos do sexo dominante no grupo, as "lebres" obteriam resultados mais altos que as "tartarugas"; e entre os do sexo dominado no grupo, as "tartarugas" teriam resultados mais altos que as "lebres". Nos grupos livres de dominância, as "lebres" em cada sexo realizariam testes melhor que as "tartarugas".

Na aplicação do teste de PC, cada sujeito predisse um número até 100, furando um cartão IBM. Mais tarde, um computador forneceu um alvo diferente para cada sujeito e calculou o número de acertos.

Os resultados confirmaram as predições para o sexo dominante em 12 dos 15 grupos ($X^2 = 5.4$ e $P = .02$).

O conceito de dominância sexual teve apoio em observações prévias de que, em grupos de um único sexo, as "lebres" ultrapassariam as "tartarugas". De 18 grupos de um único sexo, testados entre 1965 a 1970, 16 confirmaram a hipótese ($P = .001$).

QUADRO 24. PRECOGNIÇÃO, PERSONALIDADE E DOMINÂNCIA SEXUAL

Sexo líder no grupo	Personalidade	PC
um só sexo	lebre: dinâmica	mais alto
dominante	lebre: dinâmica	mais alto
dois sem dominância	lebre: dinâmica	mais alto
dominado	tartaruga: não-dinâmica	mais alto

Mihalasky, 1970

33. Sonhos precognitivos experimentais – Krippner e outros, 1970-71

Malcolm Bessent, um "sensitivo" inglês com experiência de PC espontânea, foi selecionado como sujeito de um estudo

abrangendo oito noites. Empregaram-se técnicas eletrofisiológicas padronizadas para detectar o rápido movimento dos olhos (REM) durante o sono. Um dos pesquisadores permanecia numa sala separada, acusticamente isolada, a noite inteira.

Uma vez coligados os sonhos do sujeito durante a noite e terminada a entrevista após o sono, um experimentador selecionava ao acaso um envelope fechado contendo o número de uma página do livro de Hall e Van de Castle "A Análise do Conteúdo dos Sonhos". Outro experimentador selecionava ao acaso um segundo número. Ambos os números eram apresentados àquele pesquisador que nenhum contacto tivera com o sujeito. Localizando a página no livro, o pesquisador tomava nota do tipo de conteúdo especificado pelo segundo número. Usando este item como "palavra-chave", selecionava uma gravura artística (de um grupo de várias centenas) representativa dessa palavra. Além disso, criava um ambiente multi-sensorial em torno da palavra, usando artigos estimuladores dos sentidos visual, auditivo, gustativo, olfativo e táctilkinestésico. Este pesquisador redigia uma descrição do ambiente criado e apresentava-a a um escrivão assistente que tirava diversas cópias da descrição para referência futura.

O sujeito era trazido então pelo experimentador e passava a sentir e experimentar esse ambiente multi-sensorial especialmente construído.

Para determinar se o sujeito tivera sonhos precognitivos sobre sua experiência posterior com o ambiente multi-sensorial, três juízes, não pertencentes ao Departamento de Psiquiatria do Maimonides Medical Center, de Brooklin, N. York, onde se realizou o experimento, trabalhando às cegas (isto é, sem conhecer datas de sonhos e datas de ambientes) e independentemente, classificaram as correspondências entre o protocolo de cada sonho e as descrições feitas pelo pesquisador que decorou o ambiente. Submeteram-se as médias das classificações dos juízes ao tratamento binomial. Das 8 noites, 5 foram de sonhos precognitivos com o ambiente da noite seguinte: 5 acertos diretos ($RC = 3.74$, $P = .0002$).

O segundo experimento realizado com Bessent durou 16 noites.

Organizou-se um grupo de alvos compreendendo 10 seqüências de slides e sons. Nas noites ímpares, instruía-se o sujeito a sonhar com o alvo que seria escolhido ao acaso na noite seguinte. Nas noites pares, procedia-se a essa seleção casual. O sujeito assistia à projeção dos slides e ouvia a fita sonora

gravada para o acompanhamento, na noite par e pedia-se a ele que tentasse sonhar com o material-alvo nessa mesma noite.

Três juízes não pertencentes ao Centro Médico, trabalhando às cegas e independentemente, assistiram às oito seqüências de slides sonoros sorteados para uso nas oito noites. Leram também os 16 protocolos de sonhos, classificaram os protocolos de sonhos em relação aos 8 alvos, num total de 128 pareamentos. Quando se examinaram as noites ímpares (isto é, as de PC), descobriu-se que haviam recebido classificações mais altas que quaisquer outros pares para aquele alvo, em 5 dos 8 casos ($P = .001$. Quando as oito noites pares (isto é, as de pós-experiência) foram examinadas, constatou-se que não haviam recebido classificações mais altas do que quaisquer pareamentos para aquele alvo. A análise da variância deu resultados significativos para as noites pares ($P = .005$).

34. PC e ritmo alfa – Stanford, 1970-71

Trinta moços universitários participaram de um experimento realizado pelo dr. Stanford da Universidade de Virgínia, no qual a atividade EEG foi medida durante o período curto (de 2.5 a 5 minutos) de pré-teste e durante o período de teste. O período de relaxação do pré-teste foi conduzido de modo a assegurar uma leitura da linha básica da atividade alfa. A seguir os sujeitos completaram duas séries de testes de PC usando os símbolos do baralho-padrão.

A freqüência dos ritmos alfa registrados durante o período de pré-teste alcançou a correlação negativa de 0.41 com a totalidade dos resultados precognitivos ($P < .04$ bicaudal). A freqüência das ondas alfa teve correlação não significante negativa 0.16 com a totalidade dos resultados do teste.

A mudança da freqüência alfa, do período de pré-teste ao período de teste teve correlação postiva 0.15 com a totalidade dos resultados da PC ($P < .01$ bicaudal). Este último dado sugere que um nível ótimo de alerta existe para a realização precognitiva, pois os sujeitos que estiveram em estado de relaxação antes do teste, mas que, de certo modo, ficaram alertas durante o teste, atingiram realização melhor.

Os resultados nas séries de PC também se correlacionaram significativamente ($P < .04$ bicaudal) com a porcentagem de tempo em que o ritmo alfa persistiu no registro.

Estas correlações, todavia, foram consideradas inconclusivas devido às dificuldades encontradas no método de mensuração das porcentagens alfa.

Sob a direção do mesmo experimentador, quarenta moços universitários em 1971, realizaram, cada um, duas séries de testes de PC com os símbolos do baralho-padrão. Cada um deitou-se de olhos fechados, em uma cama num quarto escuro, e fez suas adivinhações em voz alta. Durante três minutos anteriores ao teste e durante todo o período experimental procedeu-se ao registro EEG monopolar do ocipital direito.

Compararam-se, cegamente, os registros EEG com os resultados da PC, e vice-versa. Mediu-se a atividade alfa visualmente discernível nos registros EEG de acordo com sua duração, e contaram-se os picos. Calculou-se a freqüência alfa média (em Hz) para um dado período (por exemplo, o período pré-teste).

Um experimento prévio — metodologicamente igual a este estudo — mostrara a correlação negativa significante entre as freqüências alfa no pré-teste e os resultados extra-sensoriais; e uma correlação positiva altamente significante entre a mudança direcional de freqüência alfa (do pré-teste ao teste) e os resultados extra-sensoriais.

No estudo de 1971, a freqüência alfa do pré-teste deixou de correlacionar-se significantemente com os resultados extra-sensoriais. A mudança direcional na freqüência alfa do pré-teste ao teste correlacionou-se novamente, positiva e significantemente, com os resultados da PC ($P < .01$ unicaudal).

35. PC e sugestionabilidade – Stanford, 1972

O autor relata dois estudos nos quais cada sujeito foi testado em sua capacidade de predizer futuras seqüências de símbolos geométricos usando dois métodos de predição: o processo padronizado de adivinhar símbolos mencionando-os verbalmente, e o método do lance de um único dado certo número de vezes para predizer a seqüência de figuras geométricas.

Nos dois estudos a sugestionabilidade dos sujeitos foi medida pela Escala de Barber. Levantou-se a hipótese de que a tarefa precognitiva interagiria com a sugestionabilidade, de tal forma que os indivíduos altamente sugestionáveis realizariam melhor a tarefa com o lance de dados, e os infra-sugestionáveis realizariam melhor a padronizada, a de menção verbal dos símbolos.

Os resultados nos dois estudos confirmaram a interação, mas a direção dessa interação foi oposta à esperada.

No primeiro experimento (30 indivíduos), a interação foi significante ($P < .02$). No segundo experimento (40 indivíduos), evidenciou-se a mesma tendência, mas a interação foi insignificante: ($P < .13$). A combinação dos dois resultados atingiu significância ($P < .008$).

Os sujeitos hipersugestionáveis alcançaram resultados significantemente mais altos na tarefa de predição verbal dos símbolos, enquanto os infra-sugestionáveis o fizeram nas predições com o jogo de dados.

36. PC durante a viagem à Lua – Mitchell, 1971

O dr. Edgar Mitchell, astronauta da NASA e capitão da Marinha norte-americana, membro tripulante da Apolo 14 em missão lunar, fez arranjos prévios ao vôo espacial, para um curto experimento de PES, "não-oficial", a ser realizado durante a sua viagem. Foi o primeiro experimento em que as cartas-alvos estavam no espaço exterior e os sujeitos em terra.

Mitchell interessava-se pelo assunto há vários anos, mas sua decisão, tomada às vésperas da partida, não permitiu um planejamento elaborado. Pretendia conservar o experimento em nível modesto e puramente particular, sem publicidade, por isso não pediu aprovação da NASA nem se comunicou com qualquer pesquisador qualificado no campo da Parapsicologia.

Antes do vôo, Mitchell escolheu, através de recomendações de pessoas amigas, quatro sujeitos que haviam demonstrado alguma capacidade psi em suas vidas, e com eles realizou, por telefone, para ganhar tempo, testes exploratórios de clarividência, uma espécie de "controle terrestre", visando principalmente a sincronização. O melhor dos sujeitos, em 100 tentativas, obteve uma RC de 2.5; e os quatro sujeitos, num total de 256 tentativas, uma RC de 2.00.

Durante o vôo para a Lua e o retorno à Terra, nos dias 1, 2, 3, 4, 7 e 8 de fevereiro de 1971, os quatro sujeitos deveriam adivinhar a ordem dos símbolos do baralho-padrão, nos quais o astronauta se concentraria em seus períodos prefixados de repouso. Deveriam marcar dia e hora de teste e remeter pelo correio todos os registros a uma terceira pessoa que os enviaria a Mitchell mais tarde, sem abri-los.

Como o baralho poderia ser um volume grande e difícil de manejar no espaço, Mitchell escreveu os números de 1 a 5 em cada cinco cartas de seu baralho e depois as embaralhou longamente, preparando em terra oito listas de 25 números ao acaso. Antes de cada teste no espaço, ele escolhia uma dessas listas, e convertia os números ao acaso em símbolos, nos quais se concentrava.

Entretanto, Mitchell só pôde realizar quatro das seis séries e as sincronizações, combinadas com os sujeitos em terra, não puderam ser obedecidas nas condições de vôo. Assim mesmo, dois sujeitos realizaram as seis séries combinadas; em virtude de outros compromissos surgidos nos horários prefixados, dois dos sujeitos realizaram, respectivamente, uma e duas séries.

Nos testes em terra, o sujeito A já começara a registrar suas adivinhações um ou dois minutos antes de Mitchell emitir as imagens dos símbolos. Nos testes espaciais, as adivinhações dos sujeitos não coincidiram com o tempo da emissão; os períodos de tempo entre PC e emissão foram mais longos e irregulares do que os planejados para a clarividência: por exemplo, 13 minutos; 1 dia e 1 hora e 50 minutos; 5 dias e 2 horas e 56 minutos; 6 dias e 2 horas e 5 minutos; etc.

A difícil análise dos dados efetuou-se após os 40 dias de quarentena, em duas instituições qualificadas, independentemente — no Instituto de Parapsicologia em Durham (dr. Rhine) e na Sociedade Americana de Pesquisas Parapsíquicas em Nova York (dr. K. Osis).

Rhine decidiu tratar o material enviado por Mitchell como testes de PC.

As quatro séries do sujeito A e as quatro do sujeito B deram um desvio positivo de 11 (RC = 1.95), RC submarginal, sugestiva.

O sujeito A teve todos os seus acertos nas primeiras 10 tentativas de cada série ("efeito da saliência"): 15 acertos em 40 tentativas, ou 36.5% quando 20% eram esperados pelo acaso. As outras 15 tentativas deram 20%, assinalando o "efeito de declínio".

Examinando-se a realização do sujeito B, em busca do "efeito de saliência", entre as primeiras 10 tentativas de cada série, encontraram-se 12 acertos, ou 30% quando 20% eram esperados por casualidade em 40 tentativas.

Uma vez que as primeiras 10 tentativas de cada uma das oito séries de A e B deram o desvio positivo total (11 acertos) de todas as séries, e uma vez que este é um efeito ("efeito da saliência") muito impressivo para tão diminuta secção (80 tentativas RC = 3.7), talvez tivesse sido melhor realizar nos testes espaciais séries de 10 tentativas como fora feito nos testes em terra. Contudo, o próprio astronauta preferiu abster-se de uma conclusão prematura.

A novidade incomparável da situação experimental foi, indubitavelmente, a principal característica destes testes de PC.

4.ª Parte – PRECOGNIÇÃO DE PROCESSOS QUÂNTICOS

e a primeira pesquisa de PC do fenômeno quântico no Brasil

"PSIfísica"

J. B. Rhine

PC de processos quânticos com sujeitos de desenvolvimento parapsíquico — Schmidt, 1969-70

Helmut Schmidt, físico interessado em Física Estatística e nos fundamentos da Teoria dos Quanta, após ensinar em Universidades na Alemanha, Canadá e Estados Unidos, trabalhou nos Laboratórios de Pesquisa Científica da Boeing, sendo depois diretor dos laboratórios da Fundação para a Pesquisa sobre a Natureza do Homem (F.R.N.M.) ou Instituto de Parapsicologia, fundado e dirigido pelo dr. Rhine, em Durham, de onde provém o aparelho eletrônico usado no experimento brasileiro. Um aparelho similar encontra-se em exposição permanente no Instituto Smithsoniano para o Avanço da Ciência, em Washington.

Nos Laboratórios da Boeing, em Seattle, o dr. Schmidt começou seus experimentos com aparelhos eletrônicos por ele ideados, cujo funcionamento é de difícil compreensão para o leigo. Na publicação "New Scientist", de 16 de outubro de 1969 (págs. 114-5), evitando a linguagem dos técnicos da eletrônica, mas sem concessões degradantes à Ciência, ele convidou seus leitores a imaginarem um espelho idealmente semi-transparente que refletisse com exatidão a metade da luz sobre ele incidente e que transmitisse a outra metade. Os físicos ainda não sabem explicar por que os quanta de luz "escolhem" esta ou aquela direção. A teoria quântica sugere que não existe mecanismo casual e, sim, que exclusivamente as leis do acaso decidem a direção dos quanta de luz. Intimamente relacionado com este ponto de vista estatístico, existe o axioma de que os processos quânticos não podem ser preditos com exatidão. Ou seja, é impossível predizer com mais de 50% de certeza se os quanta de luz serão transmitidos ou refletidos.

Supondo que se prepare um experimento em que, a cada segundo, um quantum luminoso atinja um espelho semi-transparente, e que se proponha a alguém adivinhar, antes que ocorra, se o quantum de luz será refletido ou transmitido: se o axioma já mencionado for correto, por mais que o indivíduo tente, com o maior afinco, ele só obterá 50% de acertos.

A incorreção do axioma seria indicada por indivíduos que acertassem consistentemente acima de 50%, em séries de testes suficientemente longos para superarem as flutuações do acaso. Os experimentos iniciados por Schmidt nos Laboratórios da Boeing mostraram que o axioma é, na verdade, incorreto, o que implica em afirmar que a teoria quântica não oferece, pelo menos para os sistemas que incluem sujeitos humanos, uma descrição completa da Natureza.

Como se torna difícil preparar com precisão um espelho semi-transparente e observar singulares quanta de luz com exatidão, Schmidt recorreu a um processo quântico diferente — a espontânea decomposição, pela emissão de um elétron, do núcleo do átomo de estrôncio-90, junto a um contador eletrônico Geiger, de modo que este viesse a registrar a chegada de 10 elétrons por segundo em média.

Aquele axioma implica na impossibilidade de predizer quando o próximo elétron será registrado. Para submeter o axioma à prova, Schmidt pediu a seres humanos que adivinhassem o momento da chegada do próximo elétron relativamente à momentânea posição de um interruptor eletrônico de quatro posições, girando à razão de um milhão de vezes por segundo, e correspondentes ao acender de quatro lâmpadas de cores diferentes num painel.

Em experimentos exploratórios, ele testou cerca de 100 sujeitos, a maioria dos quais obteve os resultados esperáveis ao acaso, com algumas notáveis exceções. A primeira indicação de resultados anormais foi conseguida em testes com o dr. D. W. um físico. Antes dos testes, D. W. disse ao dr. Schmidt que tivera sonhos precognitivos, nos quais corretamente previra acontecimentos futuros. Após alguns testes informais, D. W. submeteu-se a um teste rigorosamente controlado, ainda em nível exploratório. Em diversas sessões curtas, D. W. fez 7.600 tentativas, diante do painel de 4 lâmpadas de cores diferentes, e obteve 2.065 acertos, 165 (ou 8.7%) acima de 1.900 (7.600 ÷ 4 lâmpadas, a esperança casual). D. W. poderia ter tido sorte; ou poderia ter ocorrido uma flutuação probabilística. A probabilidade de obter-se esse resultado exclusivamente por acaso é de 1 para 100.000. Em testes posteriores, menos formais, D. W. continuou a obter alta porcentagem de acertos. Interrompeu-se a pesquisa com este sujeito, por ocasião de sua mudança para outra cidade.

Depois de D. W., um grande número de sujeitos ofereceu apenas resultados esperáveis pelo acaso, até que Schmidt entrou em contacto com um grupo de profissionais de "faculdades parapsíquicas" em Seattle. Entre eles, três se revelaram promissores: K. R., médium espírita; a sra. J. B., professora de "desenvolvimento psíquico"; e O. C., motorista de caminhão e "estudante das forças parapsíquicas". Os testes exploratórios sugeriram que os altos resultados dependiam muito intimamente dos estados de ânimo dos sujeitos, e que eram de se esperar quando os sujeitos estivessem agudamente interessados, levemente desafiados, otimistas, não distraídos por problemas externos, ou por uma rotina de teste muito rígida.

Por isso, nos testes de seus principais experimentos, Schmidt tratou de agir sob condições ao mesmo tempo severamente controladas e psicologicamente favoráveis. Acertos e fracassos eram registrados numa fita de papel ligada ao aparelho; furos, em código, nesta fita, eram interpretados posteriormente por um computador; ademais, contadores eletromecânicos, colocados na parte posterior do aparelho, tinham sido construídos para não voltarem atrás, e o experimentador podia tomar nota dos resultados sem qualquer possibilidade de fraude pelo sujeito, ou de erro de cálculo por ele próprio. Durante as pausas entre as séries, experimentador e sujeito conversavam, ou o experimentador lia um livro em outro canto da sala. Todos os testes foram feitos nas residências dos sujeitos, para evitar a atmosfera menos favorável de um laboratório de Física.

Os sujeitos foram selecionados, o número de tentativas predeterminado, e os testes somente realizados quando as condições psicológicas pareciam boas. Em média, em uma ou duas horas, o sujeito fazia 1.500 tentativas, com uma interrupção e conversa informal, após cada 100 tentativas mais ou menos. Depois de 66 sessões, Schmidt obtivera o número de tentativas por ele fixado de antemão. Quantos sujeitos contribuíram para o total predeterminado ou com que freqüência, era irrelevante. Uma sessão era terminada sempre que um sujeito perdesse o interesse ou a confiança, ou sempre que as condições psicológicas parecessem tornar-se desfavoráveis.

Num total de 63.000 tentativas, o número de acertos foi de 4.4% acima da esperança casual. A probabilidade de obter esse alto resultado exclusivamente por acaso é de 1 em 500.000.000.

TABELA 29. PRECOGNIÇÃO DE PROCESSOS QUÂNTICOS

— Resultados do 1.º Experimento (fev-maio 1967) —

Sujeito	N.º de sessões	N.º predeterminado de tentativas	N.º de tentativas	D	RC	P
OC	11	15000 a 20000	22.569	285.75	4.39	1:27.000
JB	5	20000 a 25000	16.250	90.5	1.64	< 1:6.5
KR	2	20000 a 25000	23.247	315.25	4.68	< 1:94.000
Total	18	55000 a 70000	63.066	691.5	6.36	$< 2 \times 10^{-9}$

Schmidt, 1969

Os dois médiuns espíritas foram escolhidos porque estavam acostumados a trabalho "psíquico" durante longos períodos de tempo. O motorista de caminhão, porque devia permanecer em casa devido a um pé quebrado.

KR, o médium espírita, foi substituído por SC, filha de OC, de 16 anos, no 2.º experimento, em que os sujeitos tinham a opção de visarem um alto ou um baixo resultado total. Neste último caso, eles tentavam premir o botão correspondente a uma lâmpada que não seria a próxima a acender-se. A escolha era feita antes de começar a sessão, e os dois tipos de testes eram registrados na fita de papel em códigos diferentes. De 20.000 tentativas, 10.672 visando um alto resultado deram um número de acertos 7.1% acima do número esperado por acaso, e as tentativas restantes visando um baixo resultado deram 9.1% menos acertos que o valor da esperança casual. A probabilidade de obter esse resultado, ou outro melhor, por puro acaso, é menor que 1 em 10.000.000.000 (10 bilhões, 10^{10}).

TABELA 30. PRECOGNIÇÃO DE PROCESSOS QUÂNTICOS

— Resultados do 2.º Experimento (set-nov. 1967) —

Sujeito	N.º de sessões	Objetivo	N.º de tentativas	Acertos acima da média	RC
OC	4	Alto resultado	5.000	+ 66	+ 2.15
JB	11	Baixo resultado	5.672	+ 123	+ 3.77
JB		Baixo resultado	4.328	− 126	− 4.42
SC	6	Alto resultado	5.000	− 86	− 2.81
Total	21		20.000	401	6.55 $P < 10^{10}$

Schmidt, 1969

Resultados tão extraordinários praticamente excluíam o acaso. O equipamento eletrônico usado nestes testes foi ativado durante longos períodos de tempo, durante cerca de 100 dias, geralmente depois das sessões, deixando-se um botão automaticamente ligado, que permitia o registro de aproximadamente 5 milhões de números. Um computador, avaliando essa lista, não sugeriu qualquer desvio, nem mesmo temporário, da esperada casualidade.

A outras objeções ao funcionamento de seus aparelhos, Schmidt respondeu no mesmo artigo:

a) supondo-se que o sujeito comprima os botões com extrema rapidez: quando um botão é comprimido, o outro, ou outros, são automaticamente bloqueados, em menos de um milionésimo de segundo;

b) supondo-se que o sujeito comprima todos os botões ao mesmo tempo com extrema exatidão: os dois contadores mecânicos seriam bloqueados e este acontecimento não seria registrado.

O registro é seguro. Além da fita de papel que codifica acertos e erros, Schmidt ainda hoje procede ao registro manual dos resultados visíveis nos contadores mecânicos e depois coloca o manual e o eletrônico em confronto. O equipamento é à prova de fraude. Apesar disto, porém, só uma pequena parte dos testes com OC realizou-se na ausência do experimentador e isto não elevou o resultado. Aliás, a maioria dos sujeitos apresentou número mais alto de acertos na primeira sessão dos testes preliminares, quando tinham o máximo de entusiasmo e o mínimo de experiência.

Para testar a ocorrência, não só da PC, mas da Clarividência e da Psicocinese, Schmidt introduziu diversas variantes em aparelhos construídos posteriormente. Assim resumiu ele as vantagens do uso de suas máquinas nos testes de Parapsicologia:

1.º — equipamento transportável, de maneira que os testes podem realizar-se na residência dos sujeitos;

2.º — registro feito automaticamente, excluindo-se erros, e liberando o experimentador da situação de vigilante ou espia; o sujeito pode ser deixado sozinho, sem possibilidade de fraude, desde que a fita de papel para receber os furos em código esteja ligada ao aparelho;

3.º — o sujeito pode seguir seu próprio ritmo, sem ser forçado ou acelerado;

4.º — o sujeito vê imediatamente se suas tentativas são corretas ou não; defronta-se, assim, com o desafio de "vencer o aparelho".

Os resultados de seus primeiros experimentos foram levados à Reunião do Instituto de Parapsicologia, em Durham, em dezembro de 1967. Alguns críticos sugeriram que se marcassem, de antemão, os dias em que as sessões de testes se realizariam e quantas tentativas cada sujeito deveria fazer em cada sessão. Estes críticos sentiram, intuitivamente, que os altos resultados obtidos o foram porque os sujeitos tinham liberdade de parar sempre que o número de seus acertos caísse abaixo da média. Contudo, pode-se facilmente entender que, sendo casual a seqüência de alvos e não tendo o sujeito informação prévia (nenhuma PES) do próximo alvo, a probabilidade de obter certo número de acertos é dada pela distribuição binomial, independente do número de participantes, da freqüência com que interrompem as sessões, ou do ponto em que decidem interrompê-las.

Schmidt tinha interesse apenas em testar a existência da PC em condições psicológicas ótimas. Nenhuma tentativa ele fez de distinguir PC e PK para explicar os resultados. Os dois termos podiam mutuamente substituir-se nestes experimentos. Se usou o termo PC, o fez por simplicidade. Aliás, ele reconhecia que seus experimentos não lhe permitiam distinguir entre 3 possibilidades:

1. PC dentro da mente do sujeito: a mente pode prever um sinal que é recebido aproximadamente 1/10 de segundo mais tarde;

2. Ligação precognitiva entre o gerador de números ao acaso e a mente; a mente pode prever diretamente o futuro estado do gerador de números aleatórios;

3. Ligação psicocinética entre a mente e o gerador.

Os resultados experimentais indicavam que fora violado o axioma da Teoria Quântica. Mais notável era a implicação de correlação entre o futuro estado do gerador de alvos ao acaso e o presente estado da mente do sujeito. Mas, escrevia em 1969 o dr. Schmidt, era prematuro perguntar-se como tal acoplamento poderia ser acomodado nos quadros da Física.

PC de processos quânticos com estudantes secundários — Schmidt, 1970

Este experimento de PC do processo quântico foi realizado com 19 estudantes numa escola secundária particular. Antes do teste, os alunos ouviram uma preleção sobre PC e submeteram-se a um teste visando o estudo de relações entre PES e personalidade. Os sujeitos foram testados num aparelho eletrônico de quatro botões correspondentes a quatro lâmpadas coloridas. Premido um botão, uma das lâmpadas se acendia. Os sujeitos tentavam prever qual seria a próxima.

Na primeira parte do experimento, cada sujeito fez uma série de aproximadamente 40 tentativas. O grupo efetuou um total de 648 tentativas, com 132 acertos, 30 menos do que a esperança casual ($P < .005$).

Uma vez que o grupo parecia demonstrar o efeito de "psi-missing" (evitar o alvo em que se deseja acertar), na segunda parte do experimento pediu-se aos sujeitos que tentassem errar. A fim de tornar o teste mais excitante, permitia-se a cada sujeito continuar até que fizesse um acerto, quando o próximo estudante tomava o seu lugar e assim por diante. Num total de 126 tentativas, obtiveram 44 acertos, 12.5 acima da esperança casual ($P < .005$).

Em ambas as partes do teste, os estudantes marcaram na direção indesejada. Na primeira parte, os resultados diferiram da média casual 4.5%; na segunda parte, com uma atmosfera psicológica mais excitante, os resultados diferiram 10% da média casual.

PC de processos quânticos, atitudes e criatividade — Moss e outros, 1970

Em um experimento de PC em grupo, 249 membros de um simpósio em Berkeley foram testados num aparelho eletrônico, criado por Schmidt, e que produzia alvos ao acaso. Os alvos eram quatro lâmpadas diversamente coloridas, uma das quais se acendia quando um botão era comprimido.

Todos os sujeitos preencheram um questionário, auto-classificando-se quanto à crença na PC, em criatividade e experiência passada extra-sensorial.

As primeiras 100 adivinhações foram feitas sem que os sujeitos tivessem qualquer conhecimento da natureza do experimento: os 100 seguintes, depois que lhes foram prestados todos os esclarecimentos. Nos dois casos, a dra. Moss só realizou o teste depois que os sujeitos escreveram suas adivinhações relativas às lâmpadas que se acenderiam quando ela comprimisse os botões.

Levantara-se a hipótese de que o conhecimento da tarefa não afetaria significantemente a sua realização; os crentes teriam resultados melhores que os descrentes; os que tiveram experiências extra-sensoriais anteriores, fariam melhor que os desprovidos dessa experiência; e os criativos iriam melhor que os não-criativos.

Nas duas séries, os resultados gerais permaneceram abaixo da média ($P < .000\,001$ e $P < .00001$.) significantemente.

Todas as hipóteses foram confirmadas menos uma: sujeitos com experiências extra-sensoriais apresentaram resultados insignificantemente inferiores aos dos sujeitos sem elas.

PC de processos quânticos e seleção de sujeitos — Haraldsson, 1970

Haraldsson, psicólogo da Islândia, treinado na Alemanha, fez um estágio avançado no Instituto de Parapsicologia, de Durham, de 1969 a 1970.

Ele tentou repetir, com um método sistemático de seleção de sujeitos, o experimento precognitivo de Schmidt, usando processos quânticos como alvos. O sujeito defrontava-se com quatro lâmpadas coloridas no painel do aparelho de testes. Sua tarefa era adivinhar qual das lâmpadas se acenderia primeiro e comprimir o botão correspondente.

Um experimento foi relizado preliminarmente para selecionar os sujeitos do experimento principal. 74 sujeitos concluíram 1.000 tentativas cada. Participaram estudantes de ambos os sexos da Universidade de Duke, bem como pacientes do ambulatório do Hospital da Universidade e visitantes ocasionais do Instituto de Parapsicologia. Ao contrário dos sujeitos de Schmidt, estes não se diziam extra-sensorialmente dotados, embora tivessem tido algumas experiências espontâneas. Os resultados somados de todos foram casuais, mas 11 deles acertaram o bastante para participar do experimento principal que compreendeu 10.000 tentativas.

O critério para selecionar estes 11 sujeitos exigia no teste preliminar: 265 ou mais acertos em cada 100 tentativas; 260 ou mais acertos e uma variância com um quiquadrado de pelo menos 15.0; 250 ou mais acertos e uma RC (da diferença entre as primeiras 500 e as últimas 500 tentativas) de pelo menos 1.5.

Variável foi o número de tentativas que cada um dos 11 sujeitos efetuou. Para evitar o risco da esperança casual ou de um resultado negativo, o sujeito era excluído do experimento quando errava abaixo da média em duas séries sucessivas. Seus resultados nas 200 tentativas foram incluídos no total de 10.000. O desvio positivo significante foi de 142 (RC = 3.28 e P = .0005).

Três sujeitos contribuíram com quase metade das tentativas e seus resultados somados deram uma RC de 3.43. Os três preferiram *feedback* limitado porque não se sentiam perturbados em sua escolha espontânea, intuitiva, dos alvos coloridos.

Durante todo o experimento, dois diferentes graus de *retroalimentação* foram alternados: na primeira condição, havia imediato e completo *feedback* pelo acender de uma lâmpada em cada tentativa, de modo que o sujeito sabia se acertara ou errara, e qual das três outras possibilidades ele perdera. Esta condição deu resultados significantes: RC = 2.87 e P = .002. Na segunda condição, todas as lâmpadas foram desligadas e uma campainha soava para cada acerto, de modo que o sujeito sabia apenas que cometera um erro ou acertara, mas não que espécie de erro ele fizera (*feedback* limitado imediato), com resultado marginalmente significante: RC = 1.77 e P = .038. A diferença entre as duas condições foi insignificante.

O método sistemático de selecionar sujeitos marcantes para o teste principal deu resultados óbvios, assim como a regra de eliminar os que errassem em duas séries seguidas de 100 tentativas. O terceiro fator foram as recompensas e encorajamento dados pelo experimentador.

PC de processos quânticos visando deliberadamente acerto ou erro — Honorton, 1971

O sensitivo inglês Malcolm Bessent realizou uma série de testes de PC com escolha forçada. Suas respostas foram dadas a um gerador eletrônico de números ao acaso que automaticamente registrava o número de acertos num painel binário de alvos (luzes coloridas, vermelha ou verde).

Bessent completou um número prefixado de 15.360 tentativas. Em algumas séries, ele tentava acertar (condição visando o alto resultado), enquanto em outras tentava errar (condição visando o baixo resultado). Os resultados gerais atingiram significância ($P < .002$). Os sujeito foi incapaz de "suprimir" o acerto na condição visando o erro, que forneceu um resultado positivo independentemente significante: ($P = .015$).

Uma avaliação posterior dos efeitos internos mostrou que a maior parte do desvio positivo na condição visando o acerto ocorreu na primeira parte do experimento ($P = 0.12$). Para a condição visando o erro, ao contrário, a maior parte do desvio sucedeu na última parte dos testes ($P = .006$).

PRIMEIRA PESQUISA DE PRECOGNIÇÃO DE FENÔMENO QUÂNTICO NO BRASIL

— Camisa de força para o esquivo —

A. Objetivos da pesquisa

Iniciada em maio de 1972, quando chegou ao Brasil o aparelho eletrônico emprestado pelo dr. Helmut Schmidt, do Instituto de Parapsicologia, de Durham, esta pesquisa viu seu término em setembro, e se desenrolou toda ela na capital do Estado de São Paulo.

Ao estudo da PC espontânea e experimental, como vem se realizando internacionalmente, e das teorias que se propõem explicá-la, deveria juntar-se um experimento, "modesto", "um primeiro esforço, pequeno, mas bem feito", segundo conselho do dr. Rhine em carta de 14 de setembro de 1970 à autora.

Este programa experimental teve uma finalidade primeira:

1. Verificar *a existência da PC*
   — em grupos
   — em indivíduos de altos resultados no teste exploratório
   — em um só desses indivíduos, submetido a longo teste confirmatório.

Simultaneamente foi possível satisfazer três outras indagações relativas a aspectos da PC, propondo-se o experimento a:

2. auto-classificar os indivíduos por suas atitudes para com a PC e examinar as predições de crentes, indecisos e descrentes
3. confrontar a realização precognitiva de ambos os **sexos**
4. fazer um levantamento das *alegações de experiências precognitivas espontâneas* entre os participantes.

Todos estes objetivos foram plenamente atingidos.

B. Descrição

Descrição e funcionamento do aparelho eletrônico para testar a PC

a. **Operação interna**

Para certos tipos de testes de PC e de PK, onde se exige uma boa fonte de alvos ao acaso, um dado construído com

precisão e agitado com as devidas precauções constitui um gerador casual, em que se pode confiar. A posição de um dado, após a jogada, é em grande parte determinada por processos quânticos microscópicos. As vibrações térmicas da superfície e as flutuações do ar ao nível atômico co-determinam a face do dado a ser apresentada. O processo é bastante complicado porque muitos fatores contribuem para o resultado final.

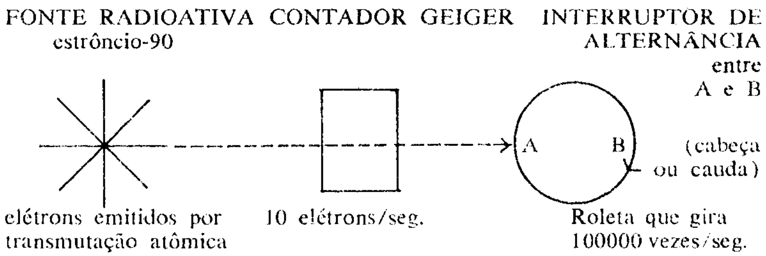
Com a invenção do transistor e a produção dos circuitos integrados, contudo, tornaram-se possíveis geradores de números ao acaso, baratos e de confiança. Estes geradores, combinados com um mostrador eletrônico e um equipamento de registro, inovam a pesquisa de certos aspectos de Psi. Geradores simples podem ser construídos por técnicos eletrônicos e os físicos consideram os processos quânticos como a mais elementar fonte de casualidade na Natureza.

O aparelho usado no experimento brasileiro pode ser considerado uma versão eletrônica, sofisticada, de uma máquina lançadora de moedas para obter-se "cara" ou "coroa". Na máquina-projétil de moedas, uma destas, girando rapidamente, é detida num momento ao acaso (quando a moeda atinge o fundo) e as probabilidades de cara ou coroa são praticamente iguais. O coração desta máquina é um gerador binário de alvos ao acaso.

Na versão eletrônica, substituiu-se a moeda rodopiante por um interruptor eletrônico que, com grande rapidez (100.000 vezes por segundo) alterna entre a posição de cara ou coroa (cabeça ou cauda). A fim de produzir um alvo ao acaso, ou cara, ou coroa, para-se o interruptor de alternância bruscamente num tempo ao acaso. Existem, então, iguais oportunidades de encontrar-se o interruptor detido seja na posição de cabeça ou de cauda. A posição em que ele se deteve é indicada no mostrador de lâmpadas.

Esforços especiais foram feitos para deter o comutador num tempo que fosse verdadeiramente ao acaso, isto é, imprevisível por todos os meios físicos conhecidos. Isto se conseguiu com um contador Geiger próximo de uma fonte radioativa (núcleos de estrôncio-90). Elétrons emitidos por esta fonte atingem o contador Geiger (10 elétrons por segundo em média) em intervalos verdadeiramente casuais e estes tempos ao acaso, quando os elétrons são registrados no contador Geiger, determinam a parada do interruptor.

A fonte radioativa não oferece perigo; emite menos radiação que um mostrador luminoso de relógio.



b. **Operação externa:**

O aparelho de Schmidt oferece dois tipos de mostradores:
— o de 2 lâmpadas: indica se foi gerada cara ou coroa pelo acender-se no extremo inferior de uma lâmpada à direita ou à esquerda respectivamente.
— o de lâmpadas em círculo: duas lâmpadas em posições opostas no círculo de 8 lâmpadas acendem-se ao mesmo tempo. A geração de cara ou coroa faz que se acenda a lâmpada seguinte ou a precedente, isto é, na direção dos ponteiros de um relógio, ou na direção a eles contrária, respectivamente.

O aparelho pode permanecer ligado por longos períodos. Um comutador detém a operação do aparelho depois de um número predeterminado (8, 16, 32, 64, 128 e infinito) de tentativas. Se o sujeito deve fazer exatamente 64 tentativas, comprime-se o botão de reinício de série, que faz voltar ao zero o contador interno, e principia-se o teste. Após as 64 adivinhações, o aparelho é bloqueado automaticamente e comprime-se o botão de reinício para a próxima série de testes. Para a posição infinito não existe bloqueio. Uma ligeira demora ou irregularidade na marcação do tempo deve-se ao fato de ter-se de esperar pelos elétrons que atingem ao acaso o contador Geiger.

Por exemplo:

a. **Para um teste de PC de 32 tentativas, com o mostrador de 2 lâmpadas, liga-se a energia elétrica, verifica-se a posição do seletor de mostradores e a posição do interruptor central no meio. O contador de tentativas deve estar em 32 e os**

contadores mecânicos em zero. Comprimido o botão de reinício de série, o sujeito tenta repetidamente adivinhar que lâmpada se acenderá a seguir e comprime o botão correspondente. Solta-se o botão assim que a lâmpada se ilumina, a menos que se deseje fazer várias tentativas com a mesma cor. Os contadores ao alto indicam os acertos e os erros. Depois de 32 tentativas, o aparelho é bloqueado. Anotam-se os resultados. Voltam-se os contadores ao zero. Comprime-se o botão de reinício de série e o aparelho está pronto para novas adivinhações.

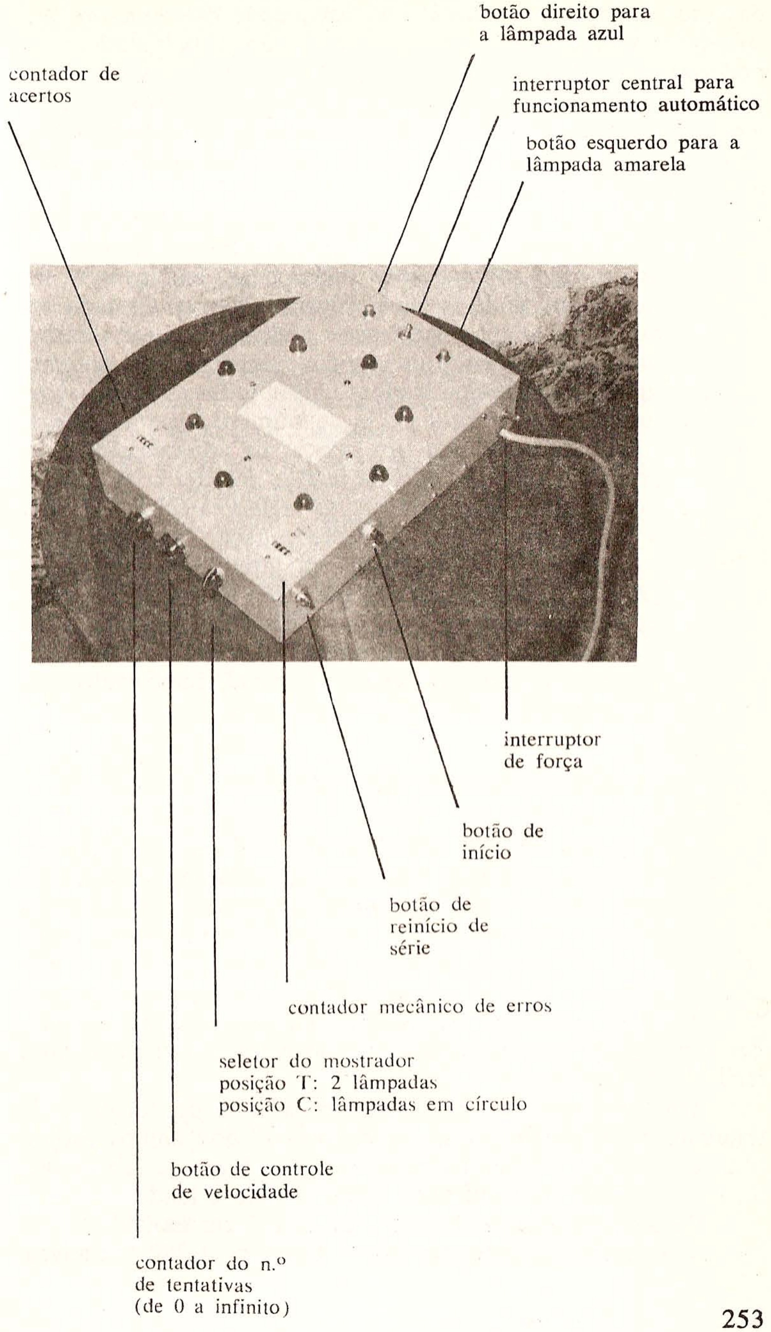
b. O mesmo teste, com o mostrador de lâmpadas em círculo. O sujeito tenta predizer se o próximo acender de uma lâmpada ocorrerá na direção dos ponteiros do relógio ou na contrária, e pressiona o botão esquerdo (direção contrária à dos ponteiros) ou o direito (na direção deles).

Instruções aos sujeitos

As instruções aos sujeitos desta pesquisa foram verbais, dadas de forma singela. Como a primeira centena de sujeitos abrangeu indivíduos de nível universitário, explicou-se a cada um que o aparelho eletrônico, por empréstimo de seu inventor, um físico alemão ora trabalhando no Laboratório do dr. Rhine, achava-se no Brasil para testar a PC de um fenômeno quântico nele operando ao acaso; que a emissão casual dos elétrons, a partir de uma fonte radioativa, o estrôncio-90, determinaria o tempo ao acaso em que o interruptor interno, girando à alta velocidade deteria numa de suas duas posições, a de cauda ou a de cabeça; que o sujeito deveria prever a seqüência casual em que se acenderiam as 2 lâmpadas externas conectadas com estas 2 posições internas; que ele deveria começar por uma simples *previsão* — qual destas 2 lâmpadas se acenderá primeiro? e qual a seguinte?; que, ao decidir-se pela azul ou pela amarela, ele deveria comprimir o botão correspondente à esquerda ou à direita; que seus acertos e erros seriam automaticamente registrados nos marcadores.

Usou-se alternativamente a palavra *previsão* como sinônimo de PC.

Às vezes, uma primeira demonstração, de 3 ou 4 tentativas, era feita pela experimentadora, quando o indivíduo não prestara muita atenção às instruções ou, apesar da atenção, achava-se inseguro. Aos indivíduos mais lógicos, com noção do cálculo



contadores mecânicos em zero. Comprimido o botão de reinício de série, o sujeito tenta repetidamente adivinhar que lâmpada se acenderá a seguir e comprime o botão correspondente. Solta-se o botão assim que a lâmpada se ilumina, a menos que se deseje fazer várias tentativas com a mesma cor. Os contadores ao alto indicam os acertos e os erros. Depois de 32 tentativas, o aparelho é bloqueado. Anotam-se os resultados. Voltam-se os contadores ao zero. Comprime-se o botão de reinício de série e o aparelho está pronto para novas adivinhações.

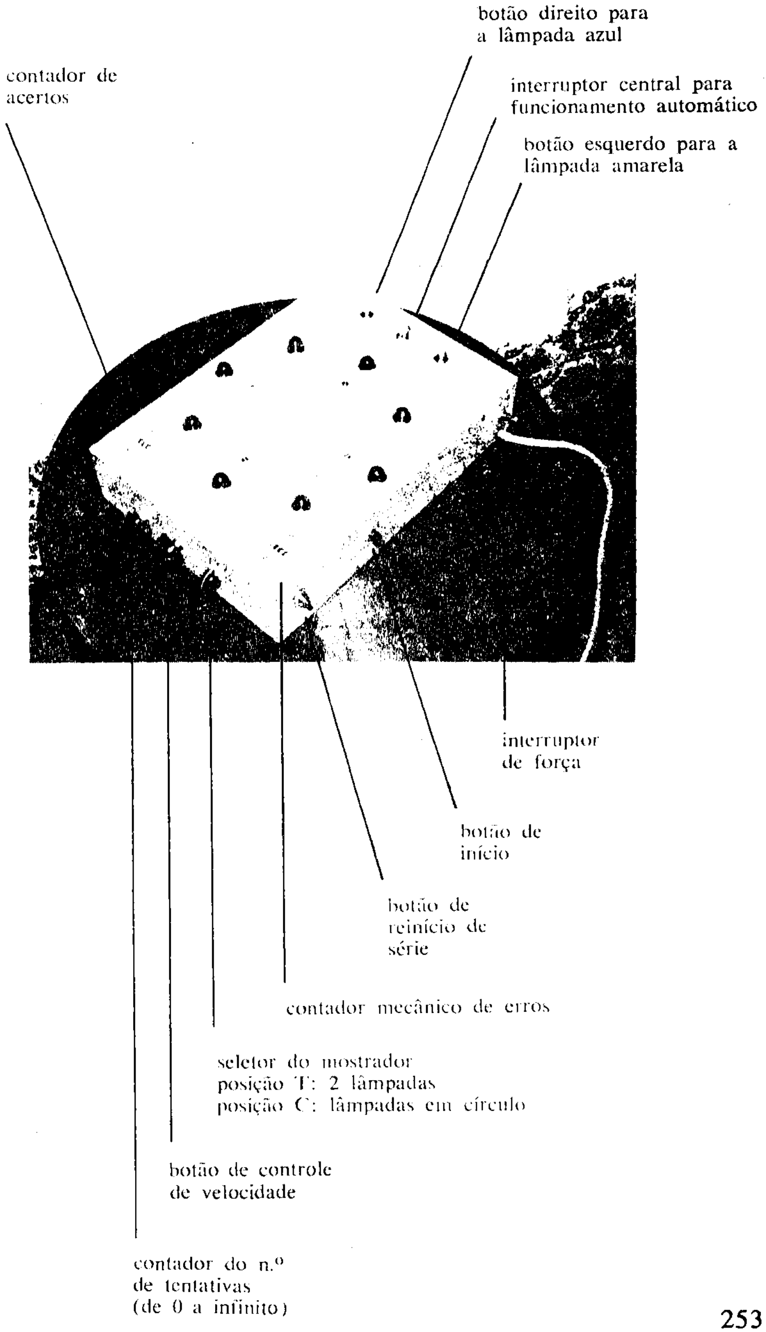
b. O mesmo teste, com o mostrador de lâmpadas em círculo. O sujeito tenta predizer se o próximo acender de uma lâmpada ocorrerá na direção dos ponteiros do relógio ou na contrária, e pressiona o botão esquerdo (direção contrária à dos ponteiros) ou o direito (na direção deles).

Instruções aos sujeitos

As instruções aos sujeitos desta pesquisa foram verbais, dadas de forma singela. Como a primeira centena de sujeitos abrangeu indivíduos de nível universitário, explicou-se a cada um que o aparelho eletrônico, por empréstimo de seu inventor, um físico alemão ora trabalhando no Laboratório do dr. Rhine, achava-se no Brasil para testar a PC de um fenômeno quântico nele operando ao acaso; que a emissão casual dos elétrons, a partir de uma fonte radioativa, o estrôncio-90, determinaria o tempo ao acaso em que o interruptor interno, girando à alta velocidade deteria numa de suas duas posições, a de cauda ou a de cabeça; que o sujeito deveria prever a seqüência casual em que se acenderiam as 2 lâmpadas externas conectadas com estas 2 posições internas; que ele deveria começar por uma simples *previsão* — qual destas 2 lâmpadas se acenderá primeiro? e qual a seguinte?; que, ao decidir-se pela azul ou pela amarela, ele deveria comprimir o botão correspondente à esquerda ou à direita; que seus acertos e erros seriam automaticamente registrados nos marcadores.

Usou-se alternativamente a palavra *previsão* como sinônimo de PC.

Às vezes, uma primeira demonstração, de 3 ou 4 tentativas, era feita pela experimentadora, quando o indivíduo não prestara muita atenção às instruções ou, apesar da atenção, achava-se inseguro. Aos indivíduos mais lógicos, com noção do cálculo



das probabilidades, a questão da casualidade das emissões eletrônicas era motivo para debate inicial; não se perguntavam se poderiam adivinhar a seqüência casual no acender das lâmpadas, mas se a máquina funcionava "programada" ou era, de fato, aleatória. Diante destes, a experimentadora punha a funcionar o botão automático central para que o sujeito acompanhasse toda uma série de 32 tentativas.

As instruções aos cegos tiveram de ser precedidas de uma descrição do aparelho, sucinta. A experimentadora colocava as duas mãos do cego sobre botões e lâmpadas, explicava o seu funcionamento, pousando as suas próprias sobre as do cego, até que ele entendesse o que devia fazer e pudesse começar sozinho.

A muitos sujeitos entre os cegos e esotéricos, por sua simplicidade mental, a experimentadora omitiu todas as informações sobre radioatividade, quanta de luz e número aleatórios. Simplesmente lhes dizia que eles iam brincar de adivinhação, escolhendo uma das lâmpadas antes de fazê-la acender com o dedo.

Explicou-se a cada pessoa que as melhores condições para o êxito no teste eram a calma, a despreocupação com problemas alheios à pesquisa, a concentração na tarefa, e o desejo de acertar; que elas poderiam fazer as previsões no ritmo que desejassem, depressa ou devagar. A maioria dos sujeitos realizou sua tarefa, em menos de 5 minutos; apenas um levou 25 minutos para tentar garantir um alto resultado inicial, finalizando com margem de acertos sugestiva, não significante.

Registro e testemunho do teste de PC

Cada sujeito fez 128 tentativas no teste exploratório, com exceção do Grupo de Hatha Yoga em que cada um realizou 384 adivinhações. Os sujeitos dos primeiros Grupos fizeram 4 séries de 32 tentativas e, à medida que os testes prosseguiam, verificando que os sujeitos não se cansavam, a experimentadora bloqueou o aparelho diretamente em 128 tentativas para evitar erro na soma dos resultados individuais. Durante esta fase de pesquisa da PC em grupos, usou-se apenas o teste preliminar, mais fácil, de 2 lâmpadas.

Erros e acertos foram registrados à vista do sujeito e da testemunha ou testemunhas, em impressos onde ambos assinaram seus nomes, o sujeito acrescentando o nome de sua escola, local de trabalho ou residência, além de sexo e idade.

Na segunda fase, a de pesquisa da PC em indivíduos, em que cada sujeito fez pelo menos um bloco de 1.280 tentativas,

os registros impressos foram de tamanho maior, com espaço inferior para o cálculo de RC, e usou-se, como quebra de monotonia, também o teste de lâmpadas em círculo.

Na terceira fase, estes mesmos impressos foram usados para o registro dos 16 blocos de tentativas realizadas por uma única cega.

Questionário de Atitudes

Efetuou-se, paralelamente, a pesquisa de atitudes para com os fenômenos precognitivos, por meio de um questionário impresso, a fim de identificar crentes, indecisos e descrentes.

Aos cegos os questionários foram lidos, um a um, pela experimentadora, e as respostas anotadas em presença das testemunhas das instituições visitadas.

Quatro questões iniciais figuraram no texto para orientar o sujeito nas respostas seguintes, não sendo computadas na avaliação da atitude; foram, contudo, aproveitadas, para um levantamento das alegações de experiências precognitivas espontâneas. O sujeito devia marcar com um X unicamente as questões com as quais concordasse:

1. Já tive, em partidas de baralho, ou na roleta, ou na loteria, palpites que deram certo.
2. Já tive sonhos sobre acontecimentos que mais tarde vieram a se dar.
3. Já me ocorreu saber, com antecedência, que certa pessoa ficaria doente, ou sofreria um acidente, ou morreria, e isto realmente aconteceu.
4. Essas experiências, de dar palpites certos, ou de ter pressentimentos e sonhos que se verificam mais tarde, nunca me ocorreram, mas sei de casos que se passaram com outras pessoas e se confirmaram.

Seis questões vinham a seguir, com uma redação redundante proposital, para avaliação da atitude do sujeito, se crente, indecisa ou descrente, relativamente à PC:

5. Não tive, mas acredito que é possível a outras pessoas ter sonhos sobre o futuro, confirmados posteriormente ou, em vigília, ter conhecimento de fatos que vão acontecer e que se verificam depois.
6. Eu mesmo tive, pelo menos uma vez, esse tipo de experiência, e acredito nelas, convencido de que posso,

em parte, conhecer o futuro, e que outras pessoas também podem.

7. Se experiências como palpites confirmados na loteria, sonhos confirmados sobre o futuro, intuições confirmadas de desastres, acontecessem comigo, eu preferiria atribuí-las à coincidência, à sorte, ao acaso.
8. Costumo duvidar quando outras pessoas relatam ter tido conhecimento antecipado do futuro, próximo ou distante. Isso porque não tenho provas seguras, mas acredito nas minhas experiências, porque tive a prova que, depois, veio confirmá-las.
9. Não acredito que eu mesmo, ou que alguém, possa conhecer, em parte, o futuro, ou ter qualquer conhecimento antecipado e seguro do que venha a acontecer.
10. Não sei, prefiro não me manifestar sobre este assunto.

A estas questões de 5 a 10 foram atribuídos os valores:

questões	5	6	7	8	9	10
valores	+1	+2	—1	0	—2	0

A soma das respostas permitiu a separação dos sujeitos em:

Descrentes			Indecisos	Crentes		
—3	—2	—1	0	+1	+2	+3

Crentes foram considerados dois tipos de indivíduos:

a. os que acreditavam em PC como ocorrência para outras pessoas;

b. os que acreditavam em PC como possível para si e para os outros.

Em geral, uma atitude não-cética, e não-dúbia, para com a PC determinou a auto-classificação do sujeito como crente.

Indecisos foram considerados:

a. os que só acreditavam em suas próprias PCs e desacreditavam as alheias;

b. os que não desejaram se manifestar sobre o assunto;

c. os que foram incoerentes em suas marcações.

Descrentes identificaram-se como:

a. os que consideravam palpites certos, sonhos confirmados, intuições e pressentimentos comprovados como coincidência ou casualidade;

b. os que não acreditavam em conhecimento antecipado do futuro, fosse quem fosse o sujeito da premonição

Alguns sujeitos preferiam explicar suas experiências precognitivas ou sua atitude à experimentadora antes, ou depois de responderem. A maioria, porém, assinalou o questionário em silêncio.

Alegações de PC espontânea

As quatro afirmações iniciais do Questionário de Atitude permitiram fazer um levantamento das alegações dos participantes quanto ao número e ao tipo de experiências precognitivas espontâneas que disseram ter vivido. Evidentemente nunca se poderá controlar a veracidade destas alegações.

As respostas foram calculadas percentualmente para cada grupo e para a totalidade dos participantes.

Grupos e Sujeitos

Esta pesquisa abrangeu 8 grupos de indivíduos, num total de 265 elementos. Destes, 16 espíritas, do único grupo de confirmação, já haviam participado do grupo exploratório.

a. *Grupo Lógico*

Os testes começaram na Lapa, em seminário salesiano onde a experimentadora estivera em busca da obra de Ceria, edição fora do comércio, sobre os sonhos precognitivos de Dom Bosco. Participaram 23 seminaristas e um padre.

O segundo grupo compôs-se de 21 estudantes, de ambos os sexos, do Instituto de Psicologia da Universidade de S. Paulo.

O terceiro, de 30 alunos, de ambos os sexos, da Escola de Comunicações e Artes, também localizada na Cidade Universitária, ao lado do Instituto.

O quarto grupo compreendeu 25 professores, primários e secundários, do Instituto Estadual de Educação A. F. de Proen-

ça, da Moóca, entre os quais uma advogada, uma médica e um engenheiro. Os professores primários participantes, todos alunos do Curso de Administradores Escolares, e os professores secundários, estavam em vias de ter, ou já tinham, a licenciatura

Estes quatro primeiros grupos corresponderam aos primeiros 100 sujeitos da pesquisa. Devido à sua área de estudo e de trabalho — Teologia, Psicologia, Sociologia, Biologia, Direito, Biblioteconomia, Matemática, Geografia e História, etc., esta primeira centena de sujeitos foi posteriormente denominada de Grupo Lógico, para distingui-lo dos grupos seguintes, de cegos e de esotéricos, sem a mesma formação universitária. O título não pretendeu ser uma definição do grupo, mas apenas um nome de batismo, para identificação, pois entre os sujeitos contavam-se estudantes de Drama, Rádio e TV, Propaganda, Jornalismo, etc., e professores de Desenho, Literatura e Línguas.

b. *Grupo de Cegos*

Durante os testes com aquele primeiro grupo de 100 indivíduos de nível universitário, a experimentadora deparou com muitas objeções à pesquisa, partidas, obviamente, de pessoas mal-informadas. Uma das objeções referiu-se à visão das lâmpadas coloridas, a acenderem-se em seqüência aleatória, como uma variável que afetaria os resultados, levando uns a cometerem mais erros e outros a acertarem mais. Pelo fato de os contadores de erros serem também visíveis, supôs-se que a soma de erros poderia deprimir, bem como a soma de acertos estimular a realização precognitiva. Acompanhando cada realização individual, a experimentadora percebia quantas vezes contadores e lâmpadas serviam como um desafio aos "jogadores".

Mas, para responder àquelas objeções, e antes mesmo de encerrar a fase exploratória com os 100 primeiros sujeitos videntes, a experimentadora iniciou os testes com um grupo de 25 cegos para os quais contadores e lâmpadas não seriam elementos "perturbadores". Ainda assim, dois cegos, de ouvido apurado, puderam guiar-se pelo som ao apertar os botões correspondentes às duas lâmpadas, conhecendo seus erros e acertos após cada previsão, não visual, mas sonoramente.

Se o desvio zero foi evidência de nenhuma PC neste grupo de cegos, foi por outro lado, clara resposta às objeções levantadas quanto à visibilidade das lâmpadas e dos contadores.

Realizaram os testes 25 cegos, de ambos os sexos, que se encontravam em estudo ou trabalho em instituições especializadas de São Paulo: Fundação para o Livro do Cego no Brasil, em Vila Mariana; Instituto Profissional Paulista para Cegos, na Moóca; e Associação Promotora de Instrução e Trabalho para Cegos, no Belém.

c. *Grupo Esotérico*

A exemplo do que o dr. Helmut Schmidt, inventor do aparelho eletrônico, fez nos Estados Unidos, entrando em contato com elementos de sensibilidade singular nos meios espíritas e ocultistas, e com a aprovação de um de seus orientadores no Brasil, o dr. Nelson Rosamilha, professor do Instituto de Psicologia da Universidade de S. Paulo, a experimentadora resolveu completar um segundo grupo de 100 pessoas, com gente afeiçoada à busca em planos ultrafísicos, ela própria à procura de grupos e indivíduos que, àquela altura da pesquisa, lhe pareciam inexistentes ou difíceis de encontrar.

Por intermédio de um psiquiatra paulista, estudioso de Parapsicologia e de Ocultismo, ela obteve uma lista de nomes, alguns sem endereço, de pessoas que alegavam ter tido experiências precognitivas espontâneas. Entre elas, cartomantes profissionais cobrando preço tão alto por hora de serviço, marcada com antecedência de três meses, que a experimentadora não se animou a solicitar-lhes horário para testes.

Desta lista, preparada imeditamente, com extrema boa vontade, pelo citado médico, constava o nome de um bispo budista, "iniciado", conforme ele próprio informou à experimentadora, "em 59 ramos do ocultismo" e dirigente de uma Escola de Budismo Esotérico nesta Capital, onde foram testados 25 estudantes de ambos os sexos. Deste grupo não foi possível, posteriormente, testar os elementos com resultados mais altos, porque o edifício se encontrava em reforma.

A pesquisa de PC deslocou-se, a seguir, para as sessões espíritas, visando sobretudo a participação de médiuns. Enquanto os grupos anteriores podiam ser facilmente encontrados em suas escolas, testando-se de 10 a 30 elementos num intervalo de tempo de 3 a 8 horas, ou de alguns dias, os espíritas formaram um grupo de difícil e lenta aplicação de testes, esquivo mesmo, temeroso de ser "medido em sua mediunidade", com vários sujeitos de escolaridade primária. Deviam ser testados antes, durante ou após as sessões espíritas, dois ou três em cada noite, às vezes muito tarde da noite, em locais ermos. Transportando aparelho e impressos, de táxi, nas noites de inverno paulista, a

experimentadora ia e voltava às vezes, sem obter mais que dois registros e dois questionários respondidos, em Santo Amaro, na Penha, nos Campos Elíseos, na Liberdade, nas Perdizes, em Santana.

Dentre os espíritas constituiu exceção, evidentemente, o grupo de médicos testados na AMESP, Associação Médico-Espírita de S. Paulo, em Higienópolis. Pela sua cultura e experiência da mediunidade, 14 médicos colaboraram com boa vontade e interesse na realização dos testes.

Um pequeno grupo de três médiuns, todos os três industriais, abriu as portas de seu Centro na Penha para que outros médiuns e espíritas fossem examinados, o que facilitou muito a aplicação dos testes, inclusive durante as sessões, ao grupo confirmatório. Um casal de espíritas, ele engenheiro e ela médica, dirigentes de um Grupo de Estudos da doutrina, também cooperou, oferecendo sua residência na Aclimação, para a mais rápida aplicação dos testes ao grupo confirmatório.

O espírita foi o único grupo exploratório a alcançar significância estatística. Surgiu então o problema da confirmação. Em carta de 5 de agosto de 1972 à autora, escreveu-lhe o dr. Rhine: "A única razão que vejo para usar os mesmos sujeitos estaria em serem eles para você mais convenientes; e você poder dizer-lhes que seus resultados foram tão bons que se justifica um segundo teste. Penso que seria correto evitar a repetição com quem quer que mostre relutância em fazer o teste mais uma vez e usar simplesmente novas pessoas para conservar o seu número aproximadamente o mesmo". Por isso, testou-se em seguida um grupo um pouco maior, composto de 16 espíritas do grupo exploratório e 29 outros espíritas, a fim de verificar a significância de seus resultados.

Tendo conhecido e testado, durante suas peregrinações esotéricas, a diretora de uma escola de Hatha Yoga, situada em Higienópolis, a experimentadora recebeu dela um convite para aplicar os testes às suas numerosas alunas. Indicada por espíritas, a dirigente e algumas alunas de outra escola de Hatha Yoga, no Brooklyn, também participaram do grupo que compreendeu 50 elementos.

Cada participante, ao contrário dos membros dos demais grupos, realizou três séries de 128 tentativas, sendo duas antes ou depois da aula. Era intenção da experimentadora analisar a influência dos exercícios de Hatha Yoga, especialmente da relaxação, sobre a realização precognitiva. Entretanto, a escolha

casual dos sujeitos, e a grande diferença entre eles quanto aos anos de prática iogue, não permitiu verificar diferença significante entre os testes realizados antes e depois da aula. O fato de haver um único aparelho eletrônico e 20 alunas deixarem ao mesmo tempo a sala de exercícios, no fim da aula, também impediu que os efeitos do silêncio e da relaxação se prolongassem por muito tempo; além disso, o chá servido após a aula socializava imediatamente as mais conversadoras. Só um efeito insignificante pode ser observado entre pré-relaxação e pós-relaxação. O grupo de Hatha Yoga foi incluído entre os esotéricos, devido ao seu interesse por Ioga, Budismo Esotérico, Parapsicologia, Treinamento Autógeno, etc.

Os 24 estudantes de Budismo Esotérico e seu bispo, os 30 espíritas entre os quais 12 médicos, e os 50 praticantes de Hatha Yoga, inclusive professores, formaram um *Grupo* denominado *Esotérico* que excedeu em número e resultados a centena dos Lógicos. A estes 105 sujeitos esotéricos vieram somar-se os 45 espíritas do Grupo Confirmatório, entre os quais 4 novos médicos.

A primeira parte da pesquisa, relativa à PC em grupos, totalizou 48.000 tentativas precognitivas.

PC em indivíduos selecionados e não-selecionados

Indivíduos com altos resultados nos testes exploratórios foram convidados a prosseguir na pesquisa, desta vez realizando blocos de 10 séries de 128 tentativas, ou 1280 adivinhações.

O critério de seleção foi 70 acertos ou mais no teste exploratório de 128 adivinhações.

Alguns sujeitos, com resultados positivos altos, como professores e alunos com exames, correção de provas, em véspera de férias de inverno e de viagens, abandonaram os testes após algumas séries, pressionados pelo tempo. Outros, como engenheiros e médicos, nem mesmo começaram, por absoluta falta de tempo, exigidos por seus escritórios técnicos ou suas mesas de operação. Houve sujeitos que acharam monótona ou irritante a repetição da mesma atividade. Os que não podiam obrigar o aparelho a obedecer à sua vontade, sentiam-se diminuídos pelos resultados aleatórios. Outros, após algumas séries insignificantes, sumiram, sem mais notícias. Médium espírita, velhinha e doente, com 77 acertos no teste exploratório, não foi solicitada a participar da prova mais longa. Outro médium, clarividente recusou-

se a continuar porque seu espírito-guia lhe adiantou que "não teria sorte nessa loteria". Um indivíduo assim, já inibido, contando com o fracasso, não produziria.

15 sujeitos cooperativos, com um número de acertos de 70 a 82, concluíram as 1280 tentativas, e até mais de um bloco de 10 séries.

Enquanto os sujeitos selecionados realizavam seus testes, parentes e amigos na mesma família, ou colegas na mesma escola, com resultados inferiores, sentiram-se excluídos e pediram outra oportunidade. Foram denominados "não-selecionados" ou "auto-escolhidos". Em virtude da aleatoriedade dos resultados mesmo entre sujeitos selecionados, foi permitido a outros participantes da fase exploratória, até o número de 15, com resultado inferior a 70, concluírem um bloco ou mais de 1280 tentativas, desde que demonstrassem boa vontade em perfazer um teste tão longo.

A fim de evitar a monotonia, usou-se nesta etapa da pesquisa, o teste de lâmpadas em círculo, alternando-o com o teste de 2 lâmpadas, à escolha do sujeito.

PC do processo quântico por um indivíduo

Tendo alcançado 78 acertos no teste exploratório de 128 adivinhações, uma cega, a pedido da experimentadora, realizou uma segunda série de 128 tentativas, logo a seguir, com 68 acertos. Numa segunda visita à instituição, a experimentadora obteve, da mesma cega, duas séries seguidas iguais, de 74 acertos cada uma. Estas primeiras 512 tentativas deram uma *RC* de *3.37*.

Marcando alto de início, a cega prontificou-se a repetir as séries em outras ocasiões. Sua boa vontade, mansidão e resultados acima de 70, decidiram a experimentadora a tentar com esta cega, se outros resultados confirmassem os iniciais, um conjunto de 20.000 tentativas precognitivas. Seus testes iniciaram-se em 1.º de junho e terminaram em 2 de julho, ultrapassando um pouco o número prefixado: 20.480 tentativas, sem contar a série exploratória.

Avaliação

A experimentadora realizou o cálculo dos resultados grupais e individuais. Todas as tabelas referentes à PC em grupos, Atitudes, Sexo, e PC espontânea, incluindo o cálculo das RCs, foram organizadas sem reexame de outros pesquisadores. Deste

livro excluíram-se algumas tabelas de dados parciais apresentadas na tese de doutoramento para a Universidade de S. Paulo.

Os blocos de tentativas com resultados positivos e negativos para o mesmo indivíduo, selecionado ou não, também tiveram calculadas pela experimentadora as RCs correspondentes. A seguir, cópias xerográficas desses blocos foram remetidas ao Instituto de Parapsicologia, de Durham, onde os doutores Rhine e Schmidt prosseguiram o exame e a interpretação dos dados. Assim, os 44 blocos dos 30 indivíduos selecionados e não-selecionados, e os 16 blocos da cega tiveram seu X^2 calculado em Durham por aqueles parapsicólogos, a partir das séries originais.

C. Resultados

1.ª Parte — PC em grupos

Para cada grupo testado, calcularam-se a marcação precognitiva e os achados relativos a seus elementos, à atitude, à realização de cada sexo e à idade:

1. Grupo do Seminário Salesiano

componentes: 24 homens
idade: de 22 a 36 anos
atitude: 2 descrentes, 4 indecisos, 18 crentes na PC
tentativas de PC: 3.072
desvio da média casual: — 16, insignificante

2. Grupo de Psicologia da USP

componentes: 21: 4 homens e 17 mulheres
idade: de 21 a 30 anos
atitude: 10 descrentes, 6 indecisos, 5 crentes na PC
tentativas de PC: 2.688
desvio: + 40

razão crítica: 1.50, sugestiva
probabilidade: .066

3. *Grupo de Comunicações Culturais da USP*

componentes: 30: 13 homens e 17 mulheres
idade: de 18 a 33 anos
atitude: 8 descrentes, 10 indecisos, 12 crentes
tentativas de PC: 3.840
desvio: — 14, insignificante

4. *Grupo de Professores secundários*

componentes: 25: 8 homens e 17 mulheres
idade: de 20 a 58 anos
atitude: 4 descrentes, 7 indecisos, 14 crentes
tentativas de PC: 3.200
desvio: + 9, insignificante

5. *Grupo de Cegos*

componentes: 25: 15 homens e 10 mulheres
idade: de 14 a 66 anos
atitude: 4 descrentes, 7 indecisos, 14 crentes
tentativas de PC: 3.200
desvio: zero

6. *Grupo de Budistas Esotéricos*

componentes: 25: 8 homens e 17 mulheres
idade: de 18 a 66 anos
atitude: 2 descrentes, 8 indecisos, 15 crentes
tentativas de PC: 3.200
desvio: — 17, insignificante

7. *Grupo de Hatha Yoga*

componentes: 50: 10 homens e 40 mulheres
idade: de 17 a 65 anos

atitude: 5 descrentes, 3 indecisos, 42 crentes
tentativas de PC: 19.200
desvio: + 104
razão crítica: 1.50, sugestiva
probabilidade: .066

8. *Grupo Espírita (teste exploratório)*

componentes: 30: 19 homens e 11 mulheres
médicos: 10
mediunidade: 21 médiuns e 9 não-médiuns
idade: de 18 a 73 anos (média: 46)
atitude: 0 descrentes, 3 indecisos, 27 crentes

tentativas de PC: 3.840	tentativas dos crentes: 3.456
desvio: + 96	desvio: + 94
RC: 3.10	RC: 3.20
P: .00096	P: .00063

RC dos crentes homens: 2.91
RC dos homens: 2.88

9. *Grupo Espírita (teste confirmatório)*

Componentes: 45: 25 homens e 20 mulheres
médicos: 12
mediunidade: 22 médiuns e 23 não-médiuns
idade: de 13 a 73 anos (média: 43)
atitude: 2 descrentes, 6 indecisos, 37 crentes
participantes do teste exploratório: 16

tentativas de PC: 5.760	tentativas dos crentes: 4.736
desvio: + 116	desvio: + 85
RC: 3.06	RC: 2.47
P: .0011	RC das mulheres: 2.61

10. *Todos os espíritas*

componentes: 75: 44 homens e 31 mulheres
médicos: 22

mediunidade: 43 médiuns e 32 não-médiuns
idade: de 13 a 73 anos (média: 44)
atitude: 2 descrentes, 9 indecisos, 64 crentes
tentativas de PC: 9.600
RC dos homens: 3.23 P = .0006
RC das mulheres: 2.89 P = .0019
RC dos crentes: 3.83 P = .00006
RC dos Cr homens: 3.32 P = .0004
RC do grupo: 4.33 P = .000007

11. Todos os grupos

componentes: 275: 126 homens e 149 mulheres
idade: de 13 a 73 anos
atitude: 37 descrentes, 54 indecisos e 184 crentes
tentativas de PC: 48.000
desvio: 318
RC: 2.90
P: .0018

A tabela seguinte reúne todos os resultados parciais coletivos e permite a imediata comparação entre as marcações precognitivas dos lógicos, dos cegos e dos esotéricos.

TABELA 31. PRECOGNIÇÃO DE PROCESSOS QUÂNTICOS EM GRUPOS

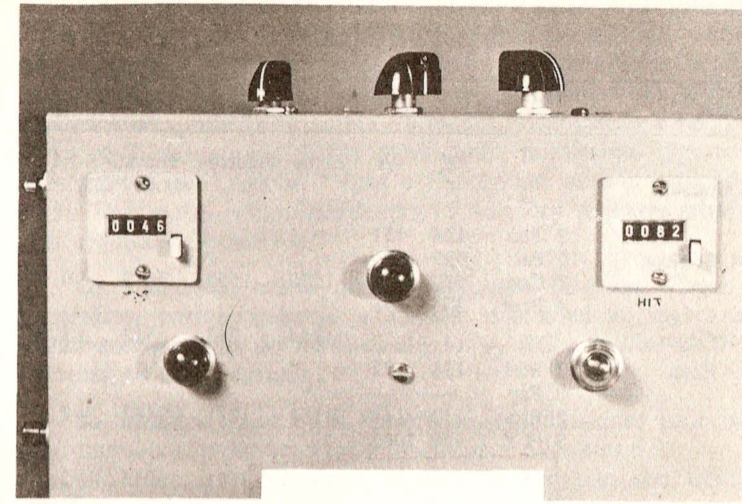
Grupos	Sujeitos	Sexo M	Sexo F	Idade	Tentativas	Erros	Acertos	Desvio	RC	P
Teologia	24	24	—	22 a 36	3072	1552	1520	- 16	—	—
Psicologia	21	4	17	21 a 30	2688	1304	1384	+ 40	+ 1.50	.066
Comunicação	30	13	17	18 a 33	3840	1934	1906	- 14	—	—
Professores	25	8	17	20 a 58	3200	1591	1609	+ 9	—	—
Total dos Lógicos	100	49	51	18 a 58	12800	6381	6419	+ 19	—	—
Cegos	25	15	10	14 a 66	3200	1600	1600	0	—	—
Budistas	25	8	17	18 a 66	3200	1617	1583	- 17	—	—
Espíritas 1.º	30	19	11	18 a 73	3840	1824	2016	+ 96	+ 3.10	.00096
Espíritas 2.º	45	25	20	13 a 73	5760	2764	2996	+ 116	+ 3.06	.0011
	75	44	31	13 a 73	9600	4588	5012	+ 212	+ 4.33	.000007
Hatha Yoga	50	10	40	17 a 65	19200	9496	9704	+ 104	+ 1.50	.006
Total dos Esotéricos	150	62	88	13 a 73	32000	15701	16299	+ 299	+ 3.34	.0004
Todos os Grupos	275	126	149	13 a 73	48000	23682	24318	+ 318	+ 2.90	.0018

Resultados casuais são esperáveis sempre que se tomam grupos ao acaso. As marcações negativas insignificantes dos Seminaristas, dos estudantes de Comunicações Culturais e dos alunos Budistas nada apresentam, pois, de surpreendente. O empate dos Cegos nenhuma admiração provoca. A marcação positiva insignificante dos Professores Secundários também é característica dos grupos formados por casualidade.

A primeira surpresa é oferecida pelo menor dos grupos, o de Psicologia da USP, com um resultado positivo, não significante, mas sugestivo (RC = 1.50 e P = .066). Idêntico resultado marginal apresentou um grupo maior, o de Hatha Yoga.

O Grupo Espírita, também de composição casual, foi o único a atingir significância estatística, surpreendentemente para a experimentadora, que não é espírita. O grupo exploratório, composto de 30 elementos, entre os quais 21 médiuns, obteve um desvio positivo de 96, correspondente a uma RC de 3.10 ou P = .0009. Neste primeiro grupo Espírita, houve 9 sujeitos com acertos superiores a 70 em 128 previsões; entre eles, registrou-se *a primeira série positiva com 80 acertos* de toda a pesquisa, realizada por um idoso contador bancário que é espírita há várias décadas e contador da União das Sociedades Espíritas do Estado. Em 10 séries sucessivas, ele nunca repetiu a façanha, mas, tendo sido o último espírita testado no primeiro grupo, ele ergueu, emocionantemente para a experimentadora, o resultado de seu grupo à significância final. Analisando-se a consistência deste primeiro grupo, contaram-se 19 elementos com resultados acima da média e 7 abaixo, a indicar que o resultado significante positivo não foi produto da realização de alguns sujeitos extraordinários, mas a soma dos acertos da maioria. A consistência foi portanto, excelente, como também se verificou no segundo grupo, onde 28 sujeitos marcaram acima da média e 15 abaixo.

No Grupo Espírita Confirmatório, registrou-se o mais alto resultado positivo para um conjunto de 128 previsões. Em 124.800 tentativas de toda a pesquisa, só uma vez alguém terminou uma série com *82 acertos*. Esposa de médium, esta senhora espírita iniciou o grupo de confirmação, com sua bela marca, já tendo participado do grupo exploratório com 75 acertos.



Como os 80 acertos finais do grupo exploratório, os 82 acertos iniciais do grupo de confirmação foram o prenúncio de cálculos extremamente significantes. A RC de 3.06 (P = = .001) para o segundo grupo elevou a marcação final das 75 séries espíritas para a espetacular RC de 4.33 (P = .000007).

Sem menosprezar a contribuição positiva dos grupos de Psicologia, de Hatha Yoga e de Professores, a realização dos Espíritas emprestou significância estatística, não só ao resultado dos Esotéricos (RC = 3.34 e P = .0004) como a todos os demais agrupamentos. A pesquisa da PC em Grupos terminou com a significante RC positiva de 2.90 (P = .0018), em virtude da elevada margem de acertos dos Espíritas.

2.º PC de processos quânticos e atitudes

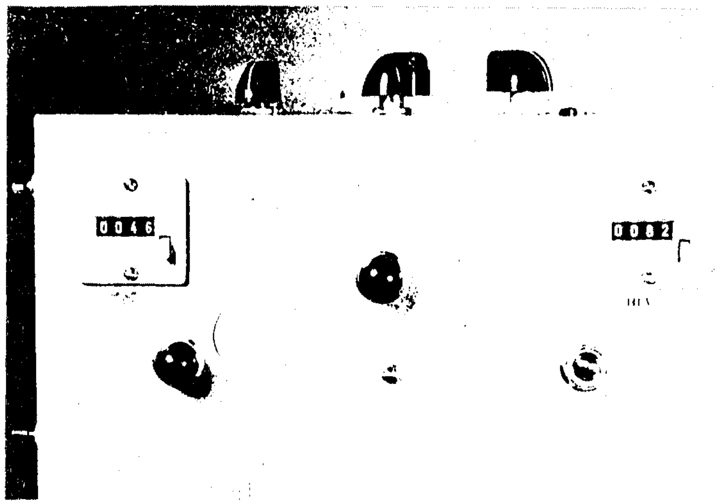
A avaliação das respostas aos Questionários de Atitudes, quando associada aos acertos ou erros, dos respectivos sujeitos nos testes de PC, ofereceu uma nova surpresa.

Resultados casuais são esperáveis sempre que se tomam grupos ao acaso. As marcações negativas insignificantes dos Seminaristas, dos estudantes de Comunicações Culturais e dos alunos Budistas nada apresentam, pois, de surpreendente. O empate dos Cegos nenhuma admiração provoca. A marcação positiva insignificante dos Professores Secundários também é característica dos grupos formados por casualidade.

A primeira surpresa é oferecida pelo menor dos grupos, o de Psicologia da USP, com um resultado positivo, não significante, mas sugestivo (RC = 1.50 e P = .066). Idêntico resultado marginal apresentou um grupo maior, o de Hatha Yoga.

O Grupo Espírita, também de composição casual, foi o único a atingir significância estatística, surpreendentemente para a experimentadora, que não é espírita. O grupo exploratório, composto de 30 elementos, entre os quais 21 médiuns, obteve um desvio positivo de 96, correspondente a uma RC de 3.10 ou P = .0009. Neste primeiro grupo Espírita, houve 9 sujeitos com acertos superiores a 70 em 128 previsões; entre eles, registrou-se *a primeira série positiva com 80 acertos* de toda a pesquisa, realizada por um idoso contador bancário que é espírita há várias décadas e contador da União das Sociedades Espíritas do Estado. Em 10 séries sucessivas, ele nunca repetiu a façanha, mas, tendo sido o último espírita testado no primeiro grupo, ele ergueu, emocionantemente para a experimentadora, o resultado de seu grupo à significância final. Analisando-se a consistência deste primeiro grupo, contaram-se 19 elementos com resultados acima da média e 7 abaixo, a indicar que o resultado significante positivo não foi produto da realização de alguns sujeitos extraordinários, mas a soma dos acertos da maioria. A consistência foi portanto, excelente, como também se verificou no segundo grupo, onde 28 sujeitos marcaram acima da média e 15 abaixo.

No Grupo Espírita Confirmatório, registrou-se o mais alto resultado positivo para um conjunto de 128 previsões. Em 124.800 tentativas de toda a pesquisa, só uma vez alguém terminou uma série com *82 acertos*. Esposa de médium, esta senhora espírita iniciou o grupo de confirmação, com sua bela marca, já tendo participado do grupo exploratório com 75 acertos.



Como os 80 acertos finais do grupo exploratório, os 82 acertos iniciais do grupo de confirmação foram o prenúncio de cálculos extremamente significantes. A RC de 3.06 (P = .001) para o segundo grupo elevou a marcação final das 75 séries espíritas para a espetacular RC de 4.33 (P = .000007).

Sem menosprezar a contribuição positiva dos grupos de Psicologia, de Hatha Yoga e de Professores, a realização dos Espíritas emprestou significância estatística, não só ao resultado dos Esotéricos (RC = 3.34 e P = .0004) como a todos os demais agrupamentos. A pesquisa da PC em Grupos terminou com a significante RC positiva de 2.90 (P = .0018), em virtude da elevada margem de acertos dos Espíritas.

2.º PC de processos quânticos e atitudes

A avaliação das respostas aos Questionários de Atitudes, quando associada aos acertos ou erros, dos respectivos sujeitos nos testes de PC, ofereceu uma nova surpresa.

PRECOGNIÇÃO DE PROCESSOS QUÂNTICOS E ATITUDES

Atitudes		Precognição					
		E	A	Erros	Acertos	Tentativas de PC	RC
Descrentes 37 (ou 13,4%)							
24 Lógicos	2 Teo	125	131				
	10 Psi	629	651				
	8 Com	512	512	1520	1552	3072	+0.57
	4 Prof	254	258				
4 Cegos				244	268	512	+1.06
9 Esot.	2 Bud	131	125				
	0 Esp	—	—				
	2 Esp	112	144	1161	1271	2432	+2.23
	5 H Y	918	1002				
				2925	3091	6016	+2.14
Indecisos 54 (ou 19,6%)							
27 Lógicos	4 Teo	268	244				
	6 Psi	355	413				
	10 Com	658	622	1749	1707	3456	−0.71
	7 Prof	468	428				
7 Cegos				452	444	896	−0.28
20 Esot.	8 Bud	541	483				
	3 Esp	190	194				
	6 Esp	369	399	1665	1663	3328	−0.03
	3 H Y	565	587				
				3866	3814	7680	−0.59
Crentes 184 (ou 67%)							
49 Lógicos	18 Teo	1159	1141				
	5 Psic	320	320				
	12 Com	764	772	3112	3160	6272	+0.55
	14 Prof	869	923				
14 Cegos				904	888	1792	−0.37
121 Esot.	15 Bud	945	975				
	27 Esp	1634	1822				
	37 Esp	2283	2453				
	42 H Y	8013	8115	12875	13365	26240	+3.02
				16891	17413	34304	+2.82
275 Sujeitos				23682	24318	48000	+2.90

Foi inteiramente inesperado para a experimentadora, conhecendo pesquisas anteriores sobre Atitudes, algumas famosas no campo da Parapsicologia, ainda a serem mencionadas neste estudo sobre a PC, constatar que, na maioria dos grupos, os *Descrentes* marcaram acima da média, alcançando a RC positiva de 2.14, marginalmente significante, muitíssimo sugestiva. Três grupos, de Lógicos, Cegos e Esotéricos, auto-classificados como Descrentes, compreendendo 13,4% dos sujeitos, obtiveram resultados positivos.

Os *Indecisos*, como grupo, incluindo Lógicos, Cegos e Esotéricos, correspondendo a 19,6% dos sujeitos, marcaram *negativamente*, mas *ao nível do acaso*. A *RC negativa de 0.59* expressa os erros casuais.

Se reunidos todos estes Descrentes e todos estes Indecisos sob uma quarta denominação — *Grupo Contestatório* — (o que não encara a PC com aquela segurança do seu existir, aquela ausência de dúvida, que caracteriza os Crentes) — tem-se ainda um resultado positivo, mas casual e inferior ao das "ovelhas" ou crentes: RC = + 0.97. Este agrupamento contestatório abrange 33% dos sujeitos.

Os *Crentes* — ou 67% dos sujeitos nesta pesquisa — repetindo as marcações acima da média verificadas nos experimentos de Schmeidler, Bevan, Eilbert, Kahn, Van de Castle e White, Bhadra, Musso, Ryzl e Busby, adiante mencionados, obtiveram significantes resultados positivos nesta pesquisa:

		RC	P
64	Crentes Espíritas — ambos os sexos:	RC= +3.83	P=.00006
40	Crentes Espíritas Homens:	+3.32	.0004
27	Crentes Espíritas — ambos os sexos (expl.):	+3.20	.0006
121	Crentes Esotéricos:	+3.02	.0012
18	Crentes Espíritas Homens (expl.):	+2.91	.0018
37	Crentes Espíritas — ambos os sexos (confirm.):	+2.47	.006
184	Crentes de todos os Grupos — ambos os sexos:	+2.82	.002

Excluídos os Indecisos e reunidos Crentes e Descrentes, 221 indivíduos ou 80% dos sujeitos brasileiros tiveram um desvio positivo de 334 em 40.320 previsões — evidência significante de PC (RC = 3.44 e P = .0002).

3.º PC de processos quânticos e Sexo

a. *Mulheres*

A não ser nos Grupos Espíritas, onde se registraram marcações significantes, e no Grupo Esotérico (por contribuição espírita), onde se verificaram RCs marginalmente significantes, a realização precognitiva das Mulheres nos outros grupos confundiu-se com a esperança casual — um efeito aliás previsível para grupos formados ao acaso.

A RC positiva de 2.42 para a totalidade do grupo feminino pode ser considerada significante, segundo os últimos critérios de significância estatística em Parapsicologia, estabelecidos por Rhine e Brier em 1968 e 1971: "Um resultado numérico é significante quando iguala ou supera algum critério de grau de improbabilidade casual. O critério comumente adotado em Parapsicologia hoje é um *valor probabilístico de .01 ou menor*, o que significa a probabilidade de ocorrência casual do fenômeno 1 vez em 100". A RC feminina de 2.42 corresponde a P = .007.

Estabelecera-se em Parapsicologia um critério mais rigoroso que em outras ciências em virtude dos ataques aos experimentos e das polêmicas acirradas em torno de seus resultados: "Num experimento de Parapsicologia corretamente planejado e executado, uma RC de 2.60 ou maior, é considerada estatisticamente significante" afirmavam Rhine e Pratt em 1957. "O critério usado comumente em Parapsicologia hoje é o valor probabilístico de .01 ou menor, ou um desvio, positivo ou negativo, tal que a RC é de 2.58 ou maior".

Em junho de 1970, *The Journal of Parapsychology* divulgou critério mais recente: "O critério comumente usado em Parapsicologia hoje é um valor probabilístico de .02 — (1 em 50 vezes) ou menor, ou um desvio em qualquer direção tal como uma RC de 2.33 ou maior. A probabilidade de .05 (1 em 20 vezes) é encarada como fortemente sugestiva".

Para as RCs finais das mulheres encontram-se os seguintes valores probabilísticos:

31	Mulheres Espíritas (expl. e confirm.)	RC	+ 2.89	P =	.001
20	Mulheres Espíritas (confirm.)		+ 2.61		.004
88	Mulheres Esotéricas		+ 2.28		.011
25	Crentes Espíritas		+ 2.19		.014
25	Mulheres Descrentes		+ 2.09		.018
70	Crentes Esotéricas		+ 2.06		.019
149	Mulheres, tentativas de PC 29.312		+ 2.42		.007

b. *Homens*

Verificou-se com os Homens o mesmo que se observou com as Mulheres: em todos os grupos, com exceção dos Espíritas e do Esotérico (devido à contribuição espírita), os Homens tiveram resultados casuais.

As RCs significantes foram convertidas em valores de probabilidade:

39	Homens Espíritas Crentes	RC	3.32	P =	.0004
44	Homens Espíritas (expl. e confirm.)		3.23		.0006
18	Homens Espíritas Crentes (expl.)		2.91		.0018
19	Homens Espíritas (expl.)		2.88		.0019
62	Homens Esotéricos		2.58		.004
51	Homens Esotéricos Crentes		2.34		.009
87	Homens Crentes		2.11		.017
126	Homens, tentativas de PC 18.688		1.77		.038

c. *Mulheres e Homens*

As Mulheres como grupo marcaram mais alto que os Homens como grupo, mas a diferença entre ambos os sexos não foi significante. Sob outros aspectos, a realização de ambos, positiva, foi muito semelhante como se constata dos cálculos seguintes:

PRECOGNIÇÃO – COMPARAÇÃO ENTRE SEXOS

	Mulheres	RC		Homens	RC
51	Lógicas	+ 1.41	49	Lógicos	—
10	Cegas	—	15	Cegos	—
17	Budistas	—	8	Budistas	—
31	Espíritas	+ 2.89	44	Espíritas	+ 3.23
40	H Yoga	+ 1.59	10	H Yoga	—
88	Esotéricas	+ 2.28	62	Esotéricos	+ 2.58
149	Mulheres	+ 2.42	126	Homens	+ 1.77
25	Crentes Espíritas	+ 2.19	39	Crentes Espíritas	+ 3.32
35	Crentes H Yoga	+ 1.07		—	
70	Crentes Esotéricas	+ 2.06	51	Crentes Esotéricos	+ 2.34
97	Crentes	+ 1.93	87	Crentes	+ 2.11

4.º Alegações de PC espontânea

Computadas, em números absolutos e percentuais, as respostas às quatro primeiras afirmações do Questionário de Atitudes, referentes às experiências precognitivas espontâneas que os 275 sujeitos disseram ter vivido, notou-se que as alegações mais freqüentes corresponderam ao conhecimento de PCs alheias verificadas, e as menos freqüentes, à PC de doença, acidente e morte, pelo próprio sujeito:

Conhecimento de PCs alheias verificadas	129	ou	28,5%
Sonhos precognitivos confirmados	128	ou	28,0%
Palpites certos	122	ou	26,7%
PC de morte, acidentes, doença pelo sujeito	77	ou	16,8%

As alegações de PCs espontâneas confirmadas foram mais freqüentes entre os Budistas Esotéricos, praticantes de Hatha Yoga e Espíritas, e menos freqüentes entre os Lógicos, seminaristas católicos, universitários de Psicologia e de Comunicações Culturais, e Professores Secundários.

Os Esotéricos preencheram 51% das respostas possíveis e deixaram 49% em branco.

Os Cegos preencheram 41% das respostas possíveis e deixaram 59% em branco.

Os Lógicos preencheram 35% das respostas possíveis e deixaram 65% em branco.

Examinando-se a totalidade dos Questionários de 259 sujeitos (16 não responderam ao Questionário no Grupo Espírita Confirmatório porque já haviam participado do Exploratório), encontrou-se que 44% das respostas possíveis foram preenchidas e 56% deixadas em branco.

Das 44% respostas dadas,

26,5% o foram pelos 134 Esotéricos,
13,5% pelos 100 Lógicos,
e 3,9% pelos 25 Cegos.

5.º Significância final

Para uma avaliação geral dos resultados da primeira etapa desta pesquisa, arrolam-se a seguir todas as suas RCs significantes e sugestivas:

PC EM GRUPOS

Sujeitos	Grupos	Tentativas de PC	RC	P
75	dois grupos espíritas — homens e mulheres	9.600	4.33	.000007
64	espíritas crentes — homens e mulheres		3.83	.00006
221	crentes e descrentes de todos os grupos		3.44	.0002
150	grupo esotérico — homens e mulheres	32.000	3.34	.00041
40	homens espíritas crentes		3.32	.00045
44	homens espíritas		3.23	.0006
27	crentes do grupo espírita exploratório		3.20	.0006
30	grupo espírita exploratório	3.840	3.10	.0009
45	grupo espírita confirmatório	5.760	3.06	.0011
121	esotéricos crentes — homens e mulheres		3.02	.0012
18	homens espíritas crentes (expl.)		2.91	.0018
275	todos os sujeitos — todos os grupos	48.000	2.90	.0018
31	mulheres espíritas		2.89	.0019
19	homens espíritas no grupo exploratório		2.88	.0019
184	todos os crentes — homens e mulheres	34.304	2.82	.002
20	mulheres espíritas no grupo confirmatório		2.61	.004
62	homens esotéricos		2.58	.004
37	espíritas crentes no grupo confirmatório		2.47	.006
149	todas as mulheres	29.312	2.42	.007
51	homens esotéricos crentes		2.34	.009
88	mulheres esotéricas		2.28	.011
9	esotéricos descrentes		2.23	.012
25	mulheres espíritas crentes		2.19	.014
37	todos os descrentes — homens e mulheres	6.016	2.14	.016
87	todos os homens crentes		2.11	.017
25	todas as mulheres descrentes		2.09	.018
70	mulheres esotéricas crentes		2.06	.019
97	mulheres crentes		1.93	.02
21	homens espíritas crentes (confirm.)		1.81	.03
126	todos os homens	18.688	1.77	.03

2.ª Parte – PC em indivíduos

2.º a. *Resultados individuais significantes*

Dos 15 sujeitos escolhidos por terem tido acertos iguais ou superiores a 70 no teste exploratório, 5 marcaram significativamente nas primeiras 10 séries de 128 tentativas:

PC – RESULTADOS INDIVIDUAIS SIGNIFICANTES

Sujeitos	Teste Exploratório Acertos	Teste Exploratório Desvio	Teste Confirmatório Desvio	Teste Confirmatório RC
Cega	78	+ 14	+ 43	+ 2.40
Estudante de Teologia	70	+ 6	+ 43	+ 2.40
Espírita	75	+ 11	— 48	— 2.68
Estudante de Teologia	74	+ 10	— 49	— 2.74
Professor	73	+ 9	+ 49	+ 2.74

A realização de cada um no teste exploratório e no confirmatório é detalhada a seguir:

1.º Sujeito: cega, solteira, 28 anos

Local: seu Instituto Profissional

Datas: 1.º de junho, e 8 e 10 de junho de 1972

Testemunhas: Visitante vidente e Funcionária do Estabelecimento

Teste Exploratório:

Tentativas de PC = 128
Acertos = +78
Desvio = +14
Razão crítica = 2.50

Atitude: Indecisa

Teste Cofirmatório:

Erros	Acertos	
60	68	
54	74	
54	74	em 8.6.1972
62	66	
58	70	
62	66	
56	72	
60	68	
68	60	
63	65	em 10.6.1972
597	+683	

Tentativas de PC = 1280
Acertos = +683
D = + 43
RC = 2.40
P = .008

Atitude durante o Teste Confirmatório:

Boa vontade, mas sem empenho pessoal na tarefa. Desejo de agradar a desconhecida experimentadora. Moça humilde, prestativa.

2.º Sujeito: estudante de Teologia, 28 anos

Locál: Instituto Teológico Pio XI

Data: 13 e 16 de junho de 1972

Testemunha: estudante de Teologia

1 Teste Exploratório

Tentativas de PC = 128
Acertos = +70
D = + 6
RC = 1.06

Atitude: Crente

2. Teste Confirmatório - lâmpadas em círculo

Erros	Acertos	
54	74	
53	75	
59	69	
67	61	
65	63	em 13.6.72
54	74	
57	71	
54	74	
62	66	
72	56	em 16.6.72
− 597	+683	

Tentativas de PC = 1280
Acertos = +683
D = + 43
RC = 2.40
P = .008

Atitude durante o Teste Confirmatório: Muito alegre, um riso de pureza, sadio. Competiu com a máquina filosoficamente. Interessado nos resultados positivos, satisfeito cada vez que marcava acima de 70. Mais interessado, todavia, nos cálculos e na interpretação final.

3.º Sujeito: espírita, 38 anos, esposa de médium

Local: sua residência

Data: 15 de junho e 8 de julho de 1972

Testemunhas: quatro médiuns espíritas, filhos e amigos

1. Teste Exploratório

Tentativas de PC = 128
Acertos = +75
D = +11
RC = 1.93

Atitude: Crente

2. Teste Confirmatório

Erros	Acertos
78	50
64	64
71	57
64	64
73	55
74	54
72	56
63	65
60	68
69	59
688	+592

Tentativas de PC = 1280
Erros = −688
D = −48
RC = 2.68
P = .003

Atitude durante o Teste Confirmatório: O teste exploratório foi realizado na residência da experimentadora, em dia útil, à noite, quando as pessoas testadas eram visitas, servidos chá e biscoitos em meio à conversa sobre parapsicologia e mediunidade, em ambiente calmo e amável. (*RC positiva sugestiva*).

O teste confirmatório realizou-se na residência do médium, no sábado 8 de julho, à tarde e à noite, na copa, quando a esposa devia atender filhos que iam a uma festa noturna, vizinhos, amigos e médiuns que entravam para serem testados, telefonemas com a televisão funcionando ao lado, e o preparo de café e de chá com bolo, tudo entre as 10 séries no aparelho eletrônico. Sem nervosismo, muito cooperativa, sempre

atenta às suas tarefas de mãe, esposa, vizinha, amiga e sujeito de teste. Erros muito mais numerosos que acertos. (*RC negativa significante*).

4.º Sujeito: estudante de Teologia, 22 anos

Local: Seminário Salesiano

Data: 13 de junho de 1972

Testemunha: estudante de Teologia

1. Teste Exploratório

Tentativas de PC = 128
Acertos = +74
D = +10
RC = 1.78

Atitude: Descrente

2. Teste Confirmatório

Erros	Acertos
62	66
79	49
53	75
77	51
67	61
74	54
71	57
65	63
65	63
76	52
− 689	+591

Tentativas de PC = 1280
Erros = −689
D = −49
RC = 2.74
P = .003

Atitude durante o Teste Confirmatório: Alegre, esportiva, bem humorada. Realizou as primeiras séries confiante, sempre com esperança de acertar. Ria-se dos resultados negativos e mostrava surpresa pela repetição de setenta. Nas três últimas séries, porém, quis e lutou por marcações negativas superiores a 70, conseguindo mais uma, a última. É um exemplo de *Descrente* com marcação *negativa significante* no teste mais longo.

5.º Sujeito: Professor secundário, de Língua e Literatura. Formado pela USP, jovem, casado.

Local: Seu Instituto de Educação

Datas: 25 de maio, e 24/27 de junho de 1972

Testemunhas: Aluna do Estabelecimento e Diretora

Teste Exploratório:
Tentativas de PC = 128
Acertos = +73
D = + 9
RC = 1.60

Atitude: Crente

Teste Confirmatório

Erros	Acertos	
60	68	
65	63	
51	77	
60	68	em 24.6.1972
58	70	
57	71	
66	62	
62	66	
55	73	
57	71	
-591	+689	

Tentativas de PC = 1280
Acertos = +689
D = + 49
RC = 2.74
P = .003

Atitude durante o Teste Confirmatório: Tentativas feitas em "hora vaga" entre duas aulas. Boa vontade e interesse. Bom jogador de pingue-pongue e de futebol. Encarou a tarefa como um desafio e lutou contra a máquina para vencer, vigiando os contadores a todo momento. Entusiasmado com seus resultados, à medida que o teste prosseguia. Divulgou-os a toda a Escola.

2.º b. *Resultados coletivos — sujeitos selecionados e não-selecionados*

Os 15 sujeitos selecionados completaram 26 blocos de 1280 tentativas, dois dos quais com desvio zero; dos 24 blocos restantes de 13 sujeitos selecionados, 9 (ou 3/8) terminaram com desvio positivo e 15 (ou 5/8) com desvio negativo. Os 15 sujeitos não selecionados completaram 7 blocos (ou 1/3) com desvio positivo e 11 (ou 2/3) com desvio negativo. Nota-se, de imediato, a tendência ao erro sistemático.

Não sendo possível expressar o resultado de um mesmo grupo por dois valores simultâneos e opostos, um perito elaborou-lhes a fusão. Efetuado pelo dr. Schmidt, no Instituto de Parapsicologia, em Durham, o cálculo do quiquadrado para os sujeitos escolhidos deu o alto valor de 59.79, para 26 graus de liberdade, correspondente à probabilidade inferior a .0001.

Por contraste, o cálculo do quiquadrado para os 15 sujeitos auto-escolhidos, efetuado pela experimentadora, deu o insignificante valor de 14.07, para 18 graus de liberdade, com uma probabilidade de .72, indicativa de realização casual.

PRECOGNIÇÃO DE PROCESSOS QUÂNTICOS POR INDIVÍDUOS SELECIONADOS E NÃO-SELECIONADOS

Sujeitos	Desvio (+)		Desvio (−)		Desvio 0		Total de tentativas	Total de	X^2	P
	Blocos	D	Blocos	D	Blocos	D	de PC	blocos		
15 Selecionados	9	+230	15	−360	2	0	33280	26	59.79	.0001
15 não selecionad.	6	+ 93	12	−164	—	—	23040	18	14.07	.72
30	15	+323	27	−524	2	0	56320	44		

Sujeitos que marcaram alto no teste exploratório, tenderam a confirmar sua produção inicial, enquanto indivíduos de resultados mais aleatórios continuaram a apresentar um rendimento casual. Os 30 sujeitos da segunda etapa da pesquisa realizaram 56.320 tentativas de PC.

3.ª Parte — PC de processos quânticos por uma cega

Na segunda etapa da pesquisa conheceu-se o primeiro bloco de 1280 tentativas de PC realizado por uma cega, com uma RC de 2.40, depois de 78 acertos no teste exploratório.

A fim de completar o número prefixado de 20000 tentativas para um mesmo sujeito, ela realizou mais 19200 tentativas de PC divididas em outros 15 blocos de 10 séries.

O segundo bloco de previsões efetuou-se na residência da experimentadora, onde a cega passou uma tarde ouvindo música; seu desvio positivo, nessa ocasião, foi insignificante. Sua RC baixou para 2.17.

Todos os demais testes foram efetuados na Instituição que a abriga, ora na sala de recepção, ora na copa e, às vezes, em seu dormitório. Todos foram testemunhados por visitantes videntes, aos domingos, ou funcionários do estabelecimento nos dias úteis; uma vez, foram presenciados por uma amiga da experimentadora, justamente na ocasião do maior desvio negativo.

O terceiro bloco terminou com o primeiro desvio negativo, de 33, e uma RC de 1.84, que pareceu, então, anular todos os testes anteriores.

Do 4.º ao 6.º bloco, ela obteve novamente desvios positivos, num total de 76, o que ergueu outra vez sua RC para 2.45.

Na manhã de 20 de junho, uma terça-feira, sua companheira de quarto recebeu a experimentadora na copa e adiantou-lhe que a moça provavelmente não desceria para fazer os testes porque não estava passando bem. A cega, porém, veio ao encontro da experimentadora, e insistiu em continuar com as previsões, apesar de sentir muita dor de cabeça. Relutantemente, a pesquisadora cedeu, consciente do risco a que se expunha: perder a expressiva RC já conquistada nas 7680 predições anteriores. Seu receio encontrou fundamento — naquela manhã, a cega completou o seu segundo bloco independentemente significante, e significativamente negativo. Em 1280 tentativas, o desvio negativo foi 52, correspondente a uma RC

de 2.9. A experimentadora sentiu que voltava "à estaca zero". Não conseguia marcações numa só direção e o estado de saúde da percipiente não parecia ser favorável à continuação dos testes.

De fato, três dias mais tarde, no bloco seguinte, ela repetiu o desvio negativo, desta vez, de 26, equivalente a uma RC de 1.45. Estes dois últimos blocos, sozinhos, corresponderam a uma RC negativa, de 3.08. A RC da totalidade dos blocos era, todavia, insignificante. A cega completara 10240 adivinhações.

A essa altura da pesquisa, a experimentadora viu desfeitas suas esperanças de encontrar nesta cega "uma agulha de ouro num palheiro" — um sujeito significante — sem ponderar na importância daquela dor de cabeça e das conseqüentes RCs negativas. Desesperançada e, no entanto, percebendo que a cessação dos testes antes da época prefixada desapontaria a moça, a experimentadora continuou a transportar o aparelho até o instituto, para encontrar nova seqüência de desvios positivos, alguns meramente casuais, que não chegavam a cancelar os negativos. Após 15360 tentativas, quando a RC de todos os blocos equivalia a 1.42, e ainda havia alguma esperança de erguê-la a um nível significante, ocorreu, literalmente, "a queda dos céus".

Foi numa quarta-feira de manhã, 28 de junho. Dia de azar? Tratava-se do 13.º bloco. A experimentadora, em companhia de uma amiga, encontrou a instituição em rebuliço. Era dia de grande limpeza. Móveis, deslocados de seus lugares, atravancavam o caminho. Dos vários dormitórios, com suas portas e janelas escancaradas, vinha o ruído sobreposto de rádios ligados em estações diferentes e vozes de cegas acompanhando modas de viola nordestinas. As faxineiras, com vassouras e baldes, limpavam as salas, enquanto alguém ligava uma enceradeira elétrica para lustrar os ladrilhos da copa. Nessa copa, como em outras vezes, o aparelho eletrônico foi ligado e os testes começaram em meio à balbúrdia e ao vozerio. Até hoje, a experimentadora não se explica porque não recuou e não desistiu, deixando para outra ocasião uma tarefa cuja delicadeza, ela o sabia muito bem, requeria condições mínimas de silêncio e de bem-estar.

A cega estava concluindo sua terceira série de 128 tentativas (resultados: 76-52, 60-68 e 64-64) quando um enorme vaso de folhagens rolou pela escada de acesso à copa e aos

dormitórios; e pelo vão de tábuas que constituíam o teto da copa, a terra do vaso, em poeira descendente, cobriu de leve o forte susto. Quando vozes excitadas e explicações serenaram, ainda se ouviam os interferentes programas de rádio e a enceradeira chegava à nossa mesa. Deslocadas, fomos ligar o aparelho na sala do andar superior, subindo pela mesma escada do vaso removido.

Da 4.ª à 10.ª série de 128 tentativas não houve mais nenhum acerto: 7 séries de erros seguiram-se 69-59, 71-57, 65-63, 68-60, 76-52, 82-46, e 76-52. Com os 76 erros iniciais, este colar de contas negativas só podia ter um fecho de prata: com um desvio de 67, uma RC de 3.72, uma P = .00009.

Para desaponto da amiga visitante, a cega só errou. Para desencanto da experimentadora, a longa e paciente pesquisa com a cega estava encerrada: 16640 tentativas de PC terminavam com uma RC para todos os blocos de 0.32, devido aos erros e acertos que aparentemente se anulavam.

O mesmo impresso de registro tinha espaço para outro bloco de testes, e a experimentadora continuou a preenchê-lo maquinalmente, movida pela mansidão da cega que, em silêncio, prosseguia em sua tarefa sem nada entender de estatística. Na mesma situação, para o bloco seguinte, o resultado se inverteu outra vez, marginalmente positivo: RC = 1.11. Estavam concluídas 17920 previsões.

Dois blocos faltavam para satisfazer a condição prefixada de 20000 tentativas. A próxima ocasião seria um domingo, dia que a cega, em geral, marcava positivamente, logo após a conversa com os cegos masculinos que a visitavam na instituição.

No último domingo, cercada por visitantes videntes, moços e moças, que testemunharam os resultados (sendo que um deles registrou de próprio punho as penúltimas 7 séries), em ambiente de alegria, de curiosa expectativa e de aprovação social, a cega completou a penúltima série com 47 acertos (RC = = 2.62), a segunda positiva independentemente significativa. A última série, também positiva, na mesma data, não foi significante; verificou-se o declínio quando alguns visitantes partiram.

A alternância de desvios positivos e negativos historia a evolução da pesquisa com essa moça, do 1.º ao 16.º bloco de suas predições.

Blocos de 128 tentativas	Erros	Acertos	Desvio	RC		Tentativas de PC
1.	597	683	+ 43	+ 2.40	+ 2.17	
2.	628	652	+ 12	+ 0.73		
3.	673	607	− 33		− 1.84	2560
4.	618	662	+ 22	+ 1.22		3840
5.	618	662	+ 22	+ 1.22	+ 2.45	
6.	608	672	+ 32	+ 1.78		
7.	692	588	− 52	− 2.9		7680
8.	666	614	− 26	− 1.45	− 3.08	
9.	616	664	+ 24	+ 1.6		10240
10.	621	659	+ 19	+ 1.06	+ 2.13	
11.	628	652	+ 12	+ 0.67		
12.	627	653	+ 13	+ 0.72		15360
13.	707	573	− 67		− 3.72	
14.	620	660	+ 20	+ 1.11		16640
15.	593	687	+ 47	+ 2.62	+ 2.91	
16.	617	663	+ 23	+ 1.28		20480

$X^2 = 50.38$
$P < 10^{-7}$

Qual o balanço desta evolução? Raríssimos resultados casuais: apenas três blocos com RCs de 0.73, 0.67 e 0.72. Marcações positivas e negativas sugestivas ou significantes. Improbabilidade casual.

Sua dúvida persistindo, quanto à interpretação dos resultados, a experimentadora enviara cópias xerográficas dos blocos originais ao Dr. Schmidt, em Durham, indagando do cálculo mais justo diante da ocorrência de acertos e erros — *psi-missing* e *psi-hitting* — no mesmo indivíduo. Especialista em Física Estatística, ele calculou o X^2 para sete graus de liberdade, encontrando o altíssimo valor de 50.38. E acrescentou: "A probabilidade de encontrar por acaso um valor tão alto ou ainda mais alto de X^2 é inferior a 10^{-7}. Tabela encontrável em *Rhine, ESP after 60 years*, p. 369".

A probabilidade baixíssima (0.0000001) de acerto precognitivo casual significa, em outras palavras, que o exercício da PC, verificado nos testes desta moça, só ocorreria por acaso *1 vez em 10 milhões.*

Tentativas de PC de processos quânticos — total

1.ª *fase da pesquisa brasileira*

275 sujeitos — todos os grupos — 48.000 P = .0018

149 mulheres	—	29.312	P = .007
126 homens	—	18.688	P = .03
59 espíritas	—	9.600	P = .000007
37 descrentes	—	6.016	P = .016
54 indecisos	—	7.680	—
184 crentes	—	34.304	P = .002

2.ª *fase da pesquisa brasileira*

30 indivíduos 56.320

15 escolhidos	33.280	P = .0001
15 não-escolh.	23.040	P = .72

3.ª *fase da pesquisa brasileira*

1 cega 20.480 **P** = $.10^{-7}$ ou .000 000 01

Tendo sujeitos da 2.ª e 3.ª fases participando da 1.ª, calcula-se que foram realizadas cerca de 120.000 tentativas de PC de processos quânticos.

D. Discussão

Lógica e intuição

A divisão entre Lógicos e Esotéricos, nesta pesquisa foi mais nominal que de essência, pois muitos indivíduos, situados num desses dois grupos, poderiam pertencer ao outro, ou a ambos.

Houve, contudo, uma diferença cultural saliente entre, de um lado, o nível primário da maioria dos cegos, a instrução primária e secundária da maioria dos budistas esotéricos e dos espíritas (exceto os médicos espíritas), o nível escolar talvez secundário dos estudantes de Hatha Yoga, e, de outro lado, o definido nível universitário de todos os elementos pertencentes ao Grupo batizado de Lógico.

Se fosse possível, uma divisão mais interessante e pernitente ao fenômeno em estudo, deveria ser feita — separar os sujeitos em intuitivos e discursivos.

"Basil Shackleton e Gloria Stewart não foram descobertos pela aplicação às cegas de testes de rotina a grande número de pessoas na esperança de descobrir um genuíno percipiente de telepatia precognitiva. Experimentar ao acaso não dá certo. É melhor procurar pessoas que sejam conhecidas entre os amigos como possuidoras de faculdades paranormais. Também não parece, apesar dos experimentos em contrário de Rhine com seus próprios alunos, que o estudante universitário inglês constitua material promissor para a pesquisa parapsíquica. Dos 80 estudantes testados por Soal no University College de Londres, não houve um que desse pelo menos evidência tolerável de possuir qualquer dom de percepção extra-sensorial, e a experiência do dr. Thouless com os estudantes de Glasgow parece corroborar essa impressão. *É entre os que cultivam mais a intuição que o intelecto que deveríamos prosseguir com nossas pesquisas*", salientaram Soal e Bateman, em 1953, acrescentando: "... parece regra que, sempre que um psicólogo acadêmico faz pesquisas, quase sempre as faz com estudantes. Mas os processos mentais do estudante britânico normal, sendo de

natureza lógica e assimiladora de fatos, *diferem radicalmente* dos sensíveis intuitivos".

Em vista do resultado casual do Grupo Lógico, possivelmente entre eles estivesse maior número de indivíduos discursivos e entre os 73 Espíritas, que alcançaram tão alta significância estatística, maior número de sensíveis, intuitivos e imaginativos.

Curiosamente, nos dois grupos onde predominaram mulheres, o de Psicologia e o de Hatha Yoga, encontrou-se a mesma RC de 1.50, sugestiva de capacidade precognitiva.

Médiuns

Além do trabalho recente de Schmidt com médiuns profissionais em PC de processos quânticos, a História da Pesquisa Parapsíquica registra investigações com médiuns em sessões de clarividência, de psicocinese e de "psicometria".

Um físico como Sir William Barrett, um psiquiatra como o Dr. Pierre Janet, ou um filósofo da ética como o dr. Henry Sidgwick, abertamente participaram do exame de médiuns. O psicólogo acadêmico, porém, sentiu-se menos à vontade para embrenhar-se na área do ocultismo. Homens como William James e William McDougall estavam suficientemente preparados para julgar a evidência e dar séria atenção ao problema; mas enquanto ambos suspenderam o julgamento, a evidência era bastante forte para obrigá-los a manter-se completamente abertos à questão.

Antes do ataque experimental aos fenômenos parapsíquicos na Universidade de Duke, o parapsicólogo interessava-se pelo problema da sobrevivência após a morte e, portanto, pelos fenômenos mediúnicos. Allyson, Sir William Crookes, Myers, Saltmarsh e Thomas procederam a tais estudos, sem que qualquer método de provar os fenômenos através de mediunidade fosse considerado definitivamente indiscutível.

Hyslop em 1916, deu a um médium uma série de testes de percepção extra-sensória e obteve uma RC de 1.34.

Coover em 1917 obteve resultados negativos com 14 médiuns, e significantes com sujeitos normais.

Diretor de pesquisa na Fundação Menninger, o dr. Gardner Murphy, em resposta à questão recentemente proposta em 1968 pela dra. Louisa Rhine "Qual o seu conselho ao jovem que planeje dedicar-se à Parapsicologia?", entre outros, deu o

seguinte: "filiar-se a uma sociedade espiritualista e assistir a demonstrações públicas de clarividência com médiuns".

À mesma questão, o dr. Tenhaeff, professor de Parapsicologia na Universidade de Utrecht, na Holanda, respondeu: "Cerca de 1920, eu comecei a ler tudo sobre mediunidade e visitei toda a espécie de médiuns. Dentro de poucos anos cheguei à conclusão de que o único trabalho frutífero nessa área era o estudo da psicologia experimental em seus ramos laterais. . ."

Rhine em 1934 examinou uma médium profissional, a sra. Eilen Garrett, em testes de telepatia e de clarividência, em estados de transe e de vigília, e obteve resultados significantes. Mas, em testes de PC, apenas marcações casuais, como aconteceu a Goldney e Soal trabalhando com a mesma médium.

Nota-se, depois dos experimentos na Universidade de Duke, a tendência a deslocar a pesquisa, da observação de médiuns, para tipos de experimentação controlada de que eles participem.

"Poucos foram observados para generalizar-se com segurança", observou Rhine em 1940. "Deve-se dizer, todavia, que indicações existem de que o médium profissional não é um sujeito superior, indicações estas apoiadas na pobreza de casos. O clarividente profissional, sem dúvida, pode encontrar desvantagem em transferir-se subitamente para a rotina de um laboratório, e esta possível desvantagem deve ser levada em conta antes de se tirarem conclusões finais."

"As experiências mediúnicas cercam-se geralmente das exigências que se denominam de leis psíquicas. Por exemplo, comumente é necessário que exista escuridão absoluta. Não é possível observar com precisão suficiente efeitos que se realizam no escuro, nem o controle é bastante para permitir qualquer conclusão" escrevia Rhine em 1947. "A descoberta freqüente de médiuns praticando fraudes faz duvidar se os que não foram pilhados praticando fraude estavam igualmente bem vigiados". E ponderou ele na mesma época:

A tarefa espinhosa e incerta de analisar os pronunciamentos mediúnicos tem fatigado, senão derrotado, inúmeros investigadores. Aos registros da mediunidade têm faltado de tal maneira precauções e controles que qualquer conclusão atual é arriscada. Embora não seja esperável conseguir-se o equivalente a um experimento de cartas de baralho-padrão e de lance de dados, há muito a fazer para simplificar e controlar o estudo experimental da mediunidade.

A pesquisa realizada pela autora não o foi sobre a mediunidade, embora contasse com a participação de 37 médiuns e fosse animada pela esperança de encontrar entre eles um indivíduo excepcionalmente dotado para a PC de processos quânticos. Apesar do aparelho eletrônico constituir um recurso experimental mais moderno relativamente ao baralho-padrão, o tempo não permitiu a demora na área dos médiuns. Os resultados significantes dos dois grupos espíritas, porém, sugerem a futuros pesquisadores, com outros objetivos, outras técnicas de pesquisa e aparelhagem mais avançada ainda, uma sondagem fascinante e compensadora no oceano sem praias dos poderes humanos em evolução.

Ioga

Em 1970, no City College de Nova York, seis estudantes de Psicologia em pós-graduação completaram uma série de testes de clarividência no começo de uma aula da dra. Schmeidler. A seguir, um *swami* hindu, Madhavananda Sraswati, fez uma palestra sobre meditação e deu instruções em exercícios respiratórios aos seis sujeitos, que os realizaram durante três ou quatro minutos, antecedendo uma segunda série de testes de PES.Os resultados na primeira série permaneceram ao nível casual, enquanto as marcações da segunda série foram significantemente altas ($P = .01$).

O dr. N. N. Das, professor de Fisiologia na Universidade de Calcutá e, na Índia, um pioneiro em eletroencefalografia e eletrofisiologia, amigo de infância do grande Mestre de Ioga Paramahansa Yogananda e ele próprio praticante de Kriya Yoga, obteve registros incomuns, da pulsação cardíaca de um mosquito, das reações de uma haste de capim ao choque elétrico, e das ondas cerebrais de iogues em êxtase.

Tendo previamente trabalhado com Sir Jâgadis Chandra Bose, o inventor do crescógrafo, um instrumento de ampliação mais potente que o microscópio comum e anterior ao microscópio eletrônico, o dr. Das compareceu a uma Conferência da Federação das Sociedades de Eletroencefalografia e Neurofisiologia Clínica, em 11 de novembro de 1955, em Marselha, na França, onde apresentou um trabalho intitulado *A Atividade Elétrica do Cérebro em Certas Práticas de Ioga*. Foi a primeira vez que se apresentou, num conclave de médicos especialistas, um estudo objetivo, com instrumentos materiais, dos efei-

tos psicológicos e até místicos dos exercícios de ioga sobre o cérebro. O dr. Das trabalhou com sete sujeitos que praticaram exercícios respiratórios iogues de 5 a 15 anos. Registrou-lhes as ondas cerebrais antes, durante e após o pranayama (técnicas iogues de controle da força vital para acalmar a mente). Durante o experimento, uma das mulheres entrou em *samádhi* (comunhão consciente com Deus ou estado de superconsciência, as percepções sensoriais sendo eliminadas). O dr. Das descreveu como o eletroencefalógrafo registrou rápidas emanações de ondas *beta* da cabeça da *ióguine*, enquanto esta mostrava total insensibilidade ao mundo exterior, apesar de deliberados esforços para chamar-lhe a atenção.

Pode a Ciência, através da Ioga, obter conhecimento dos estados últimos de auto-liberação? *Liberação da matéria, do espaço e do tempo?* Disse o dr. Das em 1956: "Dos escritos esparsos de alguns iogues a respeito de suas experiências em concentração profunda, modernos psicólogos encontram algum paralelismo entre a condição psíquica do iogue e do introspectivo altamente treinado que intensamente contempla um percepto ou uma imagem. Objeto e sujeito fundem-se numa unidade e gradualmente se desvanecem, proporcionando um estado de pura consciência que pode ser descrito como um sentimento indefinível de êxtase ou de liberdade. Maior luz científica sobre a natureza deste estado se espera de estudos futuros em laboratório".

As observações de Das e Gastaut feitas em 1955 sobre ondas rápidas de elevada amplitude nos registros eletroencefalográficos de iogues em meditação não foram confirmadas por trabalhos posteriores.

Bagchi e Wenger em 1957 encontraram padrões normais de ondas *alfa* nos registros eletroencefalográficos de iogues em meditação. Okuma e outros, em 1958, observaram ondas *alfa* em praticantes de Zen, intensificadas à medida que eles progrediam em sua prática, mesmo com os olhos abertos.

Em pesquisa de Anand, Chhina e Singh, em 1961, com iogues antes e durante a meditação, registrou-se uma atividade persistente e bem modulada de ondas *alfa*, mais notável durante o *samádhi*. Apesar desta atividade *alfa* poder facilmente ser bloqueada por vários estímulos sensoriais em períodos em que o iogue não estava meditando, não foi possível bloqueá-la durante a meditação. Mesmo durante a meditação profunda, quando os iogues pareciam estar completamente relaxados e num estado de adormecimento, o registro eletroencefalográfico

mostrou apenas proeminente atividade *alfa*. Durante o *samádhi*, segundo os iogues, olvidam-se os estímulos do ambiente e a atividade nervosa superior permanece em estado de êxtase. Estudos realizados com principiantes de ioga salientaram que os indivíduos cuja atividade *alfa* é marcante em seus períodos normais de repouso, mostram maior aptidão e zelo em manter-se na prática de ioga.

"A Ioga é um método e não um estado. Tem três importantes implicações para a Parapsicologia: 1.º) há inibição da atividade cerebral no estágio de exercício físico; 2.º) há ativação da psique no estado de concentração; 3.º) a expansão da concentração nos estágios finais inverte o papel da psique, de receptora de impressões sensoriais ao de seu relacionamento direto com objetos externos."

Na Universidade de Andhra, em Waltair, na Índia, o dr. Ramakrishna Rao, autor do parágrafo acima, e seus associados no Departamento de Psicologia, estão investigando as relações entre PES e Ioga. Rao considera prematuro tentar testar os iogues em sua capacidade extra-sensorial. Além da dificuldade de encontrar iogues adequadamente treinados, é essencial que os investigadores aprendam a prática da ioga, em primeira mão, para descrever suas próprias experiências durante os exercícios Tais experiências são de difícil relato verbal, de modo que os parapsicólogos precisam participar, em algum grau, dos mesmos estados psicológicos para serem capazes de apreender o que o iogue deseja significar. Outra necessidade está sendo a de desenvolver alguma espécie de escala para medir o grau de adiantamento de um determinado iogue.

A Parapsicologia atingiu o vestíbulo da Ioga. No Brasil, o insinuante resultado de 50 alunos de Hatha Yoga inaugura uma área de pesquisa extremamente prometedora, quando, entre nós, também se encontrarem mestres de ioga que dominem realmente aqueles estados de consciência onde espaço, matéria e tempo perdem sua relatividade para as vivências absolutas do êxtase, da intemporalidade, da visão onipresente e onisciente, da realização do divino no homem.

Atitude para com o fenômeno precogntivo

A Discussão deste aspecto exige informação minuciosa sobre descobertas experimentais anteriores, implicando na abordagem do tema em cinco etapas: a) experimento pioneiro; b)

experimentos subseqüentes; c) relação entre PC e Atitude; d) a natureza cambiante da Atitude; e) Atitudes na pesquisa brasileira.

a. *Experimento pioneiro*

Professora do Departamento de Psicologia do City College de Nova York, a dra. Gertrude Schmeidler, foi a primeira a tratar do problema da crença e descrença em Parapsicologia.

Ao iniciar seus experimentos em 1942, ela encontrava-se "hesitante", "sem convicção", exigindo "condições experimentais impecáveis" para vencer sua "reação emocional", sua "relutância" contra as evidências que na bibliografia científica se acumulavam a favor da telepatia e da clarividência.

Schmeidler escolheu a clarividência e as cartas do baralho-padrão para testar sujeitos ao acaso, seus conhecidos no Departamento de Psicologia de Harvard, e estudantes de Psicologia de Harvard e Radcliffe que se ofereceram como voluntários. Ao conversar informalmente com os sujeitos, a dra. Schmeidler observou comentários, favoráveis e desfavoráveis a PES, principalmente de dois psicólogos behavioristas que tentaram dissuadí-la de prosseguir em suas pesquisas, pois ela estaria "perdendo seu tempo". A um destes psicólogos, durante um almoço, Schmeidler indagou o que pensaria ele se ela obtivesse provas a favor da ocorrência da PES. "Ele deu uma gargalhada, inclinou sua cadeira para trás, tirou uma baforada de seu cachimbo e disse — Se fosse verdade, eu não acreditaria!"

Estes mesmos psicólogos, apesar de desaprovarem os conceitos sustentadores da pesquisa, manifestaram-se dispostos a submeterem-se aos testes. A justaposição de seus baixos resultados aos altos resultados de sujeitos com atitude favorável, levou Schmeidler imediatamente à hipótese de que os indivíduos com atitude favorável obteriam resultados mais altos que os desfavoráveis ao experimento. Isto marcou o fim do trabalho exploratório.

Para o primeiro experimento formal, Schmeidler introduziu uma inovação. Antes de qualquer teste com o baralho, ela mantinha uma conversa informal com o sujeito, guardando apontamentos dessas entrevistas; podia assim classificá-los como aceitando ou rejeitando a possibilidade de PES sob condições experimentais. Os que expressavam atitudes favoráveis, esperançosas ou interessadas, ou mesmo hesitantes, eram colocados na categoria dos "aceito a PES" e os convencidos de que nenhum sucesso podia ser obtido sob condições experimentais faziam parte do grupo "rejeito a PES". Delineava-se a famosa dicotomia *"sheeps"* (*ovelhas*) e *"goats"* (*cabritos*) que permanecerá para sempre associada ao nome desta pesquisadora "de ouro" como a chamaria o dr. Rhine.

A seguir, ela tentou aguçar a diferença entre os dois grupos, tornando as condições experimentais menos agradáveis ao grupo de rejeição. Por exemplo, para as "ovelhas", ela providenciava cigarros durante a sessão, doces ou balas, e, às vezes, durante o verão, uma bebida refrigerante. Talvez houvesse mais "calor", diz ela, da parte da experimentadora. O ambiente era espaçoso e bem arejado. Para os "cabritos", porém, o ambiente exterior era menos amigo — uma sala mal iluminada, de aspecto miserável, um toco de lápis, a mesa danificada na superfície. Os "cabritos" não ficavam sabendo seus resultados ao término de cada série, e as séries se sucediam uma após outra, 50 na mesma hora, a toque de caixa, o começo de cada série sendo anunciado pelo estrídulo de um apito.

Quando os resultados atingiram nível de significância (.03), Schmeidler iniciou um segundo, e depois um terceiro grupo de sujeitos; o resultado cumulativo elevou-se; a diferença entre as médias de "ovelhas" e de "cabritos" foi de .005 de significância. Estas três séries constituíram o experimento inicial.

Os moços pareciam atuar melhor depois de servir-lhes uma bebida ou algo para comer; as moças pareciam obter resultados mais altos depois que a experimentadora lhes dava oportunidade de falarem sobre si mesmas. Os infelizes com exames marcados para um pouco mais tarde no mesmo dia não obtinham grande sucesso. Os estudantes que pareciam sérios, tímidos, cônscios de si mesmos, ofereciam os resultados mais baixos. O efeito cumulativo destas observações sugeria um estudo sistemático dos padrões de personalidade relacionados com o sucesso em PES.

Schmeidler observou que o envolvimento pessoal do sujeito numa calorosa participação inicial podia mudar marcantemente na maneira dele abordar a repetição da tarefa, apesar de suas respostas verbais o negarem. Em conseqüência, não é de se esperar, disse ela, que os sujeitos sempre dêem resultados consistentes durante o prosseguimento dos testes. Seus estados de ânimo e o conhecimento de seus resultados podem afetar-lhes a realização.

Em testes posteriores, Schmeidler tratou de eliminar o tratamento desigual dado a "ovelhas e "cabritos", mas a dife-

rença entre os grupos persistiu nos resultados. Em seu trabalho, ela introduziu controles, ainda mais rigorosos, predeterminando o número de tentativas, e o número de séries, igual para todos. Nas pausas, predeterminadas, entre cada três séries, ela introduziu um teste projetivo curto, ou conversação, ou ambos. Depois de testar 151 sujeitos individualmente, num total de 47.700 tentativas, o resultado médio da população de "ovelhas" foi mais alto que o dos "cabritos": um nível de significância de .00006. O resultado total das "ovelhas" afastava-se do acaso com a significante probabilidade de .0002 e os "cabritos" afastavam-se com a sugestiva probabilidade de .05.

De 1945 a 1951, Schmeidler administrou testes de clarividência em 37 salas de aula. Nos testes coletivos, algumas classes tinham sido informadas do objetivo da pesquisa e os alunos estavam ansiosos por participar; em outras, achavam-se despreparados. Certas salas eram espaçosas demais, outras davam o ar de cubículos. Alguns sujeitos terminavam suas folhas de registro antes dos companheiros e se aborreciam com a espera. Em vez da entrevista pessoal, Schmeidler distribuiu impressos numerados; na mesma folha, uma tira picotada, levando o mesmo número, recebia o nome do aluno. A experimentadora, explicava à classe a diferença entre "ovelhas" e "cabritos" e pedia aos alunos que riscassem no impresso a palavra não apropriada ao seu caso.

uma "ovelha"
Eu sou porque . . . .
um "cabrito"

Esta sentença incompleta devia ser preenchida e o aluno podia, se quisesse, acrescentar outras frases para explicar-se. Abaixo da sentença, estendia-se uma linha horizontal:

Crença em que adivinhações deste tipo podem ter sucesso	Incerteza	Descrença completa

Os sujeitos eram solicitados a traçar um corte sobre a linha, indicativo de sua posição nesse continuum, o centro representando a incerteza.

As folhas de respostas originais eram devolvidas à experimentadora e as folhas em carbono avaliadas pelos próprios alunos. Entre suas folhas de avaliação, Schmeidler passava um teste, o Desenho de um Homem, de Goodenough, ou o Teste de Frustração, de Rosenzweig. Mas, antes da 3.ª folha de avaliação, a campainha anunciou o fim do período de aulas, e foi

preciso recolher o material, interromper a sessão e, mais tarde, no cálculo, eliminar a 3.ª folha de respostas.

Schmeidler não recomendou este procedimento a outros novatos no campo da Parapsicologia porque o teste coletivo, com sujeitos trabalhando em ritmos diferentes, devendo-se apressar alguns e freiar outros, milita contra a espontaneidade, tão útil à realização extra-sensorial. E uma sessão tão "empanturrada" de instruções, tarefas, folhas de registro, tiras picotadas, correção de símbolos do baralho em colunas, de permeio com testes de personalidade, é uma situação "singularmente pobre para trazer à tona a PES". Mais obscurece que ilumina os fatores que estão sendo procurados. Nos testes coletivos, persistiu a diferença entre "ovelhas" e "cabritos", embora fosse menor que nas provas individuais. Num total de 250.875 tentativas, feitas por 1.157 sujeitos em salas de aula, confirmou-se a hipótese que orientou a pesquisa: resultados desviando-se significantemente do modelo casual, com uma probabilidade de .00007 para as "ovelhas" e .02 para os "cabritos".

b. *Experimentos subseqüentes*

Bevan, em 1947, usando questionário oral e escrito sobre atitudes, dividiu seus sujeitos em "ovelhas", indecisos e "cabritos". Perguntou-lhe se eles achavam que a técnica empregada era adequada para medir a PES, e se eles consideravam a PES um fato já estabelecido. Usou uma escala de divisões: enfaticamente positiva, indecisa, enfaticamente negativa e descrente. Os resultados dos indecisos, independentemente significantes, e os das "ovelhas" foram maiores que os dos "cabritos"; estes permaneceram ao nível do acaso.

Casper, em 1951, também dividiu os sujeitos em 3 grupos, sendo significante a diferença entre crentes de um lado e indecisos e descrentes de outro; os resultados negativos dos indecisos foram independentemente significantes. Casper não indagou aos sujeitos se eles acreditavam que a PES funcionaria nas condições do teste, mas se eles consideravam possível a ocorrência de PES e se eles próprios pensavam possuir essa capacidade.

Eilbert em 1950 investigou o problema da crença enquanto o sujeito ouvia diferentes seleções musicais. A diferença entre os resultados de crentes e descrentes foi sugestivamente significante, e em consonância com a bibliografia anterior sobre o assunto. Eilbert questionou os sujeitos oralmente e os classificou em: a) os que acreditavam em PES e que achavam poder

atingir uma boa realização no teste; b) os que acreditavam em PES mas não esperavam ter boa realização no teste; c) os que tinham dúvidas sobre a PES e sobre o experimento; d) os que deram respostas irrelevantes e contraditórias.

Depois de conhecer os resultados de Eilbert, Schmeidler tentou dividir os sujeitos em quatro grupos: "ovelhas positivas", "ovelhas em dúvida", "ovelhas negativas", e "cabritos", porque é difícil afirmar que uma pergunta única e direta sobre a aceitação ou não da PES possa ter valor de julgamento satisfatório. Na maioria dos casos, a resposta do sujeito é superficial, devido à sua falta de conhecimento do assunto. Schmeidler observa que as "ovelhas" podem:

1. Estar convencidas de que terão uma boa realização ("ovelhas positivas");
2. pensar que outros podem sair-se bem, mas elas próprias não o farão, por medo, falta de confiança, etc. ("ovelhas em dúvida");
3. acreditar teoricamente em PES mas não ter envolvimento emocional na situação do teste ("ovelhas negativas").

Os "cabritos" podem:

1. rejeitar toda discussão sobre o assunto, como ridícula, e nunca lhe dar séria consideração;
2. encarar a PES como impossível mesmo depois de considerar seriamente a questão;
3. pensar que a pesquisa parapsicológica é absurda e que o sucesso sob condições experimentais é impossível;
4. pensar que os testes de PES são meros jogos recreativos;
5. pensar que eles são uma perda de tempo.

Kahn em 1952, encontrou resultados abaixo do valor da esperança casual entre os sujeitos que rejeitavam a possibilidade da PES, e resultados superiores entre os que a aceitavam. Os desvios, porém, foram insignificantes. Kahn perguntou aos seus sujeitos se eles achavam que a PES era: a) impossível na situação do teste somente; b) impossível em qualquer situação; c) possível naquele teste e em outras situações.

Sob a orientação de Van de Castle e White, em 1955, Petrof agrupou seus sujeitos em 3 categorias: positiva, negativa e

conflitante. Nenhum dos resultados individuais foi significante, nem a diferença entre "ovelhas" e "cabritos". "Ovelhas" marcaram pouco acima do acaso, e "cabritos" pouco abaixo, permanecendo os indecisos entre os dois grupos. Quando, porém, se analisou a consistência das "ovelhas" em darem altos resultados, e a dos "cabritos" em dar baixos, um valor significante de quiquadrado foi obtido. Os autores usaram um questionário do tipo de completar sentença, para investigarem a crença do sujeito na realidade da PES, abordando seus aspectos teóricos e experimentais.

Bhadra em 1969, pesquisou a correlação entre clarividência e atitudes em meio a estudantes universitários na Índia. De início, ele falava aos sujeitos sobre o significado e as implicações da PES. Entre a primeira e a segunda metade da execução dos testes, um questionário em 12 itens, previamente discutido com o pessoal do Instituto de Parapsicologia, de Durham, era dado aos universitários. As primeiras seis respostas, relativas às experiências parapsicológicas dos sujeitos, não eram computadas para a classificação das atitudes, porque a sétima resposta abrangia todas as anteriores. A 11.ª questão avaliava a atitude do sujeito quanto às suas possibilidades de possuir a capacidade parapsicológica e a 12.ª a sua expectativa de obter um resultado alto ou baixo, ou casual. Bhadra testou 150 universitários e o total do grupo ofereceu um desvio negativo de 50 abaixo da esperança casual, não significante. Ele encontrou 29 "ovelhas" com um desvio positivo de 84 (*RC* = *2.47 e P* = *.02*) e 30 "cabritos" com um desvio negativo de 184 (*RC* = *3.87 e P* = = *.0002*). O quiquadrado foi de 16.3 ($P = 10^{-4}$).

No estudo confirmatório, Bhadra encontrou 48 "ovelhas" e 43 "cabritos". O total do grupo não foi significante. Para as "ovelhas", o desvio positivo de 134 correspondeu a uma RC de 3.06 (P = .0003) e para os "cabritos", o desvio negativo de 177 correspondeu a uma RC de 4.27 ($P = 10^{-6}$). O quiquadrado, de 32, correspondeu à probabilidade extremamente significante de 10^{-8}.

Segundo Schmeidler, este foi o estudo de atitudes que apresentou os contrastes mais notáveis entre "ovelhas" e "cabritos", incluindo os dela mesma. "Resultados mais impressionantes que no contraste original". Schmeidler cita um caso em que a violenta rejeição da superstição, tangendo profundas cordas emocionais no sujeito, o levou a evitar o acerto nos testes, classificando-o como "cabrito". Quando a PES é um tema periférico, trivial, para o sujeito, seus acertos e erros podem não ter

relação com sua atitude para com a PES, e os resultados da pesquisa com uma população de tais sujeitos aparecem como borrões ante o investigador. Bhadra, todavia, encontrou resultados tão nítidos porque trabalhou com uma população de estudantes hindus para os quais o problema dos valores ocidentais está em plena efervescência.

Musso, na Argentina, em 1965, encontrou "ovelhas" com resultados significantemente mais altos que os "cabritos".

Adcock e Quartemain, em 1959, não encontraram qualquer indicação de que as atitudes de "ovelhas" e "cabritos" se correlacionassem com seus resultados positivos ou negativos.

"A descoberta da relação significante e altamente consistente entre as atitudes dos sujeitos para com a PES e sua realização experimental levou os parapsicólogos a se perguntarem se haveria qualquer relação entre a atitude geral do sujeito para com a vida e a sua capacidade parapsíquica. O Estudo de Valores de Vernon e Allport foi usado pelo menos duas vezes em experimentos de PES para separar sujeitos de altos e baixos resultados. Em 1960, Schmeidler descobriu que as "ovelhas" classificadas no nível mais alto como tipos teóricos na Escala de Vernon-Allport tendiam a obter resultados positivos, e os "cabritos" com a mesma classificação na Escala, a darem resultados mais baixos. A diferença entre eles foi significante, enquanto a diferença entre as "ovelhas-não-teóricas" e os "cabritos-não-teóricos" não o foi. Em 1958, Nash encontrou indicações de correlação positiva entre os resultados de seus sujeitos em PES e suas classificações na escala religiosa.

"Aqui novamente o problema de um fundamento lógico e satisfatório torna-se difícil" escrevia Rao em 1966. "Se Psi é uma entre outras capacidades humanas, não parece que faça qualquer diferença se a pessoa é do tipo teórico ou do religioso. Estas atitudes não parecem ser fundamentais, mas os fatores psicológicos que as acompanham envolvendo motivos e interesses pode ser relevante".

c. *Relação entre PC e Atitude*

Os experimentos anteriores foram todos de clarividência.

O primeiro a tentar *correlacionar PC com atitudes* foi Milan Ryzl. Sua pesquisa foi relatada em 1967 no Encontro de Verão do Instituto de Parapsicologia, de Durham, que, a seguir, a publicou.

Ryzl usou o baralho-padrão e pediu aos sujeitos que previssem os símbolos a serem escritos futuramente numa folha de papel quadriculada. Esta, eles a recebiam coberta por uma folha idêntica, quadriculada, mas transparente, onde deveriam escrever suas adivinhações. Cada folha permitia 500 predições. Eram 80 sujeitos, e fizeram 40.000 previsões. As instruções foram impressas e, juntamente com as folhas quadriculadas para as previsões, entregues a assistentes do pesquisador que as distribuíram entre amigos para a coleta de dados. Respostas também foram dadas a um questionário do tipo de Bhadra, permitindo separá-los em 58 crentes, 10 indecisos e 12 descrentes. No total, os resultados permaneceram abaixo do nível casual. Os crentes tiveram marcações levemente acima das esperáveis por acaso, e os descrentes, tão abaixo da esperança casual que as probabilidades de tal realização ocorre meramente por acaso são inferiores a 1 vez em 100. Bastaram 12 descrentes para dar um efeito de erro sistemático *psi-missing* significante.

Buzby procedeu ao estudo da correlação entre PC, Atitude e Percepção Visual, nos anos de 1962 e 1965, num estabelecimento de ensino em Filadélfia, aplicando testes de clarividência e de PC. Dois questionários foram respondidos, um sobre a crença em PES, e outro sobre valores ou atitudes religiosas dos sujeitos, esta segunda parte não publicada. A maioria respondeu ao primeiro questionário assinalando duas respostas: "sim, é importante para mim a PES porque sugere potencialidade não realizadas dentro de mim" (73 sujeitos) e "sim, é um fenômeno interessante" (125 sujeitos). Um teste de percepção de figuras (Embedded Figures Test) teve seus resultados correlacionados com os escores nos testes de clarividência e de PC, para os quais foram usadas cartas do baralho-padrão.

Os sujeitos que assinalaram a questão das potencialidades não realizadas, indicativa de um interesse vital, tiveram desvios positivos muito mais altos e significantes em clarividência e PC que aqueles com um interesse menos acentuado em PES, a probabilidade contra tais desvios sendo de 5.000 para 1. Os indivíduos classificados como tendo percepção visual global, isto é, os que demoraram mais tempo para encontrar dentro de uma figura os seus padrões menores ou linhas componentes, obtiveram desvios, positivos e negativos, superiores aos das pessoas classificadas como tendo percepção analítica, a probabilidade contra tal resultado vindo a ser de 1.000 para 1. Foi este também o primeiro experimento que tentou correlacionar a percepção sen-

sorial comum à percepção extra-sensorial, através de testes de clarividência e de PC.

d. *A natureza cambiante da Atitude*

O critério "ovelhas-cabritos" provou até hoje ser o mais útil para separar sujeitos de altos resultados de sujeitos de baixos resultados. "Menos convincente é o fundamento lógico desta divisão. Crença ou descrença não é um aspecto estável do indivíduo. Diz muito pouco sobre a personalidade do sujeito ou mesmo sobre seu estado mental no momento do teste: pois um cético, quando melhor informado, pode tornar-se um crente, e um indivíduo pode ser uma "ovelha" ou um "cabrito" por uma variedade de razões. Parece que o crente. . . reage de forma mais favorável para com o teste e não parece aborrecer-se tanto quanto o descrente. Ou, a atitude de crença e descrença pode ser uma indicação sutil da reação do sujeito, de gostar ou não, do experimentador. O caso dos indecisos sugere que o mais importante não é a atitude, mas a disposição para com o experimento que acompanha a atitude", pensava Rao, historiador da Parapsicologia Experimental, em 1966.

Bhadra já reconhecera, por ocasião de seu experimento, que a atitude do sujeito abrange:

a. sua própria atitude para com a PES
b. sua atitude para com o experimentador
c. sua atitude para com a situação experimental
d. seu interesse teórico em PES
e. a atitude do experimentador para com o sujeito
f. o estado de ânimo do experimentador durante o teste.

Apesar da variedade de fatores investigados na tentativa de conhecer a atitude do sujeito, do uso de diferentes medidas dessas atitudes, e das variações das situações experimentais, estes estudos independentes mostram a relativa consistência entre a ocorrência da PES e a atitude do examinado: a crença nos fenômenos parapsicológicos tende a associar-se com desvios positivos nos resultados dos testes, e a descrença com os desvios negativos.

e. *Atitudes na pesquisa brasileira*

Não se verificou desvio negativo entre os Descrentes brasileiros. Pelo contrário, para surpresa da experimentadora, os 37 descrentes (13% dos sujeitos) alcançaram marcações *positivas,*

marginalmente significantes (RC = 2.14 e P =.016). Por que motivo contradizem assim os resultados encontrados em outros países? Seria "descrença atuando ao revés", um "psi-missing às avessas"? Ocorre, às vezes, que o indivíduo é crente, deseja acertar e erra significativamente. Existe o mecanismo oposto, de descrer, esperar conscientemente o erro e acertar inconscientemente com significância? A literatura especializada não faz menção a esta possibilidade.

Outros fatores poderiam ter influído para essa marcação inesperada. A modernidade do aparelho e a novidade da pesquisa sobre a PC em nosso meio teriam criado nos Descrentes uma situação de conflito, entre sua atitude cética para com o fenômeno e as possibilidades práticas de demonstrá-lo pela primeira vez num teste de simples execução, tão desafiador e tão passível de imediata verificação. Talvez a situação que o aparelho eletrônico propiciou, de jogo, competição ou brincadeira, levasse o Descrente a abdicar temporariamente de suas dúvidas, sobretudo ao assistir à realização positiva de seus companheiros na mesma escola ou local de encontro. Ele poderia ter usado a situação do experimento para sua auto afirmação pessoal aos olhos dos companheiros ou da própria experimentadora.

Mas por que então estes mesmos fatores não teriam influído sobre os 54 Indecisos (19,6% dos sujeitos)? Sua realização negativa insignificante, de "mera casualidade" (RC = —0.59 e P = .3) parece ter mais conexão com seu desinteresse e falta de informação, e talvez, com sua atitude geral para com a vida e o mundo. Enquanto o Crente e o Descrente têm a coragem de assumir posição, de se colocarem nos extremos, calorosos ou frios, e até violentos em suas afirmações e escolhas, o Indeciso, como água morna, não tem qualquer ardor. Num teste, são volumes vazios, peso morto. Escolhem todas as alternativas ou nenhuma. Se unidos aos Descrentes, na formação do Grupo Contestatório, desvalorizam a realização destes últimos, por serem maioria negativa. Se eliminados, encontramos que a grande maioria dos sujeitos brasileiros (80%), Crentes e Descrentes num só bloco, teve acertos positivos em nível de significância estatística (RC = 3.44 e P = .0002).

Exceção à regra, a Cega auto-classificou-se como *Indecisa,* realizou ume teste exploratório com um desvio *positivo alto* e, através de longo trabalho confirmatório, em que se deslocou alternativamente entre desvios *positivos e negativos significantes,* deu uma belíssima demonstração de capacidade precognitiva de processos quânticos.

Os Crentes confirmaram inteiramente as marcações positivas significantes encontradas em outros países. 184 Crentes acertaram alto como grupo (RC = 2.82 e P = .002) e ainda mais alto acertaram grupos menores de Crentes, como o dos espíritas e esotéricos.

A elevada porcentagem de Crentes nesta pesquisa (67%) sugere que a abordagem científica da PC pode encontrar repercussão mais favorável que antagônica no meio brasileiro, e quiçá, este interesse e simpatia matizem o clima necessário ao aparecimento de novos pesquisadores.

É de lamentar-se, contudo, que o pequeno grupo de alunos de Psicologia, da Universidade de S. Paulo, compreenda 1/4 de Crentes (5 indivíduos), enquanto 3/4 do grupo contestam a PC (10 Descrentes e 6 Indecisos). Como notou Rao, a descrença e o antagonismo subsistem enquanto perdura a falta de informação.

Em geral, a pesquisa brasileira, através dos Grupos Contestatório e Crente, veio confirmar os achados internacionais sobre a relação entre a capacidade extra-sensória e a atitude de crença, descrença-e-indecisão.

Alegações de PC espontânea

No levantamento de casos de percepção extra-sensorial espontânea em outros países, os investigadores encontraram os seguintes índices percentuais de PC:

Alemanha	— 52%	— Sannwald, 1959
Inglaterra	— 34%	— Green, 1960
Estados Unidos	— 40%	— Louisa Rhine, 1954
Índia	— 40%	— Stevenson, 1970

e durante o sonho:

Alemanha	— 60%	— Sannwald, 1959
Inglaterra	— 66%	— Sidgwick, 1889
	68.1%	— Saltmarsh, 1934
	68.8%	— Green, 1957
Estados Unidos	— 68%	— Louisa Rhine, 1954
Índia	— 50%	— Prasad e Stevenson, 1968

Nas séries inglesa, norte-americana e hindu, a morte foi o tema mais freqüente das PCs espontâneas.

Esta primeira pesquisa brasileira referiu-se exclusivamente à PC, sem coletar dados necessários à comparação de sua ocorrência com a de eventos clarividentes, telepáticos e psicocinéticos espontâneos. Todavia, verifica-se que os questionários acusaram 43,9% de ocorrências precognitivas entre 259 sujeitos, sem que a morte fosse a mais prevista (16.8%) Dentre os casos de PC alegados 28.5% aconteceram com outras pessoas; e 28% com o próprio sujeito durante o sonho.

Estes valores não se referem a casos coletados como em outros países, mas a meras alegações cuja autenticidade não foi comprovada e cujo mérito é o de sugerir entre nós levantamentos mais documentados.

Sexo

Ao longo de muitas pesquisas de PC, ambos os sexos demonstraram significantemente essa capacidade. Tyrrell trabalhou com uma mulher, a srta. Johnson; Rhine, com homens — Pearce, Zirkle e outros; Osis, com a sra. Loughborough; Anderson, com a estudante Rose Hynes; Soal, com Shackleton e Gloria Stewart; Martin e Stribic, com o sr. Jencks e a srta. D. W.; Mangan, com outra mulher, V. W.; Nielsen, com outro homem, S. W.; Ryzl, consigo mesmo e com sua colaboradora Marie Balounova; Krippner e Ullman, com o sr. Bessent.

Experimentos foram realizados com grupos mistos, como os de Carington, Rhine, Freeman, Nielsen, Brier, etc.

Diferença consistente nas marcações entre os sexos não se verificou. Freeman, todavia, com seus cadernos de PC, encontrou que os dois sexos mostram tendência bastante regular a marcar em direções opostas. Do jardim de infância ao nível universitário, Freeman testou os dois sexos em diferentes idades e estágios dos sujeitos. Os masculinos tendem a resultados positivos em páginas onde os femininos tendem a resultados negativos. Não se trata, pois, de quantidade de capacidade precognitiva, mas de outros fatores da personalidade, sutis (talvez predisposição para gostar mais de certos alvos que de outros, e tipos de capacidade mentais quando medidas por testes de inteligência), causadores de resposta diferencial. O efeito talvez se origine em nível inconsciente, podendo ser medido pelos desvios positivos e negativos.

Brier, em testes de PC em massa, realizados por estudantes de toda a nação norte-americana, encontrou marcações significantes para o sexo feminino.

Na pesquisa brasileira, é uma mulher, uma cega, quem apresenta o resultado mais extraordinário, talvez porque somente a ela foi dada a oportunidade mais longa. Os homens espíritas respondem em grupo pela significância da PC em seu meio. A diferença entre os sexos, porém, não foi relevante, apesar do feminino ter marcado um pouco mais alto que o masculino.

Psi-missing: o desvio negativo significante

Os desvios negativos significantes sugerem a tendência a errar os alvos em vez de acertá-los. O erro sistemático pressupõe o conhecimento do alvo de uma ou de outra forma. Logo, a capacidade extra-sensorial pode operar em casos de erro significante, como o faz em casos de acerto significante. Como disse Rao, se o sujeito pode saber, extra-sensorialmente, que A se encontrará com B, pode saber também que Y não se encontrará com A.

Se o sujeito deliberadamente deseja errar e o consegue, ele não está evitando o alvo. Mas se ele tenta acertar e erra significantemente, então sua capacidade precognitiva está operando na direção contrária.

"A descoberta de *psi-missing* é uma benção disfarçada" escreveu Rao. "O fato de alguns sujeitos num experimento estarem errando enquanto outros estão acertando (o resultado sendo um desvio total insignificante) pode constituir uma frustração para o experimentador".

Por outro lado, o reconhecimento do fenômeno permitiu aos parapsicólogos analisar as condições de sua ocorrência e controlar melhor esta capacidade esquiva.

Segundo Rao, as situações em que *Psi-missing* parece ocorrer são:

1.º — a. O sujeito mantém *atitude negativa,* como é o caso dos descrentes; ou o experimentador mantém atitude negativa, cética; ou pode haver um conflito de atitudes entre sujeito e experimentador. Negativamente motivado, o sujeito, em vez de acertar no alvo, faz o contrário. Exemplo, na pesquisa brasileira, é o estudante de Teologia, *descrente,* cuja RC foi negativa: —2.74.

b. O desejo consciente do sujeito é o de obter mais acertos; entretanto, sua crença na impossibilidade de obtê-los pode criar uma situação de *conflito* interno, que inverte a direção da capacidade precognitiva. Exemplo, na pesquisa brasileira é o da senhora espírita, creme na PC, cuja RC também foi negativa, —2.6; conscientemente desejando acertar e inconscientemente achando difícil fazê-lo na situação em que se encontrava em seu lar, ela reagiu às condições desfavoráveis do teste pela marcação negativa.

2.º — Certos estados mentais e fatores de personalidade parecem associar-se a *psi-missing.* Efetuaram-se estudos reveladores de que os introvertidos, os extra-punitivos, os egocêntricos e os mais esquivos tendem a obter desvios negativos. Por que, ninguém sabe. Sugeriu-se que o desvio negativo nesses casos é reação a certos experimentadores e às condições do teste. Os sujeitos extrovertidos e bem ajustados sentir-se-iam "em casa" no laboratório, enquanto os outros se sentiriam como "peixes fora dágua". Poderia ser o caso dos médiuns, esquivos aos testes de laboratório, com aparelhos e registros imediatos, sob condições de controle.

3.º — As situações geradoras de conflitos são freqüentemente acompanhadas de reação aversiva. O conflito pode ser:

a. Intelectual, nascido de certas convicções contrárias à hipótese testada — é o caso dos "cabritos" ou descrentes. Os adultos, como sugeriu Rhine, experimentam este conflito mental, ao passo que as crianças não.

b. De escolha. O sujeito trabalha sob condições contrastantes: o teste lhe apresenta dois conjuntos de condições e o sujeito responde a cada uma diferentemente. As duas condições requerem dois tipos de ajustamento e o sujeito inconscientemente reagirá contra uma delas. Por exemplo, ele pode obter resultados positivos ao adivinhar símbolos, e resultados negativos ao adivinhar palavras, quando símbolos e palavras se alternam nas séries do teste.

4.º — Frustração parece causar desvios negativos significantes. A demora em conhecer os resultados é frustradora para alguns sujeitos. Testes muito complicados também produzem frustrações. Incentivos, a novidade, as situações de jogo ou brincadeira, evitam, às vezes, que a frustração apareça.

Humphrey e Pratt assim descreveram uma situação onde encontraram *psi-missing*: desconhecendo os experimentos e os testes, o sujeito chegou apreensivo ao laboratório. Deram-lhe instruções e desapareceram, fechando a porta. O sujeito podia ouvir o murmúrio de conversação dos experimentadores na sala do lado, sem compreendê-lo. Esta situação social poderia ter causado a marcação negativa. A atitude desfavorável do sujeito nasceria da sensação de isolamento e de rejeição, ou de uma auto-consciência exagerada sem possibilidade de acompanhar as reações do experimentador aos seus resultados à medida que o teste prosseguia. A PC se expressaria pelo erro, devido à motivação negativa inconsciente.

Entre os 15 sujeitos selecionados que realizaram o longo bloco de 1.280 tentativas de PC, houve 5/8 de desvio negativo; entre os 15 não-selecionados, 2/3 de desvio negativo. Mas só o erro dos primeiros foi significante. A probabilidade inferior a 0.0001, correspondente a esse *psi-missing*, foi assim interpretada pelo dr. Schmidt, escrevendo de Durham à autora: "O teste exploratório seleciona sujeitos com alto potencial precognitivo. O fato de alguns terem obtido marcações fortemente negativas na confirmação relaciona-se com a natureza subconsciente da PC. Por exemplo, o medo ao fracasso pode ter dirigido a PC na direção errada". Teria sido o medo ao fracasso? Afinal, os 15 primeiros tinham sido *selecionados*, tinham marcado *alto* na primeira vez, deles se esperava que *confirmassem* a produção. Teriam desejado conscientemente acertar, sentindo-se inconscientemente incapazes?

Se assim foi, o erro significante da cega, ao longo de um bloco de altos resultados negativos, com uma RC de 3.72, no dia do maior ruído, estrondo súbito, confusão e reboliço em sua casa, seria um protesto à situação do teste. Ela teria desejado acertar conscientemente, porque era mansa e cooperativa, mas as condições locais teriam insinuado ao inconsciente a impossibilidade do acerto. Ela errou, e errou alto, como quem conhece o alvo e dele se desvia.

O psicólogo está pouco familiarizado com a bidirecionalidade do fenômeno parapsicológico. Tende a considerá-lo como uma variável contínua, como a inteligência ou a ansiedade, no sentido de que a sua avaliação envolve uma progressão do menos para o mais. O fenômeno parapsicológico, entretanto, implica numa segunda direção.

"Na hipótese de *psi-missing* ser um fenômeno exclusivamente parapsicológico, pode-se supô-lo um mecanismo de defesa, embutido, que levou a capacidade extra-sensória ao desuso final. Se as cognições parapsíquicas podem dar informação incorreta com a mesma freqüência com que dão a correta, na ausência de qualquer conhecimento sobre a correção ou o erro da informação obtida, elas se tornam fontes de erro que não merecem confiança e que fazemos bem em descartar. Bergson sugeriu, há muitos anos atrás, que existe uma necessidade biológica de desenvolvimento ou um mecanismo repressivo no processo da evolução. Se este mecanismo não existisse, argumentou ele, seríamos atormentados e inúteis para a ação devido à multidão de informações desorganizadas e caóticas a nós oferecidas pela aberta comunicação de mente a mente", lembrou Rao.

"Uma vez que a psi é essencialmente ilimitada pelo tempo e pelo espaço, o organismo primitivo, operando através dela, poderia ter informação quase universal", lembrou por sua vez Louisa Rhine.

Em 1953, o dr. Rhine escreveu que a "omissão de psi" "atua subversivamente na produção de desvios negativos mesmo quando o sujeito procura esforçar-se para produzir acertos acima da média casual", sendo um "fator de descarrilamento", um "fator perverso" de "operação oculta".

"O sujeito não é suficientemente consciente sobre o modus operandi de sua capacidade para controlar-lhe a direção" e justamente o experimento, neste setor, "está convertendo o mistério sobre o processo parapsíquico em ordem e compreensão", esclareceu a dra. Rhine.

Cegos

"Suscitou-se muitas vezes uma questão relativa aos cegos — se são competentes em PES ou não. Fez-se, afinal, um estudo preliminar dirigido pelas srtas. Margaret Pegram e Margaret Price, do Laboratório da Universidade de Duke. Os resultados

mostraram possibilidade acima da média. Do número total de cegos submetidos à prova, entre 1/3 e 1/2 deles apresentou resultados significantes. As condições das pesquisas eram ótimas e parece, ao menos superficialmente, que os cegos podem mostrar certa superioridade compensadora em percepção extra-sensória. Há, porém, outras possibilidades para justificar os altos resultados obtidos pelos cegos, e as próprias pesquisadoras, prudentemente, se abstiveram de pronunciar-se, salvo adotando cautelosa atitude. Os cegos talvez tivessem sido mais prestimosos ou mais interessados e provaram, assim, ser melhores percipientes mais em razão da atitude que do desenvolvimento de maior capacidade extra-sensorial", relatava Rhine em 1937.

Mais tarde, em 1938, a srta. Price realizou um experimento de controle e nenhuma indicação de superioridade do cego sobre o sujeito normal se verificou. Este estudo comparativo incluiu 66 cegos e 44 videntes. Ambos os grupos eram de jovens internados em instituições e da mesma idade, aos quais se deu o mesmo tipo e número de testes. Os cegos obtiveram marcações ligeiramente mais altas, mas não significantes.

"Grupos de crianças cegas deram resultados comparáveis aos de crianças videntes", informou Rhine em 1957.

Na pesquisa brasileira, se o grupo de 25 cegos obteve resultado nulo no teste exploratório, a cega testada longamente deu excepcional mostra de PC do processo quântico. Poderia ter sido "a atitude mais prestimosa" como sugeriu o dr. Rhine a respeito dos cegos norte-americanos. Poderia ter sido a novidade da tarefa, uma distração bem recebida em sua vida de rotina. Poderia ter sido o fato de saber-se escolhida entre as outras, valorizada, objeto de atenção e de carinho de uma professora estranha. Ou o hábito de realizar tarefas monótonas com infinda paciência, como a que estas cegas perfazem todos os dias, a de introduzir argolas de borracha em grossos cabos para a montagem de pilhas de baterias. Ou poderiam, suas melhores séries positivas, realizadas aos domingos e feriados, durante ou após a conversação com seus visitantes masculinos, ser o produto de sua maior alegria, sociabilidade, comunicação com seres de fora da instituição sobre assuntos diferentes, prazer natural em receber, como mulher, a atenção masculina, etc. Ou poderiam todos esses fatores juntos ter contribuído para as suas altas marcações positivas. Para as negativas, as explicações seriam outras.

Doença

Em 1934, Rhine relatou sua observação incidental de que dois de seus melhores sujeitos Pearce e Zirkle, obtiveram marcações comparativamente mais baixas durante crises de amigdalite. A srta. Turner decaiu em seus acertos quando suas condições gerais de saúde declinaram a ponto de seu médico sugerir-lhe permanecer no leito. A srta. Ownbey, indisposta por uma gripe, também viu seus resultados afetados pela doença. Direta ou indiretamente, a doença, principalmente estados orgânicos que deprimem a maioria das pessoas e prejudicam suas funções mentais superiores, parece ao dr. Rhine ser uma condição inibitória à PES por diminuir o grau de integração do sistema nervoso.

Abbot em 1938 relatou sua marcação negativa, em contraste com seus desvios normalmente positivos significantes, quando sofreu uma doença diagnosticada como "dor de cabeça com náuseas".

"Riess teve notável série de testes interrompida porque a senhora que os realizava precisou de tratamento médico (hipertiroidismo) durante o qual ela marcou pouco acima da casualidade. Em tratamento de hipotiroidismo, um sujeito de Drake também viu sua capacidade declinar". A doença parece interferir na motivação do sujeito, e não no desvio negativo encontrável em períodos de depressão física. "A capacidade é simplesmente invertida em sua operação", no dizer de Rhine.

Soal e Goldney fizeram algumas observações sobre o estado de saúde de Shackleton durante períodos de ressaca após uma festa, cansaço após bombardeio aéreo, indisposição física, dores nos rins, mau humor e irritação após um dia de trabalho árduo, sem que resultados positivos perdessem significância. Quando Shackleton se queixou de nervos torturados e esgotamento teve resultados positivos e negativos na mesma data, sendo que os negativo — Pós-cognição (— 1) — foram ainda mais significantes; o mesmo ocorreu em dia de grande raiva e perturbação, mas com resultados casuais — Pós-cognição (—2).

A cega brasileira também teve seu dia de dor de cabeça e indisposição orgânica, quando realizou o primeiro bloco de testes com significância negativa — RC = —2.9. Foi sua companheira de quarto quem revelou o estado de saúde da moça. Confirmando-o, ela própria insistiu, assim mesmo, em continuar com os testes naquele dia. Provavelmente, antes e depois, produzindo resultados negativos, estivesse indisposta, mas nunca o declarou nem se furtou à tarefa.

O princípio de Heisenberg e a PC

A fim de *predizer a futura* trajetória de um elétron, sua posição e seu momento presente devem ser conhecidos. O princípio causal encontrou sua expressão matemática na mecânica newtoniana, onde se prova que, quando se conhecem todas as posições e velocidades de um sistema isolado de massas, o seu *futuro* pode ser *predeterminado*. O princípio de Heisenberg constitui exceção a essa afirmativa.

Werner Heisenberg, Prêmio Nobel de Física em 1932, considerando a causalidade no sistema de Newton, argumentou que "é *impossível* preencher essa condição, isto é, conhecer precisamente posições e velocidade. Portanto, *nunca* será possível *predizer o futuro*, por exemplo, de um elétron individual ou de um átomo de hidrogênio, exceto com falta de precisão". Isto se aplica especialmente a partículas individuais muito leves. A limitação imposta pela incerteza é desprezível para corpos pesados.

"A lei da causalidade" escreveram os físicos Oldenberg e Holladay, das Universidades de Harvard e Vanderbilt, em 1961, "é abstraída de incontáveis experiências da vida e de experimentos diários em física, todos concernentes, não a átomos individuais, mas a corpos maiores. *Não se pode estar certo a priori* de que a mesma lei valha para o comportamento dos quanta e das micropartículas, domínio remoto da experiência direta. A mecânica ondulatória *não pretende predizer* a trajetória exata de uma partícula".

Que conjeturas não fariam Newton e Heisenberg diante de uma Cega humilde que prediz (nem ela sabe como!), com uma probabilidade de 10^{-7}, o movimento casual de elétrons no aparelho de Schmidt, sem efetuar os cálculos geniais implícitos na teoria de Newton e os cálculos incertos implícitos no princípio de Heisenberg? Quanto conhece o homem de sua liberdade última?

Na vanguarda da pesquisa psíquica, desvenda o parapsicólogo duas trilhas mutuamente fecundas — a dos experimentos e documentação, e a das teorias e imaginação criadora. Ele já reconheceu que a PC de processos quânticos desafia a Física mais avançada, embora muitos físicos ainda o ignorem. A PC parece um fenômeno *livre* na Ciência atual. Não se enquadra na física newtoniana porque escapa à lei da causalidade e não se enquadra na física da relatividade porque escapa ao princípio de Heisenberg.

Tyrrel já previra em 1947: "A pesquisa parapsíquica promete inaugurar uma nova e mais vasta revolução copernicana, na qual o universo da matéria será destronado de sua posição central e reduzido ao seu status provinciano".

O valor do menor experimento

"Os pequenos fragmentos produzidos pela pesquisa dos psifenômenos pode muito bem ser apenas pequena orla de ilhas que representem um continente de realidade espiritual. Leuwenhoek, quando pela primeira vez fez uso do microscópio, viu somente diminuto fragmento do vasto mundo da microbiologia. Gilbert e Franklin descobriram uma parte infinitesimal do universo elétrico. Que partícula mínima do novo mundo da energética foi o que Becquerel descobriu naquele primeiro elemento radioativo! A analogia deixa qualquer um aterrado. Se comparáveis esses traços da operação de psi àqueles primeiros indícios que patentearam novos mundos no passado, é só questão de tempo e de contínuas pesquisas a revelação do continente que parece oculto por trás dos recifes da nova realidade já descoberta", ponderava Rhine, "ovelha das ovelhas", em 1953. Eco num diálogo que transcende o tempo, sua esposa Louisa, reafirma, humilde, insistente, incorrupta, sua fé de cientistas:

"Um aspecto afortunado da percepção extra-sensorial é o seu operar em situações de teste em nível suficiente para que a avaliação estatística possa prová-la. A diferença entre as situações da vida real e do laboratório é algo semelhante à mineração: às vezes, se esbarra com um veio legítimo, mas, em outras, o mineiro deve contentar-se com extrair finas partículas de ouro das areias do fundo do rio. Nessa situação, ele se contenta até com um pequeno resíduo. Ele bem sabe que poderia ter fracassado em encontrar aquele mínimo.

"A situação no laboratório, então, é a de peneirar as partículas do ouro e ser grato à possibilidade de encontrar um resíduo. Neste caso, o resíduo pode ser consideravelmente deslustrado por impurezas, de modo que a brilhante, verdadeira cor do ouro (a convicção) parece ausente. Entretanto, não é motivo para julgar que aconteça o mesmo no veio subterrâneo. Afinal, praticou-se uma punção na realidade."

5.ª Parte – TEORIAS DE PRECOGNIÇÃO

"Caçada aos unicórnios"

Robert Thouless

1. Tempo e PC na filosofia tomista

S. Tomás de Aquino ensinava, de sua cátedra de teólogo nas universidades do século 13:

"Um evento contingente pode ser considerado em si mesmo ou em sua causa. Em si mesmo já é real e, portanto, presente, não futuro; já se encontra estabelecido, não permanece em suspenso: assim pode ser tomado infalivelmente como conhecimento seguro; por exemplo quando observo que Sócrates está sentado.

"À luz de sua causa é ainda um evento futuro pois a causa ainda não está comprometida com uma alternativa, e sendo uma causa contingente pode seguir rumos opostos; assim o evento não cabe nos quadros da certeza humana. Logo, quando conhecemos um evento contingente em sua causa, não podemos ir além da conjectura.

"Deus, porém, conhece todos os eventos contingentes, não meramente em suas causas, mas também como cada um deles é realmente em si mesmo. Apesar de se tornarem reais sucessivamente, *Deus os conhece, não como nós os conhecemos, isto é, sucessivamente, à medida que ocorrem, mas simultaneamente. Todas as coisas no tempo são presentes em Deus na eternidade,* não só, como afirmam alguns, porque Ele apreende as razões das coisas, mas também porque o *Seu olhar vê tudo como presente.* Contudo, os eventos continuam a ser contingências futuras se suas causas próximas são tomadas como sistema de referência."

"Das alturas da eternidade, Deus vê todas as coisas, de cumes acima do movimento no tempo. Eventos que virão a ser no tempo, já para Ele são presentes. Quando vejo Sócrates sentado, meu conhecimento é seguro e infalível, mas não impõe a Sócrates a necessidade de sentar. E assim, Deus, olhando para as coisas que são para nós passadas, presentes e futuras, infalível e seguramente as conhece como realidades presentes, sem, entretanto, impor-lhes a necessidade de existirem."

"A predestinação divina impõe a necessidade aos atos humanos? Neste assunto devemos proceder com cautela de modo que a verdade seja reforçada e o erro evitado. Pois *é igualmente*

falso dizer que os atos humanos e os acontecimentos não se encontram sob precognição divina e *que a precognição e a predeterminação divina sobrecarregam de necessidade os atos humanos, pois isso aboliria a liberdade,* a oportunidade de oferecer conselho, a utilidade das leis, o cuidado pelo comportamento correto, e a justiça das recompensas e castigos."

"A alma é parte do *tempo existindo acima do tempo* na eternidade: contém a natureza, mas ultrapassa o movimento físico medido pelo tempo."

"Eternidade é medida de permanência; tempo, medida de transformação."

"Ele (Deus) não considera uma coisa atrás da outra sucessivamente, mas *tudo simultaneamente. Seu conhecimento não é raciocinado e discursivo,* embora Ele conheça todos os raciocínios e processos."

S. Tomás precisa que "conhecer o futuro é sinal característico de divindade" e que o profeta não vê o futuro em Deus mas recebe conhecimento impresso em seu intelecto por uma revelação divina.

Confronte-se a visão medieval de S. Tomás com a visão contemporânea de Bertrand Russel e Le Shan, páginas adiante — idênticas em sua intemporalidade.

2. Tempo e causalidade em Hume, 1740-48

Século 18. O filósofo escocês David Hume chegava ao termo do empirismo, com a negação da idéia de causa. Em seu "Tratado sobre a natureza humana" publicado em 1740, na trilha de Locke, ele postulou que princípios e idéias, especulativos ou práticos, não são inatos, nem mesmo as idéias de tempo, substância ou Deus.

Todas as idéias provêm das sensações e das operações da mente. A idéia do tempo provêm da idéia de duração e esta, por sua vez, da sensação de "efêmeras e perpetuamente perecíveis partes da sucessão". A constituição das coisas começa e perece com elas. O que ontem foi capim, hoje é carne de ovelha e dentro de poucos dias torna-se parte do homem. A essência real é destruída. Mas se tomada como idéia na mente, permanece constantemente a mesma. Um unicórnio nunca existiu na Natureza mas, como idéia abstrata complexa, é permanente.

O conhecimento de nossa existência é intuitivo. Somos capazes de conhecer com certeza que um Deus existe, pois o homem sabe que ele próprio existe. Sabe também que o nada não pode produzir um ser; logo, algo deve ter existido desde toda a eternidade e um Ser Eterno deve ser Todo Poderoso, e Onisciente. "Não há verdade mais evidente de que algo deve ser desde toda a eternidade". Este algo é o Ser Perpétuo e Cogitativo, a Mente Eterna. A matéria, porém, não é sua coeterna. "É perigoso construir sobre princípios precários". "Nosso conhecimento sendo curto, queremos algo mais". O homem foi colocado em estado de mediocridade, dispõe de certo conhecimento crepuscular, "o crepúsculo da probabilidade". "A probabilidade é o aparecimento do acordo sobre provas falíveis". "Os fundamentos da probabilidade são dois: conformidade com nossa própria experiência e o testemunho da experiência alheia. Porque nossas idéias são geralmente obscuras ou imperfeitas, porque freqüentemente partimos de princípios errados, porque geralmente usamos termos duvidosos, *"nosso mais alto conhecimento é intuitivo, sem raciocínio"*.

Em reformulação posterior de seu primeiro ensaio, publicada em 1748 e intitulada "An enquiry concerning human understanding", Hume reiterou que as idéias provêm de impressões e se associam segundo princípios de conexão, de acordo com certo grau de método e regularidade. Esses três princípios são: semelhança, contigüidade no espaço e no tempo, causa e efeito.

Causa e efeito são descobertos, não pela razão, mas pela experiência. "A experiência passada nos dá informação direta e segura apenas daqueles exatos objetos e daquele exato período de tempo que foi de seu conhecimento — por que esta experiência deveria ser estendida aos *tempos futuros* e aos outros objetos que, pelo pouco que sabemos, podem ser semelhantes só na aparência — esta é a questão principal sobre a qual insistirei". "Estas duas proposições estão longe de ser as mesmas: — Constatei que tal objeto foi sempre seguido de um efeito — e — *Prevejo* que outros objetos, na aparência similares, serão sempre seguidos de efeitos similares". "Qual o meio que permite à mente essa inferência, devo confessar, ultrapassa a minha compreensão".

Ainda supondo que um homem adquiriu mais experiência e que viveu tão longamente no mundo a ponto de ter observado

que objetos e eventos familiares estão constantemente conjugados, ele não pode adquirir qualquer conhecimento do secreto poder pelo qual um objeto produz outro e, no entanto, o homem continua no mesmo curso de pensamento, por costume ou hábito. O fogo sempre queimou e a água sempre afogou as criaturas, então, *nos determinamos por costume a transferir o passado ao futuro*. Como um grande número de observações aqui concorrem para um mesmo fato, elas o fortificam e confirmam para a *imaginação*, e produzem o sentimento de *crença*. Supomos que, da causa para o efeito, há infalibilidade e necessária conexão. Mas, "nós só apreendemos, por experiência, a conjunção dos objetos, sem jamais sermos capazes de compreender a conexão entre eles". "Em vão procuramos uma idéia de poder ou necessária conexão em todas as fontes das quais supusemos fosse derivada". Não podemos, pelo nosso supremo escrutínio, descobrir mais que um evento seguindo-se a outro, sem sermos capazes de compreender a força ou poder pelo qual a causa opera, ou qualquer conexão entre ela e seu suposto efeito". "Um evento segue-se a outro; mas nunca podemos observar qualquer elo entre eles". "Quando dizemos que um objeto está conectado a outro, queremos significar apenas que eles adquiriram uma conexão em nosso pensamento".

Comenta Windelband a psicologia associacionista é a lógica empírica de Hume: A causalidade, nunca percebida como substância, não pode ser deduzida pelo raciocínio, nem é jamais cognoscível. Faltando a demonstração científica, resta a fé que descansa no hábito: não se pode demonstrar a causalidade, mas se pode acreditar nela. As ciências podem prescindir do indemonstrável princípio da causalidade porque escapa à faculdade de conhecimento humano reconhecer nos fatos uma força realmente vinculadora. "Sob este aspecto, o sistema de Hume é um probabilismo empírico".

Hume observou: A humanidade é tão semelhante a si mesma em todos os tempos e lugares que, se um viajante de regresso de um país remoto, nos contasse de homens destituídos de avareza e plenos de amizade, de generosidade e de espírito público, nós imediatamente detectaríamos a mentira. É a experiência que nos instrui nos princípios da natureza humana e regula nossa conduta futura. "Não acreditaria nessa história, mesmo se Catão me contasse" era um dito proverbial em Roma. A incredibilidade do fato podia invalidar tão grande autoridade.

Prisioneiro do empirismo, este investigador do entendimento humano francamente declarou que a predição racional colocava-se além de seu entendimento. Suspeitoso do costume e do hábito, Hume também não se comprometeu com seu produto, a crença.

3. Tempo e causalidade em Kant, 1781-87

Em sua *Exposição transcendental do conceito do tempo* (1781-1787), Kant postulou que "os conceitos de mudança e de movimento só são possíveis por e na representação do tempo ou sucessão". *O tempo não subsiste por si mesmo, nem pertence às coisas* mas "é a condição formal a priori de todos os fenômenos". "Representamos a sucessão do tempo por uma linha prolongável até o infinito, cujas diversas partes constituem uma série de *uma só dimensão*". "O tempo é uma condição a priori de todos os fenômenos interiores (de nossa alma) e a condição imediata dos fenômenos externos". *"O tempo é um pensamento vazio (nada)"*. "O tempo, que não é senão uma condição *subjetiva* de nossa *intuição* geral... considerado em si mesmo e fora do sujeito, *não é nada." Contestamos, portanto, toda pretensão de realidade absoluta do tempo*. "Cumpre admitir a idealidade transcendental do tempo, no sentido de que ele, se abstraídas as condições subjetivas da intuição sensível, *não é absolutamente nada"*. *"O tempo não é real* como objeto". "É uma simples condição da sensibilidade". Tempo eterno e infinito é uma quimera. O tempo é forma *primitiva* da sensibilidade. "O tempo mesmo não muda, e sim algo que existe no tempo".

Ao discutir o princípio da sucessão no tempo segundo a lei de causalidade, Kant "provou" que "todas as mudanças acontecem conforme a lei do enlace de causas e efeitos". Essa ligação é "produto de uma faculdade sintética da *imaginação*". "O tempo em si não pode ser percebido". "Tenho, pois, consciência somente de que minha *imaginação* põe a um antes e a outro depois". "Mas ainda que os fenômenos não sejam coisas em si e sejam, não obstante, a única coisa de que possamos ter conhecimento, devo, todavia, mostrar a ligação que convém no tempo à diversidade dos fenômenos, ainda quando a representação desta diversidade seja sempre sucessiva na apreensão".

"Nenhum fenômeno volve do momento seguinte ao que o precede". "É sempre relativamente a uma regra segundo a qual

os fenômenos são determinados em sua sucessão... que dou à minha *síntese subjetiva* (da apreensão) um valor objetivo". A descoberta dessa regra permite formar o conceito de causa... é pois uma lei necessária de nossa *sensibilidade* e, por conseguinte, uma condição formal de todas as percepções, que o tempo que precede determina necessariamente o que o segue". "Pode-se chegar a isto (representação de um objeto) transportando a ordem do tempo aos fenômenos e à sua existência, quer dizer, dando a cada um, considerado como conseqüência, um lugar determinado no tempo, em relação aos fenômenos precedentes..." "Se dado o antecedente, o evento não se seguisse necessariamente, ser-me-ia preciso considerá-lo como um jogo meramente *subjetivo* de minha *imaginação* e ter como um sonho supô-lo objetivo". "*O princípio da ligação causal* entre os fenômenos está limitado, em nossa fórmula, a sucessão; e se vê que *também se aplica à sua simultaneidade* e que *causa e efeito podem ser ao mesmo tempo*. Por exemplo, num quarto faz calor que não existe ao ar livre. Procuro a causa e acho uma lareira acesa. Logo, esta lareira é causa e ao mesmo tempo efeito do calor do quarto. Não existe aqui sucessão no tempo entre a causa e o efeito pois são simultâneos... *A maior parte das causas eficientes da Natureza existem ao mesmo tempo que seus efeitos e a sucessão destes consiste unicamente em que a causa não pode produzir todo o seu efeito num só instante*. Porém, no instante em que o efeito se produz é sempre *coetâneo* da causalidade de sua causa, porque se esta causa tivesse desaparecido instantes antes o efeito não se teria produzido... O tempo entre a causalidade da causa e seu efeito imediato pode desaparecer e, por conseguinte, serem ambos simultâneos".

Depois deste olvidado "juízo sintético a priori" (para usar a terminologia de Kant), ele concluiu muito desconfiadamente: "Como quase sempre precisam de fundamento as pretensões de estender os nossos conhecimentos pela Razão Pura, convém, como medida, ser nisto muito desconfiado; não acreditar em nada, nem aceitar nada, mesmo com os argumentos dogmáticos mais claros, sem os documentos que proporcionem uma dedução positiva e firme". "*Todo aumento do conhecimento, todo progresso da percepção é apenas uma extensão do sentido interno (intuição)*". "Os fenômenos estão no Tempo, sondados pela síntese do Tempo, mas não antes da intuição do Tempo".

O filósofo da *Crítica da Razão Pura* esvaziou o tempo de sua objetividade. Encarando-o como intuição, imaginação, forma primitiva da sensibilidade, condição subjetiva, Kant deixou explícito que todo progresso humano dependerá da *extensão* dessa sensibilidade e dessa intuição. Experimentos de PC nos laboratórios de Parapsicologia evidenciam que o homem comum está a aguçar uma sensibilidade menos primitiva.

4. Teorias contemporâneas de PC

Cientistas contemporâneos, como há séculos atrás Platão, São Tomás, Eckhart, Hume ou Kant, conjecturam sobre o tempo, o futuro, a PC, o conhecimento extra-sensorial e a experiência mística. Divergindo em suas teorias, são concordes num mesmo ponto: o caráter inconsciente da PC. Suas hipóteses dividem-se em dois grupos: causais e não-causais.

a. Teorias não-causais

São também não-convincentes. A PC seria explicada por:

1.ª — **coincidência, casualidade**

Resultados de alta significação estatística, todavia, negam a hipótese do acaso.

2.ª — **adivinhação**

A PC não passaria de um trabalho de adivinho. Esta "teoria" nem descreve nem explica o fato.

3.ª — **sincronicidade**

A única das teorias não-causais que tem o nome de um grande psiquiatra a subscrevê-la é a de Jung.

"Interessava-me conhecer o ponto de vista de Freud sobre a PC e a Parapsicologia em geral" rememorou Jung em suas *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Quando o visitei em Viena em 1909, perguntei-lhe o que pensava sobre estes assuntos. Devido ao seu preconceito materialista, ele rejeitou todo o complexo de questões como absurdo, e o fez em termos de um positivismo tão ôco que tive dificuldade em conter o contundente revide na ponta da língua. Isto aconteceu antes dele reconhecer a seriedade da Parapsicologia e admitir como fatos os fenômenos 'ocultos'.

"Enquanto Freud falava nesse tom, tive uma curiosa sensação como se meu diafragma fosse feito de ferro e estivesse se tornando incandescente, uma rebrilhante abóbada. Nesse momento ouviu-se uma detonação tão alta na estante, à nossa direita, que ambos nos levantamos, alarmados, com medo que o móvel viesse a cair sobre nós. Eu disse a Freud: — Eis aí, um exemplo do chamado fenômeno de exteriorização catalítica. Ora, vamos — exclamou ele — isto é rematada tolice. — Não — respondi — Engana-se Senhor Professor. E para provar o que afirmo, *predigo* que haverá outro ruído assim alto dentro de um ou dois minutos! — E de fato, assim que terminei de falar, a mesma detonação se ouviu na estante. Até hoje não sei o que me deu aquela certeza. Mas eu sabia, acima de qualquer dúvida, que o estampido viria outra vez. Freud apenas me olhou agastado. Não sei o que o seu olhar queria dizer. Seja como for, este incidente originou sua desconfiança em mim, e tive a impressão de ter feito algo contra ele. Nunca, depois disto, discuti este incidente com ele."

Mas Freud o fez, em carta a Jung, datada de Viena, 16 de abril de 1909: "Não nego que seus comentários e seu experimento causaram-me forte impressão". Por volta de 1921, Freud escrevia ao psicólogo H. Carrington: "Se eu soubesse que tornaria a viver, me dedicaria à Pesquisa Parapsíquica em lugar da Psicanálise". Alguns psicanalistas tentaram negar que a frase tenha sido escrita, mas o psicanalista húngaro Nador Fodor dela obteve cópia fotográfica. Freud foi membro da S.P.R. de Londres, desde fins de 1911 e de sua congênere americana desde 1915. Em 1924 escrevia a seu colaborador e depois biógrafo Ernest Jones: "Estou disposta a abandonar toda a minha oposição à existência da transmissão do pensamento. . . e estarei disposto também a prestar o apoio da Psicanálise ao tema da telepatia". Jones, que considerava essa atitude uma debilidade de Freud, impediu-o repetidas vezes, e particularmente em 1921 e em 1925 de publicar artigos e opiniões sobre fatos parapsíquicos. Amigos de Freud, principalmente Jung e Ferenczi, ressentiam-se com o comportamento de Jones e com a condescendência de Freud a esses impedimentos, manifestando abertamente seu desacordo.

Jung veio a desenvolver uma teoria aplicável a fenômenos coincidentes no Tempo, entre os quais ele incluiu os extra-sensoriais, espontâneos ou provocados em laboratórios. Referiu-se a esse princípio em várias de suas obras ". . . princípios que denominei sincronicidade, um conceito que formula um ponto de vista diametralmente oposto ao da causalidade. Este último é uma verdade meramente estatística e não absoluta, uma espécie de hipótese de trabalho sobre eventos que evolvem emergentes um do outro, ao passo que a sincronicidade encara a coincidência de eventos no espaço e no tempo como significando algo mais que um mero acaso, ou seja, uma interdependência peculiar dos acontecimentos objetivos entre si e destes com estados subjetivos (psíquicos) do observador ou observadores. . . Como sucede que A ,B, C, D, etc., aconteçam todos ao mesmo tempo e no mesmo lugar? Sucede porque, em primeiro lugar, os eventos físicos A e B são da mesma qualidade dos eventos psíquicos C e D, e em segundo lugar porque são todos expoentes da mesma e única situação momentânea. A situação representa provavelmente uma pintura legível e compreensível", explicou ele no prefácio norte-americano ao I Ching.

Em seu estudo mais longo sobre a sincronicidade, *A Interpretação da Natureza e Psiquismo* escrito em 1952, Jung expôs e exemplificou suas idéias.

As leis naturais ou verdades estatísticas, são válidas somente quando tratam de quantidades macrofísicas. Quanto às quantidades muito pequenas, que já não se comportam de acordo com as leis conhecidas, a predição se torna incerta. Ora, se a conexão entre causa e efeito vem a ser apenas estatisticamente válida e apenas relativamente verdadeira, o princípio causal é de uso relativo e pressupõe a existência de outros fatores necessários a uma explanação.

Se o princípio causal é relativamente válido, segue-se que, numa série evidentemente aleatória, apesar de vasta maioria dos casos poder ser explicada causalmente, sempre resta um

certo número de casos que não mostra qualquer elo causal. Defrontamos então a tarefa de separar os eventos causais dos não-causais. Os primeiros excederão enormemente os segundos, e por isso estes tenderão a ser passados por alto. Como reconhecer a combinação não-causal dos eventos? Se a passagem de trem e a passagem para o teatro, comprada logo a seguir, trazem o mesmo número, e se na mesma tarde um telefonema menciona o mesmo número de aparelho, uma conexão causal entre estes fenômenos parece extremamente improvável, embora seja óbvio que cada um tem a sua própria causalidade.

Incidentes ocorriam cuja "causalidade" parecia a Jung duvidosa. Por exemplo: "Em 1.º de abril de 1949, registrei os seguintes: — Hoje é sexta-feira. Temos peixe para o almoço. Alguém menciona o costume de fazer outro de bobo (peixe) neste 1.º de abril. Na mesma manhã redigi uma nota sobre uma inscrição que dizia: Est homo totus medius piscis ab imo. À tarde, uma antiga paciente a quem eu não via há meses, mostrou-me algumas gravuras de peixes, extremamente impressivas, que ela pintara naquele intervalo de tempo. À noite, mostraram-me um bordado onde se viam monstros marinhos semelhantes a peixes. Na manhã de 2 de abril, outra paciente a quem eu não via há vários anos, contou-me um sonho em que ela, parada à margem de um lago, via um grande peixe nadar em em sua direção e deter-se a seus pés. Naquela ocasião eu me empenhava em estudar o símbolo do peixe na História. Apenas uma das pessoas aqui mencionada sabia disto".

É natural a suspeita de que se trata de um caso de coincidência significativa, isto é, de uma relação não-causal. É estranho que o tema do peixe ocorra nada menos que 6 vezes em 24 horas. (Além disso, enquanto Jung redigia estas notas, à margem de um lago, levantou-se, foi ao parapeito e ali encontrou um peixe morto, o 7.º incidente da série). Os acontecimentos relacionam-se uns com os outros, por um lado, por cadeias causais e, por outro, por uma espécie de *conexão-cruzada significativa.*

Jung encontrou um tratado de Schopenhauer relativo à "simultaneidade do que não é causalmente relacionado e que se chama acaso", onde os conceitos de prefiguração, correspondência e harmonia preestabelecida foram abordados um tanto à margem do pessimismo do autor.

A massa de fatos coligidos por Gurney, Myers e Podmore sobre fenômenos extra-sensoriais inspirou três outros autores,

Dariex, Richet e Flammarion, a tanger o problema em termos de cálculo de probabilidades.

Dariex encontrou uma probabilidade de 1:4.114.545 para as PCs telepáticas de morte, o que significa que a explicação de tal aviso pelo mero acaso é 4 milhões de vezes mais improvável que a explicação por uma coincidência significativa não-causal.

O astrônomo Flammarion calculou uma probabilidade não inferior a 1:804.622.222 para um caso particularmente bem observado de "fantasmas dos mortos" e referiu-se também a um capítulo que redigia sobre a força do vento, quando de súbito uma corrente de vento varreu todos os seus papéis da mesa e atirou-os pela janela. Referiu-se ainda a um caso de tripla coincidência: em Orleans o menino Deschamps recebeu um pedaço de "plum-pudding" de um senhor Fortgibu; 10 anos mais tarde, viu um bolo da mesma espécie em um restaurante em Paris e, quando pretendeu comprá-lo, soube que estava reservado para o sr. Fortgibu; muitos anos depois, numa festa, Deschamps foi convidado a partilhar de um "plum-pudding" como de uma raridade; ele comentou que só faltava o sr. Fortgibu; mal dissera isso, a porta se abriu e o sr. Fortgibu, muito velho, desorientado pela idade, tendo passado a mão num endereço errado, surgiu na festa por engano.

Mais extraordinário é o caso narrado pelo escritor Wilhelm von Scholz, de certa mãe que em 1914 tirou a fotografia de um filho da Floresta Negra e a levou para ser revelada em Estrasburgo. Declarou-se a guerra, a mulher não pôde retirar o filme e o deu por perdido. Em 1916, ela adquiriu um filme em Frankfurt para fotografar sua nova filha e, ao ser revelado este, o antigo filme do menino reapareceu, sujeito às duas exposições — não fora revelado e reentrara em circulação entre os filmes virgens.

Jung interpretou os experimentos de Rhine dessa mesma forma: como coincidências significativas — a colocação lado a lado de cartas de baralho com o mesmo símbolo. O fato da crescente distância não ter a menor influência nos resultados foi interpretado por Jung como ausência de uma causa energética que, de outro modo, "enfraqueceria com o quadrado da distância"... *Os experimentos de PC* realizados por Rhine com uma probabilidade de 1:400.000, Jung os interpretou como indicativos de ausência de causa temporal, salientando ***a relatividade psíquica do tempo.***

"Os experimentos com o tempo tornam completamente impossível pensar na existência de qualquer relação energética entre a percepção e o acontecimento", declarou Jung em 1952.

Para uma *explicação científica da PC,* Jung achou necessário partir da crítica dos conceitos de espaço e tempo, e do conceito de inconsciente.

Como, para ele, a explicação dos fenômenos precognitivos não estava numa transmissão de energia ou efeito, não podia ser um problema de causalidade, mas de simultaneidade no tempo. "Devido a esta simultaneidade, escolhi o termo *'sincronicidade'* para designar o fator hipotético, igual em status à causalidade como princípio de explicação".

Em 1954, em seu ensaio *O Espírito da Psicologia,* Jung definiu a sincronicidade como "uma relatividade de espaço e tempo psiquicamente condicionada". Já o dissera em seu estudo anterior sobre a sincronicidade:

"Os experimentos de Rhine mostram que, em relação à psique, o espaço e o tempo são, por assim dizer, elásticos, e podem ser reduzidos a ponto de desaparecerem como se fossem dependentes de condições psíquicas e não existissem em si mesmos, mas fossem postulados pela mente consciente."

"São essencialmente psíquicos em sua origem e esta é provavelmente a razão por que Kant os considerou categorias a priori". Logo, a sua "relativização" pelas condições psíquicas não é de surpreender. Isto acontece "quando a psique observa não os corpos externos, mas *a si mesma*". A resposta do sujeito "é o produto de pura imaginação, de idéias casuais que revelam a estrutura do que as produz, ou seja, o inconsciente".

Alguns fenômenos de sincronicidade estão relacionados com os arquétipos, aqueles "padrões de comportamento" responsáveis pela organização dos processos psíquicos inconscientes. "As coincidências significativas... parecem apoiar-se na fundação arquetípica".

"Uso o conceito geral de *sincronicidade* no sentido especial de uma coincidência, no tempo, de dois ou mais eventos não relacionados causalmente, com significado igual ou parecido, em contraste com *sincronismo* que simplesmente implica na ocorrência simultânea de dois eventos".

"Os eventos sincronísticos fundamentam-se na ocorrência simultânea de dois diferentes estados psíquicos. Um deles é o normal; o outro, a experiência crítica, aquela que não pode derivar causalmente da primeira".

"(Futuros eventos) são sincronísticos, e não sincrônicos, isto é, experimentados, como imagens psíquicas no *presente,* como se o evento objetivo realmente existisse".

"Desde que a experiência mostrou que sob certas condições o espaço e o tempo podem ser reduzidos a zero, a causalidade desaparece com eles".

Todo estado emocional produz uma alteração para menos de consciência e um correspondente reforço do inconsciente, criando um gradiente para o inconsciente fluir para o consciente que, então, está sujeito aos impulsos e conteúdos instintivos, em regra, padrões instintivos ou arquétipos.

O inconsciente também contém percepções subliminares e imagens mnêmicas e "somos compelidos a presumir que no inconsciente existe algo como conhecimento a priori dos eventos sem base causal", decidiu Jung para si mesmo.

"A sincronicidade consiste, pois, em dois fatores:
a. a imagem inconsciente surge na consciência, seja direta (literalmente) ou indiretamente (sugerida ou simbolizada) sob a forma de um sonho, idéia ou *premonição.*
b. uma situação objetiva coincide com esse conteúdo.
Uma é tão intrigante quanto a outra. Como surge a imagem inconsciente e como a coincidência?"

Jung tentou encontrar uma técnica intuitiva para apreender a situação total tão característica do *I Ching* chinês. A mente chinesa procura captar os detalhes não como detalhes mas como partes de um todo. O julgamento deve confiar mais nas funções irracionais da consciência que na sensação (realidade) e na intuição (conteúdo subliminar). O *I Ching* é um dos antigos métodos de captar uma situação como um todo e colocar os detalhes num panorama cósmico, o intercâmbio de Yin e Yang.

No laboratório o homem coloca uma questão à Natureza e a obriga a dar uma resposta inequívoca, artificialmente restrita. No método intuitivo ou no experimento-mântico-com-o-todo não há questão que imponha condições e restrinja o processo natural. As moedas, no *I Ching,* tombam como bem entendem. Uma questão, que elas desconhecem, é seguida de uma resposta inteligível. Há a simultânea ocorrência de um estado psíquico e de um processo físico. A interpretação formula um conhecimento íntimo inconsciente que corresponde ao estado de consciência naquele momento e esta situação psicológica coincide com os resultados aleatórios do método. Um método similar, ocidental,

muito em voga no século 13, a *Ars Geomantica,* era do mesmo tipo, intuitivo, baseado no princípio sincronístico.

Como antecessores da idéia de sincronicidade, Jung citou, entre outros, Kepler e Leibniz (harmonia preestabelecida ou paralelismo psicofísico).

"A sincronicidade não é mais desconcertante ou misteriosa que as descontinuidades da física. É só a inveterada crença no soberano poder da causalidade que cria dificuldades intelectuais e faz parecer impensável a existência de fenômenos sem causa, presentes ou *futuros*", postulou Jung. "Mas, se existem, então devemos encará-los como *atos criadores,* como a contínua criação de um padrão que existe desde toda a eternidade, repete-se esporadicamente e não deriva de quaisquer antecedentes conhecidos".

Escreveu Rao: "Como princípio explanatório, a sincronicidade é estéril, uma vez que sua verdade não se sujeita à prova experimental".

Jung observou que, em contraste com a clara distinção e diferenciação entre formas na consciência, o conteúdo do inconsciente é incrivelmente vago; possui uma qualidade intemporal e não toma conhecimento da separação artificial entre mentes humanas, aceita como válida no plano ordinário, consciente, de funcionamento. A despeito desse significativo reconhecimento, a noção de que o inconsciente possa ser a porta para uma realidade de ordem mais alta sempre escapou a Jung.

4.ª — **fraude**

"Diante das provas acumuladas, se alguém se dispuser a abraçar a fantástica hipótese de que a ocorrência extra-sensorial é um mero embuste, uma peça pregada por experimentadores desonestos, teria de admitir o fato de que a conspiração se estende por zona muito ampla do mundo", ponderou Thouless.

"Apesar do reforço recíproco de tantas provas, o fenômeno parapsicológico ainda não foi universalmente aceito. Ainda existe quem prefira a hipótese altamente improvável da fraude, por parte dos pesquisadores; os mais importantes críticos deste tipo são dr. G. R. Price e professor C. E. M. Hansel. Argumentam eles:

a. sendo a PC impossível, não pode ocorrer em experimentos;

b. o sucesso nos resultados só pode ser explicado por fraude;

c. a continuação das pesquisas para acumular mais provas é uma irrelevância.

"Há um perigo em levar a sério este tipo de crítica: desviar os parapsicólogos de sua tarefa. Quem, sobretudo, sabe se houve desonestidade, é o próprio experimentador; existe um grupo crescente de experimentadores que talvez não possam convencer Hansel, mas aos quais Hansel não convence. Esse tipo de crítica não os atinge.

"Para os que acham a PC impossível, qualquer contra-hipótese é preferível. Obter provas que convençam a totalidade dos críticos não é tão importante quanto descobrir tudo o que se possa sobre estes fenômenos, apesar de certos críticos acharem que estamos empenhados numa caçada aos unicórnios".

b. Teorias causais

Dentre as teorias causais, sete foram escolhidas para uma abordagem mais longa porque permitem o descortínio de uma paisagem de conjecturas onde "caçadores de unicórnios" se postaram de tocaia em diferentes pontos estratégicos:

1.ª Dunne — Recuo de Observadores no Tempo Serial
2.ª Mundle — Inferência Inconsciente e Operação de PK
3.ª Rhine — Projeção de Energia Mental e Conversível
4.ª Roll — Psicampo
5.ª Hart — 5.ª Dimensão no Mundo Interior
6.ª Dobbs — Consciência Subliminar e Progresso Subjetivo do Tempo
7.ª LeShan — Realidade Transcendente do Paranormal e do Místico

1.ª - Teoria de Dunne, 1927

Ao formular sua teoria, Dunne partiu da concepção do homem de rua sobre o Tempo:

a. o Tempo tem extensão, divisível em passado e futuro.

b. Essa extensão não ocorre em qualquer espaço conhecido, mas numa 4.ª dimensão.

c. Passado e futuro não são observáveis; todos os fenômenos observáveis se encontram num campo situado num instante único do Tempo, o presente.

d. Este campo de observação presente move-se, por algum meio esquisito, sobre a linha do Tempo, movimento chamado de "passagem" do Tempo. Ora, o movimento do Tempo deve ser mensurável, e o tempo que mede o Tempo deve ser um 3.º Tempo; e assim *ad infinitum*, objeção fundamental feita à idéia de Newton sobre o fluxo do Tempo.

O homem de rua, por ter tido um vislumbre desse infinito cortejo de tempos, abandonou o aprofundamento da análise, diz Dunne, mas conservou dois conceitos principais — a extensão do Tempo e o seu movimento. Forjou para eles expressões em sua linguagem: tempo "curto", tempo "longo" (nunca tempo "estreito" ou tempo "alto"), tempo "remoto", tempo "próximo", "quando amanhã chegar", "quando eu chegar à idade dos 50 anos" ou, poeticamente, "o vôo do Tempo", "o fluxo do Tempo", "a jornada da vida", "o viver de dia para dia".

O homem de rua simbolizou esta concepção do Tempo de muitas maneiras — mais exaustivamente em seus pentagramas. A página de música representa o Espaço, o pentagrama significa a extensão do Tempo, com marcação de ritmo, duração de sons e pausas. A página é um símbolo do continuum Espaço-Tempo. O instrumentista ou cantor a lê da esquerda para a direita, viajando ao longo desse modelo do Tempo, um modelo dinâmico de sons no passado, sons no presente e sons no futuro. O homem de rua também marcou porções do Tempo ao longo de uma circunferência, com ponteiros móveis, e chamou-a de relógio. A vibração simultânea de todas as notas dos pentagramas, num imenso acorde; ou o relógio sem ponteiros, todas as horas igualmente contemporâneas — foi um conceito de Tempo deixado na obscuridade para o homem de rua porque ele devia, na vida prática, utilitariamente, dar conta da *sucessão* dos fenômenos. Maior poder racional exige-se para o conceito de simultaneidade.

A 4.ª dimensão, atingida pela racionalidade do homem de rua, já fora concebida como uma dimensão *real*, dimensão afim

das outras três dimensões espaciais, por um amigo de d'Alembert, em 1754. Todavia, o 1.º tratado sobre o assunto é de autoria do matemático C. H. Hinton, *O que é a 4.ª dimensão?* publicado em 1887.

Hinton descreveu um modelo miniatural de linhas em diferentes direções, todas ligadas a uma moldura rígida, descendo através de um plano fluído situado em ângulo reto com a direção do movimento; se as linhas fossem substituídas por sólidos cordões de matéria, um observador imaginário de duas dimensões que habitasse o plano fluído os veria como átomos de matéria em movimento, e os tomaria como todo o Espaço existente. Um arranjo semelhante, com cordões de quatro dimensões passando através do Espaço de três dimensões "nos levaria a imaginar um conjunto estupendo, onde tudo o que foi e tudo o que será coexistem; e essa passagem lenta deixa na trêmula cintilação de nossa consciência, limitada a um espaço estreito e a um momento singular, um registro tumultuado de mudanças e vicissitudes, que o são só para nós".

Hinton não observou que esse movimento relativo levaria tempo. A matéria, para ele, exemplificada pelos cordões, *estendia-se* na dimensão temporal. Ele partiu de quatro dimensões de Extensão, todas iguais.

H. G. Wells, em *A Máquina do Tempo*, foi o primeiro, segundo Dunne, a insistir na necessidade de encarar o Tempo como 4.ª dimensão. Qualquer corpo real devia ter, de acordo com Wells, comprimento, largura, altura e direção. A matéria, para Wells, estendia-se (durava) no Tempo. "Um homem é um ser quadridimensional, fixo e inalterado, do qual os seus retratos de 8, 15, 17 e 23 anos são evidentemente secções, representações tridimensionais". Nenhuma diferença Wells estabeleceu entre as três dimensões espaciais e a temporal. Nossa consciência é que se move intermitentemente numa direção temporal até o fim de nossas vidas. Wells, como Hinton, não menciona que o movimento do Tempo demanda tempo.

Eddington viu o homem como um objeto quadridimensional de forma grandemente alongada; o homem tem considerável extensão no tempo e insignificante extensão no espaço. "Representa-o uma linha — a sua trilha no mundo". Dunne indagou de si para si como pode a linha ser o observador e a trilha do observador ao mesmo tempo, se esta é fixa e aquela móvel. Um Tempo que abraça o tempo é sempre a idéia que acompanha

o movimento no Tempo. Se o tempo passa, ou se acumula ou se gasta, sem permanecer rígido e imutável ante o observador do tempo, deve existir outro tempo que meça essa atitude ao longo do primeiro tempo, e outro que meça o 2.º tempo e assim, numa evidente série, ao infinito.

De sua postulação teórica, o Serialismo no Tempo, Dunne derivou três leis:

1.ª Lei — Cada campo de apresentação de fenômenos, viajando no Tempo, está contido no campo de uma dimensão superior viajando em outra dimensão do Tempo; o campo mais largo cobre fenômenos que são "passados" e "futuros", bem como "presentes" para o campo menor.

2.ª Lei — O serialismo dos campos de apresentação implica na existência de um observador serial. Cada campo que viaja no espaço é um campo que aparece a um observador consciente na mesma viagem e na mesma dimensão. Para cada campo dimensional sucessivamente mais amplo há um observador consciente e, em última análise, um no infinito. Este é o único que exercita o livre arbítrio.
No infinito ter-se-á um campo singular multidimensional de apresentação de fenômenos em movimento absoluto, viajando sobre um substrato fixo de elementos objetivos estendidos em todas as dimensões do Tempo. O Tempo que medir todos os tempos será o Tempo Absoluto, um passado, presente e futuro absolutos, contendo, portanto, todas as dimensões subordinadas do Tempo.

3.ª Lei — O foco de atenção (observador, consciência) em dado campo tem o mesmo número de dimensões desse campo, e dimensiona o foco de atenção em todos os campos superiores, até e inclusive a atenção no campo do infinito.

Dunne chegou a essa teoria do Tempo, depois de uma série de sonhos, dos quais "a aberração temporal constituía todo o mistério". Essa "aberração cronológica" estava acontecendo "nas noites erradas". O fenômeno obedecia a uma seqüência: sonho, memória do sonho ao acordar, experiência idêntica em vigília, memória do sonho confirmado. Dunne não percebia os próprios

acontecimentos e, sim, a situação em que ele os conheceria. O fato não se apresentava isolado, nem como episódio da vida de outra pessoa, mas como episódio de sua própria vida, à qual o evento pertenceria assim que ele o conhecesse "normalmente". Às vezes, o fato pertencia ao passado, mas o episódio da vida de Dunne durante o qual conheceria o referido fato pertencia ao futuro de sua vida. Ao ver em sonho a erupção da montanha Peléé, na Martinica, em 1902, Dunne não a viu como testemunha ocular, mas como leitor que foi, dias depois, do Daily Telegraph, onde conheceu normalmente, isto é, sensorialmente, a notícia da catástrofe.

Em duas ocasiões, ele "adivinhou" a hora que iria, logo depois ler no mostrador de seu relógio. O primeiro sentimento a respeito de seus sonhos e intuições foi uma profunda inquietação sobre o seu equilíbrio mental. Pareceu-lhe necessário efetuar algumas experiências e concluiu: "Vi-me obrigado a admitir que eu possuía surpreendente faculdade de ver através dos obstáculos, através do espaço e do outro lado das esquinas. Mas eu me enganava". Continuando a registrar, conscienciosamente, suas vivências, Dunne veio a concluir que sonhos e intuições estavam *deslocados no Tempo*. Procurou explicações para o fenômeno da PC e rejeitou as seguintes:

— anormalidade mental
— paramnésia
— clarividência
— telepatia
— mensagens do mundo dos espíritos
— fantasmas dos mortos
— mediunidade
— coincidência, acaso
— perambulação astral

Desenvolveu então sua Teoria do Tempo. Como relacionou suas leis e seus sonhos precognitivos? Ao acordar, o foco de atenção é quadridimensional, confrontando-se com fenômenos que se sucedem no tempo 1. O campo dos fenômenos observados compreende atividades sensoriais, traços de memória, associações mentais que se estendem no tempo 1. Mas para a pessoa que sonha o tempo último é o tempo 2. Seu controle do campo

2 é limitado, como o é a compreensão dessa área. Suas imagens de sonho incluem algumas que se relacionarão com suas futuras experiências em vigília.

"O serialismo é a afirmação perfeita da relação entre o observador e o observado". João 1.º, indivíduo consciente, físico e mortal, viajando ao longo da trilha do Tempo, é observado por mim; minha visão dele situa-se em grau superior, pois vejo que ele vê a seqüência dos fenômenos. Se ele se observasse, seria João 2.º, psíquico e imortal, e se ele se observasse como João 2.º, seria João 3.º, consciência imortal também. Apesar da imortalidade, todos são autômatos; só João último é livre e, portanto, pode interferir no futuro preconhecido.

Em outras palavras, a consciência se move sobre a linha temporal do cérebro num cosmos a 4 dimensões. Depara com mutações das secções tridimensionais de seu corpo e do universo, que lhe trazem a ilusão do movimento e da passagem do tempo. Todas essas mutações são, pois, ilusórias, nada mais que aparências. O tempo *ilusório* é a 4.ª dimensão do espaço; o tempo *real* vem a ser uma 5.ª dimensão *espacial* do universo; esta, por sua vez, implica numa 2.ª consciência a observá-la e a mover-se num mundo pentadimensional. O movimento na 5.ª dimensão dá a ilusão do tempo à 2.ª consciência enquanto acompanha a 1.ª em seu funcionamento senso-perceptivo. Durante o sono e após a morte física, a 2.ª consciência está livre para mover-se para trás e para diante ao longo da linha do cérebro, entre os pontos de nascimento e morte. Justamente este caminho, ou tempo ilusório para a 1.ª consciência, vem a ser uma 4.ª dimensão espacial para a 2.ª consciência. Esta pode reviver a vida passada da 1.ª e voltar-se para o caminho *ainda não percorrido* pela 1.ª a fim de predizer acontecimentos em seu porvir. Durante o sono, a 2.ª consciência pode misturar trechos diferentes do caminho da 1.ª e criar os sonhos, experiências mentais novas. A 2.ª consciência produz suas mágicas mentais num tempo real que vem a ser uma 6.ª dimensão espacial, implicando numa 3.ª consciência observadora, e assim por diante, ao infinito, num fecho que jamais se fecha, mas onde Dunne situou um "observador absoluto".

ad infinitum

↑

	3ª consciência	
	3ª dimensão do tempo ou 6ª dimensão do espaço	

↑

	2ª consciência	
Sono Sonhos Morte	2ª dimensão do tempo (real em relação à 1ª) ou 5ª dimensão do espaço	

↑

	1ª consciência	
Cérebro	4ª dimensão do espaço ou 1ª dimensão do tempo (ilusório)	mutações aparências ilusões
Cosmos	3 dimensões do espaço	

Observou Priestley: "Dunne ilustrou o infinito recuo — conceito-chave em sua Teoria Serial. Como um artista que se dispõe a pintar um quadro do universo à sua frente, tendo pintado a paisagem, percebe que está faltando algo: ele próprio. De modo que ele move seu cavalete para trás e pinta-se a si mesmo. Mas algo ainda está faltando: ele pintando ele próprio. Assim recua seu cavalete de novo, ad infinitum".

Dunne mostrou escrupulosa honestidade no relato de seus sonhos, respeitada até por seus mais severos críticos. Descreveu-os desde 1899, nem muito dramáticos nem muito impressionantes ou notáveis. Não os ofereceu como "prova conclusiva". Pensou que devia tratar o problema do Tempo de modo impessoal, como um problema de aeronáutica, excluído o subjetivo e interior, devido ao seu temperamento e treinamento como piloto militar. Com seu livro *An Experiment with Time*, tornou-se a mais importante figura em campanha contra a idéia convencional do Tempo.

Segundo Priestley, não olhamos o Tempo sempre de longe, nele estamos tão profundamente inseridos. *Self 1* opina, sente, fala, em meio ao acontecimento; *Self 2* fora do acontecimento, fala ou escreve ou reflete sobre ele; *Self 3*, desligado, sabe que

Self 1 opina. O primeiro não é desligado ou não poderia funcionar; o 2.º desliga-se um pouco para selecionar o seu material; o 3.º é desligado porque é o último. "Não há mais que três. A realidade já é estranha e rica, não precisa ser creditada com infinitos recuos no Tempo e com infinitos auto-observadores", conclui Priestley.

Broad, professor de Filosofia na Universidade de Cambridge, assinalou uma falha lógica: não pode haver último termo numa série infinita, e não havendo o observador "n.º infinito", a noção do tempo, para o primeiro observador e para os seguintes, permanece ilusória.

2.ª – Teoria de Mundle, 1950-64

Mundle, professor de Filosofia na Universidade de North Wales, na Inglaterra, tentou mostrar que a PC não implica em reversão causal, explicando-a pela PK. Acha ele que o indivíduo deliberadamente age de tal forma a causar a ocorrência dos fatos que confirmarão a PC. A PC seria a sugestão para realizar os acontecimentos posteriores a ela e isto implicaria na *operação de PK*.

Todavia, ele próprio reconheceu que esta teoria "coloca pesadas exigências à nossa credulidade. Teríamos que supor que os pensamentos, medos e desejos de uma pessoa podem exercer misteriosa influência em máquinas e no comportamento alheio, influência muito mais ampla que a sugerida pela evidência experimental de PK. Estaríamos, parece, reintroduzindo um conceito de causalidade mágica, do tipo de poder possuído pelas feiticeiras e curandeiros — o que é repugnante ao pensamento científico. De sorte que esta teoria é muito implausível quando se tenta aplicá-la em detalhe".

Dobbs comentou-a "A evolução biológica da humanidade estaria à mercê de maléficos pensamentos e desejos de homens e animais, fosse essa teoria plausível". E salientou ainda que, em muitos casos, teríamos de supor que os poderes inconscientes de influir do indivíduo grandemente excederiam seus poderes conscientes de inferir.

Mundle tentou rejeitar também o paradoxo epistemológico, explicando que a PC é só aparentemente não-inferencial. Na verdade, o sujeito realizou uma *inferência inconsciente* baseada em premissas adquiridas por alguma forma de PES, a clarividência, a telepatia, ou ambas.

Formidáveis dificuldades se apresentam no caminho da aceitação dessa teoria, afirmou Dobbs. A evidência sugere que só se adquire por PES o conhecimento de fatos particulares e não o conhecimento indutivo de leis empíricas. Ademais, a inferência inconsciente envolveria operações matemáticas de enorme complexidade, o domínio da maior quantidade possível de informação sobre o estado atual dos objetos físicos relevantes, e das leis da natureza relevantes a uma dada situação em particular. Seria uma visão newtoniana do mundo, determinista, num tempo unidimensional, já suplantada pela aceitação da Mecânica Quântica com seu Princípio da Incerteza.

No século 18, essa visão do mundo estava eminentemente associada ao nome de Laplace. Ele mantinha que, a partir de um conhecimento da distribuição original dos materiais constituintes do Universo primordial, uma inteligência superior, matemática poderia *predizer* a futura e completa história do mundo. Esse gênio, com poderes extraordinários de cognição, teria de conhecer as velocidades, massas e posições instantâneas de *todos* os elementos constituintes dos objetos de uma situação física e, no caso de objetos microscópicos, o conhecimento de milhões de moléculas, átomos e elétrons. O número de átomos numa grama de substância é da ordem de 10^{20}.

Laplace pretendia que esse conhecimento seria acessível a Deus. Mundle, que fosse acessível ao homem através da PES. Mas isso não é tudo. A história subseqüente da predição exigiria o conhecimento de *todos* os campos de força e de *todas* as leis obedecidas por tais forças no sistema a ser predito. Imaginem-se os cálculos necessários a *predizer* os futuros movimentos simultâneos de todos os constituintes livres. Nenhuma solução exata pode ser oferecida porque, de acordo com a Teoria da Perturbação, em Física, quando o cálculo de movimento da partícula 1 estivesse terminado, a partícula 2 já teria se chocado com a 1 e impedido o rumo da partícula 1 predito pelo cálculo. As mentes finitas e os computadores só podem chegar a inferências e a soluções com diferentes graus de erro. Para que ocorra a forma laplaceana de PC, — isto é, por PES das condições presentes e inferência sobre o futuro a partir dessa PES — se requer uma

inteligência infinita e divina para lidar com a imensa complexidade de dados.

Mundle poderia replicar que se satisfaria com algo inferior à PC onisciente, e se contentaria com inferir probabilidades de certos eventos futuros. Se considerarmos a intervenção que anula uma PC desastrosa, já não poderemos falar de *certeza* no sentido de Laplace. Somos obrigados a admitir a incerteza.

Não, a PC não é atingida por qualquer inferência lógica. "A resposta precognitiva é direta e não-inferencial, como em qualquer percepção sensorial comum ou resposta motora. O conhecimento parece ser mais intuitivo que discursivo", observou Dobbs.

3.ª – Teoria de Rhine, 1935-74

Os Rhine sempre ultrapassaram os limites científicos dos fatos para refletir crítica, filosoficamente, sobre as origens, o desenvolvimento e o futuro da PC para a espécie humana.

Quando teria a PC pela primeira vez se manifestado na espécie? Na opinião dos Rhine, ela antedata as funções dos sentidos: "alguns supuseram fosse resquício de herança primitiva da raça, aptidão a nós legada por antepassados pré-humanos. Numa época em que o perigo espreitava por trás de cada moita ou curva do caminho, a forma extra-sensorial de conhecer teria sido, presume-se, dote precioso para qualquer animal ou para o homem que pudesse utilizá-lo. Embora essa conjetura se revele conveniente e mesmo plausível, não está provada".

A dra. Rhine é de opinião que pesquisas mais prolongadas serão necessárias para chegar a explicar esta aptidão. Teria servido "em épocas evolutivas como processo protetor. Quando a sobrevivência dependia da percepção do perigo antes de tornar-se real, o animal prevenido antecipadamente poderia viver mais do que os menos sensíveis. À proporção que essas condições mudaram com o correr dos séculos, essa aptidão para ver além do aqui e do agora não se conservou tão necessária. Os órgãos dos sentidos, mais limitados embora mais dignos de confiança, vieram a ser cada vez mais suficientes; portanto, é provável que, durante o longo e vagaroso processo evolutivo, a aptidão extra-

sensorial tenha deixado de usar-se. Agora talvez seja, para muitas pessoas, simples lampejo de dote anterior, funcionando esporadicamente quando a ocasião o permite. Substituindo-a, desenvolveram-se os sentidos. Dão-nos o presente, o imediato, com segurança comparável. Em nossa época, os sentidos, auxiliados por instrumentos, tornam a percepção extra-sensorial de eventos distantes ou futuros grandemente desnecessária para a existência humana".

Sobre o antagonismo entre PC perfeita e livre arbítrio, Rhine conjeturava em 1947: "Se a PC for ou puder ser algum dia 100% exata, reconhecê-lo afetaria de tal maneira a nossa filosofia de vida que se treme ante as conseqüências. Especialmente se toda espécie de acontecimento em qualquer ponto do tempo for teoricamente precognoscível. Seriam evidentemente todos determinados e inevitáveis. Teriam de ser fixos para serem prognosticáveis. Não existiria liberdade de escolha. A prova de PC tão absoluta importaria em fatalismo.

"Liberdade volitiva e vaticínio perfeito são, pois, irreconciliáveis. Se for possível controlar os acontecimentos à luz do conhecimento antecipado, impedindo-se de tal modo que se realizem, então, sem dúvida, a PC perfeita não poderia realizar-se. Se, inversamente, a PC só pode ter precisão limitada, a escolha volitiva disporá ainda de algum campo. Seria possível, não só ver à frente com certa eficiência, mas também escolher o caminho com certo grau de real liberdade."

Como encaram os Rhine o choque entre PC e o princípio de causalidade? *"Qualquer conhecimento de acontecimentos futuros parece inversão do princípio de causalidade,* colocação do carro diante dos bois, *efeito antes da causa.* É difícil compreender como o ato da percepção, que é resultado, pode ocorrer antes da causa. Todavia, a ciência não conhece impossíveis e a teoria tem de conformar-se sempre à prova. "Quando a evidência se torna suficientemente forte para qualquer fenômeno, *impõe-se a mudança de estrutura do conhecimento e da teoria para incluir a nova descoberta.* Não importa que pareça logicamente improvável, contrário ao conhecimento anterior, ou desagradável, o fato uma vez demonstrado não pode ser posto de lado ou negado pelo cientista".

A PC não se conforma à lei da causalidade e a transcende. "Se a mente pode predizer os acontecimentos, tanto mais livre será do sistema físico sobre o qual atua, por ser diferente dele". "A PC é um meio superior de conhecimento e, ampliando nosso

poder cognitivo, é capaz de nos proporcionar realmente maior ação sobre a natureza".

Autor do livro *Parapsicologia, ciência-fronteira da mente*, de tão significativo título, Rhine sempre se situou nessa fronteira da mente que reconhece dois aspectos do mesmo fenômeno — o físico e o não-físico. "Temos de começar com o fato de que *a PC é não-física;* não possui ainda qualquer localização orgânica (isto é, cerebral) e não é diretamente observável. É encontrada somente sob a forma de um *efeito convertido*".

Rhine argumenta que a relativa independência da mente em relação ao universo material consiste em "sair", no sentido de escapar ao mundo da matéria, de projetar-se, para além dele, de estender-se, de ampliar-se, tornando o espaço e o tempo ineficazes. Supõe a existência de uma energia mental, ainda misteriosa em suas propriedades e que se projeta do sujeito para conhecer extra-sensorialmente o evento vindouro. "Tal imperceptível energia teria de ser conversível a outros estados de energia só reconhecíveis através dessa tradução ou conversão. A única singular característica desta energia parapsíquica reside no fato de que funciona sem qualquer relação restritiva (ainda desconhecida) para com os critérios de espaço-tempo-matéria. Mas isto significa apenas repetir que essa energia é não-física, uma vez que os critérios de espaço-tempo-matéria são os conceitos definidores do campo físico.

"Impossível? Não, o arguto observador colocado na fronteira do conhecimento físico seria o último a rejeitar a idéia de uma energia mental *natural*. De qualquer forma, existe agora um amplo corpo de fatos experimentais que requerem a inferência de um princípio efetivo que não exiba as propriedades de espaço-tempo-matéria e que não afete os órgãos sensoriais. A formulação desta hipótese de uma energia específica é apenas um modesto começo. Se a hipótese for correta, encontrar-se-ão os meios de verificar sua validez.

"A solução do problema deverá levar a uma *relação de causalidade que transcenda a amplitude do conhecimento da Física na atualidade*. É muito cedo ainda para afirmar que o campo da Física moverá suas fronteiras e ajustará seus conceitos mais rapidamente que a Psicologia; para uma e outra, entretanto será apenas uma questão de reconhecer os fatos e de dar-lhes tempo para ajustar-se a eles."

O caso da PC "é logicamente uma refutação experimental à filosofia mecanicista da natureza que se instalou universalmente nas ciências".

"O parapsicólogo tem de reconhecer que, paralelamente às suas dificuldades em estabelecer os fatos no laboratório, existe uma dificuldade maior a esperá-lo fora da porta do laboratório — a de estabelecer suas conclusões de tal forma efetiva que superem a rejeição já pronta, pré-fabricada e decidida de seu esforço, apesar da qualidade de seu trabalho."

"A ponte das propriedades comuns (ao físico e ao parapsíquico) e dos processos inter-operantes que um dia encontraremos serão o fruto das pesquisas de amanhã, quando as controvérsias de hoje sobre *a natureza extra-física do homem* silenciarem." Tal a esperança de Rhine.

4.ª - Teoria de Roll, 1957-64

O psicólogo W. G. Roll, em seu discurso de presidente da 7.ª Convenção da Associação de Parapsicologia, realizada na Universidade de Oxford, em setembro de 1964, desenvolveu sua hipótese de psicampo, em que a informação extra-sensorial é mediada por objetos físicos. Esta teoria inclui seis postulados, quatro hipóteses de interação concernentes à energia, e 6 hipóteses de canalização concernentes à distância, conexão e outros fatores. A teoria foi apresentada como um sistema de comunicação para todos os fenômenos parapsicológicos. Em sua monografia, Roll fez uma recapitulação das teorias de campo antecedentes à sua.

Em 1675, Isaac Newton, em comunicação à Royal Society, sugeriu que o universo existia num "meio vibratório", ou "eter", relacionado com a gravitação. Uma forma de "eter" impregnava os "líquidos animais" e controlava o movimento e até a procriação dos seres vivos. Um de seus contemporâneos, John Webster, no que parece ter sido um dos primeiros tratados de Parapsicologia, sugeriu que "raios corporais" influenciavam objetos exteriores ao organismo, talvez uma idéia insinuada pela hipótese corpuscular da luz, então prevalecente. Richard Mead desenvolveu a idéia de Newton e gradualmente o eter humano passou a ser "gravitação animal" e "magnetismo animal", ao

tempo de Mesmer, para quem um "meio magnético" impregnava o universo e ligava o homem às mentes e objetos distantes, como base da telepatia e da clarividência.

Esta noção de um meio que impregna o cosmos e controla o sistema nervoso das formas animadas foi a precursora das tentativas recentes de encontrar uma base eletromagnética para a hipnose e para outros fenômenos psicológicos.

Mas somente quando as teorias de campo foram formuladas na Física por Maxwell, Faraday e Einstein, é que o conceito estendeu-se à Biologia de forma útil. Um campo biológico foi postulado por Burr e Northrop em 1935 e procedeu-se à exploração experimental.

Em Psicologia, as teorias de campo surgiram independentemente dos conceitos físicos. Em 1886, em seu artigo *Psicologia* para a Enciclopédia Britânica, James Ward introduziu um "campo de consciência" ou "um continuum geral no qual as diferenças estão latentes". O psicólogo Wundt usou conceitos como "campo de visão" para descrever a unidade e a organização dos processos mentais. Lewin, Kaffka, Kohler e outros membros da Escola Gestáltica, adotaram parcialmente a terminologia das teorias de campo físicas ao elaborarem as teorias de campo psicológicas. William McDougall estendeu a noção de "campo de consciência" de Ward para além do indivíduo, propondo a "consciência coletiva" ou "mente do grupo" e sugeriu que algumas de suas forças coesivas eram de natureza parapsicológica.

O físico Oliver Lodge pensava que as comunicações parapsicológicas talvez fossem conduzidas através do eter, de forma semelhante às ondas magnéticas da telegrafia sem fio, de cujo estudo foi um pioneiro. René Warcollier inclinou-se também por uma teoria ondulatória em sua análise das diferenças e semelhanças entre telepatia e radiação física. Bechterev pensou que ondas hertzianas de alta freqüência produzidas pelo cérebro constituíam a base da telepatia. O psiquiatra Cazzamali pretendeu detectar a emissão de ondas curtas de rádio pelo cérebro de um sujeito hipnotizado.

Em 1928, Hans Berger realmente conseguiu registrar a emissão de ondas elétricas através do crânio humano. Mas como só podem ser registradas à curta distância da cabeça, o próprio Berger rejeitou a idéia de que seriam as responsáveis pelos fenômenos parapsicológicos. Propôs, então, que um meio parapsíquico cobre as distâncias físicas e interage com os processos físicos cerebrais para produzir a mensagem telepática. Sérios obstáculos surgiram à teoria eletromagnética quando os testes

de PES envolveram grandes distâncias e objetos concretos como as caixas de Faraday. Hans Driesch, C. A. Mace e Cyril Burt sugeriram que os processos parapsicológicos interagem com o mundo físico conhecido. O neurologista John Eccles supõe que as energias parapsíquicas influenciam os neurônios corticais dentro dos limites do Princípio da Incerteza de Heisenberg e que seu efeito é então ampliado pelos processos cerebrais comuns.

Na teoria de C. B. Nash, o conceito central é o da "linha-do-mundo". Se uma partícula física elementar figura no universo quadridimensional de Einstein e Minkowski, torna-se uma linha que se estende do passado ao futuro. Nash sugeriu que linhas-do-mundo ligam o cérebro com acontecimentos remotos no espaço e no tempo, dando fundamento assim à PES e à PC. Interagem com sistemas físicos, como os cérebros dos percipientes de fenômenos parapsicológicos ou os dados usados nos experimentos de PK, dentro dos limites do Princípio da Incerteza.

H. H. Price supôs que, quando uma imagem foi criada por certa mente, pode perder sua conexão com essa mente e permanecer ligada a certa região do espaço físico, onde vem a atuar como causa de alucinações extra-sensoriais. Referiu-se também a uma interpenetração da "atmosfera psíquica" do percipiente com a atmosfera psíquica produzida pelas imagens mentais localizadas.

Gardner Murphy empregou o conceito de "campo interpessoal" para a interação de agente, experimentador e percipiente numa situação telepática.

Raynor Johnson afirmou que objetos físicos possuem um "eter psíquico", que existe "uma duplicata etérica para cada objeto material", e que esse eter psíquico pode ser modificado pelos pensamentos e emoções de uma pessoa.

Cyril Burt postulou "campos parapsíquicos" nos quais propriedades mentais tomam o lugar daquilo que os físicos chamam de "forças" e "potenciais". "A mente", propôs ele, "é uma espécie de campo existindo nas vizinhanças do cérebro de um indivíduo, assim como os físicos conseguem um campo eletromagnético na vizinhança de correntes elétricas opostas".

G. D. Wasserman recorreu ao tipo de teoria de campo desenvolvido pela Física Quântica e introduziu os "psicampos" para explicar os fenômenos parapsicológicos. Os psicampos podem interagir entre si ou com outros campos físicos, à semelhança dos processos de duplicação comuns, tais como a auto-

reprodução de enzimas ou os processos fotográficos onde a revelação fornece uma representação única, mas não isomórfica idêntica, dos "campos de matéria molecular" do negativo. A troca de energia entre os campos é limitada pela lei da conservação de energia, de modo que a energia total de dois campos interagentes quaisquer é a mesma; e é também limitada pelas probabilidades de transição que se aplicam à interação. Se um dos campos muda de "excitado" a "estacionário", a energia se transfere a outro campo, que passa a um estado excitado. Se um campo não é perturbado, permanece em estado estacionário, o mais estável e o menos energético dos quais é o substrato dos demais. Além dos psicampos, Wasserman postulou os "campos-M" para explicar a morfogênese e os "campos-B" (behavior) para explicar o comportamento psicológico. O "campo-P" (physical) é o que circunda a matéria inanimada dos alvos empregados nos testes da clarividência, como cartas de baralho, etc.

Em Parapsicologia, os fenômenos melhor confirmados são os estatísticos, mas nenhuma razão existe para supor que sejam basicamente estatísticos. A Parapsicologia sustentou-se por tanto tempo de dados estatísticos que, às vezes, eles parecem ser os únicos. Se não eliminarmos o amplo suprimento de material espontâneo do qual brotou a experimentação, o quadro verdadeiro mostrará que os efeitos colecionados em laboratório são, meros e pálidos, seus reflexos; e "à medida que aprendermos mais sobre os processos psi saberemos gradualmente reduzir a sua casualidade". E Roll colocou uma questão importante: "Os parapsicólogos encontraram algo (extra-sensorial) que interfere com os sistemas macrofísicos casuais (como, por exemplo, os dados em jogo). Se esse algo também afeta os sistemas microfísicos aleatórios, é inconcebível que uma influência extra-sensorial esteja envolvida no comportamento imprevisível de um átomo radioativo?"

Albert Einstein estava "firmemente convencido de que o caráter essencialmente estatístico da Teoria Quântica contemporânea deve-se unicamente ao fato de que esta (teoria) opera com uma descrição incompleta dos sistemas físicos" e que devemos "procurar alhures o fundamento da Física Teórica". Einstein não disse onde, mas insinuou: "termino esta exposição... relativa à Teoria Quântica reproduzindo a breve conversa que tive com um importante físico teórico: Ele: "Estou disposto a acreditar na telepatia" Eu: "Ela provavelmente tem mais a ver com a Física do que com a Psicologia". Ele: "Sim".

Afirmou Roll que, para ele, não tinha sentido supor que os fenômenos extra-sensoriais sejam observados apenas nos experimentos parapsicológicos. Os físicos já os perceberam, como fatores de não-causalidade; ou, se forem introduzidos em suas teorias como novas influências causais, possivelmente liquidem com sua aleatoridade.

As teorias de campo físico atraíram alguns parapsicólogos devido ao seu mecanismo que conecta espacialmente os sistemas remotos. Para explicar o efeito da distância, Wasserman presumiu que os psicampos ocupam vastas regiões do espaço, e só absorvem ou emitem pequeníssimos quanta de energia. Resultam numa resposta extra-sensorial só quando excitados pelos campos-B (de comportamento) do percipiente, os quais, por sua vez, estão associados à sua motivação psicológica.

Nos campos físicos, costuma haver atenuação com a distância. A luz de uma lâmpada difunde-se até certos limites no espaço. Em percepção extra-sensorial não há decréscimo com a distância. Cyril Burt supôs, entretanto, que o "raio de informação não se difunde, mas concentra-se inteiramente numa só direção (o cérebro do telepata) e não há razão para a intensidade do sinal diminuir. Tem-se uma analogia física nas propriedades dos *masers* e *lasers*.

Ninian Marshall explicou a independência do telepata em relação à distância, por sua "teoria da ressonância". Quanto mais semelhantes dois cérebros forem, maior influência mútua é de se esperar. Para explicar a telepatia precognitiva, ele postulou que a ressonância telepática entre cérebros é independente de sua separação no tempo e no espaço.

No modelo de Wasserman, a atenuação pela distância é compensada por um reforço do campo de comportamento e uma amplificação neural. Wasserman referiu-se também a uma teoria não publicada sobre "uma cascata de campos" nos quais não há atenuação com a distância.

Na PC, um acontecimento ainda não ocorrido exerce influência sobre o cérebro do percipiente e o leva a ter uma visão ou pressentimento do fato. Em microfísica, um núcleo atômico às vezes se desintegra antes que o atinja uma partícula rápida. Se a reversão causal tem seu lugar na Física Teórica, é possível incluí-la num modelo parapsicológico. Essa reversão, porém, encontra-se na *descrição* matemática do fato e não na sua observação. As diferenças de tempo em PC não são "frações infini-

tesimais da fração de um segundo" como em Física Atômica, mas de horas, dias, meses e até anos.

Vários são, portanto, os autores que opinam por uma explicação da PES em termos de novas estruturas no universo que interagem com as estruturas físicas já conhecidas. Se essas novas estruturas são postuladas, em vez de "fatos no futuro", elas próprias podem ser as causas da PC.

Wasserman supôs que um conjunto de campos de energia física, onde eventualmente ocorrerá certo fato, é copiado por outro conjunto de campos que pode influir sobre um cérebro humano e disso resultar a PC antes que os campos originais tenham causado o fato em questão.

Após mencionar teorias alheias e anteriores à sua, Roll expôs seu conceito de *psicampo,* algo entre os conceitos de "campo físico" e "psicampo" de Wasserman; equivalente ao "campo parapsíquico" de Cyril Burt; e ao "campo interpessoal" de Gardner Murphy. "Definirei o psicampo menos especificamente como — a região do espaço na qual os fenômenos parapsíquicos são detectáveis", escreveu Roll.

Assim como fóton é uma partícula ou quantum de energia radiante dos campos eletromagnéticos, Roll referiu-se a "psi-elementos" (ou "psions", conforme termo sugerido pelo dr. J. Artley) e às suas propriedades causais. Em sua teoria ele incluiu campos físicos conhecidos e desconhecidos associados com sistemas físicos animados e inanimados.

Em PC, o sistema físico na fonte talvez seja, em regra, animado, embora nenhuma razão exista para supor que não possa ser inanimado. O sistema físico no receptor pode consistir, seja de formas animadas, seja de inanimadas, ou de ambas. Trata-se de um sistema de comunicação tendo, como fonte de informação, um fato e seu psicampo, e como receptor, um sujeito e seu psicampo. Em sua monografia, Roll apresentou o seguinte esquema de suas idéias:

O SISTEMA DE COMUNICAÇÃO PRECOGNITIVO

PC

— se a pessoa que tem a experiência precognitiva é o agente

Fonte
Eventos em sistemas físicos animados ("percipiente")
↓
psicampo ↘ *Canal* ↗ psicampo
psicampos em interação

Receptor
Eventos em sistemas físicos animados e/ou inanimados ("eventos confirmatórios")
(psicampo ↑ Receptor)

PC

— se a pessoa que tem a experiência precognitiva não é o agente

Fonte
Eventos em sistemas físicos animados e/ou inanimados
↓
psicampo ↘ *Canal* ↗ psicampo
psicampos em interação

Receptor I
Eventos em sistemas físicos animados ("percipiente")
(psicampo ↑ Receptor I; psicampo ↓ Receptor II)

Receptor II
Eventos em sistemas físicos animados e/ou inanimados ("eventos confirmatórios")

Para Roll, os fenômenos parapsicológicos estão sujeitos às condições de espaço e tempo. Resultados de experimentos mos-

traram-se dependentes de fatores motivacionais, da atitude mental do sujeito e da personalidade do experimentador. Um experimentador "não se limita ao organismo que ocupa mas abrange os objetos em seu psicampo. Sua capacidade de influir sobre o seu ambiente estende-se a todo esse campo; as demonstrações extra-sensoriais dos sujeitos podem ser reações ao psicampo do experimentador.

Um psicampo não só transmite informação e energia a outro mas também armazena informação como um registro de memória. Os anais mnêmicos fazem parte do psicampo e as leis de aprendizagem governam a recepção e transmissão da PES. Roll sugere que nos experimentos de PC, como no lançamento de dados, processos cerebrais são chamados a intervir, fazendo que os dados se conformem com a PC. Esta teoria explicaria os casos de PC em que se impediu o suceder dos fatos previstos justamente porque o cérebro podia trabalhar a partir da informação precognitiva.

Para terminar, Roll postula que o psicampo tem existência permanente. ". . . deveríamos esperar que o nível de energia do psicampo de uma pessoa aumente com a morte, uma vez que o elo orgânico se dissolve". Hipóteses são inspiradoras em seu caráter. "Talvez a maioria das minhas sejam erros, e apenas algumas, se alguma houver, sejam acertos. Mas o exercício é salutar, penso; não deveríamos deixar todo o trabalho de adivinhação para os nossos sujeitos".

À visão de Gertrude Schmeidler coube apontar ainda outro trabalho — este, de expansão e de transcendência — reservado à Psicologia: "Tudo isto implica em que nosso contato um com o outro e com o mundo ao nosso redor é mais íntimo e mais efetivo do que poderia ser predito pelos livros de Física. Se, às vezes, podemos, embora fraca e intermitentemente, responder diretamente aos sentimentos e pensamentos dos outros, e até afetá-los diretamente, apesar de separados deles, que significado tem isso para as nossas mútuas relações? A eficácia da prece, e os sentimentos de boa vontade, ou de má vontade, tornam-se, de súbito, tópicos que a Psicologia pode estudar em vez de relegá-los às teorias dos filósofos. A área onde a Psicologia pode trabalhar, e os problemas que os psicólogos deveriam considerar, adquire enorme expansão, até o ponto de estimar a possibilidade de que as funções psicológicas não operem necessariamente através do corpo físico mas possam continuar após a morte dele".

A voz meditativa de Kenneth Walker nos lembra: "Em ordinário estado de vigília, temos nosso restrito campo de consciência pessoal, mas, na contemplação, o "ego" do dia a dia pode ser transcendido de modo que o campo de consciência se amplia, e não mais somos seres isolados, porém partes do Grande Todo. Esta Unidade de consciência é o que o místico acha tão difícil explicar aos outros que não a experimentaram, e isto é o que o Upanishad tenta colocar em palavras quando exclama: Indivisível mas como se fosse dividido. A Consciência Total é Uniconsciência, entretanto, no estado de vigília comum, parece fragmentada em inúmeras partes, cada pessoa possuindo uma consciência própria e separada".

5.ª – Teoria de Hart, 1965

Hornell Hart, sociólogo e filósofo que trabalhou durante certo período na Universidade de Duke, em monografia da Fundação de Parapsicologia, propôs-se a questão: "como podem os fenômenos de PC enquadrarem-se num sistema de filosofia racional e abrangente?" Ao respondê-la, ele partiu dos axiomas que os cientistas materialistas tomam como verdadeiros, aplicados ao mundo senso-motor; os fenômenos psíquicos e parapsicológicos, entretanto, contradizem esses mesmos axiomas.

Broad, lembrou ele, organizou uma lista de nove de tais axiomas ou "princípios limitadores básicos" que servem de quadro de referência às ciências naturais em seu tratamento do mundo senso-motor. Quatro deles referem-se à causalidade: 1.º — um efeito não pode preceder sua causa; 2.º — um evento não pode causar outro que ocorra à distância *temporal* dele, exceto se inicia uma cadeia interveniente de acontecimentos ou alguma alteração persistente de uma substância; 3.º — um evento não pode ocasionar outro que ocorra à distância *espacial* dele, exceto se inicia alguma cadeia interveniente de eventos; e o 8.º — é impossível prognosticar que um evento de tal ou qual espécie acontecerá em tal ou qual lugar e época, exceto por acaso, por inferência de dados, ou por expectativas baseadas em experiência anterior.

Ora, raciocinou Hart, a PC nega estes quatro axiomas. "Os axiomas básicos do Mundo Interior são radicalmente diferentes

dos axiomas do mundo senso-motor". E passou a ilustrar alguns dos contrastes:

1.º axioma do Mundo Interior — Um observador do Mundo Interior pode mover-se para diante ou para trás no tempo, e pode mover-se de um ponto a outro no espaço, sem necessariamente atravessar os pontos intermediários. Hart exemplificou: "Um estudante de História pode focalizar sua atenção em 1775, e então mover-se instantaneamente para 1964, sem atravessar os pontos intervenientes. Os *flashbacks* em literatura de ficção ilustram este livre movimento no tempo do Mundo Interior. O cientista pode também saltar do Homem da Caverna de 50.000 a.C. ao agricultor de neolítico em 4.000 a.C. sem cruzar as épocas entre ambos. Pode mover-se instantaneamente (em pensamento) do planeta Júpiter ao seu próprio laboratório astronômico — ou ele pode estar nos dois lugares ao mesmo tempo".

2.º axioma do Mundo Interior — "O eu-pensador, quando propriamente treinado, pode moldar a matéria do Mundo Interior mais ou menos à sua vontade".

3.º axioma do Mundo Interior — "As leis da gravitação, da força impelente, e outras, não controlam necessariamente o operador-observador do Mundo Interior".

4.º axioma do Mundo Interior — "Objetos e acontecimentos no Mundo Interior organizam-se com base em conexões emocionais, ideacionais e habituais".

Essas leis, afirmou Hart, tendem a ser consistentes com os fenômenos parapsicológicos. No Mundo Interior, objetos e eventos podem ser percebidos de diferentes maneiras:

a) como imagens da memória
b) como imagens da fantasia
c) como experiências de sonhos inverídicos
d) como imagens hipnoticamente induzidas
e) como alucinações do delírio ou da psicopatia

E a pesquisa parapsicológica acrescentou:

f) imagens de sonhos verídicos
g) percepções do sujeito fora do corpo

À clarividência e à PC Hart chamou "visões do Mundo Interior" ou "percepção verídica do Mundo Interior".

A seguir, Hart propôs uma abordagem racional do problema da PC, situando as imagens do Mundo Interior num mundo de cenas de três dimensões com uma seqüência quadridimensional no tempo. As incursões no Mundo Interior realizam-se numa estrutura de quatro dimensões (3 de espaço e 1 de tempo). "A 5.ª dimensão, psíquica, é o passo lógico seguinte". Por exemplo: um diretor cinematográfico opera na 5.ª dimensão. Qualquer filme, em produção ou terminado, é um objeto de 4 dimensões. Cada fotograma é uma cena de 3 dimensões. A sucessão dos fotogramas tem lugar na dimensão-tempo do filme. Mas o diretor opera na 5.ª dimensão, a sua própria — ele se emancipa em relação ao filme: ele pode saltar de uma seqüência inicial a outra final; pode introduzir cortes; pode projetar trechos ao revés; pode eliminar seqüências ou inserir cenas; esta liberação do diretor é um fenômeno de 5.ª dimensão. A mesma liberdade caracteriza os romancistas, poetas, compositores musicais, historiadores, etc. O indivíduo comum opera nesta mesma dimensão psíquica ao recordar o passado ou planejar o futuro. Emancipa-se dos rígidos limites confinadores da seqüência temporal senso-motora.

Afirmou Hart: "Nosso único contato com o futuro potencial é através do Mundo Interior." "Enquanto os eventos permanecem no futuro potencial, nosso único acesso a eles faz-se por prognóstico, planejamento ou PC". Depois de acontecerem no presente senso-motor, nosso único contato com eles faz-se através da memória, da pesquisa histórica ou da retrocognição.

Em certo sentido, o futuro, tal como se desenvolverá realmente, é determinado. Nosso funeral, por exemplo, e tudo o que se relacionar com ele, será determinado por uma complexa combinação de causas, causas adequadas produzindo resultados específicos. Será causado em parte, por nosso comportamento intencional. Não será determinado, no sentido de que só operarão causas mecânicas. Nossos desejos, propósitos e esforços serão elementos potentes em produzir o futuro tal como se desenvolverá.

"Como pode então o futuro ser alterado pela PC?" perguntou-se Hart. Considerando a previsão e o planejamento do homem comum, quanto mais exata e sabiamente o homem puder prever os fatores fora de seu controle, mais sucesso terá em seus planos. "A consciência extra-sensorial de vários tipos de fatores que afetarão o futuro está incluída na PC". A hipótese de Hart sugeriu que o contato de tipo interior é feito não mera-

mente com o futuro como realmente será, mas distintivamente com os fatores fora de controle de quem tem a PC, diferentes daqueles que podem ser modificados pelo seu próprio planejamento ou ação direta. Este conhecimento precognitivo torna-se um dos fatores causais na produção do futuro real em todos os casos em que o propósito e a ação do indivíduo preconhecedor entram em sua realização.

Ainda segundo Hart, um sonho precognitivo sobre um acidente de trem ou uma queda de avião pode envolver fatores sobre os quais as expectativas e planos de preconhecedor tem pequena ou nenhuma influência. Mas, tome-se o exemplo, lembrou Hart, de um homem que teve um sonho vívido de que seria morto em certo cruzamento de estrada desconhecida, devido ao choque de seu carro com um automóvel branco à alta velocidade e, alguns dias depois, em viagem, reconheceu a estrada e o cruzamento, e freiando o carro instantaneamente, evitou a batida com um veículo branco que surgiu à alta velocidade e raspou a frente do seu. Nesse caso, o preconhecedor obteve consciência extra-sensorial de alguns dos fatores fora de seu controle, como realmente aconteceria no futuro, mas reteve amplidão de propósito bastante para ajustar sua atividade e evitar as conseqüências se não fosse guiado pela sua PC.

Hart concluiu que, assim como o indivíduo comum, recorrendo à sua inteligência, capacidade de previsão e sabedoria, considera os fatores fora do alcance de seu controle para definir seu comportamento, o indivíduo cuja inteligência, capacidade de previsão e sabedoria são suplementadas pela consciência extra-sensorial, pode esperar sucesso mais freqüente e completo que a pessoa não ajudada pela PC.

Esta interpretação encara a PC como uma extensão dos sentidos ordinários; e sendo fenômeno do Mundo Interior, regido pelos axiomas do Mundo Interior, a PC encontra o seu lugar na filosofia experiencialista de Hart.

Propondo um programa de pesquisas, Hart sugeriu que se testasse a realidade da PC, provocando sonhos precognitivos de acordo com a técnica de Dunne ou modificações dela, a fim de verificar, ou não, as hipóteses de Dunne e a sua própria.

6.ª – Teoria de Dobbs, 1965-67

Na teoria do tempo unidimensional, a única forma concebível de PC não-inferencial é a concepção do conhecimento direto de um futuro ainda não existente, rejeitada pelo bom senso, como impossível lógica e causalmente.

Adrian Dobbs, físico inglês, pensou superar a dificuldade epistemológica (conhecimento não existente) e a causal (retroação no tempo, o efeito anterior à causa), subentendidas naquele conceito de PC, ao fundamentar sua teoria em certos conceitos de Física Quântica, particularmente os de tempo e energia, encontrados em exposições recentes da Teoria dos Quanta. Reportou-se ao exemplo microfísico quântico (dado pelo físico alemão Pierre Jourdan, na 1.ª Conferência da Fundação de Parapsicologia em 1954), no qual ocorre uma explosão prematura, "um núcleo atômico ao ser bombardeado por uma partícula muito rápida, às vezes explode (como certas pessoas!) pouco antes de ser atingido. "Jourdan também afirmou: "Uma vez que a brevidade ou a duração do intervalo de tempo nada têm a ver com o aspecto paradoxal da ocorrência, o que acontece no nível microfísico é tão paradoxal e tão carente de explicação como a PC concebida como causação do presente pelo futuro".

Essa reversão microfísica no tempo enquadra-se adequadamente nos caixilhos da Teoria Quântica, desde que seja interpretada dentro das linhas sugeridas por R. P. Feynman, com a adoção lógica e explícita de um *tempo bidimensional*. A interpretação de Feynman, da eletrônica quântica, abrange os fenômenos em que se manifesta a causalidade ao revés.

Físicos do porte de Eddington já haviam introduzido uma segunda dimensão de tempo em suas equações fundamentais. Flint, que lecionou Física na Universidade de Londres, desenvolveu uma teoria pentadimensional, deduzindo todos os resultados da relatividade e da Teoria Quântica, numa estrutura de espaço e tempo idêntica à de Eddington.

Dobbs também adotou uma teoria do tempo bidimensional e de probabilidade objetiva, em conformidade com certos desenvolvimentos da Física Teórica Moderna, associados à Escola Russa de Folk, Krylov e Khalfin, que investigaram a incerteza na relação tempo-energia do Princípio de Heisenberg, introduzindo um tempo complexo associado a uma energia complexa. A introdução de um tempo bidimensional foi feita por razões

puramente técnicas, pois permitiu a Folk e Krylov, em 1947, dar uma justificação teórica à Lei Rutherford-Soddy sobre o estado de desintegração atômica como função exponencial do tempo. Além do aspecto bidimensional implícito na teoria do tempo complexo usada pelos físicos russos, a dualidade do tempo também é uma exigência para tornar consistente a interpretação de Feynman quanto à Física Quântica. Dobbs fez questão de salientar que a teoria bidimensional do tempo em antecedentes respeitáveis na Física, antes de aplicá-la à Parapsicologia.

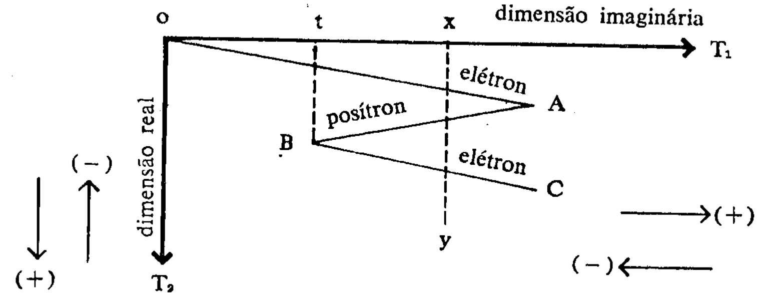
Dobbs pretendeu eliminar o paradoxo da reversão no tempo, tanto em Microfísica como em Parapsicologia, sem necessidade de explicar a PC pela PK.

Variável complexa, o tempo, na teoria de Dobbs, é o nexo de relações constituindo a sucessão dos eventos. Dois aspectos se distinguem no tempo:

a. o transitório, em virtude do qual qualquer evento, como o nascimento de uma pessoa, começa por estar no futuro, torna-se presente num tempo particular, e termina por ser passado num tempo posterior;
b. o extensivo, em virtude do qual qualquer evento A relaciona-se com qualquer outro evento B, ou sendo anterior a B, ou simultâneo com B, ou posterior a B, dependendo da dimensão temporal especificada, que pode ser imaginária e reversível, ou real e irreversível.

Em seu esquema bidimensional do tempo, Dobbs representava a dimensão imaginária por uma linha horizontal, e a dimensão real por uma vertical. Enquanto o aspecto extensivo do tempo pode ser representado por um gráfico, o transitório não o pode.

Aspecto extensivo, bidimensional, do tempo
reversibilidade e irreversibilidade



Arbitrariamente, a direção do tempo, na 1.ª dimensão, é chamada de "positiva", de 0 a T_1 e de "negativa" de T_1 a 0; na 2.ª dimensão, "positiva" de 0 a T_2 e "negativa" de T_2 a 0.

De 0 ao ponto A a direção do tempo é positiva em ambas as dimensões. Mas de A a B, o Progresso do Tempo é negativo em relação à 1.ª dimensão e positivo relativamente à 2.ª. Assim, a direção do tempo foi invertida em sentido claro e definido, mas não houve inversão em ambas as dimensões. Em Física, a proporção da trajetória de 0 a A representaria uma partícula como um elétron; de A a B, representaria uma partícula como um pósitron; e de B a C, representaria a mesma entidade, novamente como elétron. A direção no $Tempo_2$ não se teria modificado (sempre positiva) e o Progresso no Tempo nesta dimensão seria irreversível.

O Professor Henri Margenau, renomado físico do Laboratório Sloane da Universidade de Yale, que tantas contribuições fez ao desenvolvimento da Teoria Quântica, observou, a propósito da teoria do tempo multidimensional em Física que "um artefato invocado às vezes para explicar a PC é tornar multidimensional o tempo. Isto permite uma genuína passagem do tempo ao revés, os intervalos positivos numa direção temporal vindo a ser negativos (efeito antes da causa) na outra. Em princípio, isto representa um esquema válido, e não conheço crítica que o exclua do procedimento científico. Se for aceito, contudo, uma nova métrica de espaço e tempo terá de ser desenvolvida..."

As duas dimensões permitiram a Dobbs distinguir entre o *Modo Objetivo* e o *Modo Subjetivo de Progresso no Tempo.* Nos testes de PC realizados por Shackleton, as cartas de baralho com figuras de animais impressas, na seqüência em que realmente se apresentaram durante o experimento, seriam um exemplo de Progresso Objetivo no Tempo; ao passo que os acertos precognitivos de Shackleton, prevendo cartas de baralho numa seqüência em que ele se adiantava ao tempo, seriam um exemplo de Progresso Subjetivo no Tempo. Supondo oito tentativas sucessivas:

Progresso no Tempo

Modo Subjetivo — antevisão das cartas —	Modo Objetivo — sequência real das cartas —
1. crocodilo	1. girafa
2. crocodilo	2. leão
3. zebra	3. crocodilo
4. pelicano	4. crocodilo
5. zebra	5. pelicano
6. leão	6. zebra
7. girafa	7. leão
8. pelicano	8. girafa

Num teste de PC o excesso de acertos acima da esperança casual, se não for atribuível à fraude, o será à percepção, num modo diferente do Progresso do Tempo. Como este modo se limita a um determinado sujeito e não ao mundo em geral, Dobbs o chamou de Progresso Subjetivo no Tempo, não percebido explicitamente pelo sujeito, mas sob a forma de estímulos *subliminares* que lhe influenciam o comportamento.

Escreveu ele: "Epistemologicamente, a PC é a consciência de probabilidades objetivas que servem como *pregnóstico* de possibilidades de futuros eventos. Tais respostas humanas às probabilidades objetivas, inicialmente ao nível subconsciente, podem manifestar-se pela conduta (como nos experimentos de Shackleton que anotava suas próprias predições); ou podem disparar estados introspectivos conscientes, como imagens visuais ou auditivas, ou as alucinações sensoriais dos casos espontâneos".

Dobbs exemplificou a distinção entre probabilidades, imaginando um teste de PC mais simples que o de Shackleton, onde não houvesse cartas com cinco figuras diferentes mas apenas duas faces de uma moeda. Se a moeda for atirada para o ar a fim de decidir um jogo, ela apresentará na queda três possibilidades teóricas:

1. depois de M revoluções em torno do seu eixo, cairá ao chão com a face Coroa voltada para cima;
2. Depois de M revoluções e mais, ou menos, meia volta, tombará com a face Cara voltada para cima;
3. cairá sobre a própria beirada, e o resultado permanecerá indeterminado (na prática, um fato extremamente improvável porque o equilíbrio é muito instável).

Estas 3 *possibilidades objetivas* garantem casualidade perfeita no jogo da moeda. Este só não é um processo de uso mais amplo como produtor de casualidade por ser demorado e, pois, inconveniente quando se desejam amostras casuais com maior rapidez. Ao lado das objetivas, existem as *probabilidades subjetivas,* isto é, as que estão na mente do sujeito e que indicam como ele apostaria para ganhar sob certas condições. Se em 8 tentativas ele acerta 5, o resultado ainda não é significante, mas se em 3.000 tentativas ele mantiver esse número de acertos, acima da esperança casual, a probabilidade contra um resultado desses ocorrer por acaso será da ordem de 10^{35}. Ter-se-á de explicar o *pregnóstico,* o fenômeno precognitivo.

Supondo que os 8 resultados sejam uma vez Cara e uma vez Coroa sucessivamente, no $Tempo_1$, horizontal (dimensão matemática imaginária) haveria para cada uma das 8 tentativas outras possibilidades no $Tempo_2$, vertical (dimensão matemática real). A bidimensionalidade do tempo não significa, porém, que haveria dois eventos, um "duplo agora".

Quando dois indivíduos, A e B, observam uma sucessão de volteios da mesma moeda, ambos devem acabar verificando o mesmo visível evento, Cara ou Coroa, ocorrer sobre o chão. A ordem dos fatos visíveis será determinada pela sucessão de cones luminosos compostos de fótons que emanam das várias posições sucessivas da moeda durante a queda para o chão depois de jogada para cima. Se um terceiro observador percebe uma sucessão diferente que implica em eventos ainda não ocorridos para A e B, mas que realmente ocorrerão depois, não se dirá que ele viu fatos ocorridos reais, no sentido comum, mas que ele percebeu quase-fatos, por meios diferentes da luz ou da radiação eletromagnética.

Acontece que a Teoria da Relatividade aponta exatamente para uma situação destas, no caso de qualquer influência física que transporte energia entre corpos materiais com uma velocidade superior à da luz. Uma conseqüência de tal situação é que há uma reversão no sentido da relação temporal, e todas as relações do tempo tornam-se imaginárias no sentido matemático.

Até recentemente, era costume da Física ortodoxa negar esta possibilidade em nome de um pseudo Princípio de Causalidade, segundo o qual é fisicamente impossível ocorrerem no mundo material processos em que a energia se transfere no espaço à velocidade superior à da luz no vácuo. Dois recentes

desenvolvimentos em Física rejeitam o Princípio da Causalidade sob esta forma restritiva; encontram-se eles:

— o 1.º na *Mecânica das Ondas Não-Linear*, do físico francês Louis de Broglie, onde se discute a possibilidade da energia transportar partículas que viajam mais velozes que a luz;

— o 2.º, numa abordagem diferente, a do físico teórico Y. P. Terletski que firmemente avança a idéia de partículas mais rápidas que a luz e ainda assim tomando parte fisicamente significativa em interações com partículas ordinárias da Física relativista ortodoxa. Num trabalho intitulado *O Princípio da Causalidade e a Segunda Lei da Termodinâmica*, ele salienta que partículas da massa imaginária, movendo-se à velocidade superior à da luz, podem ser consideradas como fisicamente reais em processos microfísicos reversíveis. Escreveu ele: "Na Física moderna, o fato da absoluta reversibilidade de todos os processos físicos elementares, isto é, o fato de que não existe direção preferencial no fluxo do tempo, para os fenômenos do micromundo, está firmemente estabelecido".

Qual o significado disto para o modelo de cognição parapsicológica que Dobbs propôs? Na PC, ou no *pregnóstico*, ou no *Modo Subjetivo de Progresso Temporal*, há uma mudança de fase para a frente, o que implica em algum progresso que envolva velocidades maiores que a da luz. Estas velocidades podem ser consideradas como fisicamente reais apenas se forem admitidas interações com energias e massas matematicamente imaginárias.

Dobbs considerava que tudo o que se encontra no espaço físico deve ser físico e sujeito às leis da Física, mesmo que não seja diretamente observável pelos instrumentos físicos até aqui inventados. Há muitos exemplos na Física moderna de entidades não diretamente observáveis ou mensuráveis: as partículas 'virtuais' da eletrostática quântica, ou seja, fótons 'virtuais' não observáveis que envolvem todos os elétrons e todas as partículas com carga. Outro exemplo é o 'infinito mar' de elétrons de energia negativa na teoria do elétron positivo, de Dirac. Em 1932, o físico italiano Fermi propôs o conceito de neutrino, que foi rejeitado; 30 anos de avanço tecnológico foram necessários para poder observar essa partícula e ainda hoje é detectável por métodos muito indiretos. Entidades não diretamente observáveis,

como as partículas de massa e energia imaginárias mencionadas por Terletski e os estados de energia negativa de elétrons de massa real mencionados por Dirac, são partes essenciais da formulação matemática do mundo físico pelos modernos físicos.

Todos os instrumentos até aqui usados para registro, mensuração e observação na Física dão resultados diretamente em termos de mudanças de estado envolvendo energia física matematicamente real (eletromagnética, mecânica, química, etc.). A energia matematicamente real opõe-se à matematicamente imaginária. Desde o século 19, os números imaginários em Matemática ($i = x^2 = -1$) receberam rigoroso tratamento, quando Gauss e outros mostraram como incorporá-los num sistema numérico ampliado. Os números imaginários, em equações de energia, massa e tempo, implicam no acréscimo de uma dimensão adicional, a imaginária, na qual tais entidades imaginárias se localizam. Obviamente o uso de instrumentos destinados a medir a influência de energia e movimentos reais não permite detectar diretamente a influência cujo efeito se mediria por uma mudança de energia ou movimentos imaginários. De acordo com a Física Quântica, qualquer partícula de massa matematicamente real pode ser circundada por partículas de massa imaginária, ditas 'virtuais', com carga de energia matematicamente imaginária.

Para explicar a PC, Dobbs introduziu um tipo de fator que possivelmente cause os fenômenos paranormais: partículas de massa imaginária, por ele chamadas de *psítrons*. Um conjunto de *psítrons* emitidos e absorvidos por uma partícula de massa-em-repouso matematicamente real, constituiria uma espécie de campo, assim como um gás de fótons, circundando uma partícula carregada, como um elétron, constitui um campo eletromagnético.

Como relacionar essa concepção com as observações feitas sobre cérebros humanos, de ocorrências que os neurologistas acreditam serem sinais, visíveis e externos, de processos físicos subjacentes ao comportamento consciente? O ponto de partida óbvio são os ritmos eletroencefalográficos do córtex cerebral. O registro das ondas cerebrais indica variações do potencial elétrico, em freqüência e amplitude variáveis com certas condições. No estado de repouso, o ritmo *alfa* compreende oscilações lentas de 50 microvolts à razão de 10 ciclos/seg. Se o cérebro é alertado por estimulação visual, o córtex se torna "atento" e o ritmo alfa, de voltagem relativamente alta, é substituído por oscilações menores, embora muito mais rápidas. O padrão destas oscilações "atentas" é determinado pela natureza específica

do estímulo que atinge o cérebro proveniente do sistema nervoso periférico. O cérebro contém mecanismos neurológicos capazes de detectar e interpretar mudanças-de-fase nestas oscilações. Costuma-se encarar as oscilações do potencial elétrico do cérebro como manifestações de movimentos de partículas carregadas, de massa matematicamente real (especificamente, íons de sódio e potássio nos neurônios cerebrais).

A interação destas partículas de massa matematicamente real (íons de sódio e potássio nas células nervosas cerebrais) com partículas de massa matematicamente imaginária (psítrons) pode introduzir uma mudança-de-fase no movimento de qualquer onda, resultante fenomenológica do movimento das partículas de massa real. A mudança-de-fase vem a ser diretamente mensurável no toposcópio aperfeiçoado por Grey Walter. Por métodos matemáticos sofisticados chega-se ao detalhe requintado das mudanças-de-fase dos subcomponentes de uma forma-de-onda complexa, e foi esta técnica que levou o neurologista W. R. Adey ao ponto de vista de que o cérebro usa este tipo de sistema detector para obter informações.

Dobbs sugeriu que as mudanças-de fase nas ondas potenciais reais registradas numa análise eletroencefalográfica, induzidas pela interação de ondas de amplitude matematicamente reais e imaginárias, podem ser usadas pelo cérebro para extrair informação de interações com partículas de massa imaginária. Tais partículas, viajando com velocidade superior à da luz, podem ser tratadas como tendo realidade física, e produzem efeitos genuínos quando interagem com as partículas de massa matematicamente real componentes do cérebro. Estas interações constituiriam um mecanismo causal adequado à PES porque não seriam atenuadas por absorventes como as caixas de Faraday; nem seriam absorvidas ou refletidas pela superfície de estruturas como escudos de chumbo; nem estariam sujeitas a perdas por fricção encontradas entre partículas de massa matematicamente real. Isto forneceria uma explanação possível à relativa imunidade da PES à distância e ao anteparo de prédios, ou à blindagem de estruturas como as caixas de Faraday.

O reputado neurofisiologista inglês John Eccles referiu-se ao córtex cerebral como um sensitivo detector de pequenas influências, enquadradas num padrão de espaço e tempo. Dobbs evocou a mente ou o cérebro como "contendo uma assembléia de filtros seletivos, que se destinam a excluir sinais indesejados de freqüências vizinhas, algumas das quais se infiltram de forma deturpada, exatamente como sucede nas recepções de rádio".

A teoria de Dobbs é uma tentativa de explicar a PC pelo abandono do clássico ponto de vista determinista e pela adoção do acercamento sugerido pela Física Quântica em que se supõe o futuro nunca determinado *in strictu sensu*. Segundo este ponto de vista, governado pelo Princípio da Incerteza de Heisenberg, nem mesmo de início podemos conhecer as condições de partida, mas apenas probabilidade sobre velocidades e posições dos constituintes de uma dada situação. Tirar inferências lógicas dessas probabilidades e efetuar a imensidão complexa de cálculos necessários, só seria possível a físicos semelhantes a Deus. A PC, entretanto, *não* é um processo lógico, afirmou Dobbs enfaticamente.

Para evitar a dificuldade da inferência, ele postulou a bidimensionalidade do tempo. Na prática, a dimensão vertical representaria o Progresso Objetivo do Tempo para uma série de jogadas. O *Modo Objetivo de Progresso Temporal* está associado à *sensação* e, nele, *a velocidade máxima é a da luz*. Uma vez feito o lance, este se apresenta ao sujeito como um dado dos sentidos. Olhos e outros órgãos sensoriais periféricos interagem com partículas de energia matematicamente real, por exemplo, fótons refletidos da superfície da moeda. O estímulo dos órgãos sensoriais causará a estimulação de porções do sistema nervoso central, na forma comum.

Assim, a teoria de Dobbs baseia-se na idéia de que um sistema físico, em dado momento, emite informação relativa às possibilidades de desenvolvimento a ele inerentes. Quando um sujeito preconhece um fenômeno, de alguma forma ele percebe estas probabilidades objetivas, ou seja, ele *pregnostica*.

A dimensão horizontal do tempo, o *Modo Subjetivo* está associado a *imagens* ou a *funções-de-imagens*, ou seja, a respostas comportamentais em *velocidades superiores à da luz*, e correspondentes à *percepção subliminar*, dissociada do estado consciente, seus dados funcionando como eventos *quase-reais*. "Os psítrons", escreveu Dobbs, "sempre viajam mais rápidos que a luz".

Supondo-se que partes do sistema nervoso central interagem com essas partículas de massa imaginária, emanando das probabilidades objetivas cruzadas pelo mais rápido Progresso Subjetivo do Tempo ao longo da dimensão vertical, ter-se-ia a *ressonância* daquelas partes do córtex interpretativo (cuja estimulação artificial pelas sondas de Penfield mostrou produzir vívidas imagens e até alucinação sensorial), agora carregadas de energia imaginária.

O estado total do sujeito compreenderia: um dado sensorial do Progresso Objetivo do Tempo que apresenta uma Coroa, e um tipo de imagem, intuitiva, subliminar, devida ao mais rápido Progresso Subjetivo no Tempo apresentando uma Cara.

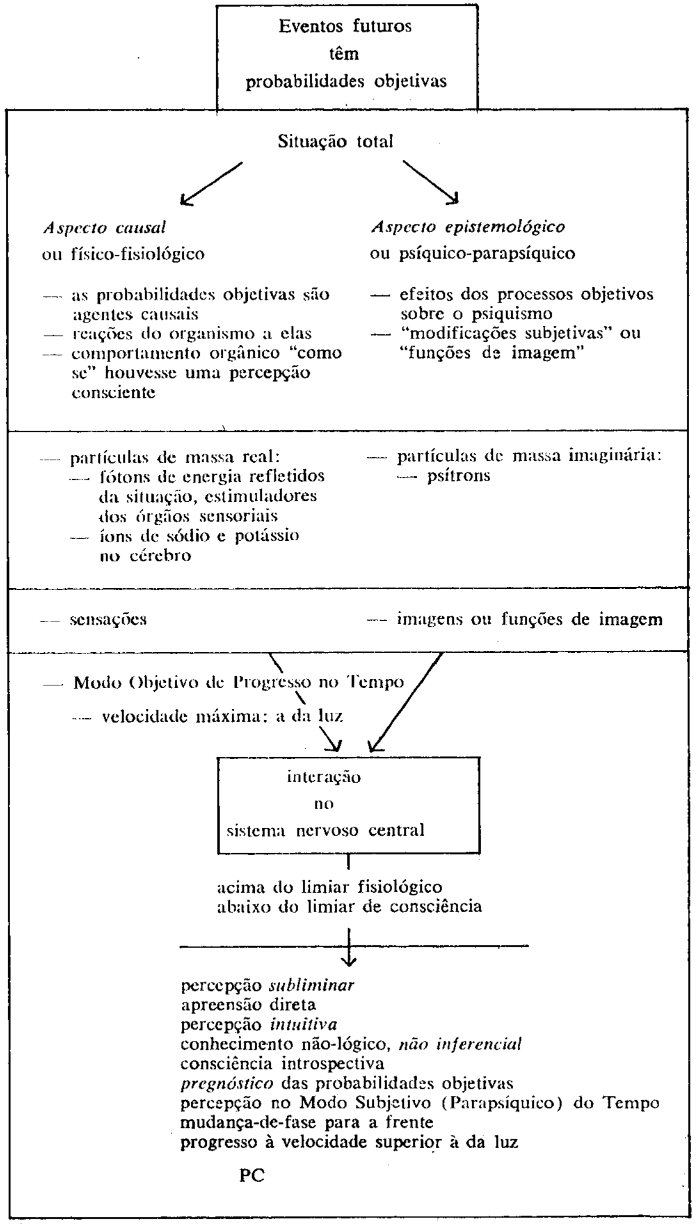
Se, ao presenciar a queda *sensorial* de uma Coroa numa jogada, o sujeito tem consciência *subliminar* de uma Cara, isto significa, segundo Dobbs, que ele foi afetado por um Progresso do Tempo mais rápido que o Objetivo. Ele está recebendo um estímulo em alguma parte do seu sistema nervoso, acima do limiar fisiológico mas abaixo do limiar da consciência. O fato de ver Coroa e prever Cara pode parecer uma incompatibilidade entre dado sensorial e dado subliminar. Penfield relatou ter produzido vívidas imagens, verdadeiras alucinações sensoriais, pela estimulação de áreas apropriadas do córtex de sujeitos conscientes, com elétrodos de 2 a 3 volts de potencial elétrico. Tais experiências sucediam enquanto o indivíduo retinha suas percepções sensoriais comuns.

Dobbs sugeriu que a estimulação similar de porções apropriadas de córtex por interações com partículas de massa imaginária é a base causal para o tipo de imagens do pregnóstico, associadas ao conhecimento não-inferencial das amplitudes de probabilidade objetiva.

A telepatia precognitiva, como no caso dos experimentos Soal-Shackleton, explicar-se-ia pela ressonância entre dois cérebros: o do agente e o do percipiente intercambiando partículas de massa imaginária. Essa troca ocorreria a qualquer distância, sem perda de amplitude, pois a fricção dissipadora não pode se dar onde partículas de massa real (as do córtex) omitem ou absorvem as de massa imaginária. Mas poderia ser obstada pelo anteparo de outro cérebro de estrutura fisiológica idêntica.

Sempre que se realiza uma troca de partículas de massa imaginária observam-se certas formas de onda no cérebro do sujeito, a mudança-de-fase sendo discernível pelos padrões do EEG. Dobbs, físico jovem, prematuramente falecido num acidente, esperava que sua teoria passasse por esse teste do EEG, pois ela implica num programa experimental dos padrões eletroencefalográficos dos participantes das provas parapsicológicas.

Na tentativa didática de resumir as idéias de Dobbs, a autora compôs o quadro seguinte, onde se distinguem os aspectos causal e epistemológico da PC e sua conseqüente interação:



A situação total abrange objetos físicos como as moedas e a mão que as joga, e a Terra com seu campo gravitacional, etc. Inclui características de disposição destes objetos físicos: propriedades específicas de seus elementos químicos, e propriedades derivadas das leis quânticas. E ainda as características psicológicas das pessoas envolvidas.

O intercâmbio de todos estes fatores pode ser descrito sob dois aspectos: o causal e o epistemológico. O causal descreve a reflexão dos fótons da superfície das moedas, a recepção desses fótons pela retina, e todos os processos neurofisiológicos subseqüentes que permitem a visão da moeda. O epistemológico é a área da psicologia e compreende a descrição das modificações subjetivas atribuíveis aos efeitos daqueles processos objetivos causais.

Disse-o Dobbs textualmente: "No caso da percepção precognitiva as modificações subjetivas relevantes são os prognósticos dos fatos (ainda não verificados) atribuíveis às relações do organismo do percipiente às probabilidades objetivas dessas eventualidades".

Dobbs preferiu usar os termos "modificação subjetiva" em vez de "percepção consciente" porque a evidência mostra que, no caso da PC, não há percepção consciente; o que há é certa forma de comportamento ou resposta corporal *como se* houvesse uma percepção consciente. Funções-de-imagens ou respostas comportamentais decorrem das modificações subjetivas.

O aspecto causal da PC

A noção clássica de que um sistema se move ao longo de um curso definido é substituída, na Teoria Quântica, pela idéia de que o sistema, sob influência de potencial perturbador, tende a fazer transições em todas as direções ao mesmo tempo. Apenas certos tipos de sistemas, os que conservam energia permanentemente, movem-se indefinidamente na mesma direção.

O estado real de um objeto está, no tempo imaginário, cercado por um rol de probabilidades objetivas, não necessariamente atualizadas mas que, ainda assim, influenciam o curso real dos eventos. Essas propensidades virtuais estendem-se por todo o múltiplo quadridimensional de espaço e tempo. Dessa multidão de potencialidades somente algumas se realizam. Essas potencialidades virtuais (ou amplitudes de probabilidades) podem ser figuradas como um enxame de massa imaginária, interagindo umas com as outras, como um gás sem fricção de partículas de massa imaginária; normalmente este gás de partículas virtuais não deixará qualquer efeito duradouro sobre o organismo do percipiente que observa o processo. A única percepção que tal organismo terá será a da sucessão de atualidades apresentada sob o progresso objetivo do tempo. Mas na medida em que essas partículas virtuais imaginárias interagem com o sistema de neurônios do organismo, devem estar associadas com um modo paranormal (subjetivo) de progresso no tempo, pois tais partículas viajam mais depressa que a luz.

O aspecto epistemológico da PC

Os processos físicos causais — fótons ou partículas de massa matematicamente real refletidos da situação — interagem com os órgãos sensoriais periféricos que, por sua vez, estimulam as áreas relevantes do sistema nervoso central.

Ao mesmo tempo, essas áreas também estão interagindo causalmente com partículas de massa matematicamente imaginária emanando das amplitudes de probabilidades objetivas, cruzadas pelo mais rápido Progresso do Tempo. Essas partículas carregam uma modificação do estado cognitivo total, seja como resposta inconsciente e subliminar, seja como imagem parapsíquica, o indivíduo retendo simultaneamente suas percepções sensoriais comuns. Dar-se-ia o conhecimento não-inferencial num progresso subjetivo do tempo e através de distância ilimitada.

Sempre que o intercâmbio de partículas de massa imaginária ocorresse, deveria produzir uma entrada em fase de certas formas de onda observáveis no cérebro. A adição de um componente imaginário a um componente real resulta num componente complexo, alterando-se a fase do componente real, e a defasagem poderia ser discernível nos padrões do EEG do percipiente. O lapso de tempo (se é que existe) entre as defasagens deve ser curtíssimo, tão curto que não permite qualquer outra forma de comunicação, seja por sinais de luz, seja por distúrbio eletromagnético que transporte energia matematicamente real.

Os neurologistas Adey e Grey Walter, relatando progressos na pesquisa cerebral, concordam em que já existe evidência fisiológica de que as modificações na estimativa pelo cérebro das probabilidades objetivas pode ser exibida após as descargas observadas no EEG dos lobos frontais. E como físico, Dobbs

encontrou a ilustração adequada: "Considerando-se a captura de partículas de massa imaginária, tais descargas de neurônios seriam análogas ao conhecido fenômeno quântico de estimulada emissão de radiação usada nos *masers*". Isto imediatamente sugeriu-lhe um programa experimental para testar a teoria.

Finalizando a exposição de suas idéias, Dobbs escreveu: "Esta teoria de PC é compatível com a Física e suscetível de rejeição experimental. . . Finalmente, uma vez que o conhecido não é o Futuro como tal, mas só um provável pregnóstico do futuro, (esta teoria) admite que uma suposta PC venha a ser alterada pelo suceder real dos eventos".

7.ª – Teoria de LeShan, 1969

Doutor em filosofia, parapsicólogo pesquisador, atualmente trabalhando no Centro para o Estudo dos Fenômenos Psíquicos, no Hospital Estadual de Rockland, estado de Nova York, co-autor de dois livros e autor de mais de quarenta artigos no campo da Psicologia, da Psiquiatria e da Parapsicologia, LeShan é também o autor de recente e interessantíssima monografia comparando a realidade do homem de bom senso com a realidade do místico para mostrar as semelhanças entre a realidade mística e a paranormal.

Na definição de LeShan, a Realidade Individual (RI) são "aqueles aspectos da realidade que o indivíduo percebe, a que ele responde, e com a qual ele interage". Cada realidade individual tem diferentes possibilidades de interação. Variações entre elas não são de maior importância quando um grande número de princípios básicos de organização permanecem os mesmos para os mesmos tipos: o homem primitivo, o ocidental de bom senso, o cientista, o místico. A realidade do místico não inclui os postulados fundamentais da realidade do homem de bom senso. Para este último, por exemplo, alterar o passado ou predizer o futuro é para sempre impossível.

LeShan baseia a sua teoria geral do paranormal, por ele tido como um trabalho em andamento, nas quatro características da RI dos místicos, anteriormente apontadas por Bertrand Russell. São elas:

1. Existe meio melhor de obter informação que através dos sentidos.
2. Existe a unidade de todas as coisas.
3. O tempo não tem realidade.
4. Todo mal é aparência.

Do contraste que LeShan estabelece entre esta RI mística e a RI do homem de bom senso, resulta:

RI do Homem de Bom Senso	RI do místico segundo Bertrand Russell	RI do místico para LeShan desenvolvendo B. Russell
— informações obtidas pelos sentidos, pela razão, pela análise lógica	— sentidos, razão e análise: guias cegos conduzindo ao pântano da ilusão — informação obtida não sensorialmente, não racionalmente	— intuição como meio de conhecimento
— noção de causa e efeito — seqüência espacial de objetos e eventos	— fundamental unidade de tudo	— noção de causa e efeito é irrelevante se não há objetos isolados — o espaço entre objetos não é barreira para a comunicação
— seqüência temporal de objetos e eventos — ação voluntária implicando em futuro e em intervenção	— o tempo é uma ilusão	— não há limitações temporais — vontade e ação voluntária não existem pois implicam em futuro — o indivíduo não tem possibilidade de intervir para mudar o que é e sempre será
— diminuição do mal pela intervenção do homem	— O mal é aparência	— o mal é parte de um padrão existente maior; nem bom, nem mau, esse padrão apenas é. O mal é uma ilusão.

Escreveu LeShan: "Na RI mística, temos uma imagem-ao-espelho da RI do bom senso. O que é normal numa, é paranormal na outra. Na RI mística, é natural entrar na posse de informação por canais não-sensoriais, a partir de estímulos distantes no espaço e no tempo. O que não é natural (paranormal) nesta RI é exercer a vontade de perceber, pois a percepção não está sob controle consciente, como os sentidos".

A hipótese que se apresenta a LeShan é a de que os fenômenos paranormais ocorrem naturalmente quando o indivíduo se encontra na RI mística. O sujeito de uma experiência parapsicológica seleciona essa RI, para nela estar e nela observar, retornando a seguir à RI do bom senso para relatar suas observações e lembranças. Se não a seleciona, talvez abra um canal de comunicação para alguma parte de seu *self* não consciente que normalmente opera deste modo. A linguagem destes relatos é freqüentemente do tipo místico, confusa e difícil na aparência e, contudo, a mais límpida e a mais exata já inventada para descrever tal experiência.

Tendência corrente em nossa cultura atual, observa LeShan, é rotular qualquer ponto de vista sobre a natureza da realidade, divergente do comum, como patológico ou neurótico. A pecha de patológico tem sido particularmente lançada sobre a abordagem mística. Mas enquanto os padrões de pensamento e de ação observados em concomitância com numerosas formas de doença mental são acompanhados de distração, de fadiga e de empobrecimento geral da mente, a genuína experiência mística traz efeitos totalmente diversos: uma simplicidade de mente que deriva de uma atividade mental rica e profunda, e uma acentuada intensidade de propósito e decisão. William James, citado por LeShan neste ponto, advertira: "... não nos contentemos com prosa médica superficial... a existência dos estados místicos supera em absoluto a pretensão dos estados não-místicos de serem os únicos e derradeiros ditadores daquilo em que acreditamos".

Se uma pessoa é um místico, não significa que não possa ser eficiente como advogado ou cientista e que não possa apreciar bons aspectos da vida.

Do exame dos escritos da sra. Eileen Garrett, clarividente inglesa, conhecida nos círculos de parapsicologia desde 1934 quando ofereceu seus serviços ao professor William McDougall, então na Universidade de Duke, para ser testada em sua mediunidade, e do exame de material colhido em entrevistas pessoais gravadas em fita magnética e anteriores à morte dela em 1970,

LeShan extraiu parte do material necessário em apoio de sua teoria. Fundadora da *Parapsychology Foundation* em 1952, foi dela também presidente, e escreveu suas impressões e experiências durante mais de 40 anos com seriedade científica e coerência extraordinárias.

Ao esquivar-se ao impacto das percepções sensoriais, ela retirava sua consciência do mundo circulante e focalizava-a, como escreveu, "no campo do *superconsciente, o ainda desconhecido campo intemporal* e *inespacial*". "Todas as nossas ilusões de tempo presente, nossa situação no espaço, e diferenciações em consciência (individualidade) são transcendidas". 'Neste campo supersensorial, onde a percepção não depende dos cinco sentidos, a consciência abstrata do ser humano é capaz de expandir-se". "No momento em que noto o evento (como é percebido em *PC*) nunca me ocorre ter visto algo ainda não acontecido". "Nos níveis da vidência existe simultaneidade de tempo, e a mensagem do vidente pode referir-se a *futuros* acontecimentos e *futuras* relações que hoje parecem impossíveis, ou sem significado para a pessoa a quem são revelados". "Porque experimentei alguns eventos antes de sucederem, outros conforme aconteciam à distância, e outros ainda ocorridos há longo tempo atrás e longe daqui, não posso deixar de saber, na intimidade de minha própria soma de conhecimentos, que o espaço, o tempo e a consciência existem e operam juntos, que cada um é um continuum indivisível e que sua natureza contém aquele elemento de simultaneidade apenas vagamente apreendido". "Com freqüência surpreendi meus amigos dizendo-lhes que eu não penso (quando clarividente). Parece que minha mente permanece em tranqüilo bem-estar destituído de pensamento". A esse estado a sra. Garrett chamou de "cérebro inativo", "calma interior", "pura placidez", "perfeito repouso", "alto descuido", em que ela descrevia o que estava acontecendo ante sua visão interna. "O que eu vejo em clarividência nem é bom nem é mau. É inevitável".

O bom senso supõe que os sentidos são a exclusiva fonte de conhecimento, o místico vê outra mina, igualmente válida. O místico experimenta todas as coisas e acontecimentos como diferentes facetas da unidade fundamental; atinge, não um caos sem formas e sem ordem, mas o nível mais alto de interação, assim como, para o moderno cosmologista, cada campo gravitacional é parte de um padrão de campos maiores que, por sua vez, são parte de um padrão mais vasto, que perfaz por último a *gestalt* gravitacional completa do universo.

A análise da realidade mística e da paranormal continua, na monografia de LeShan, com a sua interpretação do extremamente complexo problema do tempo. As conclusões dos filósofos ocidentais sobre a questão podem ser forçadas a caber em uma de duas classificações: a primeira, a da filosofia do bom senso, ou newtoniana, para a qual o tempo é um campo como o espaço, no qual nos movemos unidirecionalmente; a segunda, a da filosofia existencialista, para a qual o tempo somos nós, nosso ser, nossa substância ontológica; nós secretamos o tempo como secretamos o suor.

O místico, entretanto, não se situa em nenhuma das duas. Nem tempo objetivo, nem tempo subjetivo, o tempo para ele também não é uma ilusão, mas é real; não é destruído, mas avaliado em outro quadro de referência; o tempo newtoniano não é mais o único absoluto. Ilusão é pensar e saber que existe só um tempo, ou só uma maneira de experimentá-lo, rua de mão única, linear, irrevogável, "a seta do tempo". Um filme, ao projetar-se em seqüências de fatos, já está pronto, acabado. Enquanto o homem comum vê o Absoluto através da ilusão do passado, presente e futuro, do movimento, da seqüência, da evolução, e traça na "túnica inconsútil" do tempo costuras arbitrárias, o místico percebe que o Real nenhuma divisão tem. Os Grandes Místicos, de Plotino a Shânkara, de Meister Eckhart a Jacob Boehme, de Sta. Tereza de Ávila a Vivekananda, afirmam o mesmo — nem espaço nem tempo, nem causalidade no Absoluto. Os anjos, dizia Eckhart, sabem na luz do eterno agora.

Em nossa cosmologia quotidiana de ocidentais, prossegue LeShan, as coordenadas de espaço e tempo vigem onipresentes. Entre os aborígenes da Austrália, existe o tempo, com minúscula, o irresistível transeunte; e o Tempo, com maiúscula, o indatável, o tempo-do-tudo-simultaneamente, em vez do tempo-de-uma-coisa-atrás-da-outra.

Na Teoria da Relatividade, um dos princípios básicos é a de que acontecimentos percebidos simultaneamente da posição de um observador podem ser percebidos como sucedendo em seqüência temporal para outro observador. Não só a posição determina a simultaneidade, mas o método de estruturar o mundo experimentado, a RI, é essencial a essa determinação.

A teoria de LeShan implica, assim, em explicar a PC como resultante de um modo de perceber em que os conceitos de passado, presente e futuro não existem. Teoricamente, na percepção clarividente, pode-se observar todos os fenômenos, mas em nenhum intervir. É um erro ver objetos e eventos discreta e in-

dividualmente separados, ou pelo menos um erro vê-los apenas dessa forma.

A PC refere-se a um evento futuro mau, e, neste caso, pode-se alterá-lo? Ou existe um modo de perceber o mal em que a dor física e o sofrimento moral mudam completamente de figura, e a angústia se torna irrelevante? Existe liberdade? Que é responsabilidade na aventura ética? São estes alguns dos problemas filosóficos levantados pela PC, resolvidos pelo místico quando de sua iluminação suprema. O místico considera os fenômenos parapsicológicos associados a um incompleto estado místico, uma aproximação apenas da iluminação suprema; enquanto o seu caminho é introvertido, e profundo, o do paranormal é extrovertido (no sentido de voltar-se para o mundo) e superficial, como no caso das percepções extra-sensoriais espontâneas, focalizando eventos individuais e únicos. Grande parte de seus dados são triviais, embora verídicos. Esta realidade do paranormal não é produzida, mas revelada como sempre estando ali, inerente ao homem, subliminar, bloqueada por modos usuais de percepção. Nem o místico, nem o paranormal podem viver sempre nesta realidade extra-sensorial. Alternativamente, eles retornam à RI dos sentidos, complementar.

O fato de um modo de encarar a realidade ser válido não invalida outros diferentes. Válido é conceber a luz como viajando em ondas. Igualmente válido é concebê-la como viajando em partículas. Se usarmos apenas um conceito, explicamos uma parte dos dados. A outra parte requer outro conceito. Usando ambos, entendemos um pouco melhor o comportamento da luz.

Em suma, estas visões estruturais complementares e seus axiomas são:

RI-S	RI-C
— sensorial — do bom senso — de uma civilização mecanizada ocidental	— dos místicos, ocidentais e orientais — dos paranormais
1º — Objetos e eventos separados no espaço e/ou no tempo são primariamente individuais e isolados, e secundariamente se relacionam em unidades maiores. Têm limites e permanecem sós. (Eckhart: "Um homem possui mero entendimento quando vê uma coisa separada da outra")	1º — Objetos e eventos são primariamente parte de um padrão que por sua vez é parte de outro maior e assim por diante até incluir o vasto plano do universo. Sua individualidade é secundária. (Eckhart: "Um homem coloca-se além da mera compreensão quando vê tudo em tudo")

RI-S	RI-C
— sensorial — do bom senso — de uma civilização mecanizada ocidental	— dos místicos, ocidentais e orientais — dos paranormais
2º — A informação vem através dos sentidos, únicas válidas fontes de conhecimento.	2º — Os sentidos dão informações ilusórias. A informação é conhecida através do conhecedor.
3º — O tempo divide-se em passado, presente e futuro, e move-se em uma única direção, irreversivelmente do futuro, através do hoje, para o passado. É o tempo de uma coisa seguida à outra.	3º — O Tempo não tem divisões; passado, presente e futuro são ilusões. Existem seqüências de fatos, acontecendo no eterno agora. É o tempo do tudo simultaneamente.
4º — Uma ação ou fato pode ser bom, neutro ou mau, embora suas conseqüências muitas vezes só possam ser percebidas longo tempo depois.	4º — O mal é uma ilusão, assim como o bem. O que é, é parte de um plano cósmico, eterno e harmonioso, acima do bem e do mal.
5º — A liberdade existe e as decisões podem alterar o futuro. A ação pode ser empreendida pela vontade.	5º — O livre-arbítrio não existe porque o que será é. Decisões não podem ser tomadas porque implicam em ação num tempo futuro ilusório. Não é possível empreender uma ação, mas observar o padrão das coisas.
6º — A percepção pode ser focalizada pela vontade em qualquer direção desejada, a menos que seja externamente bloqueada, e adquirir conhecimento específico.	6º — A percepção não pode ser focalizada porque implica em vontade e em futuro, ambos impossíveis. O conhecimento vem porque existe no padrão das coisas e nada pode se interpor entre o conhecedor e o conhecido porque ambos são o mesmo.
7º — O espaço pode impedir a troca de energia e de informação entre dois objetos ou indivíduos a menos que exista um veículo para transmiti-las de um a outro.	7º — O espaço não pode impedir essa troca, uma vez que a separação e a individualidade de objetos e indivíduos é secundária em sua unidade e relacionamento.
8º — O Tempo pode impedir a troca de energia e de informação entre dois objetos e indivíduos. A troca só pode efetuar-se no presente.	8º — O Tempo não pode impedir essa troca, uma vez que as divisões de passado, presente e futuro são ilusórias e tudo acontece no "eterno agora".

Na RI do místico e do paranormal ninguém poderia biologicamente sobreviver por longo tempo. Mas ser por completo inconsciente dessa Realidade roubaria ao homem muito de seu potencial. O paranormal tem a habilidade de habitar em ambas, que talvez sejam matizes uma da outra e não compartimentos estanques, mutuamente exclusivos.

LeShan reconhece que Gardner Murphy, ao examinar a relação entre os pontos de vista místico e paranormal, chegou à conclusão de que não são os mesmos. Isto porque Murphy se interessou pelo *por que* e pelo *quando* da experiência, vendo-a como uma resposta a uma necessidade, ao passo que LeShan, interessado no *o que*, a encara como um método de interação com a realidade.

Abraham Maslow, definindo "a peak experience", a experiência culminante, trata-a como uma mudança da RI-sensorial para a RI-paranormal. *Self* e ambiente são percebidos funcionando em unidade. Em vez da qualidade "aqui-estou-eu-e-lá-o-resto-do-mundo", o indivíduo experimenta a qualidade "eu-sou-parte-do-todo-dinâmico".

É opinião de LeShan que estas duas visões de estrutura são igualmente naturais para a humanidade, igualmente potenciais por ocasião do nascimento. Contudo, a RI-S é treinada mais cedo na vida e, exceto sob especial impacto, a única usada. É a mais útil para a manutenção da vida no corpo físico. Todas as crianças a aprendem, e aprendem tão bem, que passam o resto da vida acreditando ser o único sistema perceptual válido: aquele que mostra a verdade e nos ensina sobre a realidade. Os que não aprendem bem a lição, vem a ser talvez místicos, talvez sensitivos paranormais, talvez esquizofrênicos. Nossa urgente necessidade de beleza, de amor, de heroísmo, de reverência, de religião, indica uma parte sepultada em nós e desesperadamente reclamando expressão: Plotino concebeu os homens como anfíbios; o anfíbio de hoje, porém, vive exclusivamente em metade do seu ser e sofre muito por isso. Talvez o que esteja errado com o homem e o faça inimigo de seu irmão, o ódio a si mesmo, o desprezo de si mesmo, seja o fato dessa metade ter sido negada e reprimida. Afirma Maslow: "Quando estamos sadios e adequadamente preenchemos o conceito de 'ser humano', então as experiências de transcendência deveriam ser, em princípio, lugares comuns".

O desenvolvimento lógico da RI-S é o método científico, que permite compreender, predizer e controlar o mundo, e que

já produziu um avanço técnico galopante. Enquanto a RI-S leva a esse crescente domínio do mundo físico, a RI-paranormal leva a uma personalidade mais disciplinada e integrada, a um senso crescente de relacionamento com o cosmos, ao desabrochamento espiritual, à paz e à alegria.

Que paralelo se pode estabelecer entre a Física moderna e as experiências de transcendência? Ao conceituar o cosmos, a Física moderna parece ecoar a realidade dos místicos na busca do essencial, para além da *maya* hindu. Os cento e tantos elementos da Cadeia Periódica química foram reduzidos a algumas partículas fundamentais; as várias forças, as variadas manifestações de força eletromagnética; os diferentes tipos de radiação — luz, calor, raios-X, ondas de rádio, raios-gama — a ondas eletromagnéticas de diversas freqüências e comprimentos; os aspectos do universo, a algumas quantidades: espaço, tempo, matéria, energia, gravitação. Einstein demonstrou a equivalência de matéria e energia, e a indivisibilidade do continuum espaço-tempo. Desta augusta perspectiva, o cosmos inteiro parece um campo elementar onde cada galáxia e cada elétron é um remoinho entumescido de energia. Uma profunda simplicidade é o substrato da superficial complexidade da natureza. Para o místico, o universo é um grande *pensamento*, do qual ele é uma centelha, e para o físico, o cosmos é uma realidade à sua própria imagem. O idealismo sempre afirmou que, no fundo, tudo é mental.

Enquanto o místico rejeita os sentidos como senda para o conhecimento, o físico rejeita a evidência de seus sentidos. E mais perfeita se torna a imagem do universo quanto mais ambos se distanciam dos sentidos. O místico e o físico concordam também que o cosmos é uno, ou um só verso, uma só harmonia. Quanto ao conceito de tempo, o físico Louis de Broglie afirmou: "Cada observador, à medida que o tempo passa, descobre, por assim dizer, novas fatias do espaço-tempo que lhe aparecem como sucessivos aspectos do mundo material, embora na realidade o conjunto de eventos constituindo o espaço-tempo exista antes de seu conhecimento deles".

Quanto ao problema do mal, o físico *qua físico* não toma conhecimento dele. A ciência não é normativa.

A semelhança das imagens do cosmos sustentadas pelo místico, pelo físico e pelo paranormal pode levar às vezes a padrões similares de pensamento e soluções parecidas para os mesmos problemas.

LeShan mostra assim que a RI-S tem, como interpretação técnica, a física de Newton, a física ocidental do bom senso diário; que a RI do clarividente, relacionada com a física einsteiniana, apresenta a mesma conceituação do místico e do paranormal. E desde que a física newtoniana é um caso especial da física einsteiniana, a RI-S é um caso particular da RI-C. Destes três ângulos, o do místico, o do paranormal, e o do físico, LeShan chega à conclusão de que existe outra maneira de perceber a realidade e o nosso relacionamento com ela.

5. PC, aspecto do Self

Professor universitário de Filosofia na Índia, e autor de diversos estudos críticos sobre experimentos e teorias parapsicológicas, Chari os avaliou de uma perspectiva de alpinista:

"Nem todas as funções do *Self* seriam exigidas para os propósitos de uma existência terrestre ou planetária. As ascensões subliminares que chamamos de telepatia, clarividência e precognição são todas provavelmente obscuras indicações de um aspecto do *Self* que transcende o universo métrico de espaço e tempo.

"O *Self* ...... transcende os horizontes dos poentes terrestres. Escancara abismos que tragam vorazmente os ilimitados espaços do universo e a eternidade do tempo.

"E assim como existe um Véu Psíquico do *Self* retirado nessas experiências paranormais, existe um Véu Espiritual removido somente no mais profundo êxtase.

"O que precisa ser mais amplamente reconhecido é que a senda da pesquisa intelectual não nos traz aos mais elevados graus da mente e da realidade. Podem ser discernidos, não com a vela da ciência, mas com a tocha da visão. O misticismo, o alto misticismo, não é uma filosofia obsoleta".

Bibliografia

ABBOT, C. G. — A Scientist tests his own ESP ability — The Journal of Parapsychology, 1938, 2, pgs. 65-70.

— Further evidence of displacement in ESP tests — The Journal of Parapsychology, 1949, 13, pgs. 101-106.

ADCOCK e *QUARTERMAIN* — Some problems in group testing of ESP — The Journal of Parapsychology, 1959, 23, pgs. 251-256.

ANAND, B. K., CHHINNA, G. S. e *SINGH, B.* — Some aspects of eletroencephalographic studies in Yogis - reprint from Eletroenc. clin. neurophysiol., vol. 13, 1961, pgs. 452-456 - in Altered States of Consciousness, edit. Ch. Tart, University of California, Willey and Sons, N. York, 1969.

ANDERSON, Margaret — A Precognition Experiment comparing time intervals of a few days and one year — The Journal of Parapsychology, june 1959, vol. 23, n.º 2, pgs. 81-89.

AQUINAS, St. Thomas — Philosophical Texts — London, 1951, Oxford University Press, 2nd edition, 1952.

BARKER, J. C. — Premonitions of the Aberfan disaster — J. S. P. R. — dec. 1967 — vol. 44, pgs. 169-181.

BARNETT, Lincoln — O universo e o dr. Einstein — S. Paulo, trad. Melhoramentos, 1964.

BENDER, Hans — Previsions of Disaster — Eileen Garrett edit., Beyond the Five Senses — N. York, Lippincott Co., 1957.

BERGSON, Henri — L'energie spirituelle — quoted in Proc. S. P. R. — XXVI, 1913, p. 462.

BEVAN, J. M. — The Relation of Attitude to Sucess in ESP scores — The Journal of Parapsychology, 1947, 11, pgs. 296-309.

BHADRA, B. H. — The Relationship of test scores to belief in ESP — in Schmeidler, ESP, Atherton Press, N. Y., 1969, pgs. 100-115.

BISHOP, J. A. — The day Lincoln was Shot — N. Y. — Harper, 1955.

BRIER, Robert — A mass school test of Precognition — The Journal of Parapsychology, june 1969, vol. 33, n.º 2, pgs. 125-135.

BROAD, C. D. — Religion, Philosophy and Psychical Research — N. York, Harcourt Brace, 1936, p. 308.

BROGLIE, Louis de — Albert Einstein, philosopher-scientist — in Schilpp, edit., N. York, Harper, 1959, p. 114.

BURLAND, C. A. — The Arts of the Alchemists — McMillan Co., N. York, 1967, pgs. 48-49.

BUZBY, Dallas E. — Precognition and Clairvoyance as related to the Draw-a-Man test — The Journal of Parapsychology — dec. 1968 — vol. 32, n.º 4 — pgs. 244-247.

— Attitude and personality variables affecting Precognition scores

— in Rhine and Brier — Parapsychology Today, N. York, Citadel, 1968, pgs. 145-153.
CARINGTON, Whately — Preliminary Experiments in Precognitive Guessing-Journal of S. P. R., XXIX, 1935, pgs. 86-104.
— Experiments on the paranormal cognition of drawings — Proc. S. P. R., 1940, 46, pgs. 34-151 — também em J. Pp., 1940, 4, pgs. 1-134.
CASPER, G. W. — A further Study of the relation of Attitude to Sucess in ESP scoring — The Journal of Parapsychology, 1951, 15, pgs. 178-184.
CASSOLI, Piero — Psicanalise e parapsicologia — Quaderni di Parapsicologia, Bologna, dic. 1970, ano I, n.º 2, p. 3.
CERIA, E. — Memorie Biografiche de S. Giovanni Bosco — Societá Editrice Internazionale, Torino, 1935, vol. 16.
CHARI, C. T. K. — Psychical Research, Philosophy and Religion — reprint from the Prabuddha Bharata, nov. 1950, Advaita Ashrama, Himalayas — Psychic Veil of the Self — The Aryan Path, London and Bombay, oct. 1950, pg. 441.
— The Riddle of Foreknowledge — The Astrological Magazine, a aug. 1950, vol. 39, n.º 8, 1.
— The Riddle of Astrology, Occultism and Parapsychology — The Astrological Magazine, jan. 1958, vol. 47, n.º 1, p. 10.
COOVER, John E. — Experiments in Psychical Research — Palo Alto — Stanford University Press — 1917.
COX, W. E. — Precognition: an analysis — I and II — Journal A. S. P. R., april 1956, pgs. 47-58 e july 1956, pgs. 98-109.
CRISPOLTI, Felipe — Dom Bosco — Livraria Salesiana Editora — São Paulo, 1945, 4ª edição.
CRUMBAUGH, James C. — A Scientific Critique of Parapsychology — International Journal of Neuropsychiatry 2 (sept-oct, 1966).
DAS, N. N. — Scientific World Amazed by Researchs in Yoga — Self — Realization Magazine, jan 1956, pgs. 9-10.
— Observations on Yoga and Samadhi — idem, march, 1956, pgs. 20-21.
DOBBS, H. Adrian C. — Time and ESP — Proc. S. P. R., 1965, 54, pgs. 249-361.
— The Feasibility of a Physical Theory of ESP — in Science and ESP — edit. Smithies, London, Routledge and Paul, 1967, pgs. 225-254.
DODDS, E. R. — Supernormal Phenomena in Classical Antiquity — Proc. S. P. R., 1971, 55.
DOMMEYER, F. C. — Some Ostensible Precognitive Dreams — Journal A. S. P. R., vol. 49, july 1955, pgs. 108-117.
DUNNE, J. W. — An Experiment with Time — N. York, Macmillan Co., 1927.
DUVAL, Pierre e *MONTREDON, Evelyn* — ESP Experiments with mice — The Journal of Parapsychology, sept. 1968, vol. 32, n.º 3, pgs. 155-166.
ECKHART, Meister — Telle était Soeur Katrei — Paris, Cahiers du Sud, 1954, pgs. 87, 113, 139, 175.
EDDINGTON, Arthur Stanley — Fundamental Theory — London, Cambridge University Press, 1946.

EHRENWALD, Jan — New Dimensions of Deep Analysis — N. York, Grune and Stratton, 1952.
— Extra-sensory Perception Today — The Journal of Parapsychology, june 1967, vol. 31, n.º 2, p. 159.
EILBERT, L. e *SCHMEIDLER, G.* — A Study of Certain Psychological Factors in relation to ESP Performance — The Journal of Parapsychology, 1950, 15, pgs. 53-74.
EISENBUD, Jule — Precognition, Anxiety and Aggression — The Journal of Parapsychology, june 1955, vol. 19, n.º 2, pgs. 111-114.
FAHLER, J. e *OSIS, Karlis* — Checking for Awareness of Hits in a Precognition Experiment with Hypnotized Subjects — in Schmeidler, ESP, N. York, Atherton, 1969 — reprint from J. A. S. P. R., 1966, 60, pgs. 340-346.
FREEMAN, John A. — Sex Differences in ESP Response as shown by the Freeman Picture-Figure Test — The Journal of Parapsychology, march 1970, vol. 34, n.º 1, pgs. 37-46.
GELEY, Gustav — L'Ectoplasmie et la Clairvoyance — Paris, Alcan, 1924, p. 177.
GREEN, C. — Analysis of Spontaneous Cases — Proc. S. P. R. — 1960, vol. 53, pgs. 97-161.
GURNEY, MYERS e *PODMORE* — Phantasms of the Living — London, Trubner, 1886 — reprint New Hyde Park, University Books, 1962.
HADFIELD, J. A. — Dreams and Nightmares — Baltimore, Penguin Books, 1954, reprint 1969.
HANSEL, C. E. M. — ESP, a Scientific Evaluation — N. York, Ch. Scribner's Sons, 1966.
HARALDSSON, Erlendur — Subject Selection in a Machine Precognition Test — The Journal of Parapsychology, sept. 1970, vol. 34, n.º 3, pgs. 182-191.
HART, Hornell — Toward a New Philosophical Basis for Parapsychological Phenomena — Parapsychology Foundation, N. York, 1965.
HAYNES, Renée — Comments on Basic Concepts — The Journal of Parapsychology — june 1971, vol. 35, n.º 2, p. 142.
HONORTON, Charles — Automated Forced-Choice Precognition Tests with a Sensitive — J. A. S. P. R., 1971, 65, pgs. 476-481; abstract in J. Parapsychology, sept. 1971. vol. 35, n.º 3, p. 234.
HUME, David — An Essay concerning Human Understanding — Chicago, W. Benton, 1952, pgs. 83-395.
— An Enquiry concerning Human Understanding — idem, pgs. 449-509.
HUTCHINSON, Lois — Variations of Time Intervals in pre-suffle card-calling tests — The Journal of Parapsychology, 1940, 4, pgs. 249-272.
HYSLOP, James H. — Clairvoyant Experiments — J. A. S. P. R., X, 1916, pgs. 559-609.
JAMES, William — The Will to Believe — London, 1897 — in The Moral Philosophy of William James — N. York, Th. Crowell, 1969, pgs. 192-213.
JUNG, Carl Gustav — Memories, Dreams, Reflections — N. York, Vintage Book, 1961-63.
— Foreword to the I Ching or Book of Changes — N. York, Bollingen Foundation, 1950; Princeton University Press, N. Jersey, 1969.

— The spirit of Psychology — Spirit and Nature — N. York, Eranos Year-books, 1954.

JUNG, C. G. e *PAULI, W.* — The Interpretation of Nature and Psyche; Synchronicity; and the influence of archetypal ideas on the scientific theories of Kepler — London, Routledge and Paul, 1952-55, pgs. 85-146.

KAHN, S. D. — Studies in ESP Experiments utilizing an Electronic Device-Proc. S. P. R., 1952, 25, pgs. 1-49.

KANT, Emmanuel — Crítica da Razão Pura — Rio de Janeiro, Brasil Editora, 1966.

KRIPPNER, ULLMAN, HONORTON e outros — An Eight-Night Study of Precognitive Dreams using EEG-EOG Techniques — The Journal of Parapsychology, dec. 1970, vol. 34, n.º 4, p. 311.

KRIPPNER, HONORTON e *ULLMAN* — A second Precognitive Dream Study with a Selected Subject — The Journal of Parapsychology, dec. 1971, vol. 53, n.º 4, p. 338.

KUHN, T. S. — The Structure of Scientific Revolutions — Chicago, University of Chicago Press, 1962.

LAMON, W. H. — Recollections of Abraham Lincoln, 1847-1865 — Chicago, McClurg, 1895.

LESHAN, L. — Toward a General Theory of the Paranormal — Parapsychology Foundation, N. York, 1969.

LEVY Jr., Walter, MAYO e *MCRAE* — Repetition of the French Precognition Experiments with Mice — The Journal of Parapsychology, march 1971, vol. 35, n.º 1, pgs. 1-71.

LEVY Jr., Walter e *MCRAE, Anita* — Precognition in Mice and Jirds — The Journal of Parapsychology — june 1971, vol. 35, n.º 2, pgs. 102-131.

LEVY Jr., Walter — The Effect of the Test Situation on Precognition in Mice and Jirds — The Journal of Parapsychology, march 1972, vol. 36, n.º 1, pgs. 46-55.

LIÉBEAULT, A. A. — Thérapeutique Suggestive — Paris, 1891.

LYTTELTON, E. — Some Cases of Prediction — London, G. Bell and Sons, 1937.

MANGAN, G. L. — Evidence of Displacement in a Precognition Test — The Journal of Parapsychology, march 1955, vol. 19, n.º 1 — pgs. 35-44.

MASLOW, Abraham — Toward a Psychology of Being — N. York, Van Nostrand, 1962.

— Religions, Values and Peak Experiences — Columbus, Ohio, Ohio State University Press, 1964.

MIHALASKY, J. — The Influence of Sex Dominance in Group Precognition Experiments on the Relationship between the Hare-Tortoise Categories — The Journal of Parapsychology, dec. 1970, vol. 34, n.º 4, p. 325.

MILLER, J. C. — Discrimination without Awareness — American Journal of Psychology, 1939, vol. 52, pgs. 562-578.

MITCHELL, Edgar D. — An ESP Test from Apollo 14 — The Journal of Parapsychology, june 1971, vol. 35, n.º 2, pgs. 89-107.

MONTREDON, E. e *ROBINSON, A.* — Further Precognition work with Mice — The Journal of Parapsychology, june 1969, vol. 33, n.º 2, p. 162.

MOSS, Thelma; CHANG, Alice F.; HAMRELL, Charles — A Group Experiment in Precognition at a Berkeley Symposium — The Journal of Parapsychology, dec. 1970, vol. 34, n.º 4, pgs. 280-281.

MUNDLE, C. W. K. — Experimental Evidence for PK and Precognition — Proc. S. P. R., 1950, vol. 49, pgs. 61-78.

— Does the Concept of Precognition make sense? — International J. of Parapsychology, april 1964, vol. 6, n.º 2, pgs. 179-198.

MUSSO, J. R. — ESP Experiments with primary school children — The Journal of Parapsychology, 1965, 29.

MURPHY, Gardner — The Natural, the Mystical and the Paranormal — lecture on Psychic Science — Swarthmore Pa, Swarthmore College, 1952.

— Challenge of Psychical Research — N. York, Harper and Row, 1961, pgs. 28-31.

MYERS, F. W. H. — The Subliminal Self — Proc. S. P. R., 1895, vol. 11, pgs. 334-593.

NIELSEN, Winnifred — An Exploratory Precognition Experiment — The Journal of Parapsychology, march 1956, vol. 20, n.º 1, pgs. 33-39.

— Mental States associated with Sucess in Precognition — The Journal of Parapsychology, june 1956, vol. 20, n.º 2, pgs. 96-109.

— Group Targets, Mood, and Personality Characteristics — The Journal of Parapsychology, march 1970, vol. 34, n.º 1, pgs. 68-69.

— Relationships between Precognition Scoring Level and Mood — The Journal of Parapsychology, june 1970, vol. 34, n.º 2, pgs. 93-116.

— Possible Relationship of Precognition and Creativity — The Journal of Parapsychology — dec. 1970, vol. 34, n.º 4, p. 281.

OSIS, Karlis — Precognition over Time Intervals of one to thirty-three days — The Journal of Parapsychology, june 1955, vol. 19, n.º 2 — pgs. 82-91.

PAINE, A. B. — Mark Twain, a Biography — N. York, Harper and Bro., 1912.

PASCAL, B. — Pensamentos — S. Paulo, Edições de Ouro, 1966.

PENFIELD, William — The Excitable Cortex in Conscious Man — Liverpool, 1958.

POLLACK, J. H. — Croiset, the Clairvoyant — N. York, Doubleday, 1964.

PLATÃO — Fedro — Porto Alegre, Editora Globo, 1950.

PRASAD, J. e *STEVENSON, I.* — A Survey of spontaneous Psychical Experiences in school children of Uttar Pradesh, India — International Journal of Parapsychology, 1968, vol. 10, n.º 3, pgs. 241-261.

PRICE, G. R. — Science and Supernatural — Science, 1955 — 122 — pgs. 359-367.

PRICE, M. M. — A Comparison of Blind and Seeing Subjects in ESP tests — The Journal of Parapsychology, 1938, II, pgs. 273-286 — in Rhine, ESP after 60 years, p. 259.

PRIESTLEY, J. B. — Man and Time — N. York, Doubleday, 1964.

PRINCE, Walter F. — Human Experience — Boletins 14 e 20 da S. P. R.

RAO, Ramakrishna — The Place of Psi on the Natural Order — in Rhine, Parapsychology from Duke to FRNM, The Parapsychological Press, 1965.

— Experimental Parapsychology — Springfield, III, Ch. Thomas, 1966.

— The Bearing of Yoga Practices on Psi Research — in Psi and Altered States of Consciousness — edited R. Cavanna e M. Ullman — N. York, Parapsychological Foundation, 1968.

RHINE, Louisa E. — Hidden Channels of the Mind — N. York, Sloane, 1961.

— Frequency of Types of Experience in Spontaneous Precognition — The Journal of Parapsychology, june 1954, vol. 18, pgs. 93-123.

— Precognition and Intervention — The Journal of Parapsychology, march 1955, vol. 19, n.º 1, pgs. 1-33.

— ESP in Life and Lab — London, Collier Books, 1967; reprint 1969.

— Senior Parapsychologists view Parapsychology — in Rhine, Parapsychology Today — N. York, Citadel, 1968, pgs. 174-194.

— Comments on Basic Concepts — The Journal of Parapsychology, june 1971, vol. 35, n.º 2, p. 143.

RHINE, Joseph Banks — Extra-sensory Perception — Boston, Humphries, 1934 — Telepathy and Clairvoyance in the Normal and Trance States of a Medium — Character and Personality III, 1934, pgs. 91-111 — New Frontiers of the Mind — N. York, Farrar and Rinehart, 1937.

— Experiments bearing on the Precognition Hypothesis — I. Pre-suffling card calling — The Journal of Parapsychology, march 1938, vol. 2, nº 1, pags. 38-54.

RHINE, J. B., SMITH, B. and *WOODRUFF, J. L.* — Experiments bearing on the Precognition Hypothesis — II. The Role of ESP in the Suffling of Cards — The Journal of Parapsychology, june 1938, vol. 2, nº 2, pags. 121-131.

RHINE, J. B. — Experiments bearing on the Precognition Hypothesis — III. Mechanical Selected Cards — The Journal of Parapsychology, march 1941, vol. 5, nº 1, pgs. 1-57.

RHINE, J. B. e outros — Extra-sensory Perception after Sixty Years — Boston, Humphries, 1940.

RHINE, J. B. — Evidence of Precognition in the Covariation of Salience Ratios — The Journal of Parapsychology, june 1942, vol. 6, nº 2, pags. 111-143.

RHINE, J. B. e *HUMPHREY, B. M.* — A confirmatory Study of Salience in Precognition Tests — The Journal of Parapsychology, 1942, vol. 6, pgs. 190-219.

RHINE, J. B. — Precognition Reconsidered — The Journal of Parapsychology, dec. 1945, vol. 9, nº 4 — pgs. 264-277.

— The Reach of the Mind, — N. York, Sloane, 1947.

— The Value of Reports of Spontaneous Experiences — The Journal of Parapsychology, dec. 1948 — p. 233.

— New World of the Mind — N. York, Sloane, 1953.

RHINE, J. B. e *PRATT, J. G.* — Parapsychology, frontier science of the Mind — Springfield, III., Ch. Thomas, 1957.

RHINE, J. B. — On the Nature and Consequences of the Unconsciousness of Psi — The Journal of Parapsychology, 1958, vol. 22, pgs. 175-186.

— The Precognition of Computer Numbers in a Public Test — The Journal of Parapsychology, 1962, vol. 26, pgs. 244-251.

RHINE, J. B. e associados — Parapsychology from Duke to FRNM — Durham, The Parapsychology Press, 1965.

RHINE, J. B. e *BRIER, Robert* — Parapsychology Today — N. York, Citadel, 1968.

RHINE, J. B. — Progress in Parapsychology — Durham, The Parapsychology — Press, 1971.

— An Interview with dr. Rémy Chauvin — The Journal of Parapsychology, june 1971, vol. 35, nº 2, pgs. 132-137.

RICHET, Charles — Traité de Métapsychique — Paris, Alcan, 1922, pgs. 509-510.

— Révue Métapsychique, Paris, Institut Métapsychique International, 1921, 1, 20.

ROLL, W. G. — The Psi Field — Presidential Address, 7th Convention of the Parapsychology Association, Oxford University, England, 1964 — in Proc. Pp. Assoc., 1957-1964, 1, pgs. 32-65.

RUSSEL, Bertrand — Mysticism, Logic and Other Essays — London, Longmans Green, 1925.

RYZL, Milan — PC Scoring and Attitude Towards ESP — in Rhine and Brier, Parapsychology Today — N. York, Citadel, 1968, pgs. 135-137.

RYZL, Milan e *BALOUNOVA, Marie* — IBM Cards in ESP testing — In Rhine, Progress in Parapsychology, Durham, The Parapsych Press, 1971, pgs. 62-64.

SALTMARSH, H. F. — Report on Cases of Apparent Precognition — Proc. S. P. R., 1934, vol. 42, pgs. 49-103.

— Foreknowledge — Bell and Son, 1938.

SANNWALD, G. — Statistiche Untersuchungen an Spontanphanomen — Zeitscrift fur Parapsychologie und Gruzgebiete der Psychologie, vol. 3, 1959, pgs. 59-61 — in Stevenson, Precognition of Disasters, 1970.

SCHMEIDLER, Gertrude Raffel — ESP and Personality Patterns — New Haven, Yale University Press, 1958.

— ESP in relation to Rorschach Test-Evaluation — Parapsychological Monograph, nº 2, N. York, Parapsychology Foundation, 1960.

— Extra-sensory Perception — N. York, Atherton, 1969.

— High ESP scores after a Swami's brief instruction in meditation and Breathing — Journal of the A.S.P.R., 1970, 64, pgs. 100-103.

SCHMIDT, Helmut — Precognition of a Quantum Process — The Journal of Parapsychology, june 1969, vol. 33, nº 2, pgs. 99-108.

— Quantum Processes predicted? — New Scientist, 16 october 1969, pgs. 114-115.

— A quantum mechanical random-number Generator for Psi tests. — Journal of Applied Physics, 1970, 41, nº 2, pgs. 462-468; e The Journal of Parapsychology, 1970, vol. 34, pgs. 219-224.

— Precognition test with a high school Group — The Journal of Parapsychology, march 1970, vol. 34, nº 1, p. 70.

SIDGWICK, E. M. — On the Evidence for Premonition — Proc. S.P.R., 1888-89, vol. 5, pgs. 288-354.

SOAL, S. G. e *BATEMAN, F.* — Modern Experiments in Telepathy — London, Faber and Faber, 1953.

SPRAGGETT, A. — Probing the Unexplained — N. York, World Publis. Times Mirror, 1972 — in Psychic, feb. 1972, p. 46.

STANFORD, R. e *LOVIN, C. A.* — EEG Alpha Activity and ESP Performance — Journal of the A.S.P.R., 1970, 64, pgs. 375-384; e the Journal of Parapsychology, march 1971, vol. 35, nº 1, p. 82.

STANFORD, Rex — EEG Alpha Activity and ESP Performance: a replicative study — Journal of the A.S.P.R., 1971, 65, pgs. 144-154; e The Journal of Parapsychology, june 1971, vol. 35, nº 2, p. 163.
STEVENSON, Ian — A Review and Analysis of Paranormal Experiences connected with the Sinking of the Titanic — Journal of the A.S.P.R., oct. 1960, vol. 54, pgs. 153-171.
Seven More Paranormal Experiences associated with the Sinking of the Titanic — Journal of the A.S.P.R., july 1965, vol. 59, pgs. 211-225.
— Precognition of Disasters — Journal of the A.S.P.R., april 1970, vol. 64, nº 2, pgs. 187-210.
STUART, C. E. — An Analysis to determine a Test Predictive of extra-chance scoring in card-calling tests — The Journal of Parapsychology, 1941, 5, pgs. 99-137.
SUDRE, René — Introduction a la Métapsychique Humaine — Paris, Payot, 1926.
TANAGRA, A. — Le Destin et la Chance — Societé de Recherches Psychiques Hellenique, sem data.
— The Theory of Psychobolie — Journal of the A.S.P.R. — oct. 1949.
TENHAEFF, W. H. C. — Hellsehen und Telepatie — Gutersloh, Germany — Bertelsmann, 1962.
TERLETSKI, Y. P. — O Princípio da Causalidade e a Segunda Lei da Termodinâmica — Doklady (Física) Academii Nauk SSR, vol. 133, n.º 2, pgs. 329-332 — in Dobbs, Time and ESP, 1965.
THOULESS, Robert — Parapsychology during the last Quarter of a Century — The Journal of Parapsychology, dec. 1969 — vol. 33 — nº 4, pgs. 283-299 — Book Review — The Journal of Parapsychology, june 1970, vol. 34, n.º 2, p. 169.
TISCHNER, R. — Introduction a la Parapsychologie — Paris, Alcan, 1951.
TYRRELL, G. N. M. — Some experiments in undifferentiated ESP Perceptions — Journal of the S. P. R., april 1935, pgs. 52-71.
— Further Research in ESP — Proc. S. P. R., 1936, vol. 44, pgs. 99-168.
— The Personality of Man — London, Penguin Books, 1947, reprinted 1960.
VAN DE CASTLE e *WHITE* — A report on a Sentence Completion Form of Sheep-Goat Attitude Scale — The Journal of Parapsychology, 1955, vol. 19, pgs. 171-179.
WALKER, Kenneth — The Extra-sensory Mind — N. York, Harper and Row, 1961 — reprinted 1972.
WALTER, Grey — Psi Research in the Sleep and Dream Laboratory — in Psi Favorable States of Consciousness — edit. R. Cavanna — N. York, Parapsychology Foundation, 1970, pgs. 201-211 e 225.
— Cerebral Responses and Autonomic Mechanisms — Progress in Brain Research — vol. 1, pgs. 395-403.
WEST, D. J. — Comments on a New Approach to the Study of Paranormal Dreams — Journal S. P. R., march 1958, vol. 39, pgs. 181-186.
WINDELBAND, W. — Historia de la Filosofia Moderna — Buenos Aires, Editorial Nova, 1951, vol. I, p. 260.
YOUNG, E. — Forgotten Patriot, Robert Morris — N. York, MacMillan, 1950, pgs. 5-7.

ÍNDICE